

Perspectivas para a agropecuária

Volume 2 – Safra 2014/2015

BRASÍLIA, 2014



Conab Companhia Nacional de Abastecimento

Presidenta da República

Dilma Rousseff

Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Neri Geller

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento

Rubens Rodrigues dos Santos

Diretor de Política Agrícola e Informações

João Marcelo Intini

Superintendente de Gestão de Oferta

Paulo Morceli

Assistência de Superintendência de Gestão de Oferta

Stelito Assis dos Reis Neto

Gerência de Alimentos Básicos

Wellington Silva Teixeira

Gerência de Fibras e Produtos Especiais e Regionais

Djalma Fernandes de Aquino

Gerência de Oleaginosas e Produtos Pecuários

Thomé Luiz Freire Guth

Gerência de Produtos da Sociobiodiversidade

Ianelli Sobral Loureiro

Diretoria de Política Agrícola e Informações
Superintendência de Gestão da Oferta

Perspectivas para a agropecuária

Volume 2 – Safra 2014/2015

ISSN 2318-3241

PERSPEC. AGROPEC., BRASÍLIA, V.2, P. 1-155, SET. 2014



Conab Companhia Nacional de Abastecimento

Copyright © 2014 – Companhia Nacional de Abastecimento - Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: < <http://www.conab.gov.br> >
Impresso no Brasil
ISSN: 2318-3241

Responsáveis Técnicos: Paulo Morceli e Stelito Assis dos Reis Neto

Colaboradores: Bruno Nogueira, Cláudio Luiz da Silva Chicherchio, Fernando Gomes da Motta, João Figueiredo Ruas, Jorge Queiroz, Leandro Menegon Corder, Leonardo Amazonas, Maria Helena Fagundes, Sérgio Roberto Gomes dos Santos Junior, Thomé Luiz Freire Guth, Wander Fernandes de Sousa, Wellington Silva Teixeira

Editoração: Superintendência de Marketing e Comunicação – Sumac / Gerência de Eventos e Promoção Institucional - Gepin

Diagramação: Marília Yamashita

Fotografias: Arquivo Conab, Arquivo MMA, Morguefile/lightfoot (foto algodão pg 07), Adriana Bressan, Clauduado Abade, Gotardo Machado de S. Junior, Marília Yamashita, Roberto Andrade, Virgílio Neto

Normalização: Thelma Das Graças Fernandes Sousa CRB-1/1843, Narda Paula Mendes – CRB-1/562.

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

338.5

C737r

Companhia Nacional de Abastecimento.

Perspectivas para a agropecuária / Companhia Nacional de Abastecimento – v.2
– Brasília : Conab, 2014-
v. 1

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Anual

ISSN: 2318-3241

1. Produção agrícola. 2. Custo de produção. 3. Comércio interno. 3. Comércio externo. I. Título.

Distribuição:

Companhia Nacional de Abastecimento

Superintendência de Gestão de Oferta

SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF

(61) 3312-6240

<http://www.conab.gov.br> / sugof@conab.gov.br



SUMÁRIO

Apresentação	07
Algodão	11
1. Introdução	11
2. Cenário	12
3. Mercado internacional	14
4. Mercado nacional	16
5. Perspectivas de preço	23
6. Resumo	24
Arroz em casca natural	25
1. Introdução	25
2. Mercado internacional	25
3. Mercado nacional	29
4. Fatores Críticos	32
5. Perspectivas para a safra 2014/15	33
Cacau amêndoa	35
1. Introdução	35
2. Cenários	36
3. Mercado internacional	36
4. Mercado nacional	39
6. Perspectivas para a safra 2014/2015	42
Café	44
1. Mercado internacional	44
2. Mercado interno	45
3. Preços	54
4. Prospecção	54
Cana-de-açúcar	55
1. Introdução	55
2. Panorama internacional	56
3. Panorama nacional	56
4. Fatores críticos	59
5. Perspectivas	59
Carnes	63
1. Introdução	63
2. Mercado internacional	64
3. Mercado nacional	67
4. Fatores críticos	72
5. Perspectivas	72
Feijão	75
1. Panorama internacional	75
2. Panorama nacional	76
3. Intervenção governamental	81
4. Perspectiva para a temporada 2014/15	81
5. Preços e tendências	82

Leite	84
1. Mercado internacional	84
2. Mercado nacional	95
3. Considerações finais.....	103
Mandioca e Principais derivados	106
1. Introdução	106
2. Cenário	107
3. Mercado internacional	107
4. Mercado nacional	109
5. Fatores positivos e críticos	115
6.Perspectivas para a safra 2014/15	117
Milho	118
1. Introdução	118
2. Panorama internacional	118
3. Panorama nacional	122
4. Análise prospectiva para a safra nacional 2014/15	126
5. Conclusão	131
Soja	132
1. Mercado internacional de soja.....	132
2. Preços praticados no mercado internacional	137
3. Mercado nacional	139
4. Perspectiva nacional para soja em grão 2015	143
5. Quadro de oferta e demanda para 2015	144
Sorgo	147
1. Introdução	147
2. Panorama internacional	148
3. Panorama nacional	150
4. Perspectivas para a safra 2014/15	153
5. Conclusão	155

APRESENTAÇÃO



Sem demérito aos demais setores da economia que também buscam o desenvolvimento como forma de progresso para a sociedade de um modo geral, consideramos o setor primário, formado pelas atividades agrícolas, pecuárias e extrativas como um dos mais importantes.

Para tal afirmativa, há de se considerar que a agricultura é responsável pelo fornecimento de matérias-primas e alimentos essenciais para a sobrevivência humana. Assim, cita-se, a exemplo, o algodão: responsável pela elaboração de vestimentas e agasalhos. O milho, a soja e o sorgo: matérias-primas para rações animais, permitindo a produção das mais importantes fontes de proteínas como a carne, ovos, leite e seus derivados. Ainda há de se citar as frutas, hortaliças, e grãos, como o arroz e o feijão, que contribuem como parte imprescindível da alimentação humana.

Além da grande importância no fornecimento desses produtos, o setor primário produz fontes de energias renováveis responsáveis por parcela considerável do combustível utilizado na frota automotiva formada por carros flex, bem como a relevante participação do biodiesel na mistura com o diesel de petróleo.

A agropecuária tem tido participação relevante no saldo da balança comercial do Brasil. O país é hoje um dos mais importantes players mundiais de soja, milho, café, carnes avícolas e bovinas, dentre outros. A cada safra, novos produtos e maiores quantidades são exportados para o suprimento mundial.

Em se tratando de atividade econômica, a agropecuária está sujeita a maiores riscos, visto que utiliza como insumo fator incontrolável e de difícil previsibilidade como o clima. A tecnologia atual permite a obtenção de indicadores sobre as condições climáticas futuras, en-

tretanto, a margem de erro é significativa e aumenta sensivelmente com o grau de antecipação requerido.

Há de se considerar, ainda, os riscos com pragas e doenças. A atividade agropecuária como qualquer interferência antrópica no ambiente, causa um desequilíbrio no ecossistema local, pois, na natureza não existem “monoculturas”. Um ambiente fora de seu equilíbrio, normalmente tem seu grau de imprevisibilidade aumentado, e em que pese a redução dos efeitos desse desequilíbrio através de modernas tecnologias agrícolas, não se pode controlar todos os fatores, e surpresas acontecem com razoável frequência. No Brasil, o exemplo recente é o da lagarta *Helicoverpa spp* que provocou perdas de produtividade nas lavouras, principalmente nas de soja e algodão, aumentando, sobremaneira, os custos de produção no esforço de controlar e combater a praga.

Além dos citados riscos inerentes à atividade agrícola, ainda existem os de mercado ou de preços; o produtor rural, diferentemente do industrial, ao colocar a semente no solo, tem, tão somente que torcer para que o mercado mantenha as condições em que se pautou ao tomar a decisão de plantar. Eventualmente este produtor pode até reduzir os tratos culturais, as adubações ou aplicações de agroquímicos, não mais que isso, e muitas vezes obriga-se a absorver severos prejuízos.

Em meio a tantos desafios o Governo Federal, por meio do Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento – MAPA vem, no decorrer dos anos ampliando o escopo de políticas públicas de apoio ao produtor rural, como a concessão do crédito agrícola, o incentivo ao uso de novas tecnologias, a melhoria da sanidade animal e vegetal e da expansão da capacidade de armazenagem no país, dentre outros.

A Conab se insere, dentro do núcleo de apoio à produção agrícola do Governo Federal, além de outras funções, como difusor de informações técnicas de qualidade à toda sociedade e que auxiliam no processo decisório dos produtores rurais.

Neste cenário, como forma de abrandar eventuais riscos e atenta às condições de mercado, a Conab vem elaborando e colocando à disposição dos produtores e da sociedade brasileira, estudos e análises conjunturais baseados na expertise dos técnicos destes produtos, por meio de dados produzidos pela própria Empresa, bem como de diversas informações de instituições parceiras. Dentre esses estudos, ressaltamos os trabalhos de Perspectivas de Mercado, motivo desta apresentação.

Esclarece-se que tal trabalho vem sendo realizado pela Conab desde 2006. Inicialmente constavam na pauta apenas seis produtos: algodão, arroz, carne de frango, milho, soja e trigo, tendo sido ampliados até chegar aos quatorze produtos atuais: algodão, arroz, cacau, café, cana-de-açúcar, carnes (avícola, bovina e suína), feijão, leite, mandioca, milho, soja e sorgo.

A partir de 2013, a Companhia, visando fornecer informações acerca do setor, passou a promover o “Seminário de Perspectivas para a Agropecuária”, com apresentações dos técnicos responsáveis pelos produtos, além de publicação do Livro Digital no seu Site oficial: www.conab.gov.br.

Em suma, há de se ressaltar que o principal motivo para a elaboração desse trabalho é o fornecimento de informações seguras e isentas à sociedade em geral, mas especialmente ao produtor rural quanto às condições de mercado que poderá enfrentar, quando da comercialização de sua produção, fornecendo mais um canal de informações que possibilite sua tomada de decisões quanto ao que plantar, quando e o quanto plantar.

Assim, a certeza da realização de um trabalho com informações mais precisas nos leva a acreditar que, em equipe e unindo forças de todos os participantes estaremos sempre a postos para melhor servir à sociedade e os produtores do nosso país. Esperamos, portanto, que o trabalho apresentado venha a contribuir para a tomada de decisões com mais segurança.

João Marcelo Intini

Diretoria de Política Agrícola e Informação
Diretor



1. Introdução

A fibra de algodão é a principal matéria-prima da indústria têxtil brasileira e mundial. Todavia, o produto do algodoeiro também pode ser empregado de diversas formas, além da fabricação de produtos têxteis. O caroço, cujo mercado cresceu expressivamente na última década, representa importante fonte energética podendo ser utilizado de forma *in natura* para alimentação animal ou esmagado, permitindo a elaboração de subprodutos importantes tais como a torta para ração animal e o óleo utilizado pela indústria de gênero alimentício, de combustíveis, entre outras.

Por outro lado, é imprescindível destacar que a importância do algodão não se resume unicamente nas suas diversas formas de utilização, mas também na geração de divisas. O Brasil exportou, de agosto de 2013 a junho de 2014, ou seja, quase totalidade do período da safra 2013/14, cerca de 466 mil toneladas da pluma, gerando um volume de receita para o país da ordem de US\$ 899 milhões.

Dito isso, este trabalho analisa os dados sobre o mercado nacional e mundial de algodão no intuito de antever a situação do comércio desse produto num futuro próximo, ou seja, o ano-safra 2014/15. Para alcançar seu objetivo, o texto expõe uma análise do mercado internacional e do mercado nacional de forma separada para, somente então, finalizar com a análise de perspectiva baseada em um modelo de tendência e comportamento da sazonalidade das cotações.

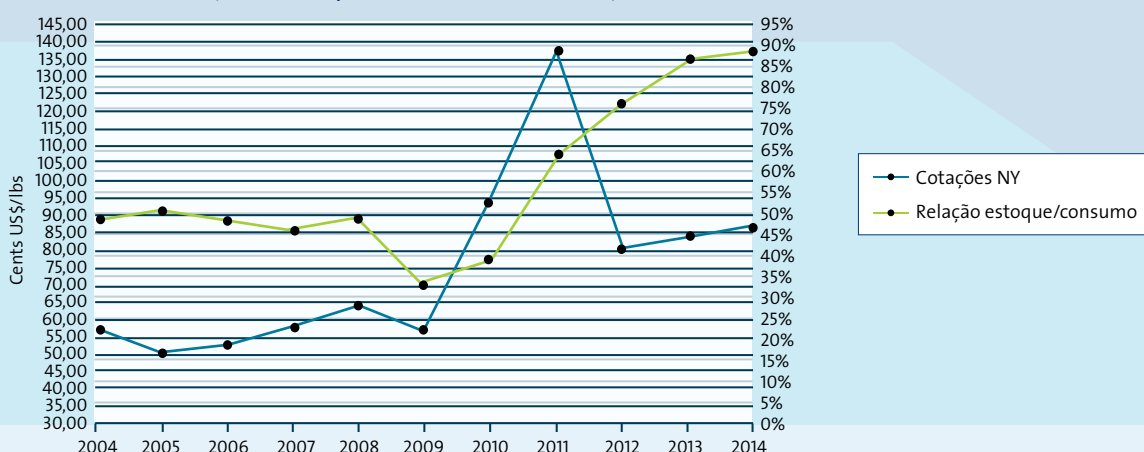
2. Cenário

O desempenho do mercado mundial do algodão na safra 2013/14 ocorre aquém do esperado pelos agentes de mercado. O arrefecimento da demanda chinesa por algodão, o rápido aumento dos estoques mundiais, além da confirmação de boa safra e incremento da área cultivada nos EUA e Brasil, motivam a intensa queda das cotações internacionais da pluma a partir de junho de 2014.

Segundo o Comitê Consultivo Internacional do Algodão (ICAC), a produção mundial de algodão na safra 2013/14 foi de 26,1 milhões de toneladas, o consumo atingiu o montante de 23,3 milhões de toneladas e o estoque de passagem, um volume de 20,6 milhões de toneladas. Diante desses números, em que a produção excede o consumo em 11% e o estoque mundial é suficiente para atender aproximadamente 10 meses de uso mundial da pluma, é simples fundamentar o movimento de queda observado nas cotações internacionais da pluma de algodão.

Cabe lembrar que os “alicerces” das expectativas do mercado no ano de 2013 já apontavam para um ambiente baixista no mercado mundial do algodão em 2014, todavia, uma queda tão intensa nos preços não é observada desde a safra 2011/12. A justificativa é trazida pela grande concentração do estoque mundial de algodão na China (aproximadamente 60% em 2013), motivado por uma política de sustentação de estoques estratégicos que “neutralizou” grande parcela da produção mundial de pluma e que agora traz incertezas para toda a cadeia produtiva. O algodão retido naquele país não fez parte do fluxo comercial usual e a forte demanda chinesa exerceu impacto positivo nos preços internacionais, contrariando, até então, a expectativa de redução de preços diante de uma relação entre estoque e consumo elevada, conforme mostra o Gráfico 1. Nota-se que no início de 2014 o estoque mundial é suficientemente alto para suprir 87% do consumo mundial de algodão estimado para a safra 2013/14.

Gráfico 1 - Relação estoque/consumo e cotações NY

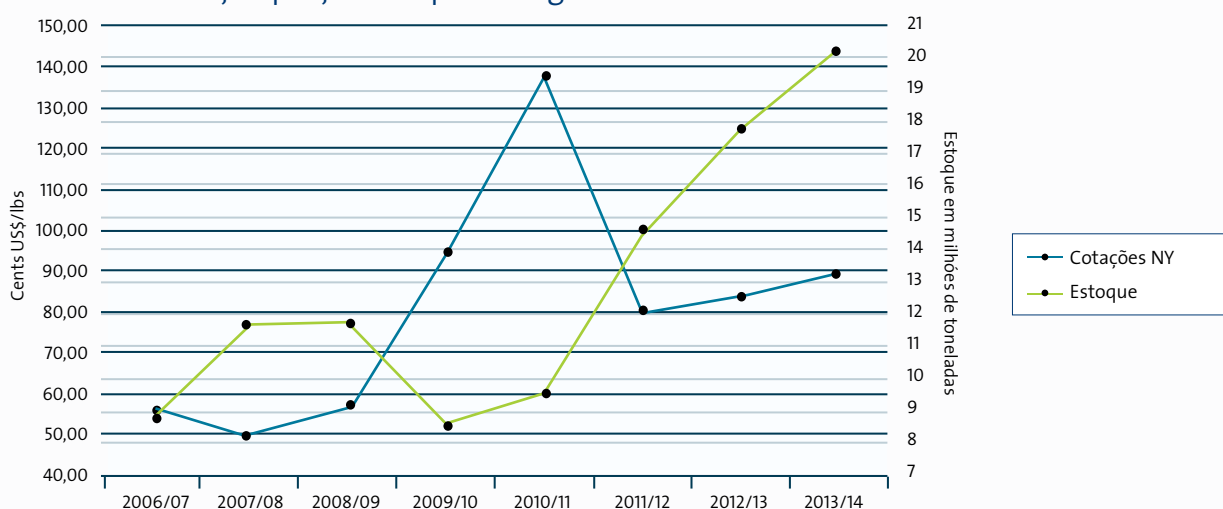


Fonte: NYSE, ICAC
Nota: Elaborado pela Conab

Nesse sentido, ao analisar a relação, dessa vez, somente entre volume do estoque e preço mundial em série histórica é perceptível uma correlação inversa entre as duas variáveis. Tal afinidade parece não ser tão visível na safra 2012/13, nem na safra 2013/14, conforme demonstrado no gráfico 2. Apesar do acúmulo de altos e crescentes volumes de pluma armazenados, um fator surgiu como freio à queda dos preços e neutralizou a afinidade inversa das séries: a política econômica adotada pela China. Desse modo, a forte demanda chinesa fomentada pelo programa de aquisição de algodão no mercado interno e via importações possibilitou a manu-

tenção dos preços internacionais do algodão acima das médias passadas. Assim, cabe destacar que os estoques oficiais do produto mantidos pelo governo chinês acumularam volumes recordes no último ano, e chegou a mais de 11,9 milhões de toneladas, segundo as estimativas do ICAC, publicadas em agosto de 2014.

Gráfico 2 - Relação preço/estoque do algodão



Fonte: NYSE, ICAC
Nota: Elaborado pela Conab

Posto a influência da China no mercado de algodão, é necessário expor resumidamente como se deu a política chinesa de aquisição de estoques, maior responsável pelo atual cenário econômico do mercado mundial do algodão. A intervenção estatal da China na cotonicultura tornou-se relevante a partir de 2011, quando foi colocado em prática o programa de aquisição da pluma diretamente dos produtores. No momento do anúncio do programa, abril de 2011, as cotações internacionais estavam bem acima do preço definido para a compra oficial. Entretanto, ao aproximar-se do ano 2012, o mercado recuou de forma expressiva, de tal modo que a reserva chinesa ascendeu bastante. Em setembro de 2012 foi lançada uma nova política temporária de compras, com um valor de aquisição consideravelmente acima do preço de mercado, e as reservas públicas de algodão continuaram a acumular volumes elevados.

Em 2013, o governo chinês continuou com o programa de aquisição interna mais importações. Simultaneamente, deu sinais de um possível fim da política de formação de estoques e, nesse sentido, uma parcela do algodão nas mãos do Estado chinês começou a ser liberada no decorrer do ano para o mercado interno por meio de leilões. Todavia, a quantidade demandada foi muito reduzida e preocupou o mercado internacional, indicando uma repentina diminuição da necessidade chinesa por pluma. Desta feita, algo próximo da metade dos estoques mundiais ainda permanece fora de comercialização. O elevado preço do algodão chinês negociado internamente naquele país, as restrições às importações, as dificuldades com financiamento e fraca demanda por fio de algodão têm exigido que a China reduza ainda mais suas operações de controle de preço e fomento ao cotonicultor chinês. No entanto com o fim da política de reserva naquele país muitas fábricas de têxteis e demais demandantes de algodão estão antecipando preços mais baixos no final de 2014, como já refletido nos mercados de futuros.

Exposta a influência da China na presente conjuntura do mercado de algodão, cabe aqui avaliar o restante do cenário global. Segundo as estimativas do ICAC, ao longo da safra

2013/14, o consumo mundial decresceu 0,1% e alcançou 23,3 milhões de toneladas. Todavia, um aumento de 5,2% para 24,5 milhões toneladas está previsto em 2014/15. Assim sendo, é importante destacar a posição dos maiores consumidores mundiais de pluma: China e Índia. Nesse sentido, o Comitê prevê que o consumo na China irá aumentar 5,3% e chegar a 7,9 milhões de toneladas na safra 2014/15, frente a uma queda de 9%, vista em 2013/14. Em contraste com a Índia, que já experimentou um forte crescimento no consumo de 5% em 2013/14, cerca de 5,1 milhões de toneladas consumidas. Para 2014/15, o consumo indiano deverá crescer mais 6% e alcançar 5,4 milhões de toneladas.

A produção mundial de algodão em 2013/14 declinou 2,1% e atingiu o volume de 26,2 milhões de toneladas. Esse movimento de queda da produção coaduna com a atual conjuntura e indica que os produtores já tentam ajustar suas lavouras às expectativas do cenário futuro. Nesse sentido, espera-se que na safra 2014/15 sejam produzidas no mundo 25,5 milhões de toneladas de pluma, ou seja, redução de 2,3%.

Diante desses fatos, conclui-se que o atual panorama do mercado de algodão é decorrente principalmente de uma produção mundial superior ao consumo desde 2009, o que permitiu a formação de um elevado volume de pluma estocado ao longo de cinco anos. Portanto, se permanecerem essas condições, os preços internacionais de comercialização da pluma têm grande probabilidade de sofrer novas reduções em 2015.

3. Mercado internacional

3.1. Oferta e demanda mundial

Dados divulgados pelo ICAC em 01/08/2014 (Tabela 1) revelam que depois de recuar 0,7% para 41,7 milhões de toneladas no ano safra 2010/11, a oferta total mundial de pluma, impulsionada pelos altos preços de mercado, cresceu continuamente e atingiu o montante de 52,9 milhões de toneladas na safra 2013/14. Nesse sentido, a produção atingiu o maior recorde nos últimos trinta anos na safra 2011/12 e inicia uma nova trajetória de queda desde então.

Nesse painel econômico, os dados do ICAC apontam para uma diminuição de 2,1% na quantidade produzida no ano safra 2013/14, e redução de 2,3% em 2014/15. Assim, o principal embasamento para essa nova trajetória de queda dos preços e produção mundial é justificado pela grande quantidade de pluma disponível no mercado mundial e o ajuste necessário para corrigir a “distorção” de preços elevados artificialmente por uma política pontual de um único país.

Em um movimento oposto ao da produção, o consumo reagiu negativamente à crise financeira de 2008 e seguiu em trajetória de queda até 2011/12, (ver Tabela 1). Com os principais mercados em recessão, a demanda mundial por produtos derivados do algodão declinou e expôs uma tendência de queda novamente em 2013/14, quando o consumo mundial de pluma decresceu 0,1% e as exportações declinaram 11%. Em contraste, o que se espera ao longo da safra 2014/15 é que a recuperação da economia mundial estimule a demanda e eleve o consumo mundial de algodão em 5,2%.

Tabela 1 - Suprimento mundial de algodão em pluma – safra 2009/10 a 2014/2015 (Milhões t)

Discriminação	2009/2010	2010/2011	2011/2012	2012/2013	2013/2014 ⁽²⁾	2014/2015 ⁽³⁾
est.inicial	11,756	8,568	9,448	14,594	17,753	20,600
produção	22,334	25,408	28,054	26,684	26,130	25,530
importação	7,798	7,722	9,752	9,874	8,980	7,930
oferta total	41,888	41,698	47,254	51,152	52,863	54,060
consumo	25,529	24,512	22,805	23,313	23,290	24,500
exportação	7,798	7,722	9,867	10,086	8,980	7,930
perdas	(0,007)	0,016	(0,012)	-	(0,007)	0,010
estoque final	8,568	9,448	14,594	17,753	20,600	21,620

Legenda: (1) Estimativa; (2) Projeção

Fonte: International Cotton Advisory Committee - ICAC

Nota:

1.Elaborado pela Conab

2.Projeções ICAC para a Safra 2012/13 = 34,057 milhões de hectares e produtividade média de 776 kg/ha

3.Projeções ICAC para a Safra 2012/14 = 32,994 milhões de hectares e produtividade média de 775 kg/ha

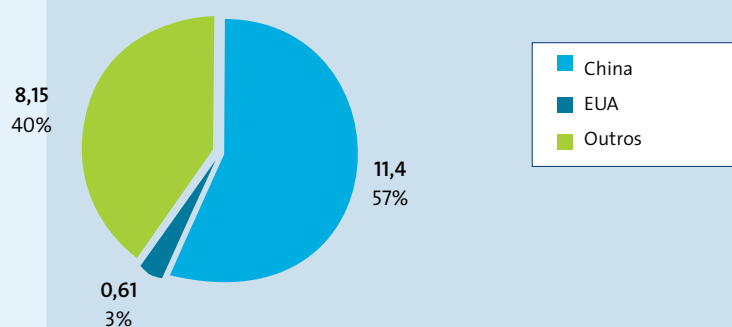
3.2. Cenário para a safra 2013/14

As estimativas atuais do ICAC para a safra 2014/15, apresentadas na Tabela 1 apontam para um volume de produção menor que o observado na safra 2013/14. Ainda assim, o montante é superior à previsão de demanda mundial do setor têxtil, de modo que o estoque final deverá sofrer novo acréscimo, totalizando 21,6 milhões de toneladas. Neste cenário, a relação estoque *versus* consumo passará a ser de 88%.

Em que pese o montante elevado dos estoques de passagem, diferente do que foi observado na safra 2013/14, o mercado prevê diminuição nas cotações. As linhas e colunas plotadas no Gráfico 2 (relação estoques *versus* preços) contribuem para um melhor entendimento e compreensão da situação que poderá ser vivenciada pelo mercado de algodão.

Segundo as projeções do ICAC e já destacadas neste texto, cerca de 60% dos estoques mundiais pertencem à reserva regulatória do governo chinês. Para isso, a China manteve a política de compras de 2011 até 2013. Após essa forte intervenção no mercado mundial, em 2014, o governo chinês anunciou que iria encerrar sua política de reservas e testar uma política de preço-alvo em Xinjiang. Os leilões para liberação de algodão dos estoques oficiais, por sua vez, não obtiveram a procura desejada pelo *policy maker*. Dessa forma, boa parte da produção mundial de algodão ainda deve ficar fora do mercado no ano-safra vindouro. Nos Gráficos 3 e 4 a seguir é possível observar um aumento absoluto nos estoques mundiais de passagem para a safra 2014/15, contudo, com uma ligeira redução da participação chinesa (desconto relativo).

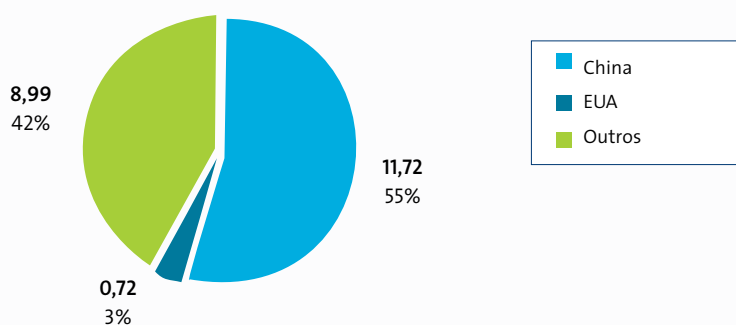
Gráfico 3 – Estoques 2013/14 (em milhões t) - porcentagem



Fonte: ICAC

Nota: Elaborado pela Conab

Gráfico 4 – Estoques finais 2014/2015 (em milhões t) - porcentagem



Fonte: ICAC
Nota: Elaborado pela Conab

O comércio mundial de algodão em pluma no ano-safra 2014/15, ora estimado em 7.930 mil toneladas irá, segundo as projeções, diminuir em 11,7%, comparativamente ao período anterior. Em 2013/14, essa variável apresentou desempenho satisfatório, apesar da queda de 9,1% nas importações e de 11,0% nas exportações em comparação com a safra 2012/13, com a comercialização totalizando o montante de 8.980 mil toneladas (ver Tabela 1). Todavia, cabe observar que a queda para as transações internacionais estimadas pelo ICAC para a safra 2013/14 ainda não será muito expressiva, de modo que as transações comerciais devem permanecer aquecidas em relação aos níveis históricos. Há de se ressaltar que os bons níveis de comércio mundial da pluma são influenciados pelo crescimento do consumo por parte das fiações e também nos últimos anos pela recomposição dos estoques de reservas da China que em parte (cerca de 30%) é formada por algodão importado. Todavia há de ser manter a cautela nas projeções, visto a redução das importações chinesas e interrupção do programa de formação de estoques.

Segundo os dados do ICAC, em 2013/14 nos Estados Unidos os campos de algodão apresentaram redução na área de plantio na ordem de 19,5% em relação à safra 2012/13, cultivando 3.053 mil hectares. É esperado um aumento de 21,7% na área plantada para a safra 2014/15, de modo que a produção estadunidense deverá alcançar o montante de 3,5 milhões de toneladas. Cabe lembrar que os EUA são hoje os maiores exportadores de pluma e, dessa maneira, a confirmação de uma safra americana “cheia” e sem impactos negativos causados por dificuldades climáticas até então corroborarão como mais um fator baixista sobre as cotações, posto o aumento da oferta de algodão no mercado mundial.

Ainda, segundo as estimativas do comitê, a China apresenta uma área plantada de 4.600 mil hectares na safra 2013/14 com uma produção de 6,9 milhões de toneladas. Por outro lado, para a safra 2014/15, o ICAC prevê uma redução de 11% da área plantada para 4.101 mil hectares e uma redução de 10% da produção, ora estimada em 6,2 milhões de toneladas em comparação à safra 2013/14.

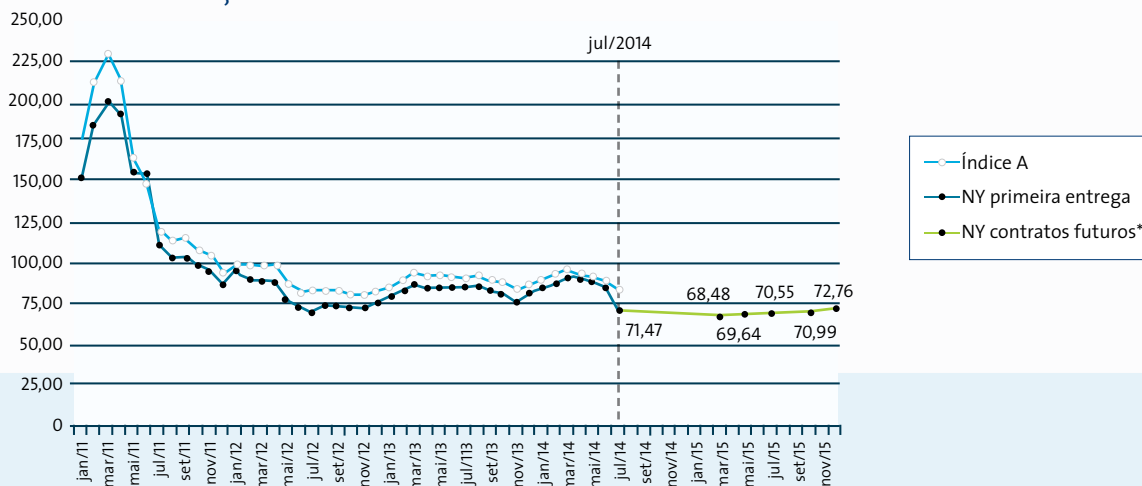
Na Índia, por outro lado, a área estimada para plantio de algodão na safra 2013/14 é de 11.411 mil hectares com uma produção de 6,6 milhões de toneladas. No entanto, para a safra 2014/15 o ICAC prevê um dedução de 0,1% da área plantada para 11.400 mil hectares e uma redução de 9,0% da produção para 6,0 milhões de toneladas.

As cotações internacionais seguem em um momento de baixa, conforme demonstrado no Gráfico 5. É destaque que as cotações médias de janeiro a julho de 2014, período de entressafra no Hemisfério Norte, mantiveram um curso de queda intenso comparativamente ao mesmo período de 2013. As cotações do algodão futuro precificadas na Bolsa de Nova Iorque

(ICE Futures) foram fortemente impactadas pelos diversos relatórios de aumento de estoque mundial e menor atividade de compra da China, dessa maneira, tanto os contratos com vencimentos mais próximos no tempo (1ª entrega) quanto os para 2015 declinaram intensamente no início de 2014, com quedas mais bruscas na primeira quinzena de julho.

Nesse mesmo cenário, as cotações internacionais para entrega imediata, índice “A”, calculado pela *Cotlook* também absorveram as quedas e os fundamentos baixistas precificados pela Bolsa de Nova Iorque de modo que as médias mensais de janeiro a julho de 2014 também se mostram inferiores às observadas em 2013.

Gráfico 5 – Cotações internacionais em cents/lb



Fonte: Cotlook, NYSE
Nota: Elaborado pela Conab

4. Mercado nacional

4.1. Produção e mercado

Segundo o 11º levantamento de safra executado pela Conab, o Brasil majorou em 25,4% na safra 2013/14 a área destinada ao plantio de algodão, em comparação à safra anterior. Com 1.121,6 mil hectares cultivados, o país deverá produzir 1.704,5 mil toneladas de pluma na safra de 2014, incremento de 30,1% em comparação com a safra antecedente. Segundo as expectativas da Companhia Nacional de Abastecimento, a oferta nacional de algodão em 2014 deverá crescer 13,4% e alcançará, dessa maneira, aproximadamente dois milhões de toneladas. Para encontrar esse número de oferta deve-se somar à produção o estoque inicial de 305 mil toneladas e 30 mil toneladas internalizadas via importação.

De acordo com a Tabela 2, a demanda doméstica também se mostrou ativa e coaduna com o cenário de recuperação dos números do quadro de oferta próximos à média histórica e, dessa maneira, deverá crescer 2,47%, saindo de 1.493,1 mil toneladas em 2013 para 1.530,0 mil toneladas em 2014. Todavia, é imperioso destacar que o aumento da quantidade demandada de algodão em 2014 se mostra bastante inferior ao acréscimo da disponibilidade do produto. Nesse sentido, apesar da expectativa de aumento de 15,2% das exportações em 2014 o Brasil ainda acumulará um estoque de passagem de 502,3 mil toneladas, suficiente para atender a procura por algodão brasileiro por aproximadamente quatro meses.

Tabela 2 – Suprimento de algodão em pluma – Brasil - 2010 a 2015 (Em mil t)

Discriminação	2010	2011	2012	2013 ⁽¹⁾	2014 ⁽²⁾	Cenário 2015
OFERTA	1.627,5	2.180,0	2.418,5	1.798,2	2.032,3	1.994,3
est.inicial	394,1	76,0	521,7	470,5	305,1	502,3
produção	1.194,1	1.959,8	1.893,3	1.310,3	1.697,2	1.477,0
- Centro-Sul	755,2	1.262,4	1.343,2	905,1	1.144,2	981,1
- Norte/Nordeste	438,9	697,4	550,1	405,2	553,0	495,9
importação	39,2	144,2	3,5	17,4	30,0	15,0
DEMANDA	1.551,5	1.658,3	1.948,0	1.493,1	1.530,0	1.530,0
consumo interno	1.039,0	900,0	895,2	920,2	870,0	870,0
exportação	512,5	758,3	1.052,8	572,9	660,0	660,0
Estoque final	76,0	521,7	470,5	305,1	502,3	464,3
Meses de consumo	0,6	3,8	2,9	2,5	3,9	3,6

Legenda: (1) Preliminar; (2) Estimativa

Fonte: Conab/ Secex/SRF-MF/ Sindtextil-ABIT/ANEA/Cooperativas/ICAC

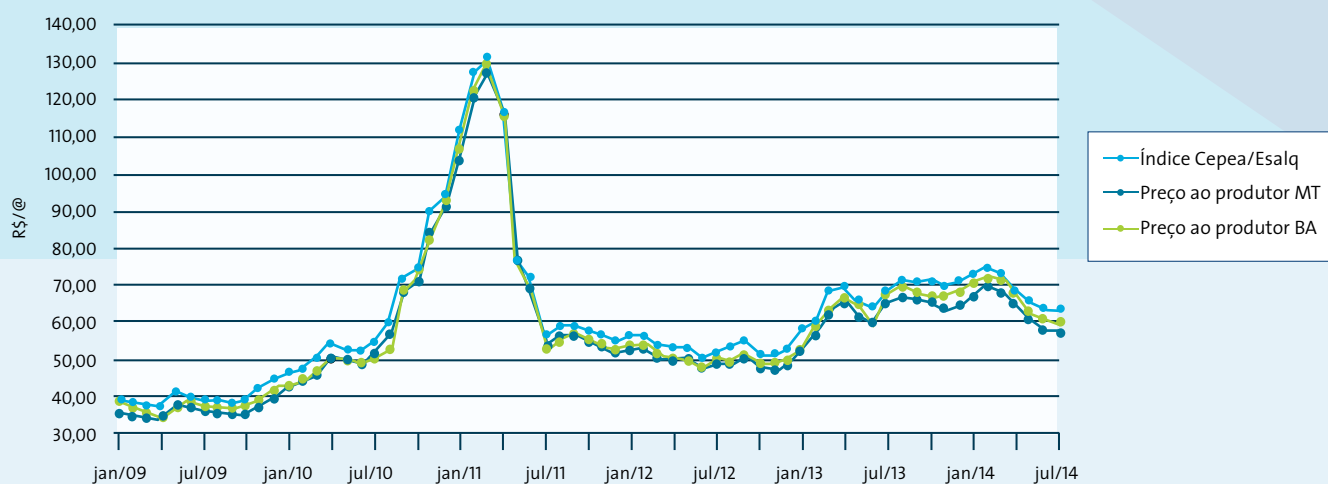
Nota:

1. Elaborado pela Conab

É válido nesse momento ressaltar que o cenário externo exerceu intenso impacto nas cotações domésticas do algodão. Após a abertura comercial da economia brasileira iniciada na década de 1990 os preços internos da pluma são historicamente atrelados às cotações internacionais e variações do câmbio. Dessa maneira, é esperado que quaisquer modificações nos índices de preços do mercado externo também serão experimentadas pelos cotonicultores brasileiros.

Dito isso, é fácil perceber e justificar a similaridade entre os Gráficos 5 e 6 das cotações internacionais e domésticas, respectivamente. Portanto, não é surpresa, visto tudo o que já foi discutido aqui, confirmar que o mercado interno do algodão atravessa, desde junho de 2014, um momento de intensa queda nos preços. Além disso, a observação do quadro de suprimento nacional (Tabela 2) já permite a conclusão que o Brasil seguiu a mesma convergência de comportamento agrícola observada no mercado internacional. Ou seja, a produção de pluma excede o consumo e, dessa maneira, o crescimento de estoques é condicionado pela demanda externa.

Gráfico 6 – Algodão - janeiro/2009 a julho/2014 – evolução dos preços internos

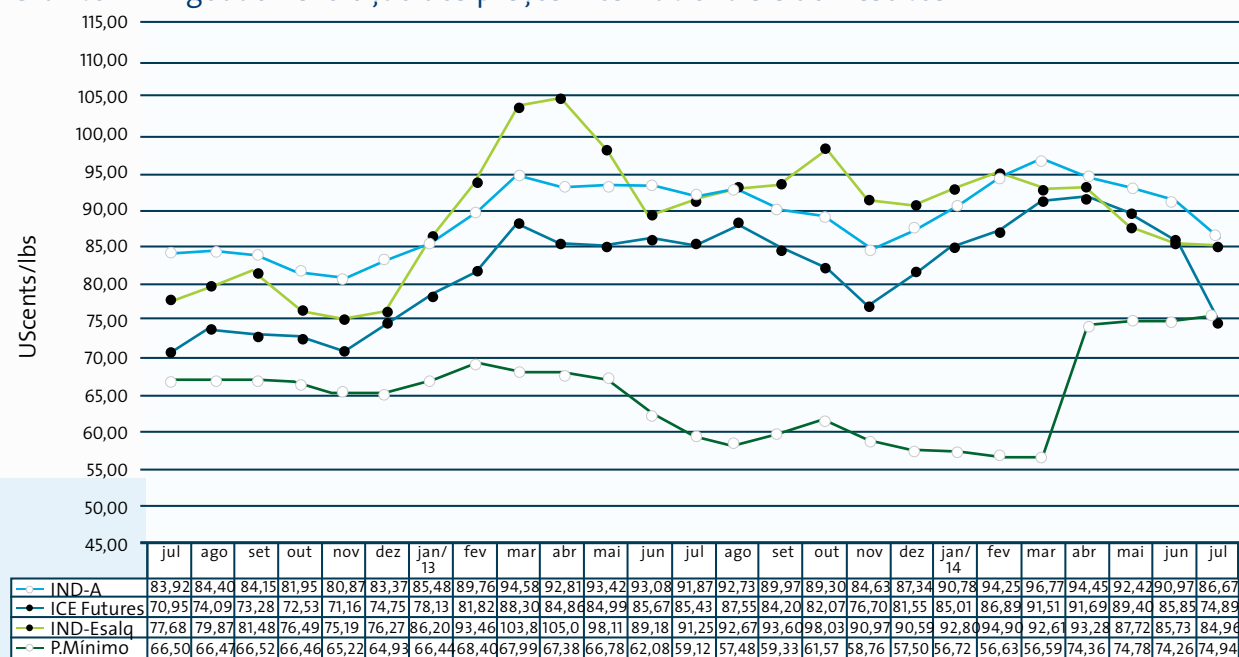


Fonte: Conab/Cepea

Nota: Elaborado pela Conab

Destarte, a comprovação da similitude das cotações é percebida quando se confrontam as séries históricas de preços nas mesmas unidades de peso e valor, ou seja, Cents US\$ /Lb, conforme visto no Gráfico 7. A partir de uma avaliação criteriosa dos dados é admissível supor que além da semelhança da trajetória dos preços nacionais e externos, as cotações domésticas são ligeiramente elásticas às variações das cotações externas, fato que justifica os períodos em que os preços brasileiros são superiores ou inferiores aos valores observados no mercado externo em um movimento distinto das variações cambiais.

Gráfico 7 – Algodão - evolução dos preços internacionais e domésticos



Fonte: Conab, Esalq, Bolsa NY e Cotton Outlook

Nota: Elaborado pela Conab

4.2. Cenários de curto prazo para a safra 2014/15

4.2.1. Custo de produção

Tendo como objetivo traçar um panorama do mercado do algodão para a próxima safra é imperioso avaliar a variação dos custos despendidos na lavoura ao longo da safra anterior e as expectativas para a próxima temporada e, assim, balizar o produtor brasileiro. Compete lembrar que os custos de produção, bem como as projeções de rentabilidade, formam, unidos, os principais alvos de ponderação do produtor no período de tomada de decisão.

Devido ao acréscimo de aplicações de agrotóxicos necessários ao controle das novas pragas que surgiram no país na safra 2012/13, os custos variáveis de produção ascenderam muito na safra 2013/14 nas cidades selecionadas e, nesse panorama, atingiram um valor médio de R\$ 6.264,89 por hectare, acréscimo de 32,4% ¹(ver Tabela 3). Desse modo, é esperado que esse novo patamar de gastos na utilização de defensivos e um custo total mais elevado se mantenham na safra 2014/15. Dessa feita foi utilizado o novo patamar de custos de produção nas projeções usadas neste trabalho. Contudo, é importante advertir que os novos cálculos incluem a cidade de Campo Verde na realização das novas projeções.

¹ Foi desconsiderada a cidade Campo Verde no cálculo da média, visto que não há dados de custo de produção de algodão levantados pela Conab naquela cidade no ano de 2013.

Tabela 3 – Custo variável por hectare safra 2013/14 e estimativa para safra 2014/15

Localidades/UFs	Maio/13 (A)	Março/14 (B)	Var % (B/A)
Barreiras - BA	3.993,94	6.380,79	59,76%
Campo Novo Parecis - MT	5.180,97	6.831,96	31,87%
Campo Verde - MT		5.548,04	
Rondonópolis -MT	5.188,61	6.095,92	17,49%
Sorriso - MT	5.102,48	6.467,76	26,76%
Custo Médio	4.866,50	6.264,89	28,74%

Fonte: Conab

Nota: Não foi realizado pela Conab levantamento de custos de algodão em Campo Verde em 2013.

4.2.2. Análise de rentabilidade e substituição de culturas

Um exercício de análise de resultado e substituição de culturas foi elaborado tomando como referência o estado do Mato Grosso e a região oeste do estado da Bahia. Para tanto, utilizou-se como parâmetros os custos variáveis de produção da Conab do mês de março de 2014, e como referência de valores, os preços dos contratos futuros negociados nas respectivas bolsas de Nova Iorque e Chicago, relevantes para cada cultura negociadas no dia 15/08/2013. Os resultados finais apontaram para margens positivas para o Algodão e Soja em todas as regiões e negativa para o Milho na Bahia e Milho 2ª safra em Mato Grosso.

Conforme se observa nas Tabelas 4 e 5, a soja apresenta-se como a cultura mais rentável em Mato Grosso, com taxa de retorno de 21,8%, equivalente a R\$448,81/ha. Na sequência aparece o algodão, considerando no cálculo uma produtividade média de 105 arrobas/ha, conferindo, a partir daí, uma taxa de retorno da ordem de 0,05%, que em valores absolutos equivale a R\$ 3,24/ha. Quanto ao milho 2ª safra, a margem de rentabilidade observada foi negativa de -13,16%.

Nota-se que com o atual cenário pessimista e a trajetória persistente de queda das cotações nacionais e internacionais observados para os três produtos, tanto no mercado físico quanto de futuro, as rentabilidades no estado do Mato Grosso se mostram muito baixas quando são comparadas com o estudo similar realizado em 2013 pela Conab. Nesse sentido, o mercado de algodão revela uma queda de 79,1% da rentabilidade, a soja uma redução de 61,9% e o milho, diminuição de 54,3%.

Tabela 4 – Análise de substituição de culturas – Mato Grosso - algodão *versus* milho

Itens	Unidade	Algodão	Milho
1 - Produtividade/ha	arroba ou saca 60kg	105	53
2 - Preço FOB ¹	R\$/unidade	56,00	58,32
3 - Fretes	R\$/unidade	5,24	10,90
4 - Preço produtor (2-3)	R\$/unidade	50,76	47,42
5 - Receita - produção (1*4)	R\$/ha	5.319,65	2.505,27
6 - Receita caroço ²	R\$/ha	919,51	-
7 - Receita bruta (5+6)	R\$/ha	6.239,16	2.505,27
8 - Custo variável médio ³	R\$/ha	6.235,92	2.056,46
9 - Rentabilidade (7-8)	R\$/ha	3,24	448,81
10 - Rentabilidade (9/1)	arroba ou saca 60kg/ha	0,03	8,50
11 - Rentabilidade (7/8)	%	0,05%	21,82%

Legenda: (1) Preço do algodão: cotação ICE, contrato jul/15 – fechamento do dia 21/07/14, preço da soja: cotação CBOT, contrato jul/15 – fechamento do dia 21/7/14; câmbio: R\$ 2,40/US\$;

(2) Preço caroço: Abrapa - cotação jul/14 (média de C. N. Parecis, Rondonópolis e Sorriso);

(3) Custo algodão: C. N. Parecis, Rondonópolis, Campo Verde e Sorriso - mar/14; custo soja: C.

Fonte: Conab

Nota:

1. Quantos ha de soja pelo custo de 1 ha de algodão: 3,03

2. Receita da área de soja: 7.597,00

3. Frete: entregue no porto de Santos-SP para algodão e Paranaguá-PR para Soja

Tabela 5– Análise de substituição de culturas – Mato Grosso - algodão *versus* milho

Itens	Unidade	Algodão	Milho
1 - Produtividade/ha	arroba ou saca 60kg	105	97
2 - Preço FOB ¹	R\$/unidade	56,00	22,65
3 - Fretes	R\$/unidade	5,24	11,50
4 - Preço produtor (2-3)	R\$/unidade	50,76	11,15
5 - Receita - produção (1*4)	R\$/ha	5.319,65	1.078,13
6 - Receita caroço ²	R\$/ha	919,51	-
7 - Receita bruta (5+6)	R\$/ha	6.239,16	1.078,13
8 - Custo variável médio ³	R\$/ha	6.235,92	1.586,63
9 - Rentabilidade (7-8)	R\$/ha	3,24	(508,50)
10 - Rentabilidade (9/1)	arroba ou saca 60kg/ha	0,03	(5,26)
11 - Rentabilidade (7/8)	%	0,05%	32,05%

Legenda: (1)Preço do algodão: cotação ICE, contrato jul/15 - fechamento do dia 21/7/2014; preço do milho: cotação CBOT, contrato jul/15 - fechamento do dia 21/7/14; câmbio: R\$ 2,40/US\$.
 (2)Preço caroço: Abrapa - cotação ago/13 (média de C. N. Parecis, Rondonópolis e Sorriso)
 (3)Custo algodão: C. N. Parecis, Rondonópolis e Sorriso - mar/14; custo milho: C. N. Parecis, Campo Verde e Sorriso (safra da seca) - mar/14
 1.Quantos ha de soja pelo custo de 1 ha de algodão: 3,93
 2.Receita da área de soja: 4.237,00
 3. frete: entregue no porto de Santos-SP

Fonte: Conab

Tabela 6 – Análise de substituição de culturas – Bahia - algodão *versus* soja

Itens	Unidade	Algodão	Soja
1 - Produtividade/ha	arroba ou saca 60kg	108	50
2 - Preço FOB ¹	R\$/unidade	56,00	58,32
3 - Fretes	R\$/unidade	3,04	11,00
4 - Preço produtor (2-3)	R\$/unidade	52,96	47,32
5 - Receita - produção (1*4)	R\$/ha	5.719,68	2.365,93
6 - Receita caroço ²	R\$/ha	953,31	-
7 - Receita bruta (5+6)	R\$/ha	6.672,99	2.365,93
8 - Custo variável médio ³	R\$/ha	6.380,79	1.529,87
9 - Rentabilidade (7-8)	R\$/ha	292,20	836,06
10 - Rentabilidade (9/1)	arroba ou saca 60kg/ha	2,71	16,72
11 - Rentabilidade (7/8)	%	4,58%	54,65%

Legenda: (1)Preço do algodão: cotação ICE, contrato jul/15 - fechamento do dia 21/7/14; preço da soja: cotação CBOT, contrato mar/14 - fechamento do dia 15/8/13; câmbio: R\$ 2,40/US\$ (2)Preço caroço: Abrapa - cotação jul/14
 (3)Custo algodão e soja: Barreiras - mar/14

Fonte: Conab
 Nota:

1. Quantos ha de soja pelo custo de 1 ha de algodão: 4,17
- 2.Receita da área de soja: 9.868,00
3. Fretes: Algodão entregue no Nordeste e soja entregue em Paranaguá -PR

Tabela 7 – Análise de substituição de culturas – Bahia - algodão *versus* milho

Itens	Unidade	Algodão	Milho
1 - Produtividade/ha	arroba ou saca 60kg	108	140
2 - Preço FOB ¹	R\$/unidade	56,00	22,65
3 - Fretes	R\$/unidade	3,04	8,40
4 - Preço produtor (2-3)	R\$/unidade	52,96	14,25
5 - Receita - produção (1*4)	R\$/ha	5.719,68	1.995,37
6 - Receita caroço ²	R\$/ha	953,31	-
7 - Receita bruta (5+6)	R\$/ha	6.672,99	1.995,37
8 - Custo variável médio ³	R\$/ha	6.380,79	2.927,22
9 - Rentabilidade (7-8)	R\$/ha	292,20	(931,85)
10 - Rentabilidade (9/1)	arroba ou saca 60kg/ha	2,71	(6,66)
11 - Rentabilidade (7/8)	%	4,58%	31,83%

Legenda: (1)Preço do algodão: cotação ICE, contrato jul/14 - fechamento do dia 21/7/14; preço do milho: cotação CBOT, contrato mar/14 - fechamento do dia 15/8/13; câmbio: R\$ 2,40/US\$
 (2)Preço caroço: Abrapa - cotação jul/14
 (3)Custo algodão e milho: Barreiras - mar/14

Fonte: Conab
 Nota:

- 1.Quantos ha de soja pelo custo de 1 ha de algodão: 2,18
- 2.Receita da área de soja: 4.350,00
3. Fretes: Entregue no Nordeste

Na região oeste da Bahia, Tabelas 6 e 7, onde as três culturas (algodão, soja e milho) concorrem com o mesmo espaço de área, a soja apresenta-se como a cultura mais rentável com taxa de retorno de 54,65%, com um resultado equivalente a R\$ 836,06/ha. Na sequência, aparece o algodão com uma margem de rentabilidade de 4,58%, o que em valores absolutos equivale a R\$ 292,20/ha. Por fim, o milho apresenta uma rentabilidade negativa de 31,83%, com prejuízo de R\$931,85/ha.

4.2.3. Estimativa do suprimento para o ano safra 2013/14 e 2014/15

Diante da recuperação dos valores de comercialização na temporada 2012/13, a área plantada com algodão aumentou na safra 2013/14, de modo que o cultivo recuperou parte da área cedida para o plantio de milho e soja, que tinham preços mais remuneradores. Em que pese um cenário de preços e custos mais favoráveis à cultura da soja, o cenário atual é de incerteza para as três culturas destacadas. Tanto os mercados do algodão quanto do milho e soja têm observado seus estoques mundiais crescerem rapidamente nos últimos três anos, ao passo que o consumo e exportações não são suficientes para evitar que se acumulem os excedentes.

Todavia, projeções de crescimento econômico para 2015 (elaboradas pelo Fundo Monetário Internacional²) preveem a recuperação da Economia mundial, sobretudo nos países emergentes (ver Tabela 8). É importante destacar que o FMI mantém as projeções de redução do ritmo de crescimento chinês para 2015. Dessa forma, torna-se necessário lembrar que aquele país é o maior consumidor mundial das *commodities* aqui analisadas e uma possível diminuição do ritmo de crescimento da economia chinesa é tida como variável de impacto negativo sobre os preços. Assim, essa influência contrária sobre as cotações é abalizada por uma possível redução da demanda por esses produtos.

Tabela 8 – Taxa de crescimento econômico previsto

Localidades	2013	2014	2015
Brasil	2,3%	1,8%	2,7%
China	7,7%	7,5%	7,3%
Eua	1,9%	2,8%	3,0%
Países emergentes	4,7%	4,9%	5,3%
Países desenvolvidos	1,3%	2,2%	2,3%
Mundo	3,0%	3,6%	3,9%

Fonte: FMI

Por outro lado, o avanço do crescimento econômico de países emergentes revela uma maior propensão ao consumo futuro das *commodities* agrícolas em âmbito global que poderá trazer uma substituição nas exportações brasileiras, ou seja, o Brasil pode majorar suas exportações para os novos mercados além da China e sofrer menos os impactos de uma retração de compras chinesas.

Além disso, é previsto pelo FMI que a economia brasileira avance em 2015 para patamares maiores que o observado em 2013. Dessa maneira, a retomada das atividades industriais no país no próximo ano poderá, caso as previsões se confirmem, sustentar os níveis de preços em patamares aceitáveis para o produtor e garantir a renda do setor agrícola. Apesar disso, o mercado internacional do algodão opera com cautela e parcimônia, assim as expectativas de produção levam em consideração a grande quantidade de algodão em estoque e projeta redução de produção.

Nesse cenário, a Conab acredita que, visto a baixa rentabilidade esperada pelo cultivo de algodão em comparação ao plantio de soja no país, poderá ocorrer uma redução de 15,4% na área destinada à cotonicultura na safra 2014/15, que passará de 1.119,4 mil hectares para 947,3 mil hectares (606,8 mil ha no Centro-Oeste e 312 mil no Nordeste). Nesse sentido, a produção no ano de 2015 poderá recuar para algo próximo a 1.432 mil toneladas de pluma.

4.2.4. Mercado

As vendas antecipadas de algodão da safra 2014/15, (cujo plantio será iniciado a partir de novembro), na Bolsa Brasileira de Mercadorias (BBM) até o dia 29/07/2014 somaram 189,3 mil toneladas de pluma. Esse valor representa 12,4% do valor estimado da produção de 2015. Do volume comercializado, 43,7 mil toneladas foram comercializadas no mercado interno, 104,0 mil toneladas serão destinadas ao mercado externo em contratos de exportação e 41,6 mil toneladas em contratos do tipo *flex*, ou seja, destinadas à exportação com opção para reversão ao mercado interno. Vale lembrar que em todos os negócios realizados com intermediação dos corretores ligados à Bolsa são efetuados os devidos registros. A mesma coisa não se pode afirmar com relação aos produtores e comerciantes.

Visto que, de acordo com o que é convencionado pelo mercado, cerca de 65% a 70% (média 67,5%) de todo o algodão comercializado no mercado é registrado na Bolsa, a Conab estima que até 29/07/2014 o mercado já tenha comercializado de forma antecipada cerca de 280,0 mil toneladas de pluma, algo equivalente a 19,0% do volume total estimado para a safra 2014/15.

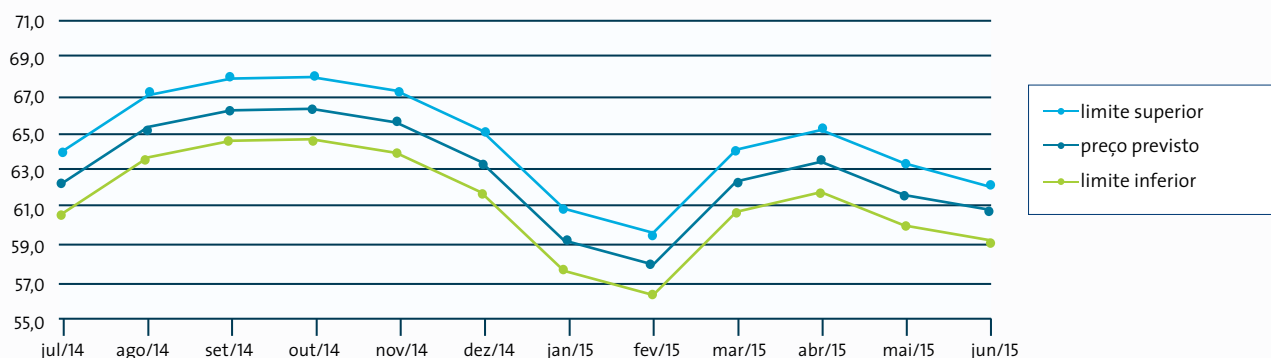
Ao se comparar com a estimativa de volume negociado antecipadamente no mesmo período de 2013, prevê-se que aproximadamente 13,6% da safra 2013/14 já tenham sido comercializados. A justificativa para essa retração no número de contratos e volume negociados é dada pela suspensão de compras da indústria têxtil no segundo trimestre de 2014 e expectativa de novas quedas nos preços. Dessa feita, as fiações e tecelagens mantiveram seus estoques de matéria-prima baixa e acompanharam a desaceleração da economia brasileira.

5. Perspectivas de preços

Com a finalidade de atender o objetivo principal deste trabalho foram realizadas duas projeções de preços para o mercado interno: uma baseada exclusivamente no comportamento histórico das cotações internas e suas relações com o mercado externo e com o câmbio, a outra, fundamentada na atual conjuntura do quadro de oferta e demanda e as expectativas de curto prazo, ou seja, mantendo o ambiente econômico inalterado conforme projetado pelo FMI, além de considerar que as condições de clima permanecerão ausentes de eventos não antecipados pelos estudos meteorológicos.

A primeira projeção levou em conta unicamente a tendência dos preços e o comportamento da sazonalidade ao longo dos anos-safra de 2009/10 a 2013/14, e não é impactada por aspectos conjunturais. Os resultados obtidos podem ser observados no Gráfico 8, a seguir, e se referem a uma expectativa da média mensal dos preços em reais/arroba no estado do Mato Grosso.

Gráfico 8 – Projeção de preços para 2014/15 em R\$/arropa com base na sazonalidade das cotações da safra 2009/10 a 2013/14



Fonte: Conab

Nota: Elaborado pela Conab

Contudo, a Conab entende que o atual cenário mundial, já exposto em parágrafos anteriores, exerce fortes impactos na tomada de decisão do produtor e comprador e dessa maneira, é essencial na formação de preço. Dessa feita, prevalecem os atuais fatores baixistas de tal modo que as cotações internacionais e domésticas deverão manter-se em patamar bastante inferior ao observado ao longo da safra 2013/14 e projetada no Gráfico 8, posto que, na ausência de eventos que revertam o atual cenário econômico, os contratos para entrega futura serão negociados de acordo com os atuais valores vigentes na Bolsa e já vistos no Gráfico 5. Para o Brasil é estimado um preço médio anual de comercialização em 2015 por volta de R\$55,94/arrobas³.

Dessa maneira, é fato que apesar da recuperação da economia mundial prevista pelo FMI em 2015 e de um possível aumento do consumo mundial de algodão, o alto volume de pluma estocado e a atual conjuntura mundial de produção de pluma inviabilizam uma ascensão dos preços internacionais e domésticos em um futuro próximo.

6. Resumo

Diante dos baixos preços e rentabilidade diminuída, vislumbra-se para a próxima safra 2014/15, a ser plantada no Brasil, uma redução expressiva de 15,4% na área a ser cultivada, devendo totalizar aproximadamente 947,3 mil hectares. Conseqüentemente, haverá redução significativa na produção, estimada em 13%, vez que foram utilizados números de produtividade média, chegando-se, então, ao prognóstico de 1.432,3 mil toneladas em 2015. Na safra 2013/14 a Conab estima um volume de produção de 1.704,5 mil toneladas.

³ Para o cálculo da média nacional de comercialização foi adotada a média dos preços futuros negociados em 21/7/2014 para dez/14, mar/15, maio/15, jul/15, out/15 e dez/15 em cents/lbs e transformados em R\$/@.



ARROZ EM CASCA NATURAL

SÉRGIO ROBERTO GOMES DOS SANTOS JÚNIOR



1. Introdução

Segundo os dados divulgados pelo Foreign Agricultural Service (FAS) do United States Department of Agriculture (USDA) é previsto o consumo, na safra 2014/15 do total de 2.143,3 milhões de toneladas de grãos no mundo. O arroz, na sua forma beneficiada, participará com 479,1 milhões de toneladas, ou 22,35% do quantitativo. Entre os produtos destinados à alimentação humana, é o segundo em importância, ficando atrás, apenas, do trigo e, em algumas partes do mundo, especialmente na Ásia, é base da alimentação de sua população.

O arroz, juntamente com o feijão, constitui o principal alimento do povo brasileiro. Tomando-se por base os dados do quadro de suprimento da Conab, e somando-se os dois produtos (arroz em casca e feijão), na safra 2014/15, o consumo deverá ser de 15,5 milhões de toneladas, ou seja, superior ao trigo, cuja previsão é o uso de 12,2 milhões de toneladas. Dada a sua relevância no abastecimento interno e na segurança alimentar da população, o arroz sempre teve grande importância na formulação e execução das políticas agrícolas e de abastecimento. É um dos produtos que o Governo Brasileiro tem dado maior atenção, de modo que quando ocorrem fatores conjunturais dentro do raio de ação dos instrumentos de apoio, o Poder Público tem sido bem presente.

2. Mercado internacional

Segundo os dados divulgados pelo FAS/USDA, para a safra 2014/15, a produção mundial de arroz deverá ser de 714,9 milhões de toneladas base casca ou 479,43 milhões de toneladas de arroz beneficiado. Para tanto, foram plantados 161,48 milhões de hectares, sendo esperada uma produtividade média de 4.427 kg/ha. Em comparação com a safra passada haverá acréscimo na área destinada à orizicultura no mundo de 0,57% e incremento de 0,41% na produção,

todavia a produtividade do setor sofrerá uma retração de 0,16%.

Acerca da demanda mundial, foi previsto consumo de 482,18 milhões de toneladas de arroz beneficiado e exportações de 41,56 milhões toneladas. Esses números representam, em relação à campanha anterior, aumento de 1,33% no consumo mundial e de 2,11% nas exportações. Haja vista que a produção e o consumo crescerão 1,97 milhões de toneladas e 6,34 milhões de toneladas, respectivamente, haverá decréscimo no estoque final de passagem em 2,97 milhões de toneladas (-2,66% em relação ao anterior). Como resultado, a relação estoque/consumo ficará em 22,51%, valor inferior ao observado na última safra 2012/13 (+23,44%).

A expressiva relação estoque/consumo da última safra é resultado da política intervencionista instaurada pelo governo tailandês ao longo dos últimos anos. Esta política baseia-se na formação de estoque de passagem, objetivando a elevação do preço do arroz tailandês no mercado internacional. Logo, o resultado dessas compras governamentais, no maior exportador mundial dos anos 2000, reverberou negativamente na oferta e no volume transacionado no comércio internacional do arroz. Outro efeito relevante foi o acréscimo da participação indiana no comércio internacional, fazendo da Índia o maior exportador mundial do produto nas safras 2011/12 (10,4 milhões de toneladas), 2012/13 (10,87 milhões de toneladas) e 2013/14 (10,0 milhões de toneladas). Para a atual safra 2014/15, o USDA estima uma retomada por parte da Tailândia da posição de maior exportador mundial, na qual a previsão é de um volume transacionado de 10,0 milhões de toneladas. Em 2014, houve mudança de governo na Tailândia e subsequente alteração da política orizícola empregada nos últimos períodos.

Tabela 1 – Arroz beneficiado - Balanço de ofertas e demandas dos principais *players* mundiais – Ano safra 2014/13 a 2014/15 – em milhões de toneladas

Safra	Eventos	Produtores		Exportadores		Importadores			Mundo
		China	Índia	Tailândia	Vietnã	EUA	Filipinas	Nigéria	
2012/2013	1 - Estoque inicial	45,02	25,10	9,33	1,83	1,30	1,51	1,02	106,76
	2 - Produção	143,00	105,24	20,20	27,54	6,34	11,43	2,37	471,66
	3 - Importação	3,14	0,00	0,60	0,10	0,67	1,40	2,80	36,38
	4 - Suprimento total (1+2+3)	191,16	130,34	30,13	29,47	8,31	14,34	6,19	614,80
	5 - Consumo	144,00	94,03	10,60	21,90	3,75	12,85	5,30	468,52
	6 - Exportação	0,34	10,87	6,72	6,70	3,40	0,00	0,00	39,29
	7 - Demanda total (5+6)	144,34	104,90	17,32	28,60	7,15	12,85	5,30	507,81
	8 - Estoque Final (4-7)	46,83	25,44	12,81	0,86	1,16	1,49	0,89	109,90
	9 - Relação estoque x consumo	32,52	27,06	120,85	3,93	30,93	11,60	16,79	23,46
2013/2014 (Estimativa mai/ 2014)	1 - Estoque inicial	46,83	25,44	12,81	0,86	1,16	1,49	0,89	109,90
	2 - Produção	142,30	106,29	20,50	28,00	6,12	11,81	2,77	477,46
	3 - Importação	3,50	0,00	0,30	0,30	0,73	1,45	3,00	38,35
	4 - Suprimento total (1+2+3)	192,63	131,73	33,61	29,16	8,01	14,75	6,66	625,71
	5 - Consumo	146,00	96,50	10,80	21,50	3,93	12,85	6,00	475,84
	6 - Exportação	0,35	10,00	9,00	6,50	3,01	0,00	0,00	40,70
	7 - Demanda total (5+6)	146,35	106,50	19,80	28,00	6,94	12,85	6,00	516,54
	8 - Estoque Final (4-7)	46,28	25,23	13,81	1,16	1,07	1,90	0,66	111,52
	9 - Relação estoque x consumo	31,70	26,15	127,87	5,40	27,23	14,79	11,00	23,44

Cont.

Safr	Eventos	Produtores		Exportadores			Importadores		Mundo
		China	Índia	Tailândia	Vietnã	EUA	Nigéria	Filipinas	
2014/2015 (Previsão mai/ 2014)	1 - Estoque inicial	46,28	25,23	13,81	1,16	1,07	1,90	0,66	111,52
	2 - Produção	144,00	104,00	20,50	28,20	7,23	12,20	2,55	479,43
	3 - Importação	3,70	0,00	0,30	0,40	0,67	1,60	3,50	38,32
	4 - Suprimento total (1+2+3)	193,98	129,23	34,61	29,76	8,97	15,70	6,71	629,27
	5 - Consumo	148,00	98,00	10,90	21,50	4,26	13,20	6,10	482,18
	6 - Exportação	0,35	9,00	10,00	6,70	3,42	0,00	0,00	41,56
	7 - Demanda total (5+6)	148,35	107,00	20,90	28,20	7,68	13,20	6,10	523,74
	8 - Estoque Final (4-7)	45,63	22,23	13,71	1,56	1,29	2,50	0,61	108,55
	9 - Relação estoque x consumo	30,83	22,68	125,78	7,26	30,28	18,94	10,00	22,51

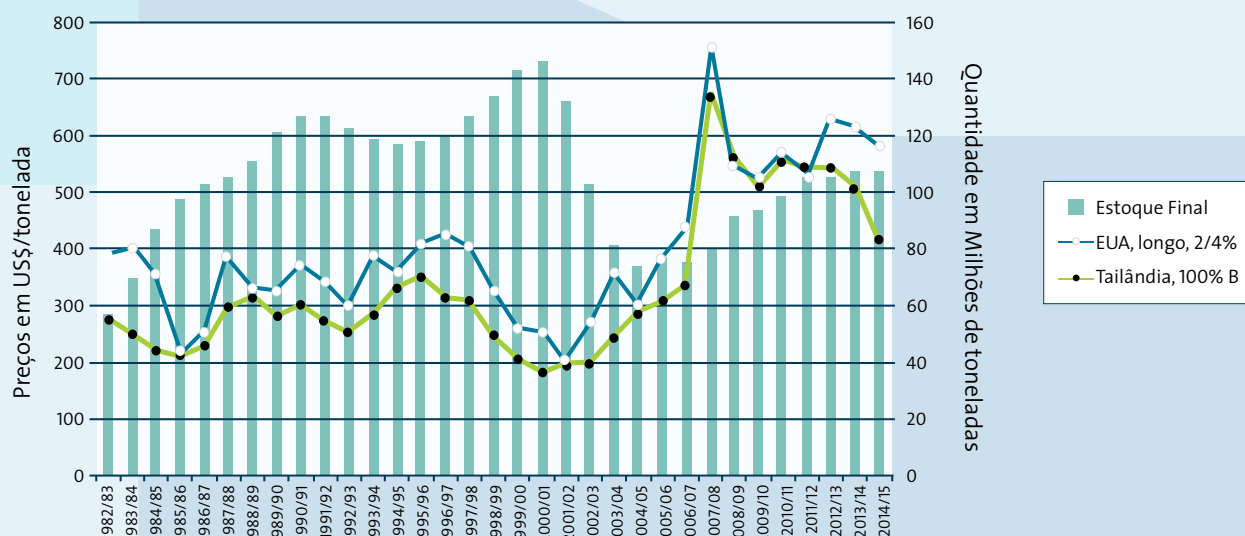
Fonte: Wasde, julho/2014 – Disponível em: <http://fas.usda.gov>. Acesso em: 07.jul.2014

Na Tabela 1, são mostrados os dados de suprimento para os principais *players* mundiais no mercado do arroz. A Índia, segundo maior exportador mundial e segundo maior produtor atual, sofrerá uma retração na sua produção na safra 2014/15 de 2,29 milhões de toneladas. As estimativas de crescimento do consumo (+1,5 milhões de toneladas) e de retraimento da produção refletirão em redução do volume indiano estocado em 3,0 milhões de toneladas e redução do volume exportado em 1,0 milhão de tonelada. Com isso é esperada uma queda da relação estoque/consumo de 26,15% na safra 2013/2014 para 22,68% na safra 2014/2015.

Como informação relevante sobre o mercado do arroz indiano, cabe destacar que, após a crise dos preços dos alimentos e a forte preocupação com uma possível escassez de alimentos observada no final de 2007 e início de 2008, o governo indiano proibiu a exportação de algumas variedades deste produto. Essa política foi adotada com o objetivo de garantir a segurança alimentar no país. Com o recuo das expectativas pessimistas, o governo indiano decidiu retirar esse veto de exportação, o que, conseqüentemente, corroborou para um aumento da participação indiana no comércio internacional.

A China, maior produtor mundial, não participa de forma ativa no comércio internacional, sendo a sua produção fortemente controlada pelo seu governo, o qual busca o equilíbrio entre a oferta e a demanda interna. Esse controle visa mitigar a dependência chinesa dos mercados externos, garantindo, juntamente com um alto estoque de passagem, a segurança no abastecimento do produto no país. No caso chinês, nos últimos anos, as importações e as exportações têm sido utilizadas como pequenos ajustes da demanda e da oferta do arroz.

Gráfico 1 – Arroz beneficiado – Relação entre estoques finais e preços internacionais



Fonte: USDA/FAS, jul. 2014 - Previsão infoarroz até Jul 2014- Elab. Conab
Nota: Elaborado pela Conab

Buscando mostrar a correlação entre os estoques de passagem mundiais, a produção e os preços nas duas principais praças de formação de comércio externo do arroz é apresentado o Gráfico 1. De certa forma, pode-se afirmar que em momentos de estoques elevados e de produção similar ou superior ao da safra anterior, os preços tendem a sofrer decréscimos. É certo que existem vários fatores que interferem na formação dos preços de mercado de quaisquer produtos. Como exemplo, pode-se citar o ocorrido no ano de 2008 no mercado do arroz, no qual existiam suspeitas de que haveria falta desse grão. Frente a essas expectativas pessimistas, alguns países do leste Asiático resolveram restringir as exportações, enquanto que outros buscavam antecipar suas compras externas. Como consequência, houve aumento exacerbado nos preços do produto, de modo que em Maio chegaram a atingir a média de US\$ 1.024 por tonelada para o tailandês 100%B e de US\$ 988 por tonelada para o americano tipo 2, com 4% de quebrados. A partir de então, tendo o mercado percebido o equivoco, os preços recuaram de modo que em dezembro valiam US\$ 564/ton. (51,37%) e US\$ 553/ton. (65,99%) daqueles valores, respectivamente.

Após os eventos tratados anteriormente, os preços internacionais mostraram quão fracos estavam e iniciaram o movimento de queda, cujos menores preços, depois da safra 2007/08, foram US\$ 523 e US\$ 506 por tonelada para o arroz americano e tailandês, respectivamente, nas safras 2008/09 e 2009/10. Esse enfraquecimento se deu em razão da elevação do volume de estoques de passagem, com as safras produzindo quantidades suficientes para atender a demanda. Atualmente, observam-se preços deprimidos nos principais mercados, estando o arroz norte-americano cotado em US\$ 579/tonelada e o tailandês em US\$ 424/tonelada; resultado este que ilustra o insucesso da extinta política intervencionista do governo tailandês, uma vez que seu objetivo inicial era a valorização do arroz a patamares de US\$ 800 por tonelada. No mercado argentino, todavia, o preço atual do arroz (US\$ 625/tonelada) representa uma estabilidade na cotação do grão, em comparação ao último período comercial.

Tabela 2 – Mercosul – Quadro de oferta e demanda (em mil toneladas) - arroz em casca (10 anos)

Safra	Atributos	Territórios Regionais				
		Argentina	Brasil	Paraguai	Uruguai	Mercosul
2012/2013	Produção	1.560,0	11.819,1	400,0	1.360,0	15.139,1
	Consumo	661,5	11.544,1	29,9	85,7	12.321,2
	Exportação	809,2	1.220,6	544,8	1.341,4	3.916,0
	Estoque final	349,2	776,5	17,9	30,0	1.173,6
2013/2014	Produção	1.580,0	12.500,0	425,4	1.448,6	15.953,9
	Consumo	669,2	11.691,2	29,9	78,6	12.468,8
	Exportação	923,1	1.397,1	373,1	1.285,7	3.979,0
	Estoque final	344,6	1.217,6	43,3	25,7	1.631,3
2014/2015	Produção	1.560,0	12.500,0	450,7	1.460,0	15.970,7
	Consumo	676,9	11.691,2	29,9	78,6	12.476,5
	Exportação	923,1	1.176,5	388,1	1.357,1	3.844,8
	Estoque final	312,3	1.732,4	79,1	50,0	2.173,8

Fonte: PSD on line Julho 2014 -Disponível em: www.ers.usda.gov. Acesso em: 17/jul.2014

Nota: Elaborado pela Conab

Com base nos dados divulgados pelo FAS/USDA e expostos no Quadro 2, os países integrantes do Mercosul deverão produzir, na safra 2014/15, o total de 16,0 milhões de toneladas de arroz em casca (evolução de 16,96% desde a safra 2006/07), sendo o Brasil responsável por 78,27% da produção do bloco. Argentina e Uruguai, segundo a estimativa, produzirão 1,5 milhão de toneladas e 1,4 milhão de toneladas, respectivamente. Estes países, na série histórica da balança comercial brasileira se apresentam como importantes mercados importadores,

suprindo, quando necessário, os déficits brasileiros entre a oferta e a demanda interna. Mais recentemente, o Paraguai, com uma produção estimada de 0,4 milhão de toneladas para a próxima safra, apresenta-se como supridor de parte da demanda por arroz das indústrias de beneficiamento localizadas nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste. Essa demanda brasileira por arroz paraguaio elevou-se, principalmente, em face do alto custo logístico de escoamento da produção da Região Sul e dos elevados preços nacionais.

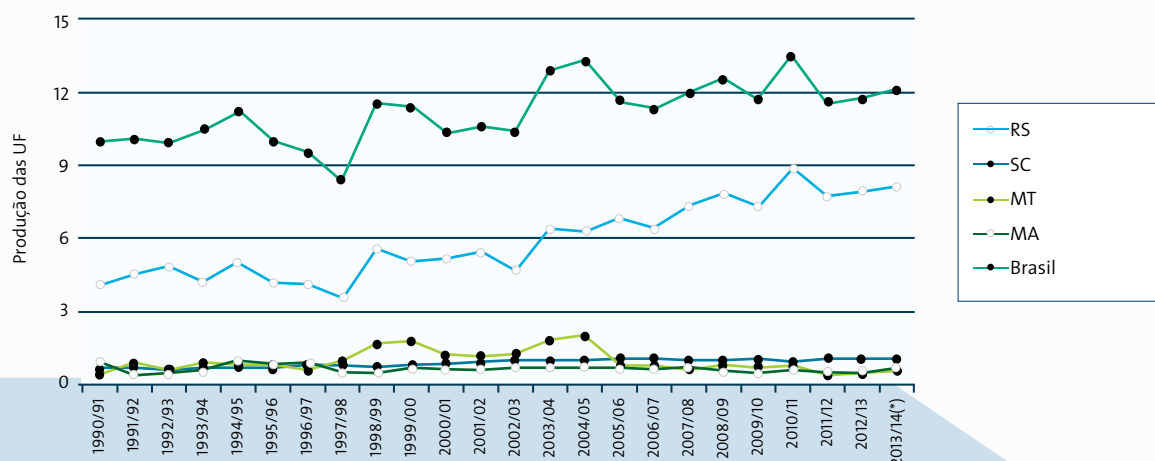
Acerca do consumo, o Brasil destaca-se como maior mercado consumidor, com uma demanda estimada de 11,7 milhões de toneladas. Os outros integrantes do Mercosul não possuem uma forte cultura de consumo do produto, sendo as suas produções, em grande parte, não destinadas ao consumo interno e sim ao mercado internacional (o Brasil é o mais importante destino). Sobre as exportações brasileiras, estimadas em 1,1 milhões de toneladas, o principal destino são países não pertencentes ao grupo, com destaque para algumas nações africanas, a Venezuela e alguns países centro-americanos. Por meio dos dados disponibilizados pelo Aliceweb/MDIC para Junho/14, cabe destacar que os preços efetivos de exportação (US\$ 620,82/tonelada) apresentaram ser significativamente superiores aos preços efetivos de importação (US\$ 524,29/tonelada).

As estimativas do USDA sobre estoques de passagem divergem das estimativas realizadas pela Conab (em +566,2 mil toneladas) para a safra 2014/15 para o Brasil. Segundo aquela instituição, o estoque de passagem da próxima safra será de 1,7 milhões de toneladas. Essa redução do estoque final estimada pela Conab ocorre em face do baixo volume de estoque privado estimado em Junho/14 e do reduzido estoque em poder do Governo Federal (540,2 mil toneladas). Na ótica absoluta dos estoques argentino e uruguaio, ambos possuirão baixos números, porém, na ótica relativa (razão estoque/consumo), ambos possuirão elevados números. No agregado do bloco econômico, apesar da estimativa de expansão dos estoques de passagem pelo USDA no período 2014/15, é esperada uma redução dos estoques em virtude dos elevados preços no mercado brasileiro e da provável subsequente intervenção governamental.

3. Mercado nacional

Analisando o mercado brasileiro no Gráfico 2, observa-se o crescimento apresentado pela orizicultura nos últimos anos. Entre as safras 1990/91 e 2012/13, a produção expandiu-se 21,88%. Esta foi obtida com o aumento da produtividade do setor. O grande impulsionador do crescimento do arroz no Brasil foi o Estado do RS, que aumentou em 88,97% sua produção entre as safras 1990/91 e 2012/13. Atualmente, o RS sozinho é responsável por volta de 2/3 de toda a produção do grão no Brasil.

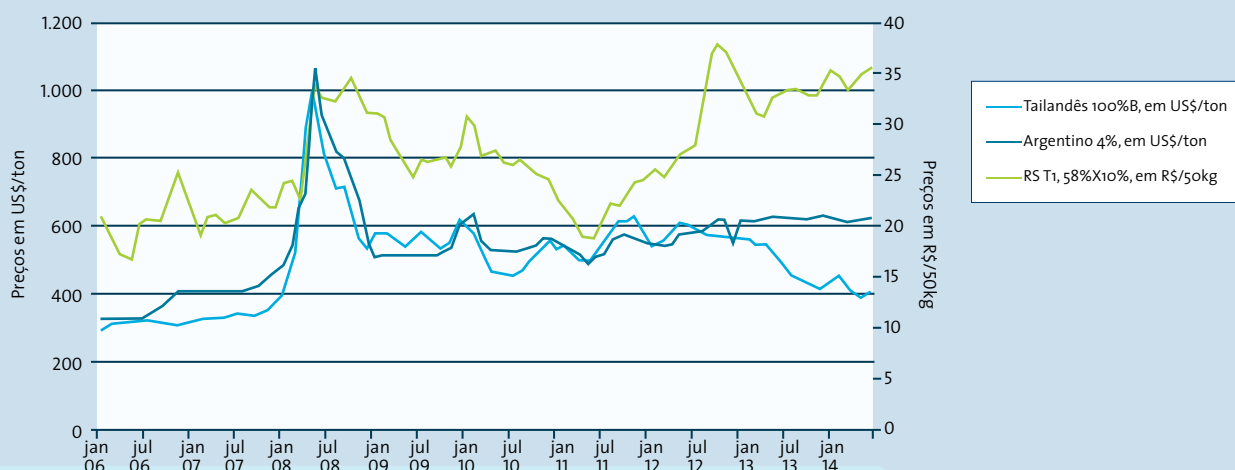
Gráfico 2 – Arroz em casca – principais estados produtores e Brasil, em milhões de toneladas



Fonte: Conab. Levantamento de Safras, Julho 2014

Nota: (*) Estimativa

Gráfico 3 – Comparativos de preços de arroz – tailandês, argentino e brasileiro



Fonte: Conab. Sistema de Informações Agropecuárias e de Abastecimento – Siagro; Infoarroz. Disponível em: <http://www.infoarroz.org>. Acesso em Julho, 2014

Acerca dos preços, no Gráfico 3, são mostrados os comportamentos do arroz gaúcho, tailandês e argentino. Nota-se, pelo comportamento do gráfico, a pouca aderência dos preços internos aos das cotações internacionais analisadas, ou seja, o mercado brasileiro apresenta certa independência às volatilidades internacionais. Por outro lado, as curvas de preço dos mercados argentino e tailandês possuem comportamentos bem ajustados.

Os resultados estatísticos ilustram a análise gráfica realizada, na qual a correlação entre os preços brasileiros e os tailandeses é de 0,4221, ou seja, pouca aderência (quanto mais se aproximar de 1,000 é mais aderente). Já entre os mercados argentino e brasileiro, o índice melhora um pouco chegando a 0,7138. Porém, quando se calcula para o produto argentino em relação ao tailandês, a estatística passa para 0,8182. Tal resultado é esperado, uma vez que ambos os países são atuantes no mercado internacional (tomadores de preço internacional), direcionando relevante parte de suas respectivas produções ao comércio internacional. O Brasil, todavia, direciona majoritariamente sua produção para o mercado interno, o que corrobora para a independência das cotações nacionais frente ao mercado internacional.

Ainda analisando o Gráfico 3, mais especificamente os preços no RS, na safra 2011/12, os preços de mercado operaram abaixo do preço mínimo estabelecido. Esse desaquecimento no preço foi essencialmente resultado do excesso de oferta na safra em questão. No período de comercialização da safra 2011/12, a cotação do arroz aqueceu, atingindo em meados de 2012 o patamar recorde de R\$ 38,19 por saco de 50 Kg. Esta alta nos preços foi resultado da baixa produção da Região Sul (Brasil), Uruguai e Argentina. Cabe ressaltar que os dois países destacados configuraram como importantes supridores de oferta para o mercado brasileiro. Outro fator que exerceu pressão de alta nos preços foi a política de compras governamentais tailandesas.

A expressiva alta observada a partir de meados da safra 2012/13 foi parcialmente dissipada com o início da colheita, porém, essa tendência de queda foi revertida já no início da janela de análise da safra 2013/14. A formação de estoque do montante colhido por parte da cadeia produtiva aparece como fator significativo na antecipada dinâmica de reversão de tendência dos preços, reduzindo a oferta do grão, em busca de preços atrativos na entressafra. No período de entressafra 2012/13, as cotações continuaram em patamares elevados (média anual de R\$ 33,08/saco de 50Kg no RS), porém estáveis. A definição de um preço de liberação de estoques públicos (PLE) de R\$ 33,28 por saco de 50kg no RS foi fator preponderante no comportamento dos preços, pois, balizou as expectativas dos atores do mercado orizícola. Hoje, em meados da comercialização da safra 2013/14, as cotações continuam elevadas e significativamente acima do estabelecido no PLE. Analisando as outras regiões do Brasil, observa-se que na maioria das praças o mercado segue movimento semelhante ao do mercado gaúcho. Para a próxima safra (2014/15), a expectativa é de que os preços mantenham-se acima dos estabelecidos nos específicos preços mínimos de cada região, garantindo uma boa rentabilidade para o setor.

Ao analisar o Quadro 3 de rentabilidade das diferentes culturas, com base no município de Sorriso/MT, observa-se que a previsão de rentabilidade (margem bruta/receita) do arroz de sequeiro para a próxima safra é estimada em 24,55%. Na comparação com a rentabilidade da soja, que é estimada em 24,31%, nota-se a grande disparidade de rentabilidade entre as culturas. Ou seja, utilizando o município de Sorriso como *proxy* para estas estimações, conclui-se que a forte concorrência da soja por área de plantio tem desestimulado o plantio de arroz nas Regiões N, NE, CO e SE. Segundo o mesmo estudo, para que as rentabilidades de soja e arroz sejam equivalentes, é necessário que o preço do arroz esteja por volta de R\$ 55,50 (R\$/60Kg). Na Região sul, a rentabilidade prevista para a safra 2012/13 do arroz irrigado é de 9,95%, com base no município de Cachoeira do Sul.

Tabela 3 – Análise de rentabilidade entre produtos substitutos, em R\$ / hectare (com base na produtividade efetiva nos levantamentos da Conab, em kg/ha e porcentagem)

Produtos	Arroz sequeiro - MT		Arroz irrigado		Soja em grãos	
Safras	2013/14	2014/15	2013/14	2014/15	2013/14	2014/15
Preço (R\$/50kg)	27,61	28,06	34,56	35,2	45,20	45,35
Produtividade do pacote (Kg/ha)	3.600	3.600	6.500	7.200	3.200	3.180
Análise financeira						
A - Receita bruta (I*II)	1.987,92	2.020,20	4.492,80	5.068,80	2.892,80	2.884,26
B - Despesas:						
B1 - Despesas de custeio (DC)	1.304,89	1.595,01	2.449,52	3.208,25	1.037,37	1.683,06
B2 - Custos variáveis (CV)	1.659,57	1.944,85	3.130,68	4.069,00	1.367,35	2.040,27
B3 - Custo operacional (CO)	1.801,15	2.516,26	3.459,75	4.564,57	1.483,21	2.183,22
a) Margem bruta s/ DV (A-B1)	683,03	425,19	2.043,28	1.860,55	1.855,43	1.201,20
b) Margem bruta s/ CV (A-B2)	328,35	75,35	1.362,12	999,80	1.525,45	843,99
c) Margem líquida s/ CO (A-B4)	186,77	-496,06	1.033,05	504,23	1.409,59	701,04
Indicadores						
Receita sobre o custeio (A/B1)	1,52	1,27	1,83	1,58	2,79	1,71
Receita sobre o custo variável (A/B2)	1,20	1,04	1,44	1,25	2,12	1,41
Receita sobre o custo operacional (A/B3)	1,10	0,80	1,30	1,11	1,95	1,32
Margem bruta (DC)/receita (a/A)	34,36%	21,05%	45,48%	36,71%	64,14%	41,65%
Margem bruta (CV)/receita (b/A)	16,52%	3,73%	30,32%	19,72%	52,73%	29,26%
Margem líquida (CO)/receita (c/A)	9,40%	-24,55%	22,99%	9,95%	48,73%	24,31%

Fonte: Conab/Siagro

4. Fatores críticos

Por meio da análise da demanda por alimentos da população brasileira, o arroz apresenta-se como principal produto da base nutricional do indivíduo comum, estando presente na mesa de todas as camadas sociais. Em diversos trabalhos acadêmicos é evidenciada a elasticidade-renda negativa do produto, o que classifica o arroz como sendo um bem inferior. Ou seja, elevações no nível de renda influenciam na redução do consumo de arroz, pois os agentes demandantes – ao disponibilizarem de mais renda – alteram seus hábitos alimentares, passando a consumir outros alimentos (especialmente comidas rápidas e massas).

Para o próximo período comercial, estima-se que o país terá uma taxa de crescimento menor que o previsto anteriormente, de modo que o Banco Central do Brasil (Bacen) estima uma expansão do Produto Interno Bruto (PIB) abaixo de 1% para 2014. Este resultado refletirá na demanda interna de arroz, que se manterá, possivelmente, nos níveis atuais (em torno de 12 milhões de toneladas), ceteris paribus. Cabe destacar, todavia, que o comportamento dos preços do arroz e de seus bens substitutivos é uma variável fundamental na determinação de sua demanda nacional. Logo, apesar de não haver indícios de que estes fatores irão influenciar na comercialização do produto, suas expressivas variações podem alterar a previsão de consumo do grão.

Outro fator que pode influenciar na demanda total do setor é o comportamento do mercado externo. A taxa de câmbio no presente momento encontra-se estável e levemente desvalorizada em relação à série histórica dos últimos anos. Para o final do ano, a previsão do Bacen é de 2,40 R\$/US\$, o que poderá exercer pressão por saldos positivos na balança comercial. Para a presente semana – de 14/07/2014 até 18/07/2014 –, o câmbio está cotado em R\$ 2,2288/US\$, valor que reverbera em ganho de competitividade do produto nacional. Todavia,

as elevadas cotações do mercado nacional agem como variável inibidora das colocações do produto brasileiro no mercado internacional. Em suma, nos quatro primeiros meses de análise do período comercial 2014/15, Março/14, até Junho/14, o superávit identificado foi de 197,7 mil toneladas.

Por último, o fator mais relevante na determinação dos preços nacionais é a quantidade de produção interna, pois a capacidade de gerar mercado para a safra brasileira é reduzida à demanda interna, sendo o mercado externo de exportações limitado. Desta forma, uma oferta mais abundante do setor redundaria, seguramente, em preços deprimidos. Ou seja, fatores como variações climáticas e incidência de pragas, por influírem na quantidade produzida, possuem significativa importância na definição do preço de mercado vigente.

5. Perspectivas para a safra 2014/2015

Pelo lado da demanda para o período de comercialização da safra 2014/15, pode-se estimar que o consumo, como já ressaltado anteriormente, deverá ser igual ao da safra presente, ou seja, 12,0 milhões de toneladas base casca, incluindo perdas, consumo humano e industrial e sementes. Com relação às exportações brasileiras, estima-se que estas se acomodem em 1,1 milhão de toneladas, considerando que o arroz é um produto de tradição e o industrial brasileiro mantenha os mercados conquistados, pelo menos os mais tradicionais.

Pelo lado da oferta, o presente ano de menor liquidez é devido o comportamento dos produtores em reter parte do montante colhido, visando à busca de preços mais remuneradores. Todavia, a produção da safra 2013/14 de 12.184,1 mil toneladas, segundo o décimo levantamento da Conab, é superior em 3,1% à passada. Logo, devido à relevante disponibilidade estocada pelo setor privado e à atual cotação do produto (R\$ 34,93), valor este que garante boa rentabilidade ao setor, projeta-se para este segundo semestre estabilidade das cotações do grão por volta dos R\$ 33,00. Fundamenta-se tal resultado no equilíbrio entre a oferta e a demanda projetada para a atual entressafra, dinâmica essa não observada na maior parte dos últimos períodos comerciais, nos quais os desequilíbrios entre oferta e demanda resultaram em pressão de alta nos preços. Outra variável de influência no comportamento dos preços internos é o preço de paridade do arroz internacional. No atual momento, o preço de paridade do arroz tailandês encontra-se em R\$ 37,54 por saco no RS, o que corrobora para que não haja uma forte alta neste segundo semestre.

Para o próximo período comercial 2014/15, projetam-se uma área plantada e uma produção (12,4 milhões toneladas de arroz), ligeiramente superiores, em face à boa disponibilidade hídrica das regiões produtoras e os atrativos preços de entressafra nos principais mercados (RS e SC). Ainda sobre a produção, estima-se um intervalo de confiança entre 12,3 e 12,5 milhões de toneladas, desconsiderando a influência de fatores exógenos. Caso a produção ultrapasse o limite superior estimado, seguramente haverá uma maior pressão de baixa sobre os preços estimados.

Ao ponderar todas as variáveis de influência expostas ao longo deste estudo, o volume de estoque público de passagem de 540,2 mil toneladas e a sazonalidade histórica do mercado em questão, é esperado um preço médio do arroz no RS e SC de R\$ 32,00 por saco de 50kg para o início do próximo período de comercialização da safra 2014/15. Como apoio a essa projeção foi desenvolvido um estudo utilizando o Capital Asset Pricing Model (CAPM), no qual o modelo

para o mercado nacional de arroz foi estabelecido como:

$$E(R_i) = \text{Taxa Selic} + \text{Beta} \times (\text{Retorno do Ibovespa} - \text{Taxa Selic})$$

Sendo Beta igual à covariância entre o retorno do Ibovespa e o retorno do mercado de arroz dividido pela variância do Ibovespa. Para o cálculo da rentabilidade histórica do setor, foram utilizadas séries de dados de custo de produção, disponibilizadas pela Conab e os preços de mercado – média do RS – disponibilizados pelo Siagro/Conab.

Como resultado do CAPM, encontra-se que o retorno ajustado ao risco tomado pelo orizicultor para o arroz é de 13,13%^{aa}. Com isso, dado que o atual custo operacional do saco de 50kg de arroz em casca é de R\$ 29,99, aplica-se esta rentabilidade no custo citado, chegando-se a um valor de R\$ 33,93 por saco. O valor encontrado no CAPM é a cotação no qual o retorno desse produto é condizente com os riscos assumidos pelo setor. Logo, o preço de equilíbrio de R\$33,93 desazonalizado para março e abril de 2015 foi estimado em R\$ 31,63 e R\$ 32,09, respectivamente, o que corrobora com a projeção de R\$ 32,00 realizada neste trabalho para o início do próximo período de comercialização.



CACAU AMÊNDOA

BRUNO NOGUEIRA



1. Introdução

O cacau (*Theobroma cacao*) é uma das *commodities* agrícolas de maior dificuldade de previsão e de negociação de mercado, pois, há uma grande predominância de especulação. Além disso, convive-se com uma ampla assimetria de informação advinda dos principais países produtores desse produto, que estão na África. A produção de cacau e, conseqüentemente, a de chocolate, possui uma enorme importância social e econômica em diversas partes do mundo, incluindo o Brasil.

O continente africano é responsável por pouco mais de 70% de toda a produção mundial de cacau. Dentre os principais produtores estão a Costa do Marfim e Gana. O Brasil, que ocupava a posição de quinto maior produtor em 2012, atualmente é o sétimo no *ranking* dos principais países produtores do mundo.

Já no caso do processamento da amêndoa, metade do cacau colhido é moído na Europa e nos Estados Unidos da América, ou seja, em países não produtores. Porém, tudo indica que em pouco tempo a proporção de cacau processado nos próprios países produtores deverá aumentar, como forma de diminuição de custos e, também, de atender, de maneira mais eficiente, o crescente mercado que vai da Índia até a Arábia Saudita e China.

No caso específico do chocolate, o contínuo crescimento da renda nos países em desenvolvimento, está fazendo com que o chocolate deixe de ser um produto luxuoso, para se tornar um alimento de consumo diário. Diante de tal constatação, produtores e empresas já estão montando suas estratégias para encarar essa realidade.

2. Cenários

A economia global não se encontra em um período de aquecimento. Pelo contrário, a Europa e os Estados Unidos ainda estão saindo de uma conjuntura desfavorável, os emergentes já não alcançam as expressivas taxas de crescimento de pouco tempo atrás e a China vem diminuindo gradualmente a velocidade do seu crescimento.

No caso brasileiro, depois de várias reduções nas projeções de crescimento da economia em 2014, segundo dados do Banco Central brasileiro, a expansão do Produto Interno Bruto (PIB) deverá ficar bem abaixo dos 2,5% apresentados em 2013, e as projeções para 2015 não indicam melhora neste cenário econômico de crescimento baixo. Dentre os principais problemas estão os estrangulamentos na infraestrutura e a baixa confiança dos empresários. Além do que, tudo que é conectado à demanda, como emprego, renda, consumo e serviços, estão sob forte pressão. Já pelo lado da oferta, o investimento, produtividade e competitividade enfrentam problemas.

Mesmo diante de todo este cenário, o que se pode esperar é que deverá haver margem no médio e longo prazo para que a demanda por cacau siga crescendo. A grande questão a ser avaliada será qual a correlação real entre o consumo de chocolate nos mercados emergentes e os seus principais indicadores econômicos, visto que mesmo diante de uma desaceleração no crescimento destes países, tudo indica que ainda há muito espaço para a demanda por chocolate ascender, considerando a imensa população e a baixa penetração deste produto nesses países. Na Índia, por exemplo, de cada dez cidadãos, cerca de oito não consomem chocolate, o que ilustra bem o quão mais promissor pode vir a ser o mercado de cacau e chocolate.

3. Mercado internacional

Segundo dados da Organização Internacional do Cacau (ICCO – *International Cocoa Organization*), depois de apresentar queda na produção nas safras 2011/12 e 2012/13, a estimativa de produção para a safra internacional 2013/14, que se encerrará em setembro, deve apresentar um crescimento de cerca de 5,9%, totalizando uma produção de 4,162 milhões de toneladas. Porém, apesar desta previsão de crescimento pelo lado da oferta, as moagens, que representam a demanda por cacau pelas indústrias, devem superar este valor, ocasionando o segundo déficit consecutivo entre oferta e a demanda de cacau.

O período de safra internacional de cacau é de outubro a setembro. Os dados sobre produção, moagens e estoques mundiais são mostrados na Tabela 1.

Tabela 1 – Cacau – Produção, moagem e estoque mundiais

Safra Mundial	Produção		Moagem		Superávit/déficit	Estoque final	Estoque/moagem
2004/05	3.378	-4.8%	3.382	4.5%	-38	1.644	48.6
2005/06	3.808	12.7%	3.522	4.1%	248	1.892	53.7
2006/07	3.430	-9.9%	3.675	4.3%	-279	1.613	43.9
2007/08	3.737	9.0%	3.775	2.7%	-75	1.538	40.7
2008/09	3.592	-3.9%	3.537	-6.3%	19	1.557	44.0
2009/10	3.634	1.2%	3.737	5.7%	-139	1.418	37.9
2010/11	4.312	18.7%	3.938	5.4%	331	1.749	44.4
2011/12	4.085	-5.3%	3.957	0.5%	87	1.836	46.4
2012/13	3.942	-3.5%	4.077	3.0%	-174	1.662	40.8
2013/14*	4.162	5.9%	4.195	2.7%	-75	1.565	37.3

Fonte: International Cocoa Organization - ICCO

Nota: * Previsão

De acordo com as estimativas mais recentes apresentadas pela ICCO, o déficit que seria de 115 mil toneladas deverá ser menor, chegando a 75 mil toneladas de amêndoa de cacau, ou mesmo surpreender, e chegar a fechar superavitária. As principais causas dessa diminuição são os bons desempenhos na safra atual dos dois principais países produtores de cacau, que são a Costa do Marfim e Gana.

Como visto na Tabela 2, a África continua responsável por cerca de 70% da produção mundial desse produto. A Costa do Marfim, maior produtor, deve confirmar uma produção recorde na safra 2013/14, que se encerrará em setembro próximo. Apesar da Tabela 2 apresentar uma produção de 1,550 milhões de toneladas, informações mais recentes advindas da ICCO dão conta de que a safra deste país deva alcançar 1,7 milhões de toneladas, superando o recorde anterior da safra 2010/11 de 1,511 milhões de toneladas de cacau.

Já em relação ao segundo maior produtor, Gana, a produção deve superar as 870 mil toneladas estimas pela ICCO em fevereiro. As compras da Cocobod, entidade estatal que controla toda a comercialização naquele país, chegaram a 766.620 toneladas na primeira semana de maio, valor 12,8% acima das 679.088 toneladas atingidas na mesma data no ano de 2013. Desse modo, de acordo com as últimas informações advindas de Gana, a produção poderá aproximar-se das 900 mil toneladas de cacau na safra 2013/14.

Quanto à Indonésia, terceiro maior produtor de cacau, a Associação Indonésia de Cacau (Askindo) sinalizou a possibilidade de que a produção ultrapasse as 410 mil toneladas indicadas em fevereiro pela ICCO, podendo alcançar 500 mil toneladas de cacau. Contudo, os analistas de mercado veem com receio essa possibilidade.

Tabela 2 – Produção mundial por países (mil toneladas)

Continente/País	2011/2012	Estimado 2012/2013	Previsto 2013/2014
África	2919 (71,5%)	2820 (71,5%)	2942 (71,7%)
Camarões	207	225	210
Costa do Marfim	1.486	1.449	1.550
Gana	879	835	870
Nigéria	235	225	220
Outros	113	86	92
América	655 (16%)	626 (15,9%)	666 (16,2%)
Brasil	220	185	200
Equador	198	192	210
Outros	237	249	256
Ásia e Oceania	511 (12,5%)	496 (12,6%)	496 (12,1%)
Indonésia	440	420	410
Papua-Nova Guiné	39	36	40
Outros	33	40	46
Total Mundial	4.085	3.942	4.104

Fonte: International Cocoa Organization - ICCO

A demanda por cacau pode ser medida indiretamente pelo consumo de chocolate. Os resultados das moagens são considerados um termômetro para avaliar o grau de aquecimento do setor de chocolate e cacau. Segundo dados da ICCO, as moagens mundiais devem crescer por volta de 2,7% no período da safra internacional, 2013/14. Este número vai ao encontro do que era esperado, isto é, a manutenção do crescimento da demanda entre 2% e 3%, em média, para o mundo.

Como já falado e podendo ser confirmado na Tabela 3, metade de todo o cacau produzido no mundo é processada nos Estados Unidos e na Europa, com destaque para Holanda e Alemanha como principais processadores neste continente. Um país produtor que também se destaca no processamento é a Costa do Marfim.

Tabela 3 – Cacau – Moagens mundiais por países (mil toneladas)

Continente/País	2011/2012	Estimado 2012/2013	Previsto 2013/2014
Europa	1.521 (38,4%)	1.581 (38,8%)	1.619 (38,8%)
Alemanha	407	400	418
Holanda	500	535	545
Outros	614	646	657
África	717 (18,1%)	769 (18,9%)	797 (19,1%)
Costa do Marfim	431	471	500
Gana	212	225	230
Outros	74	73	67
América	846 (21,4%)	881 (21,6%)	890 (21,3%)
Brasil	242	241	240
Estados Unidos	387	412	415
Outros	216	228	234
Ásia e Oceania	873 (22,1%)	846 (20,7%)	872 (20,9%)
Indonésia	270	255	275
Malásia	297	293	290
Outros	307	298	307
Total Mundial	3.957	4.077	4.178

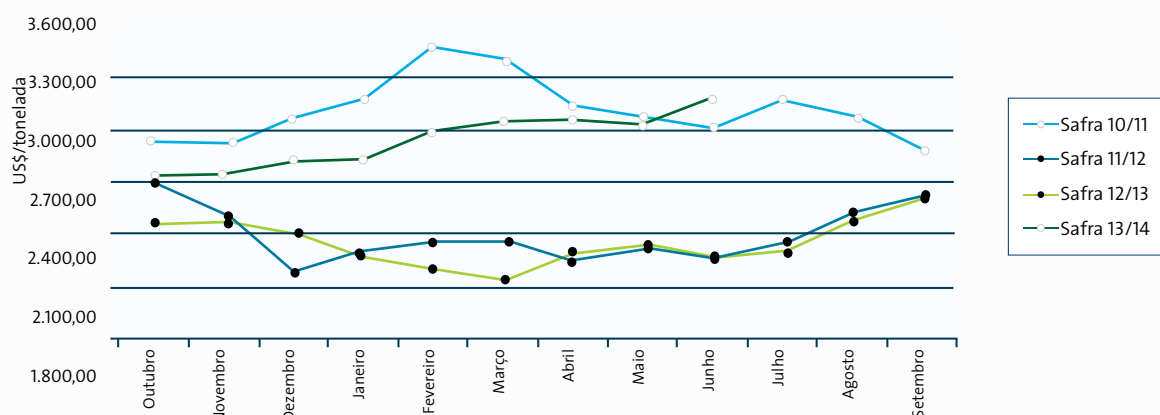
Fonte: International Cocoa Organization - ICCO

A tendência é que a quantidade de cacau processado aumente nos países produtores como forma de diminuição de custos. Porém, um crescimento bem mais expressivo na quantidade moída deve ocorrer no continente Asiático, que hoje é responsável por apenas cerca de 20% de todo o cacau processado no mundo. Observa-se hoje em dia no mercado cacauero que o aumento significativo no consumo de chocolate pelos países da Ásia-Pacífico não tem afetado apenas o aumento dos preços da *commodity*, mas também a intenção das grandes empresas do setor de se instalarem mais fortemente perto deste mercado promissor.

Atualmente, residem na Ásia mais de 3,5 bilhões de pessoas, ou seja, mais da metade de toda a população mundial. Considerando a região da Ásia-Pacífico, o consumo médio *per capita* de chocolate em 2013 foi de 200 gramas por pessoa. Este valor é menor que no Oriente Médio e África. Tais números chamam a atenção pela ampla margem de possibilidades de crescimento do setor. A Nova Zelândia e Austrália consumiram, em média, 4,8 kg de chocolate por habitante e a Europa Ocidental 4,6 kg. Todavia, no tangente à demanda, o crescimento naquela região foi de 4,5% em 2013, ritmo mais acelerado do mundo.

Devido ao crescimento do consumo atual e esperado, principalmente nos países da Ásia-Pacífico, o cacau vem vivendo nos últimos meses uma intensa valorização de seus preços, tanto no mercado interno como no externo. A média de preços no mercado futuro nas Bolsas de Nova Iorque e Londres, segundo o índice ICCO de preços, de US\$ 2.308 a tonelada da amêndoa negociada em julho de 2013, encerrou o mês de junho de 2014 com uma valorização de 37,5%, cotada em US\$ 3.174 a tonelada de cacau.

Gráfico 1 – Média mensal das cotações futuras nas Bolsas de NY e Londres



Fonte: International Cocoa Organization - ICCO

No final de 2013 e início deste ano havia uma grande apreensão em relação à safra nos principais países produtores da África Ocidental. Problemas climáticos fizeram com que as previsões fossem pessimistas. Concomitante, a expectativa de crescimento na demanda gerou uma constante evolução nas cotações da tonelada de cacau. Entretanto, no decorrer do ano, essa queda na safra africana não se confirmou, e fez com que as cotações não se elevassem numa velocidade ainda maior.

4. Mercado nacional

Diferentemente da safra internacional, a safra brasileira de cacau é dividida em duas fases: a temporã, que acontece entre maio e setembro, e a principal, que vai de outubro a abril. O IBGE divulga seus dados seguindo o ano civil e a Organização Internacional do Cacau (ICCO) divulga tais dados de acordo com o período da safra internacional, que é de outubro a setembro. Com isso, é preciso sempre cuidado ao analisar qualquer uma dessas publicações.

Após alcançar uma produção acima das 350 mil toneladas, a década de 90 foi marcada pela forte redução na produção nacional de cacau, devido à chegada da doença conhecida como vassoura-de-bruxa na Bahia. A produção nacional chegou a ser de pouco mais de 100 mil toneladas, com o Brasil passando de exportador para importador de amêndoa como forma de suprir o mercado interno. Contudo, nos últimos anos, estimulada pela demanda interna e pelos significativos avanços na área de pesquisa, a produção nacional voltou a crescer. Além dos cacaueiros nativos da Região Amazônica, estima-se que a área cultivada é de aproximadamente 560 mil hectares. No Brasil, as regiões se destacam por diferenças no sistema de cultivo e materiais botânicos, mas com predominância de híbridos do cacau forasteiro. Segundo dados da Ceplac são três as principais regiões com alterações no manejo adotado, níveis tecnológicos e produtividade. São elas: Sul da Bahia, Região Amazônica e tabuleiros costeiros do extremo Sul da Bahia e norte do Espírito Santo. Entre os sistemas adotados destaca-se o cultivo sob a mata raleada conhecido como cabruca, o cultivo sob sombreamento de árvores cultivadas e o cultivo em pleno sol irrigado.

Tabela 4 – Quadro de oferta e demanda nacional

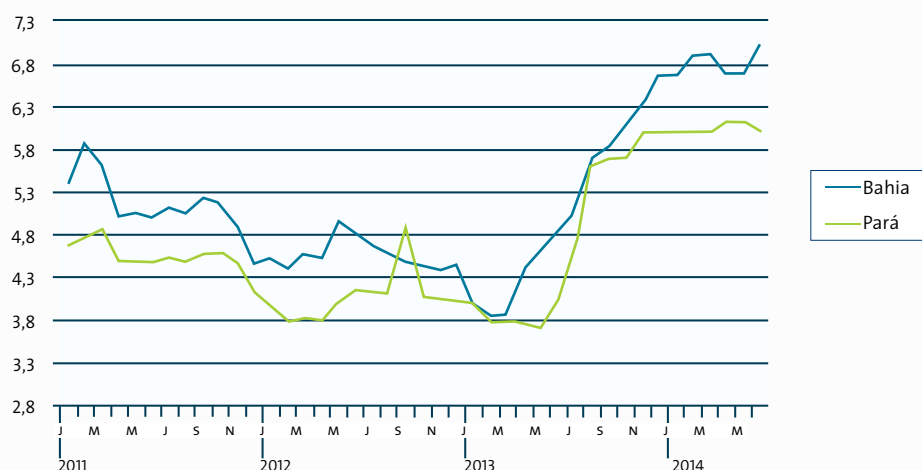
Ano Agrícola Internacional	Produção Brasileira	Importação	Exportação	Consumo Aparente Brasileiro	Moagens Brasileiras	Sup/Def Antes Import.	Sup/Def Depois da Import
1989/90	347.900		116.695	231.205	236.300	-5.095	-5.095
1990/91	368.100		107.360	260.740	260.000	740	740
1991/92	306.200	721	75.553	231.368	230.000	647	1.368
1992/93	308.600	1.898	95.511	214.987	225.000	-11.911	-10.013
1993/94	282.700	2.438	90.377	194.761	225.000	-32.677	-30.239
1994/95	225.000	5.182	40.979	189.203	195.000	-10.979	-5.797
1995/96	230.700	136	27.382	203.454	205.300	-1.982	-1.846
1996/97	185.000	9.909	11.615	183.294	180.000	-6.615	3.294
1997/98	170.000	16.882	6.697	180.185	187.800	-24.497	-7.615
1998/99	137.500	48.058	4.272	181.286	192.400	-59.172	-11.114
1999/00	123.500	90.065	2.234	211.331	201.600	-80.334	9.731
2000/01	162.800	41.726	2.482	202.044	194.900	-34.582	7.144
2001/02	123.600	46.170	3.495	166.275	172.600	-52.495	-6.325
2002/03	162.600	66.033	2.468	226.165	195.500	-35.368	30.665
2003/04	163.400	43.845	1.564	205.681	206.800	-44.964	-1.119
2004/05	170.800	44.608	965	214.443	208.800	-38.965	5.643
2005/06	161.600	49.594	855	210.339	222.700	-61.955	-12.361
2006/07	126.200	74.395	559	200.036	226.300	-100.659	-26.264
2007/08	170.500	108.687	563	278.624	231.700	-61.763	46.924
2008/09	157.000	61.104	240	217.864	216.100	-59.340	1.764
2009/10	161.200	47.076	288	207.988	226.100	-65.188	-18.112
2010/11	199.800	36.083	534	235.349	239.100	-39.834	-3.751
2011/12	220.000	64.452	572	283.880	242.500	-23.072	41.380
2012/13	185.000	24.003	303	208.700	240.000	-55.303	-31.300
2013/14*	210.000	32.007	378	241.629	243.000	-33.378	-1.371

Fonte: ICCO - Outubro a Setembro MDIC - 2013/14 Outubro a Abril

Devido à grande vocação para a produção de cacau, o Brasil, ao longo de muitos anos, construiu um importante parque de moagem de amêndoa de cacau. Com a queda na produção havia a necessidade de sempre se importar amêndoa para suprir a indústria processadora. Como pode ser visualizado na Tabela 4, desde a safra 1997/98 que a produção nacional é menor que a quantidade processada de cacau internamente. Já na safra 2011/12, a produção nacional, segundo dados da ICCO, alcançou as 220 mil toneladas, ou seja, produção maior que as últimas quinze safras anteriores. Curiosamente, no mesmo período, foi importada uma quantidade enorme de amêndoa, gerando um superávit pós-importações de 41.300 toneladas de cacau no mercado.

Diante do cenário de produção e importação em altas quantidades numa mesma safra, inevitavelmente, os preços do cacau começaram a cair em meados de 2012, principalmente na Bahia, principal produtor, chegando a ser vendido, em média, a R\$ 3,86 o quilo da amêndoa no estado, em fevereiro e março de 2013.

Gráfico 2 – Média Mensal de Preços Bahia e Pará (R\$/Kg)



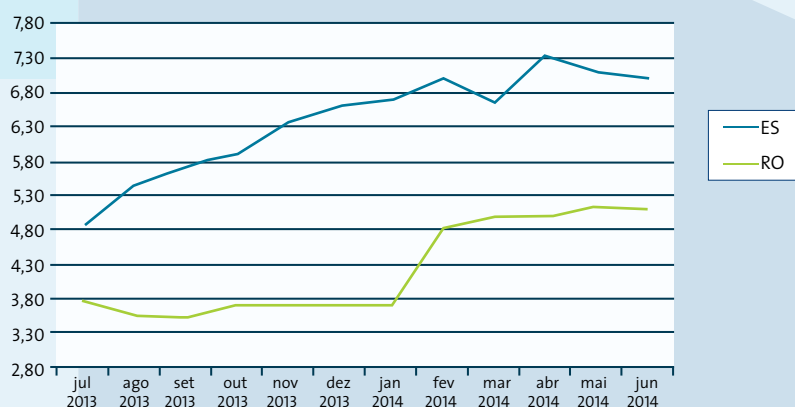
Fonte: Conab

Além de todo esse panorama interno de grande oferta do produto, o cenário externo também era de preços baixos. No Gráfico 1, pode-se verificar que durante quase a totalidade das safras internacionais 2011/2012 e 2012/2013, as cotações externas estavam abaixo dos US\$ 2.400 a tonelada de cacau.

Depois desse período de baixos preços, o segundo semestre de 2013 começou promissor para os preços do cacau no mercado mundial. No Brasil, esta dinâmica foi ainda mais acentuada, pois, juntamente com a alta nas cotações internacionais, por motivos já citados no início deste trabalho, somou-se a baixa produção interna frente ao consumo e a desvalorização do real frente ao dólar. Como pode ser visto na Tabela 4, a safra brasileira, levando em conta o calendário internacional, que terminou em setembro de 2013, foi de 185 mil toneladas, ou seja, bem abaixo do que foi a safra anterior. Já em relação à safra que terminará em setembro de 2014, a produção, segundo a ICCO, pode chegar as 210 mil toneladas, valor ainda abaixo da capacidade do parque processador de cacau nacional.

Além de Bahia e Pará, outros dois estados produtores também apresentaram ganhos significativos no preço do cacau. São eles: Espírito Santo e Rondônia. Seguindo a onda de alta nos preços externos e internos da amêndoa e desvalorização cambial, os preços da amêndoa de cacau subiram significativamente em cada um desses estados, como pode ser visto no Gráfico 3.

Gráfico 3 – Média Mensal de Preços Espírito Santo e Rondônia (R\$/Kg)



Fonte: Conab

5. Perspectivas para a safra 2014/2015

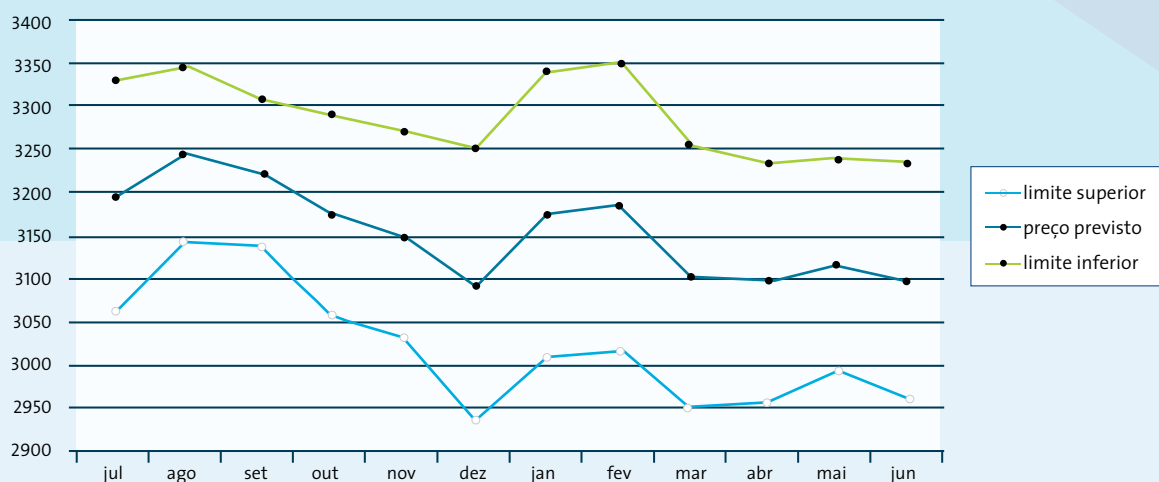
Em que pese a Costa do Marfim, maior produtor mundial de cacau, estar apresentando uma melhora significativa em sua safra corrente e a Organização Mundial do Cacau (ICCO) ter reduzido a sua previsão de déficit de 115 mil para 75 mil toneladas para a safra que terminará em setembro, os preços continuam se elevando.

Dentre os motivos desta persistente elevação nos preços estão primeiramente, o fato de em médio prazo não se ter a expectativa de uma melhora significativa na condição de grande parte das antigas lavouras de cacau pelo mundo, que compõem um sistema de agricultura rudimentar. Este sistema não evoluiu muito nas últimas décadas e na grande maioria produz apenas para a sua subsistência, ou seja, deixa pouquíssimo de sua receita para investimentos. Estudos revelam que 90% da safra mundial sejam produzidos por 5 milhões de pequenos agricultores. Já o segundo fator consiste na perspectiva de que a demanda siga com um crescimento contínuo nos próximos anos, principalmente devido a grande possibilidade de aumento no consumo dos países da região da Ásia-Pacífico.

Em relação à oferta e demanda mundial para o próximo ano agrícola do cacau, é difícil se falar em números específicos, no entanto, a expectativa é de que oferta e a demanda sigam par e passo, girando em torno das 4,1 milhões de toneladas. Assim, qualquer movimento mais contundente de qualquer um dos lados pode gerar grandes flutuações neste mercado. Desse modo, para a safra 2014/2015, e também para as subsequentes, o que se espera são fatores de curto prazo, como a oferta nos principais países produtores africanos, e de longo prazo, como a perspectiva de crescimento contínuo na demanda mundial do produto, duelem quanto ao rumo dos preços do cacau no Brasil e no mundo.

Segundo a previsão, utilizando os fatores de sazonalidade reais, no Gráfico 4, a média dos preços previstos entre julho de 2014 a junho de 2015 ficaria em US\$ 3.155 a tonelada. Segundo o mesmo modelo, a média dos limites inferiores e superiores desta previsão seriam de US\$ 3.022 e US\$ 3.287, por tonelada de cacau.

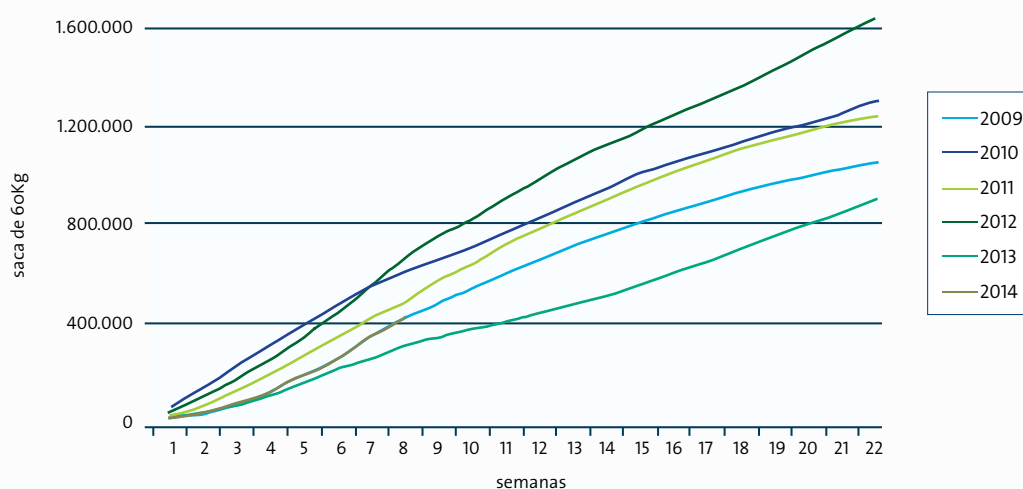
Gráfico 4 – Previsão 2014/15 Utilizando Fatores de Sazonalidade Reais (R\$/Kg)



Fonte: ICCO
Nota: Elaborado pela Conab

Já em relação ao mercado nacional, o temporão que se iniciou em maio de 2014, como pode ser visto no Gráfico 5, não começou de forma muito animadora. Os recebimentos deste ano estão bem abaixo dos de 2012, mas acima quando se comparado aos do ano de 2013.

Gráfico 5 – Recebimentos acumulados - Temporão Bahia

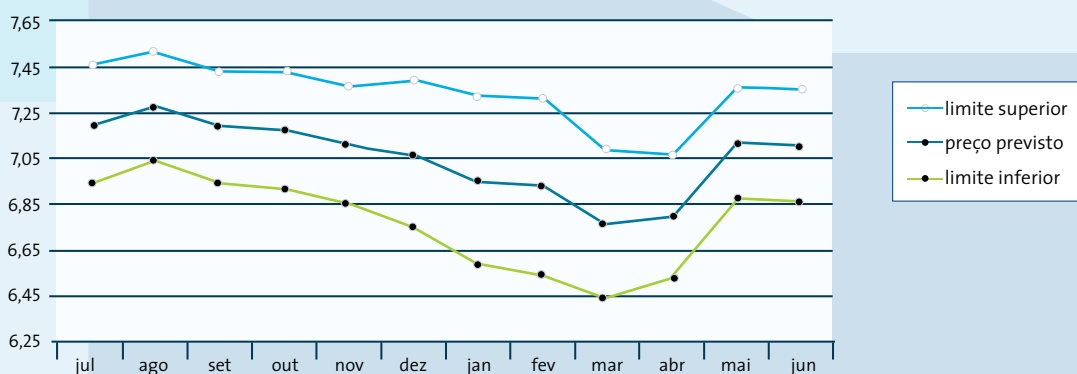


Fonte: AC Bahia / TH Consult

Da mesma forma que para a próxima safra internacional, estimar a produção nacional para o próximo ano agrícola do cacau (outubro de 2014 a setembro de 2015) é tarefa árdua. Há expansão da lavoura cacaueira em novas áreas, principalmente no Pará, e, também, há muitos projetos de implantação da cultura em Estados não produtores hoje em dia, como o Ceará. Esta expansão ainda é lenta, além disso, ainda sofremos muitos com problemas fitossanitários no país. Por isso, para o próximo período a safra brasileira deve continuar acima das 200 mil toneladas, porém ainda não deverá ultrapassar 240 mil toneladas, que é a capacidade de processamento nacional.

Já em relação aos preços, não havendo graves choques de oferta no mercado nacional e internacional e nem a taxa de câmbio passando para patamares muito distantes dos atuais, os preços no principal Estado produtor, a Bahia, poderá seguir a trajetória apresentada no Gráfico 6. A previsão pelo método utilizando fatores de sazonalidade reais, na Bahia, para os doze meses subsequentes a julho, apresentou média de preços de R\$ 7,06/kg da amêndoa. No mesmo gráfico também podem ser visualizados os limites inferiores e superiores da previsão.

Gráfico 6 – Previsão 2014/15 Utilizando Fatores de Sazonalidade Reais - Bahia (R\$/kg)



Fonte: Conab



1. Mercado internacional

O *United States Department of Agriculture (USDA)* está projetando uma produção mundial para a safra 2014/15 de 148,67 milhões de sacas. Quanto ao consumo mundial, aquele organismo internacional, que monitora dados sobre a agricultura americana e global, está prevenindo que será consumido no ciclo 2014/15, um total de 147,71 milhões de sacas, o que sugere para este ano, um quadro bem ajustado entre a oferta e a demanda. Nos últimos 8 anos a taxa de crescimento médio anual do consumo mundial de café, segundo o próprio USDA, foi de 1,46%. Acredita-se que essa taxa deverá ser mantida, ou possivelmente registrar um leve crescimento para o próximo ano, tendo em vista a inclusão de novos bebedores de café nos países em desenvolvimento. Portanto, diante dessa expectativa, estima-se que para 2015/16, o consumo global deverá atingir algo próximo de 149,87 milhões de sacas, o maior volume já registrado até aqui para essa série histórica.

Se for usado raciocínio semelhante para a produção, conclui-se que esta, em 2015/16, deverá se estabilizar próxima de 150,68 milhões de sacas, levando-se em conta que a taxa de crescimento médio anual, nos últimos 8 anos, foi de 1,35%. Entretanto, a produção brasileira, que representa em média cerca de 33% da produção global, para o ano vindouro, ainda é uma incógnita, pois poderá sofrer uma ligeira redução, tendo ainda como reflexo a estiagem que se abateu nas principais regiões produtoras de café no Brasil neste ano de 2014, o que poderia agravar o quadro de abastecimento mundial do grão.

É oportuno ressaltar a existência de um descompasso entre a produção e o consumo mundial de café nos últimos 8 anos. Enquanto a produção vem crescendo a uma taxa média de 1,35% ao ano, a demanda mundial pelo grão registra um incremento médio anual da ordem de 1,46%. Ou seja, a taxa média anual de crescimento do consumo mundial é 8,15% superior à taxa média anual da produção global.

O estoque final para o ano 2014/15 deverá atingir 32,12 milhões de sacas de 60 kg.

Sobre outros números relativos ao Quadro de Oferta e Demanda Mundial (previsão do USDA), referentes à projeção para o ano 2014/15, constatou-se o seguinte: estoque inicial: 36,029 milhões de sacas; produção: 148,671 milhões de sacas; importação: 115,868 milhões de sacas; exportação: 120,742 milhões de sacas; consumo: 147,710 milhões de sacas; e estoque final: 32,12 milhões de sacas, conforme pode ser constatado na Tabela 1, discriminada a seguir:

Tabela 1 – Oferta e demanda mundial (em milhões de sacas de 60 kg)

Ano	Estoque inicial	Produção	Importação	Oferta total	Exportações	Consumo	Demanda total	Estoque final
2006/07	32,932	133,622	97,246	263,800	104,718	123,039	227,757	36,043
2007/08	36,043	123,955	98,023	258,021	98,100	128,188	226,288	31,733
2008/09	31,733	136,196	97,895	265,824	100,885	125,016	225,901	39,923
2009/10	39,923	128,601	101,334	269,858	102,857	137,739	240,596	29,262
2010/11	29,262	140,417	106,772	276,451	113,409	134,087	247,496	28,955
2011/12	28,955	143,897	109,102	281,954	114,352	141,656	256,008	25,946
2012/13	25,946	155,140	112,919	294,005	116,379	141,620	257,999	36,006
2013/14	36,006	150,145	113,460	299,611	117,999	145,583	263,582	36,029
2014/15	36,029	148,671	115,868	300,568	120,742	147,710	268,452	32,116

Fonte: USDA

2. Mercado interno

2.1. Análise do comportamento do mercado de café

O ano-safra 2014/15 é um ano classificado como de bienalidade positiva, ou seja, deveria ser um ano de alta produção. Entretanto, apesar de uma expectativa de alta produtividade, o volume projetado para esta safra será o menor dos últimos três anos – 44,57 milhões de sacas – de acordo com a 2ª estimativa da Conab, que foi divulgada em maio deste ano. Este número ficou 9,32% abaixo do número apurado na safra anterior, 2013/14, que foi um ano de produção reduzida (bienalidade negativa), em que foram colhidas 49,15 milhões de sacas.

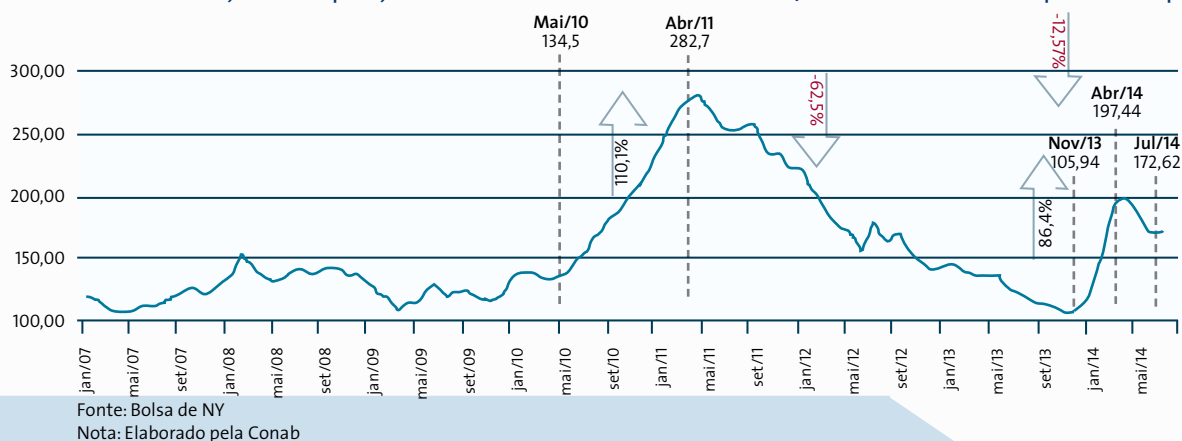
Essa redução, com relação à produção, ocorreu em função de uma severa estiagem que se abateu nas principais regiões produtoras de café no Brasil, no início de 2014.

Diante da seca no Brasil, os preços, tanto no mercado físico doméstico, quanto no mercado bursátil interno e internacional, tiveram incrementos representativos.

É oportuno mais uma vez destacar que, o Brasil é responsável por um terço de toda a produção de café mundial, o que significa um peso muito grande no mercado global do grão. Qualquer acontecimento que ocorra internamente – positiva ou negativamente – é refletido quase que de imediato no resto do mundo.

A Bolsa de Nova York, por exemplo, onde contratos relacionados ao café arábica são comercializados, registrou uma expansão de 86,4%, no período de novembro de 2013 a abril de 2014 (no início do ano de 2014, a seca no Brasil se intensificou), saindo de 105,94 centavos de dólar por libra-peso (em nov/13), para 197,44 cents/lib em abril/14, levando-se em consideração as médias mensais (Gráfico 1):

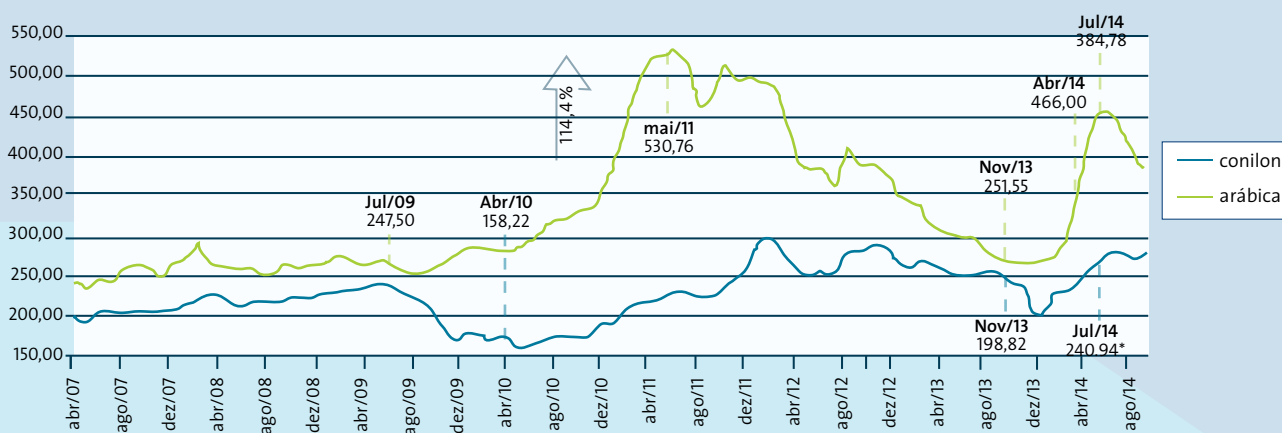
Gráfico 1 – Evolução dos preços do café – NY – café arábica (centavos de dólar por libra-peso)



No período de abril a julho de 2014, as cotações NY apresentaram um ligeiro recuo de 12,57%, fechando o mês de julho com média mensal de 172,62 cents/lib. Entretanto, esses preços estão se mantendo num patamar considerado elevado.

O mercado físico interno, acompanhou Nova York e apresentou um expressivo aumento de 85,25% no período de novembro de 2013 a abril de 2014, passando de R\$ 251,55, a saca de 60 kg em nov/13, para R\$ 466,00 em abr/14, ambos os casos, com médias mensais. Na sequência, ou seja, de abril até o mês de julho/2014, o mercado cedeu de forma moderada, atingindo a média mensal de R\$ 384,78 (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Comparativo dos preços arábica e conilon (em reais)



É importante destacar, também, que os preços têm se mantido em níveis relativamente elevados. A primeira semana de agosto/14, por exemplo, registrou uma média de R\$ 432,00.

Um dos motivos que contribuiu para essa sustentação de preços está relacionado a uma expressiva procura por parte dos importadores por café para recomporem os seus estoques nos últimos meses. Isso fica evidente quando se constata que as exportações no período de janeiro a julho de 2014 atingiram 20,80 milhões de sacas, resultando num incremento de 19%, em relação a idêntico período de 2013, quando os embarques alcançaram 17,44 milhões de sacas.

A seca, além de ter influenciado no quantitativo que foi produzido neste ano, acabou

afetando, também, a qualidade do produto apurado. Este fato está provocando uma corrida no mercado doméstico e internacional por grãos de melhor qualidade, o que favoreceu ainda mais o avanço dos preços.

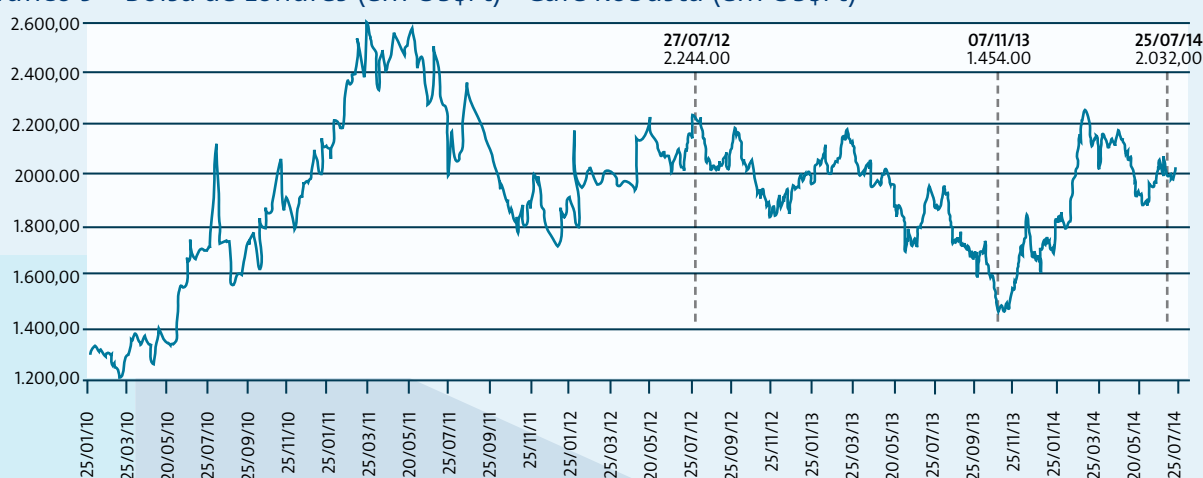
Essas cotações elevadas, no entanto, não estão estimulando os produtores a incrementarem a sua área em formação. Na verdade, muitos agricultores tiveram prejuízos, registrando perdas substantivas por causa da já citada estiagem. Em alguns casos os cafeicultores acabaram optando pelo esqueletamento de suas lavouras, uma vez que a expectativa de colheita não seria economicamente viável.

O resumo do quadro do mercado atual, no que se refere ao café arábica, seria o seguinte: o preço da commodity está elevado, entretanto, a expectativa de quebra na colheita da safra 2014/15 está sendo considerável, o que em alguns casos chega anular a estimativa de ganhos.

Com relação ao café conilon, constatou-se um comportamento semelhante ao que ocorreu no mercado do arábica.

A Bolsa de Londres, onde são comercializados contratos referentes ao café robusta, apresentou incremento de 40% no período de novembro de 2013 a julho de 2014, conforme pode ser constatado no Gráfico 3, discriminado a seguir:

Gráfico 3 – Bolsa de Londres (em US\$/t) - Café Robusta (em US\$/t)



Fonte: Bolsa de Londres

O mercado físico (interno) acompanhou, de forma mais moderada, a Bolsa de Londres. No período de novembro de 2013 a julho de 2014, os preços apresentaram um avanço de 21,2%, saindo de R\$ 198,82, a saca de 60 kg (novembro/2013), para R\$ 240,94 (março/2014), como se constata no Gráfico 2.

O conillon continua sendo muito demandado pelas indústrias torrefadoras para compor os seus *blends* e melhorarem, em contrapartida, as suas margens de comercialização.

Em média, nos últimos anos, somente 10% da produção do conilon nacional foram exportados. Os 90% restantes são absorvidos internamente pelas indústrias torrefadoras e do solúvel.

2.2. Perspectiva para a safra 2014/15

No Brasil, a área em produção de café tem decrescido. Nos últimos 10 anos, ou seja, de 2004 a 2014, essa área apresentou um decréscimo de 13%, passando de 2,21 milhões de hectares em 2004, para 1,93 milhões de hectares em 2014 (2ª estimativa da Conab).

Por outro lado, o que se constata é que a produção de café, no mesmo período (de 2004 a 2014), tem apresentado números crescentes. Para o ano-safra 2014/15, por exemplo, apesar da produção nacional de café ter sofrido uma redução relevante em função da estiagem que se abateu nas principais regiões produtoras do país está prevista a colheita de um volume relativamente significativo. A 2ª estimativa da Conab aponta que o Brasil deverá colher neste ano, 44,57 milhões de sacas. Esse número ficou 9,32% abaixo em relação ao que foi produzido no ano de 2013/14, que foi um ano de safra baixa (de bialidade negativa).

O que se constata é que a produtividade tem aumentado nos últimos anos. Tudo isso fruto de pesquisas que vêm sendo realizadas, as quais contribuem para a criação de novas variedades mais resistentes às doenças e pragas, e, por sua vez, mais produtivas. Por outro lado, modelos de plantios mais adensados também colaboram para esse incremento na produtividade. Especificamente nos últimos 10 anos, a produtividade registrou um forte incremento de 30,37%, saindo de 17,75 sacas por hectare no ano 2004, para 23,14 sacas por hectare em 2014. Ressalte-se que no ano de 2014 foi quando ocorreu a estiagem que provocou a queda de produção cafeeira nacional.

Com relação à área em formação, constata-se aumento de 15,7%, entre os anos de 2013 e 2014 (2ª estimativa Conab 2014), saindo de 295.174 hectares (em 2013), para 341.504 hectares (em 2014).

Esse avanço na área em formação ainda pode ser atribuído aos preços competitivos que os cafeicultores obtiveram durante os anos de 2010 e 2011. Essa é uma praxe recorrente; toda vez que as cotações se elevam, as margens de comercialização melhoram e os cafeicultores, motivados, aumentam a sua área de plantio.

Entretanto, apesar das cotações do café estarem sendo praticadas nos últimos meses, num patamar de preços remuneradores, a realidade atual é bem diversa daquela registrada há três anos. O preço elevado do café, atualmente, está diretamente relacionado à escassez do produto no mercado, tendo em vista a forte estiagem que ocorreu no início deste ano. Para agravar ainda mais este quadro de desequilíbrio entre a oferta e a demanda constata-se que o consumo mundial do grão continuará na sua rota ascendente. O Diretor da Organização Internacional do Café (OIC), o brasileiro Robério Silva, afirmou, recentemente, que a expansão do consumo global de café deverá se manter entre 2 e 2,5% aa., nos próximos anos.

Nesse momento, países emergentes têm contribuído muito para esse incremento no consumo mundial do grão. Apesar de alguns países em desenvolvimento estarem apresentando taxas moderadas de crescimento das suas economias, nos últimos anos, como foi o caso da China, que em 2013 apresentou crescimento do PIB de 7,7% (incremento idêntico ao de 2012, o menor desde 1999), estes países ainda estão incluindo um número bastante representativo de pessoas no seu mercado de trabalho, ampliando, por consequência, as suas bases de consumo.

Durante todo o ano de 2014 constatou-se no mercado muita volatilidade de preços. Esse clima de incerteza - sobre quais seriam os números conclusivos (prognóstico mais aproximado) para a safra de 2014/15 -, acabou gerando muito boataria, o que favoreceu ainda mais para essas alternâncias bruscas nas cotações.

Portanto, é factível que a área plantada de café em formação, para o ano 2015/16 sofra uma redução. É bom que se destaque que essa elevação de preços ocorreu a partir de meados do mês de dezembro/2013, quando os reflexos da estiagem se tornaram mais concretos. Afinal, os preços estão elevados, mas o número de sacas de café que deverão ser produzidas no país, certamente diminuirá. O produtor está cético com relação ao que poderá vir para o próximo ano. Na dúvida, este cafeicultor não deverá investir na abertura de novas áreas produtivas. A previsão é de que a área em formação tenha um recuo da ordem de 26,64%, em relação à safra 2014/15, passando de 341.504,4 hectares (2ª estimativa Conab 2014/15), para 250.518 hectares em 2015/16. Na verdade a maior parte dessa contração deverá ocorrer na área em formação do café arábica, cerca de 30%, passando de 303.287,4 hectares em 2014/15, para 212.301 hectares no próximo ano (2015/16).

Essa redução na área em formação do arábica acontecerá, uma vez que muitos talhões desse grupo de plantas passarão a integrar a área em produção dessa variedade. Cabe salientar que muitas mudas acabaram morrendo em função do período crítico da estiagem.

Mesmo com a incorporação desses novos cafeeiros oriundos da área em formação (da safra 2014/15), a área em produção do café arábica para 2015/16 deverá, também, apresentar contração.

O ano de 2015/16 será um ano de bienalidade negativa, ou seja, de baixa produção. Esse fenômeno ocorre quando a planta sofre um estresse fisiológico, comprometendo negativamente a sua capacidade produtiva.

Por outro lado, a severa estiagem que se abateu neste ano de 2014 sobre os pomares de café no Brasil deverá influenciar o sistema produtivo da planta para a próxima safra, de 2015/2016, o que poderia comprometer o volume a ser apurado naquele período.

Muitos cafeicultores, em função dos preços baixos que foram praticados até o final do ano de 2013, não tiveram condições de fazer aplicações de fertilizantes e inseticidas de acordo com as recomendações técnicas. Segundo o diretor técnico da Cooperativa dos Cafeicultores da Zona de Três Pontas (Cocatrel), “as defesas das plantas estão muito baixas”.

Na sequência, alguns cafeicultores (com destaque para os produtores de café arábica) que se sentiram mais prejudicados por conta da seca, deverão diversificar parte de sua área de plantio com outras culturas, ou seja, alguns talhões de café deverão ser erradicados.

O milho e a soja, por exemplo, deverão apresentar incrementos de preços já a partir do mês de setembro/2014, e certamente muitos produtores de café deverão direcionar parte de suas áreas para o plantio dessas culturas.

Essa previsão de aumento de preços de algumas *commodities* deverá ocorrer em fun-

ção de que a Rússia, nos próximos dias, estará aumentando, substancialmente, as suas importações de alimentos provenientes do Brasil, principalmente de carne de frango, gado e suínos (todos alimentados a base de ração tendo o milho e a soja como ingredientes básicos). Isto acontece, tendo em vista que aquele país resolveu implementar medidas - aparentemente retaliatórias - contra os Governos dos Estados Unidos e da União Europeia, por estes terem implementado sanções ao Governo do Kremlim, por conta do seu suposto envolvimento na crise da Ucrânia.

Portanto, a área em produção de café total, composta por arábica e conilon, deverá diminuir, mas nada tão substantivo. Entretanto, mais uma vez só teremos redução na área de arábica. A área de conilon deverá se manter igual a de 2014/15.

Com relação à área em produção do arábica para 2015/16, estamos projetando um recuo da ordem de 1,64% (média da redução da área em produção de café arábica nos últimos 05 anos), ao que foi constatado nos números da Conab para a safra de café arábica 2014/15 (2ª estimativa da Conab) – 1.477.343,5 hectares. Então, teríamos uma expectativa de área em produção de arábica, para a safra 2015/16, de 1.453.115 hectares.

Com relação às áreas em formação e em produção de café conilon, para 2015/16, estas não deverão sofrer alterações. Então tem-se o seguinte: área em formação de café conilon para o ano 2015/16 de 38.217 hectares; e área em produção de conilon para a safra 2015/16 de 448.729 hectares.

Tabela 2 – Projeção de área safra 2015/2016 (por hectare)

Café	Área em formação	Área em produção	Total
Árábica	212.301	1.453.115	1.665.416
Conilon	38.217	448.729	486.946
Total	250.518	1.901.844	2.152.362

Fonte: Conab

No que tange à produtividade, observa-se que o crescimento médio bianual da média nacional, no período de 2005 a 2013, levando-se em consideração apenas anos de bienalidade negativa, foi de 13,17%. Optou-se por uma série de anos de bienalidade negativa, uma vez que 2015/16 será um ano de baixa produção.

Portanto, para se chegar a uma estimativa da produtividade para o café arábica (safra 2015/16) aplicou-se a taxa de crescimento médio de 13,17% (referente a taxa de crescimento médio no período de 2005 a 2013), sobre a produtividade projetada para este tipo de café referente a safra 2014/15 (2ª estimativa da Conab), de 21,82 sacas por hectare, sendo alcançado o resultado de 24,69 sacas por hectare.

É importante destacar, que apesar de 2014/15 ser teoricamente um ano de bienalidade positiva (de produção elevada), a realidade que se constata nas áreas produtoras se adequa mais a um cenário de baixa produção, com plantas debilitadas em função da estiagem. Daí o motivo para se aplicar a taxa de crescimento médio de 13,17%, referente ao crescimento médio de anos de bienalidade negativa, diretamente sobre a produtividade encontrada em 2014/15, um ano de bienalidade positiva.

Deve ser registrado também que uma parcela substantiva de produtores não adotou tratamentos culturais adequados nos seus pomares e, ainda existe a possibilidade de não se colocar sob controle o desenvolvimento da broca-do-café que vem atingindo algumas regiões produtoras do país.

No caso do café conilon aplicou-se a taxa de 5,11%, que corresponde à taxa de crescimento médio anual no período de 2008 a 2014, sobre a produtividade média nacional do conilon para 2014/15, de 27,48 sacas por hectare, chegando-se ao número de 28,88 sacas por hectare.

Essa série histórica de 2008 a 2014 refere-se exclusivamente a dados de café conilon. Convém ressaltar ainda que a alternância de produção (bienalidade positiva e negativa), tem pouca influência nessa variedade, daí a decisão de incluir todos os anos (da série) no levantamento em epígrafe.

Multiplicando-se, então, a área de café arábica em produção (prevista para 2015/16), de 1,453 milhão de hectares, pela expectativa de produtividade média nacional desse café para o próximo ano (24,69 sacas por hectare), seria obtido um volume de 35,875 milhões sacas de café arábica a serem produzidas para a próxima safra.

Com relação ao café conilon, multiplicando-se a área em produção prevista para 2015/16 de 448.729 hectares, pela expectativa de produtividade média nacional do conilon para o próximo ano, de 28,88 sacas por hectare, seria obtido um volume de 12,959 milhões de sacas.

Portanto, a produção total brasileira em 2015/2016 de café arábica e café conilon atingiria 48,834 milhões de sacas.

Visando identificar um intervalo de confiança, aplicar-se-ia um percentual de 2% (para cima e para baixo), sobre a previsão de produção total brasileira de 48,834 milhões de sacas de 60 kg e seria obtido um limite inferior de 47,857 milhões de sacas de 60 kg e um limite superior de 49,810 milhões de sacas de 60 kg (Tabela 3).

Tabela 2 – Produção de café - safra 2015/2016 (em mil sacas de 60kg)

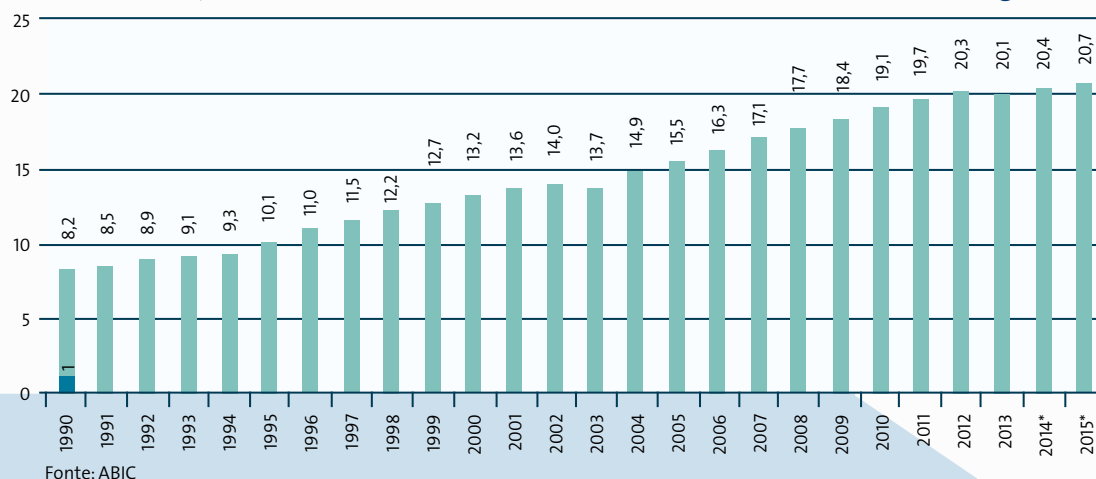
	Arábica	Conilon	Total
Limite Superior	36,592	13,218	49,810
Produção	35,875	12,959	48,834
Limite Inferior	35,157	12,700	47,857

Fonte: Conab

2.3. Consumo interno

Com relação ao consumo doméstico para o ano de 2014, estima-se que este deverá apresentar um incremento de 1,5%, em relação à previsão do ano de 2013, que era de 20,1 milhões de sacas, segundo a ABIC. Portanto, o consumo interno relativo ao ano de 2014 deverá alcançar 20,4 milhões de sacas. Com relação a 2015, projeta-se um incremento de 1,5%. Concluindo: a demanda doméstica para 2015 deverá atingir 20,71 de sacas (Gráfico 4).

Gráfico 4 – Evolução do consumo de café no Brasil (em milhões de sacas/60kg)



2.4. Exportações

No mês de julho de 2014 as exportações atingiram 3,124 milhões de sacas de 60 kg, incluindo-se os verdes, os solúveis, os torrados e outros extratos. Isto representou um expressivo avanço de 39,29% em relação ao mesmo mês do exercício anterior. No comparativo com junho/2014, registrou-se uma expansão de 6,2%. Em junho foram exportadas 2,942 milhões de sacas.

No acumulado dos últimos doze meses – de agosto de 2013 a julho de 2014 – os embarques ao exterior apresentaram uma expansão de 13,27% em relação a igual período anterior, passando de 31,227 milhões de sacas em 2013/2012 para 35,370 milhões de sacas em 2014/2013 (Tabela 4).

Tabela 4 – Comparativo das exportações brasileiras de café – Volume (Sacas de 60 Kg)

Mês	Café verde			Café solúvel			Café torrado			Café out. ext.			Total		
	2014/2013	2013/2012	Var%	2014/2013	2013/2012	Var%	2014/2013	2013/2012	Var%	2014/2013	2013/2012	Var%	2014/2013	2013/2012	Var%
Ago	2.398.567	2.280.883	5,16%	256.967	362.917	-29,19%	2.360	4.423	-46,64%	9.057	6.023	50,36%	2.666.950	2.654.246	0,48%
Set	2.460.417	1.968.533	24,99%	336.830	325.823	3,38%	1.745	3.630	-51,91%	16.510	13.867	19,06%	2.815.502	2.311.853	21,79%
Out	2.917.333	2.669.067	9,30%	305.847	339.690	-9,96%	5.117	3.332	53,57%	20.020	6.630	201,96%	3.248.317	3.018.719	7,61%
Nov	2.711.783	2.503.617	8,31%	247.000	292.500	-15,56%	4.621	2.459	87,90%	13.477	12.523	7,61%	2.976.881	2.811.099	5,90%
Dez	2.523.017	2.622.367	-3,79%	315.943	348.053	-9,23%	4.403	2.519	74,80%	14.083	13.130	7,26%	2.857.446	2.986.069	-4,31%
Jan	2.545.500	2.352.900	8,19%	284.700	278.503	2,22%	1.646	1.904	-13,54%	24.267	17.550	38,27%	2.856.113	2.650.857	7,74%
Fev	2.602.850	1.897.383	37,18%	246.653	246.350	0,12%	2.340	2.102	11,32%	33.627	14.733	128,24%	2.885.470	2.160.569	33,55%
Mar	2.556.117	2.296.950	11,28%	225.203	305.110	-26,19%	2.221	2.797	-20,57%	25.480	20.973	21,49%	2.809.021	2.625.830	6,98%
Abr	2.863.850	2.458.433	16,49%	293.063	308.837	-5,11%	2.598	3.213	-19,14%	28.860	14.213	103,05%	3.188.372	2.784.696	14,50%
Mai	2.692.600	2.295.983	17,27%	268.017	285.393	-6,09%	1.765	4.621	-61,80%	36.530	17.810	105,11%	2.998.912	2.603.808	15,17%
Jun	2.622.167	2.083.600	25,85%	270.053	270.183	-0,05%	3.907	3.868	1,03%	46.323	18.330	152,72%	2.942.451	2.375.981	23,84%
Jul	2.769.383	1.922.750	44,03%	314.123	300.257	4,62%	2.717	3.193	-14,91%	38.740	17.290	124,06%	3.124.964	2.243.490	39,29%
Total	31.663.583	27.352.467	15,76%	3.364.400	3.663.617	-8,17%	35.442	38.060	-6,88%	306.973	173.073	77,37%	35.370.399	31.227.217	13,27%
jan/ mar 14	7.704.467	6.547.233	17,68%	756.557	829.963	-8,84%	6.208	6.803	-8,75%	83.373	53.257	56,55%	8.550.605	7.437.256	14,97%
abr/ jun 14	8.178.617	6.838.017	19,61%	831.133	864.413	-3,85%	8.271	11.702	-29,32%	111.713	50.353	121,86%	9.129.734	7.764.485	17,58%

Fonte: MDIC/Secex

No primeiro trimestre deste ano os embarques alcançaram 8,551 milhões de sacas, número 14,97% maior do que foi constatado no período de janeiro a março de 2013, em que foram exportadas 7,437 milhões de sacas.

No segundo trimestre de 2014, a taxa de crescimento foi um pouquinho maior, de 17,58% em relação a idêntico período do ano de 2013 – 7,764 milhões de sacas (2º trimestre de 2013) e 9,130 milhões de sacas (2º trimestre de 2014).

A economia americana emite sinais de melhora. Em julho de 2014 os Estados Unidos criaram 209 mil postos de trabalho. A taxa de desemprego em julho naquele país ficou praticamente inalterada, em 6,2%, ante 6,1% em junho. Por outro lado, a crise da União Europeia continua mal resolvida. A economia da Zona do Euro teve crescimento zero, no segundo trimestre de 2014, ante o primeiro trimestre deste ano. A Alemanha, considerada o principal motor daquele bloco econômico, registrou, no segundo trimestre, retração de 0,2% em relação aos três primeiros meses do ano. Os países emergentes, que por algum tempo ajudaram a manter a taxa de crescimento mundial no positivo, hoje apresentam crescimento moderado. Apesar das incertezas quanto ao cenário internacional, a perspectiva de crescimento do consumo global de café ainda é considerável. O USDA registrou, nos últimos 8 anos, um crescimento médio anual da ordem de 1,46% e a Organização Internacional do Café (OIC) está prevendo, para os próximos anos, incremento variando entre 2,0 a 2,5% ao ano.

O café é o quinto item de importância na pauta de exportação do agronegócio brasileiro. Nos últimos doze meses, de agosto de 2013 a julho de 2014, a receita apurada com as exportações do produto atingiu a cifra de US\$ 5,64 bilhões, o que representou uma contração de 5,74%, em relação a idêntico período anterior (Ver Tabela 5).

Tabela 5 – Comparativo das exportações brasileiras de café – Receita (Sacas de 60 Kg)

Mês	Café verde			Café solúvel			Café torrado			Café out. ext.			Total		
	2014/2013	2013/2012	Var%	2014/2013	2013/2012	Var%	2014/2013	2013/2012	Var%	2014/2013	2013/2012	Var%	2014/2013	2013/2012	Var%
Ago	358.026	465.101	-23,02%	46.366	71.320	-34,99%	678	1.986	-65,86%	1.720	974	76,59%	406.790	539.381	-24,58%
Set	357.593	411.489	-13,10%	62.326	63.933	-2,51%	537	1.568	-65,75%	2.268	1.777	27,63%	422.724	478.767	-11,71%
Out	424.708	570.857	-25,60%	57.592	65.641	-12,26%	1.982	1.370	44,67%	2.254	876	157,31%	486.536	638.744	-23,83%
Nov	376.805	528.480	-28,70%	44.171	57.194	-22,77%	2.030	1.091	86,07%	1.734	1.614	7,43%	424.740	588.379	-27,81%
Dez	346.457	538.420	-35,65%	55.978	67.277	-16,79%	1.784	1.147	55,54%	1.561	1.808	-13,66%	405.780	608.652	-33,33%
Jan	339.097	468.505	-27,62%	48.347	54.570	-11,40%	783	978	-19,95%	3.194	2.464	29,63%	391.421	526.517	-25,66%
Fev	362.061	362.447	-0,11%	41.030	50.756	-19,16%	1.023	1.069	-4,30%	4.360	2.358	84,90%	408.474	416.630	-1,96%
Mar	409.264	423.579	-3,38%	37.647	57.662	-34,71%	877	1.278	-31,38%	3.905	3.471	12,50%	451.693	485.990	-7,06%
Abr	500.838	432.854	15,71%	48.691	60.170	-19,08%	909	1.657	-45,14%	3.679	2.543	44,67%	554.117	497.224	11,44%
Mai	503.699	397.769	26,63%	43.749	53.829	-18,73%	589	980	-39,90%	4.730	2.718	74,03%	552.767	455.296	21,41%
Jun	498.929	339.029	47,16%	45.827	51.268	-10,61%	1.483	1.671	-11,25%	5.628	2.739	105,48%	551.867	394.707	39,82%
Jul	521.650	294.465	77,15%	55.252	55.078	0,32%	989	1.217	-18,73%	4.797	2.022	137,24%	582.688	352.782	65,17%
Total	4.999.127	5.232.995	-4,47%	586.976	708.698	-17,18%	13.664	16.012	-14,66%	39.830	25.364	57,03%	5.639.597	5.983.069	-5,74%
jan/ mar 14	1.110.422	1.254.531	-11,49%	127.024	162.988	-22,07%	2.683	3.325	-19,31%	11.459	8.293	38,18%	1.251.588	1.429.137	-12,42%
abr/ jun 14	1.503.466	1.169.652	28,54%	138.267	165.267	-16,34%	2.981	4.308	-30,80%	14.037	8.000	75,46%	1.658.751	1.347.227	23,12%

Fonte: MDIC/Secex

Conforme comentado no início deste estudo, muitos países importadores estão recompondo os seus estoques. A safra brasileira de 2014 teve uma expressiva redução, em função da estiagem que se abateu no início deste ano, nas principais regiões produtoras do grão.

Além da expectativa de redução, a qualidade do café colhido nesta safra, em alguns casos, ficou comprometida.

Diante dessa realidade, se estabelece conjecturas de que as exportações continuarão a se expandir e a previsão é de que o Brasil deverá exportar cerca de 35,0 milhões de sacas em 2014/2015 e possivelmente 36,0 milhões de sacas (o que seria um recorde) em 2015/16.

3. Preço

Tendo em vista que a safra brasileira de café 2014/15 e, possivelmente, a safra 2015/16 deverão apresentar volumes um pouco mais reduzidos, refletindo os efeitos da estiagem que se abateu nas principais regiões produtoras de café no Brasil no início deste ano, o que certamente contribuirá para encurtar a oferta do grão no mercado mundial; que muitos países importadores, neste momento, estão recompondo os seus estoques; que uma parcela da produção da safra 2014/15 deverá apresentar queda na qualidade, resultante, ainda, do efeito da estiagem; tendo em vista que a oferta e a demanda mundial - produção e consumo - estão bem ajustadas (vide Tabela 1); que o incremento da taxa média anual do consumo global de café, nos últimos 08 anos, ficou 8,15% acima da taxa média anual da produção, é de se prever que o preço do café, tanto no mercado interno, quanto a nível mundial, deverá permanecer num patamar elevado, no curto e no médio prazos.

4. Prospekção

Quanto ao panorama internacional, a expectativa para o ano 2015/16 é de que o consumo mundial de café continue crescendo nas mesmas proporções que vêm sendo constatadas nos últimos 8 anos, a uma taxa média de 1,46% ao ano. Por outro lado, o incremento médio da produção mundial no mesmo período ficou abaixo disso, registrando 1,35% ao ano. Esse descompasso entre a oferta e a demanda resultará em preços mais elevados, no curto e médio prazos.

A área em formação do arábica para a safra 2015/16 deverá apresentar redução de 30%, ficando por volta de 212 mil hectares. A área em produção (do café arábica), para essa mesma safra deverá, também, sofrer uma contração de 1,64%, estacionando por volta de 1,453 milhão de hectares.

A área em formação e em produção do café conilon, para o ano 2015/16, deverá permanecer do mesmo tamanho constatado na safra 2014/15: 38,2 mil hectares e 448,73 mil hectares, respectivamente.

A produção de arábica em 2015/16, atingirá 35,87 milhões de sacas e a de conilon 12,96 milhões de sacas.

O consumo doméstico em 2015/16 deverá ficar por volta de 20,7 milhões de sacas e as exportações poderão alcançar, nesse mesmo ano, 36,0 milhões de sacas.



CANA-DE-AÇÚCAR

WELLINGTON SILVA TEIXEIRA



1. Introdução

O setor sucroenergético tem sido sustentado pelo mercado do açúcar, haja visto que o etanol ainda não emplacou como se previa há alguns anos. A energia proveniente da biomassa também cresce de forma tímida, porém, com um potencial enorme que carece de fortes investimentos.

Não há dúvidas de que o setor é visto de forma estratégica, tanto para o uso de biocombustível no lugar da gasolina, que é fóssil e finita, quanto na geração de energia a partir da queima do bagaço, em complemento à energia proveniente das hidrelétricas.

No entanto, os últimos cinco anos não foram nada favoráveis ao setor sucroenergético, abalado por fortes crises de oferta, levando os preços a patamares não remuneradores. Além disso, o fator clima também tem castigado os canaviais, seja por excesso de chuva em alguns anos, seja pela sua falta nos demais. Em decorrência deste cenário, muitas usinas fecharam e muitas outras estão em processo de falência.

A despeito dos entraves que o setor tem encontrado para o crescimento, acredita-se em um futuro promissor, diante da possibilidade de aquecimento do mercado do açúcar e de que o etanol possa realmente cumprir o seu papel na matriz energética do Brasil.

Por outro lado, os grandes investimentos de que o setor precisa para atender os mercados do açúcar, etanol e bioeletricidade podem ficar pelo caminho. Tanto o Fundo Monetário Internacional (FMI) quanto o Banco Central do Brasil e diversos economistas apostam em um crescimento da economia brasileira em 2014, muito aquém do projetado e do que se espera de

um país em franco desenvolvimento. De acordo com o relatório do FMI, publicado em julho de 2014, o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) em 2014 deverá ser de apenas 1,3% e em 2015 de 2%. Ou seja, para um clima de desconfiança no mercado, o que normalmente afugenta os investidores.

Desta forma, o objetivo do presente trabalho é apresentar um panorama do passado recente do setor, procedendo a uma análise prospectiva da próxima safra, no que tange à produção, preços e ao abastecimento de açúcar e etanol.

2. Panorama internacional

De acordo com as estimativas do *United States Department of Agriculture (USDA)*, em seu relatório de Maio de 2014, na safra mundial 2014/15 (Out14 – Set15) serão produzidas cerca de 175,6 milhões de toneladas de açúcar, volume praticamente idêntico ao produzido no ciclo atual. O Brasil continuará como maior produtor mundial. No entanto, deverá sofrer redução nessa produção de 2,6%. Já na Índia, segundo maior produtor, haverá recuperação da produção de 3,3%, chegando a 27,9 milhões de toneladas. Na Tailândia, importante exportador de açúcar, haverá recuo de 3,5% na produção.

A produção mundial na safra 2014/15, ainda de acordo com as projeções do USDA, será 2,97% superior ao consumo. A variação do consumo em relação à safra anterior será de 1,82%, o que acarretará em uma ligeira queda nos estoques finais. Os três maiores consumidores de açúcar são a Índia, EU-27 e China. Cabe registrar que as estimativas do USDA estão indo de encontro aos demais agentes de mercado, pois parece haver consenso de que o próximo ciclo mundial do açúcar será de déficit entre a produção e o consumo.

O mercado dá sinais de que o cenário de déficit pode realmente acontecer, já que as cotações do açúcar na bolsa de Nova Iorque estão ao redor de ¢\$ 17,12/libra-peso, o que contabiliza valorização de 4,71% em comparação a este mesmo período do ano passado, quando estava em ¢\$ 16,35/libra-peso. Há três anos as cotações eram da ordem de ¢\$ 30,00/libra-peso, quando representavam níveis recordes e altamente rentáveis.

O mercado internacional do etanol é ainda muito pequeno. Os grandes consumidores do produto são também produtores. O Brasil utiliza a cana-de-açúcar para produção de etanol, enquanto os Estados Unidos utilizam o milho como matéria-prima. Portanto, os preços do milho, altamente influenciados pelo mercado mundial, poderão definir a oferta americana de etanol. Nas últimas semanas os preços da *commodity* têm sofrido quedas drásticas diante de uma oferta global abundante. Assim, a expectativa é de que uma quantidade maior de milho encontre mercado nas indústrias de etanol nos Estados Unidos.

3. Panorama nacional

A safra atual está sob a influência de efeitos climáticos negativos, devido à forte seca ocorrida na Região Centro-Sul. O 2º Levantamento da Safra 2014/15, realizado pela Conab, em agosto de 2014, conseguiu apurar estes efeitos ao apontar para uma produção de cerca de 659,1 milhões de toneladas de cana-de-açúcar, volume praticamente idêntico ao verificado na safra anterior.

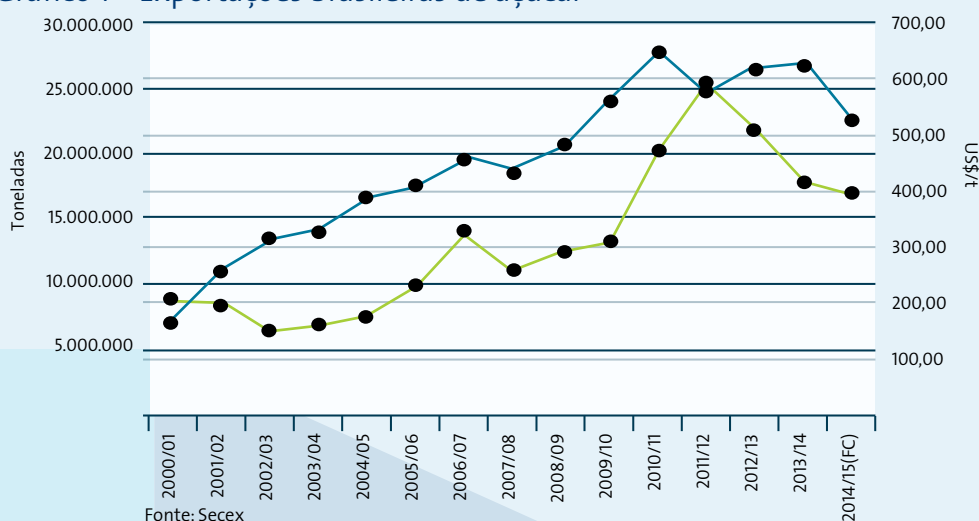
Do total colhido, em torno de 46,9% será destinado para a produção de açúcar, enquanto o restante (53,1%) será para a produção de etanol. A maior parte da cana direcionada à produção de etanol confirma a tendência que vinha ocorrendo em safras anteriores, ou seja, sinalizando que o setor produtivo tem uma perspectiva favorável para o mercado do etanol.

A previsão é de que serão produzidas na safra atual 38,3 milhões de toneladas de açúcar, volume apenas 1,00% superior ao apurado na safra 2013/14. Depois de três safras em franca expansão, a produção de etanol terá recuo de 1,19% em relação à safra anterior. Para o ciclo atual estão estimados 27,6 bilhões de litros, contra 27,9 bilhões de litros da safra anterior. Haverá uma recuperação da produção do etanol anidro de 6,11%, porém, o etanol hidratado recuará 6,54%.

3.1. Açúcar

O Brasil responde por aproximadamente 46% das exportações mundiais de açúcar, estando já consolidado como um grande *player* no cenário internacional. A tendência é de que o país mantenha esta posição, haja vista a necessidade de produção de alimentos para a crescente população mundial. Diante dessas necessidades, o único país que apresenta condições e área disponíveis para atender esta demanda é o Brasil. Os demais enfrentam fortes restrições no que diz respeito à disponibilidade de área para produção de alimentos e energia.

Gráfico 1 – Exportações brasileiras de açúcar



Tradicionalmente, cerca de 70% da produção de açúcar no Brasil é destinada ao mercado externo. No mercado brasileiro, o consumo de açúcar cresce a uma taxa próxima a do crescimento da população brasileira, pouco menos de 2% ao ano. Já o mercado mundial apresenta tendência de crescimento do consumo à despeito da atual crise européia.

As exportações brasileiras de açúcar alcançaram recordes nos últimos anos, frente à crescente demanda mundial. No entanto, caiu na última safra e nos primeiros três meses da safra atual. O volume exportado registra 20,3% de queda frente ao mesmo período da safra passada. Portanto, pode-se esperar que as exportações na safra atual sofram redução, a despeito de o mercado mundial continuar demandante. No primeiro semestre deste ano, o volume embarcado totalizou 10,1 milhões de toneladas, o que contabiliza 14,4% de queda em relação ao primeiro semestre de 2013. A continuar neste ritmo, as exportações poderão ser da ordem de 22,8 milhões de toneladas para a safra 2014/15, sendo este o menor nível desde a safra 2009/10.

3.2. Etanol

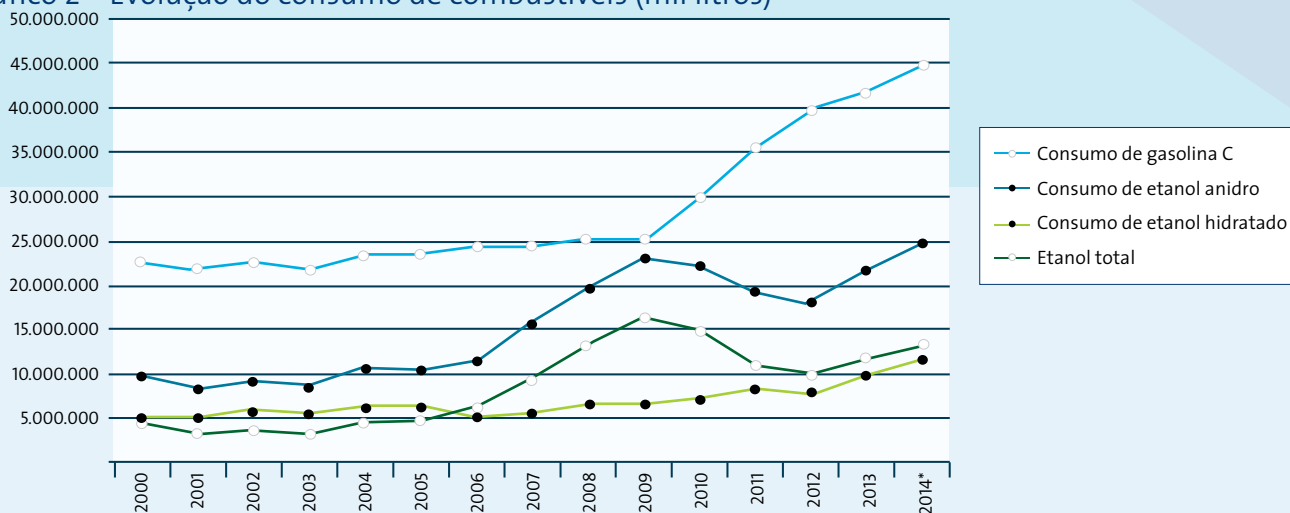
Por volta do ano de 2006 o etanol despontou como uma alternativa sustentável em substituição à gasolina. Vislumbrou-se possibilidade de o Brasil tornar-se o fornecedor mundial, em função das grandes áreas agricultáveis. No entanto, com o avanço do número de veículos *flex-fuel* e da redução da produção do biocombustível, a produção voltou-se para o mercado interno. A adesão mundial ao programa de uso do etanol ainda é incipiente, e isso se deve ao fato de ainda não haver grandes produtores mundiais que possam garantir o abastecimento, e ainda apresentar alternativas de fornecimento e preço.

As vendas de veículos *flex-fuel* representam aproximadamente 90% das vendas de veículos leves no Brasil e apesar do grande mercado potencial surgido em função da criação dos motores bicomcombustíveis, os preços de mercado do etanol hidratado não estiveram competitivos em relação à gasolina na maioria dos estados brasileiros, nas últimas safras. A consequência é a migração dos consumidores para a gasolina que hoje está com 25% de etanol anidro em sua mistura. Encontra-se em avaliação para atendimento a uma demanda do setor produtivo, a possibilidade de aumento da participação de anidro na gasolina, passando para 27,5%. Esta é uma medida que garante uma fatia maior de etanol anidro no mercado, no entanto, por outro lado, pode baratear ligeiramente a gasolina, tornando o combustível derivado do petróleo ainda mais competitivo perante o etanol hidratado.

Segundo dados da Agência Nacional do Petróleo (ANP), o consumo de etanol hidratado alcançou seu ápice em 2009 quando foram consumidos 16,5 bilhões de litros. Todavia, este consumo decresceu, atingindo em 2012 cerca de 9,8 bilhões de litros, significando, em termos percentuais, 40,6% de redução. Neste mesmo período, a gasolina que apresentava crescimento tímido passou de 25,4 bilhões de litros para 39,6 bilhões de litros (+56%), ocupando o espaço do etanol hidratado e puxando o consumo do anidro.

Em 2013 o consumo de etanol tomou fôlego e voltou a apresentar crescimento depois de três anos em queda (Gráfico 2). O ritmo de consumo no primeiro semestre deste ano aponta continuidade deste crescimento, tanto para o hidratado quanto para o anidro. Mantido o padrão apresentado nos primeiros seis meses do ano, 2014 deverá fechar com aumento no consumo de gasolina de 8,0%, enquanto o etanol hidratado deverá crescer 13,0% e o anidro 15%.

Gráfico 2 – Evolução do consumo de combustíveis (mil litros)



Fonte: Agência Nacional do Petróleo - ANP

4. Fatores críticos

A situação vivida hoje pelo setor sucroenergético está calcada não apenas no fator clima. A falta de investimentos no setor corrobora de maneira crucial para que a oferta dos seus subprodutos esteja limitada. Nos últimos anos, grandes grupos internacionais fizeram aquisições de indústrias brasileiras, em sua maioria, geridas por grupos familiares. No entanto, estas aquisições não implicaram na instalação de novas usinas, mas sim na expansão das já existentes. Além disso, houve uma concentração das usinas sob controle de grandes grupos estrangeiros.

Cabe ressaltar que, caso os investimentos estivessem concentrados na instalação de novas unidades, a oferta de cana-de-açúcar poderia atender ao crescimento do mercado interno e externo dos seus subprodutos, o que deixaria o país em uma situação de maior credibilidade frente ao potencial mercado mundial, principalmente no tocante ao etanol.

Nos últimos anos, houve o fechamento de várias unidades produtoras devido à crise vivida em 2008. Esta situação trouxe um agravante, pois a cana-de-açúcar migrou para ser processada em outras unidades vizinhas, deixando estas muito próximas da sua capacidade máxima de moagem e sendo um fator limitante de crescimento para o setor.

O clima tem sido grande fator crítico para o setor produtor de cana-de-açúcar. No período 2009/10, as principais regiões produtoras tiveram uma safra bastante chuvosa, o que prejudicou a qualidade da matéria-prima e atrapalhou os trabalhos de colheita. Como consequência, parte da cana teve que ser colhida na safra seguinte. Em 2010/11 ocorreu o inverso; o período muito seco durante a colheita prejudicou a rebrota da cana-de-açúcar, trazendo queda de rendimento, o que se repetiu no ano seguinte. Além disso, o clima seco impede que os tratos culturais e a renovação dos canaviais sejam realizados. Enquanto na safra passada o excesso de chuvas e ocorrência de geadas prejudicaram os canaviais do Paraná, Mato Grosso do Sul e parte de São Paulo, neste ano o cenário foi o inverso; uma forte seca assolou os canaviais no Centro-Sul, colocando a safra atual no mesmo patamar da safra passada.

5. Perspectivas

O clima ao longo deste ano exerce impacto na safra seguinte, pois a cana colhida agora rebrota e será colhida na próxima safra, assim como aquela que foi plantada neste exercício. Os efeitos da seca já são evidentes. No entanto, como os canaviais ainda irão passar por um período chuvoso, é muito cedo fazer qualquer inferência a respeito do resultado do clima na safra 2015/16.

A tendência de abertura de novas usinas é bastante tímida. Já a expansão dos canaviais se mantém nas principais regiões onde a cana-de-açúcar está em crescimento, quais sejam: Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso do Sul e São Paulo. São regiões que apresentam condições edafoclimáticas ideais para desenvolvimento da cultura, além de grandes extensões de pastagens degradadas.

De acordo com os dados apurados no segundo levantamento de safra da Conab, as áreas de expansão das usinas totalizam 403,9 mil hectares, sendo 96,4% na região Centro-Sul. Isto representa as novas áreas de plantio que estão sendo incorporadas e serão colhidas, em

parte, na safra 2015/16. A área de expansão na safra atual é 18,9% inferior à verificada na safra passada, o que evidencia a forte diminuição do ritmo de investimentos no setor. Além disso, deverão ser renovadas em torno de 977,5 mil hectares, ou seja, 0,88% superior à área renovada no ciclo passado.

Estima-se que na média, 45,0% das áreas de expansão e renovação utilizarão cana de ciclo de 12 meses e considera-se ainda a produtividade média de 100 toneladas por hectare em áreas de primeiro corte.

Assim, infere-se que as áreas de expansão irão contribuir com um adicional de 18,2 milhões de toneladas para a próxima safra. Já as áreas de renovação somarão 19,9 milhões de toneladas a mais do que elas produziram se não fossem renovadas, totalizando adicional de 38,1 milhões de toneladas de cana-de-açúcar na safra 2015/16, provenientes das áreas de expansão e renovação.

Portanto, considerando a produção proveniente dos canaviais nesta safra, com o mesmo nível de produtividade, somando o incremento das áreas renovadas e das áreas de expansão, estima-se uma produção em 2015/16 em cerca de 697,0 milhões de toneladas, significando um incremento de 5,79% em relação à safra atual. Cabe registrar que esta estimativa considera uma situação de normalidade no clima.

Considerando o *mix* de produção da safra atual em cerca de 46,1% da cana direcionada à fabricação de açúcar, estima-se que no próximo ciclo o Brasil produza 40,7 milhões de toneladas de açúcar e 29,1 bilhões de litros de etanol, o que representa aumento de 6,38% e 6,28%, respectivamente. A estimativa foi feita com base no rendimento da safra atual de 126,6kg de açúcar por tonelada de cana e de 77,7 litros de etanol por tonelada de cana. Deve-se levar em conta que estes rendimentos são fortemente influenciados pelas condições climáticas. Já a produção está condicionada ao mercado, uma vez que as usinas direcionam a cana para o açúcar ou para o etanol, em função da rentabilidade dos produtos.

Tanto o mercado mundial do açúcar, como as exportações brasileiras poderão continuar aquecidos. No entanto, variações muito significativas na safra dos principais países produtores em função de condições climáticas tanto para cima quanto para baixo poderão mudar o cenário previsto.

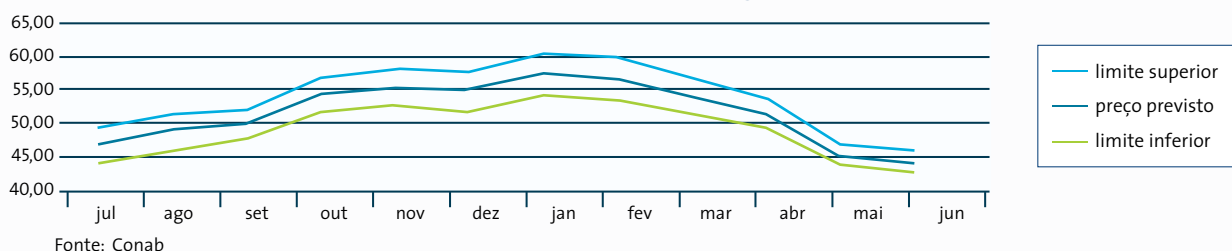
Considerando os números do USDA nas últimas cinco safras mundiais, a produção cresceu 31,7 milhões de toneladas, enquanto o consumo cresceu 14,0 milhões de toneladas, gerando um excedente mundial de açúcar e pressionando fortemente o mercado. Por outro lado, na safra atual a produção caiu 1,0% e o consumo subiu 1,8%, o que, de certa forma, vem contribuindo para conter esta pressão. Para o próximo ciclo mundial o USDA também prevê crescimento da produção inferior ao crescimento do consumo.

Apesar de o Brasil ser o maior produtor e exportador mundial de açúcar, a formação de preço no mercado mundial sofre forte influência dos demais países produtores como Índia e exportadores como a Tailândia. Portanto, do ponto de vista da comercialização, caso a safra nacional alcance os patamares aqui projetados e caso se confirme a projeção do USDA de que na safra mundial que se iniciará em outubro próximo haverá ligeira redução dos estoques finais, vislumbra-se para a próxima safra nacional um cenário de preços em patamares não

diferentes dos que estão praticados no momento.

Observando a sazonalidade dos preços do açúcar no mercado interno no último quinquênio (Gráfico 3), a projeção para os próximos doze meses corrobora com as perspectivas apresentadas no parágrafo anterior. Ou seja, com base no comportamento dos preços nas últimas cinco safras, a projeção para os próximos doze meses é de que os preços oscilem entre R\$ 42,00 e R\$ 60,00, sendo que os valores mínimos só deverão ser alcançados em meados de 2015, enquanto os valores máximos chegarão ao auge da entressafra no Centro-Sul do Brasil, em Janeiro de 2015.

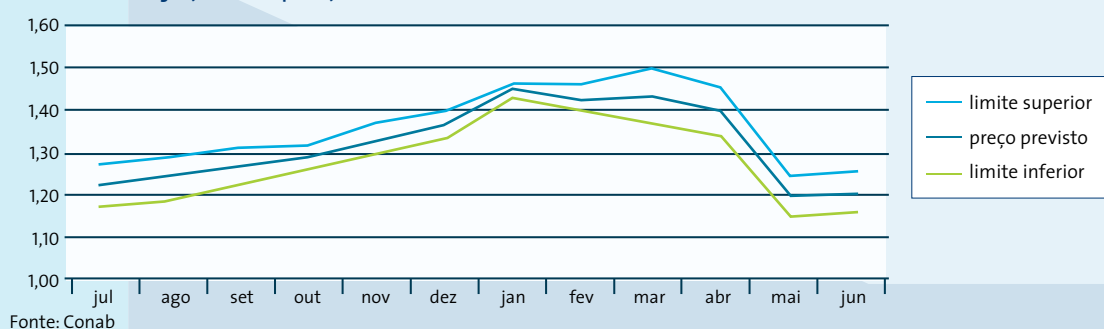
Gráfico 3 – Projeção dos preços do açúcar cristal R\$/50kg



Em relação ao etanol, o abastecimento interno continuará na próxima safra sendo o grande desafio do setor sucroenergético. Há uma forte demanda potencial de etanol, hoje atendida pela gasolina. A se confirmar o aumento da produção de etanol em 6,28% na safra vindoura, há uma forte tendência de que o aumento da oferta, principalmente de hidratado, leve o mercado a praticar preços mais competitivos, incrementando seu consumo nos veículos *flex-fuel*.

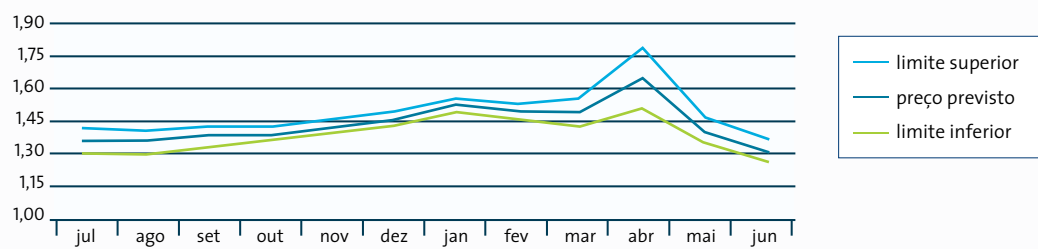
Ao analisar o Gráfico 4, no tangente aos preços do etanol hidratado, com base na mesma metodologia anterior, ou seja, projeção dos próximos doze meses com base no último quinquênio se confirma a ideia de que os preços poderão operar a níveis mais baixos no início da safra 2015/16.

Gráfico 4 – Projeção de preços do etanol hidratado



O mesmo comportamento é esperado para o etanol anidro, conforme observado no Gráfico 5. Ou seja, os preços observados nos últimos cinco anos projetam preços ascendentes até o final da entressafra em março. A partir da entrada da nova safra os preços poderão voltar para patamar ligeiramente inferior ao praticado atualmente.

Gráfico 5 – Projeção de preços do etanol anidro



Fonte: Conab

CARNES

WANDER FERNANDES DE SOUSA



1. Introdução

O Brasil continua como um dos principais atores do mercado internacional destacando-se como um dos maiores produtores de carnes no mundo. A Tabela 1 mostra o *ranking* brasileiro na produção, consumo e exportação de carne bovina, de frango e suína, frente ao mercado mundial. A receita estimada para 2014 com as exportações de carnes é da ordem de US\$ 16,5 bilhões.

Tabela 1 – Brasil - Participação no suprimento mundial de carnes 2014

	Bovino	Frango	Suíno
Produção	2º	3º	4º
Consumo	2º	4º	5º
Exportação	1º	1º	4º

Fonte: USDA, abr./2013
Nota: Elaborado pela Conab/Geole

O setor de carnes é também importante elo na cadeia produtiva de grãos, uma vez que consome significativa parte da produção de milho e farelo de soja, principais componentes da ração animal.

Como maior exportador mundial de carne bovina e de frango, o país tem o reconhecimento do mercado internacional, relativamente à qualidade e sanidade do produto. A agroindústria nacional utiliza as melhores tecnologias disponíveis, assegurando aos consumidores produtos de qualidade a preços competitivos.

O mercado interno também tem grande expressividade no consumo de carnes, considerando que cerca de 70% da produção de carne de frango são consumidos internamente. Já para as carnes bovina e suína, o consumo interno é de cerca de 80% e 86% da produção, respectivamente.

2. Mercado internacional

2.1. Oferta e Demanda

Os dados divulgados em abril de 2014 pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) indicam que a produção mundial de carne bovina neste exercício deverá se manter estável em relação ao ano de 2013, conforme se observa na Tabela 2.

O consumo mundial apresenta desempenho similar, uma vez que no setor de carnes a produção é bem ajustada ao consumo em razão dos altos custos de armazenamento.

O fluxo de comercialização mundial deverá se reduzir em relação a 2014, de acordo com os dados da Tabela 2.

Tabela 2 – Suprimento mundial de carne bovina (em 1.000 t equivalente carcaça)

	2011	2012	2013	2014/abr	2011/2012	Variação 2012/2013	2013/2014
Produção	57.422	57.623	58.620	58.856	0,4%	1,7%	0,4%
Consumo	55.718	56.090	56.825	57.240	0,7%	1,3%	0,7%
Exportação	8.095	8.164	9.165	9.514	0,9%	12,3%	3,8%
Importação	6.413	6.652	7.423	7.759	3,7%	11,6%	4,5%

Legenda: (*) Projeção USDA

Fonte: USDA, abr./2014

Nota: Elaborado pela Conab/Geole

É importante ressaltar que o Brasil também se mantém como o maior exportador de carne bovina, porém com essa liderança ameaçada nos últimos anos pela Índia. As estimativas do USDA em 2013 eram de que a Índia ultrapassasse as exportações brasileiras, fato que acabou não se confirmando.

A Índia deverá dobrar suas exportações de 917 mil toneladas (equivalente carcaça) em 2010 para, aproximadamente, 1.875 mil toneladas em 2014, conforme os dados divulgados pelo USDA (Tabela 3).

Tabela 3 – Exportações mundiais de carne bovina (em 1000t equiv. carcaça)

	2010	2011	2012	2013	2014/abr	2011/2012	Variação 2012/2013	2013/2014
1 Brasil	1.558	1.340	1.524	1.849	2.030	13,7%	21,3%	9,8%
2 Índia	917	1.268	1.411	1.765	1.875	11,3%	25,1%	6,2%
3 Austrália	1.368	1.410	1.407	1.593	1.560	-0,2%	13,2%	-2,1%
4 EUA	1.043	1.263	1.113	1.172	1.141	-11,9%	5,3%	-2,6%
5 Nova Zelandia	530	503	517	529	535	2,8%	2,3%	1,1%
6 Uruguai	347	320	360	338	385	12,5%	-6,1%	13,9%
7 Canada	523	426	335	333	355	-21,4%	-0,6%	6,6%
8 Paraguai	283	197	251	326	350	27,4%	29,9%	7,4%
9 União Europeia	336	445	296	244	240	-33,5%	-17,6%	-1,6%
10 Bielorrússia	181	147	156	220	230	6,1%	41,0%	4,5%
11 Argentina	277	213	164	186	200	-23,0%	13,4%	7,5%
12 Outros	459	563	630	610	613	11,9%	-3,2%	0,5%
Total	7.822	8.095	8.164	9.165	9.514	0,9%	12,3%	3,8%

Legenda: (*) Projeção USDA

Fonte: USDA, abr./2014

Nota: Elaborado pela Conab/Geole

O produto indiano tem origem basicamente em carnes de búfalo, com um rebanho de cerca de 105 milhões de cabeças (57% do rebanho mundial) sendo o abate permitido somente para touros e novilhas não produtivas. As exportações de carne de búfalo cresceram, significativamente, devido à crescente demanda por carne bovina que não foi suprida pelos exportadores tradicionais nos últimos três anos, em função das secas, da queda no tamanho do rebanho e da crise financeira.

O abate de bovinos não é aceito pela religião Hindu, onde as vacas são associadas com santidade. Somente a população não Hindu (cerca de 20%) consome carne de búfalos.

O governo indiano tem um agressivo programa de incentivo à produção e melhoramento genético com vistas à exportação de carne de búfalos, prestando assistência técnica e distribuição pública subsidiada de serviços veterinários. Contudo, a Índia ainda não é um país livre de febre aftosa, o que limita o alcance de mercado da indústria, restringindo a demanda para regiões emergentes, sensíveis a preços. Com isso, embora ainda não tenha adquirido um grau de excelência em qualidade para atingir os mercados mais exigentes, abastece boa parte do Sudeste da Ásia, Oriente Médio e África do Norte, a preços muito competitivos. As exportações são unicamente permitidas na forma desossada.

Tendo em vista as projeções de redução das exportações dos EUA e Austrália, boa parcela do mercado internacional pode ser suprida pelo produto brasileiro como se observa na Tabela 3.

Assim, o Brasil deverá fechar 2014 com um volume exportado de cerca de 2.030 mil toneladas, 9,8% a mais que o volume exportado em 2013 que foi de 1.849 mil toneladas, segundo os dados do USDA.

No caso da carne de frango, o USDA prevê um aumento de 1,4% na produção mundial em 2014 (Tabela 4), crescimento esse bem modesto, considerando-se que a carne de frango é atualmente uma forte alternativa às outras carnes quando se leva em conta o preço.

Tabela 4 – Suprimento mundial de carne frango (em 1.000 t)

	2011	2012	2013	2014/abr	Variação 2011/2012	2012/2013	2013/2014
Produção	81.199	83.243	84.073	85.292	2,5%	1,0%	1,4%
Consumo	79.910	81.605	82.539	83.453	2,1%	1,1%	1,1%
Exportação	9.537	10.090	10.237	10.743	5,8%	1,5%	4,9%
Importação	8.226	8.547	8.655	8.873	3,9%	1,3%	2,5%

Legenda: (*) Projeção USDA

Fonte: USDA, abr./2014

Nota: Elaborado pela Conab/Geole

O Brasil continua liderando as exportações mundiais de carne de frango com cerca de 3.600 mil toneladas em 2014, seguido muito de perto pelos EUA que deverão fechar o ano com 3.413 mil toneladas exportadas, também de acordo com os dados do USDA (Tabela 5).

Embora o USDA estime um crescimento da ordem de 3,4% em 2014 para as exportações brasileiras, o desempenho observado de janeiro a junho de 2014 apontam para um volume muito próximo àquele realizado em 2013.

Caso esse desempenho melhore no segundo semestre do ano, as projeções realizadas pelo USDA poderão ser confirmadas para a carne de frango.

Tabela 5 – Exportações mundiais de carne de frango (1000t)

		2011	2012	2013	2014/abr	2011/2012	Varição 2012/2013	2013/2014
1	Brasil	3.443	3.508	3.482	3.600	1,9%	-0,7%	3,4%
2	EUA	3.161	3.300	3.340	3.413	4,4%	1,2%	2,2%
3	União Europeia	1.044	1.094	1.083	1.070	4,8%	-1,0%	-1,2%
4	Tailândia	467	538	504	580	15,2%	-6,3%	15,1%
5	Turquia	206	285	362	480	38,3%	27,0%	32,6%
6	China	423	411	420	430	-2,8%	2,2%	2,4%
7	Argentina	224	291	324	345	29,9%	11,3%	6,5%
8	Ucrania	43	76	141	190	76,7%	85,5%	34,8%
9	Canada	143	141	150	160	-1,4%	6,4%	6,7%
10	Bielorrússia	74	105	100	115	41,9%	-4,8%	15,0%
11	Chile	90	93	88	90	3,3%	-5,4%	2,3%
12	Outros	219	248	243	270	13,2%	-2,0%	11,1%
TOTAL		9.537	10.090	10.237	10.743	5,8%	1,5%	4,9%

Legenda: (*) Projeção USDA

Fonte: USDA, abr./2014

Nota: Elaborado pela Conab/Geole

Quanto à carne suína, o USDA estima que a produção mundial em 2014 deverá crescer por volta de 1,1%, em relação a 2013 (Tabela 6).

Tabela 6 – Suprimento mundial de carne suína (em 1.000 t equivalente carcaça)

	2011	2012	2013	2014/abr	2011/2012	Varição 2012/2013	2013/2014
Produção	103.468	106.828	109.452	110.703	3,2%	2,5%	1,1%
Consumo	103.118	106.266	109.075	110.435	3,1%	2,6%	1,2%
Exportação	6.947	7.260	7.019	6.860	4,5%	-3,3%	-2,3%
Importação	6.611	6.896	6.662	6.593	4,3%	-3,4%	-1,0%

Legenda: (*) Projeção USDA

Fonte: USDA, abr./2014

Nota: Elaborado pela Conab/Geole

Embora a carne suína seja a mais consumida no mundo, o Brasil figura como o quarto maior exportador e em quantidades bem mais modestas que os três maiores exportadores (Tabela 7).

As exportações brasileiras de carne suína correspondem a aproximadamente um terço do volume exportado pelos EUA ou pela União Europeia, os dois maiores exportadores mundiais. As exportações de carne suína brasileira ainda são bastante concentradas para a Rússia e Hong Kong, fato que traz muita instabilidade aos produtores nacionais.

China, União Europeia e EUA, além de serem os maiores produtores, são também os maiores consumidores mundiais de carne suína. Contudo, o acesso a esses mercados é bastante restrito, protegido fortemente por barreiras sanitárias.

Tabela 7 – Exportações mundiais de carne suína (em 1.000 t equivalente carcaça)

		2011	2012	2013	2014/abr	2011/2012	Varição 2012/2013	2013/2014
1	EUA	2.354	2.441	2.264	2.200	3,7%	-7,3%	-2,8%
2	União Europeia	2.150	2.165	2.232	2.000	0,7%	3,1%	-10,4%
3	Canadá	1.197	1.243	1.246	1.265	3,8%	0,2%	1,5%
4	Brasil	584	661	585	675	13,2%	-11,5%	15,4%
5	China	244	235	244	275	-3,7%	3,8%	12,7%
6	Chile	139	180	164	165	29,5%	-8,9%	0,6%
7	México	86	95	111	125	10,5%	16,8%	12,6%
8	Bielorrússia	85	104	74	60	22,4%	-28,8%	-18,9%
9	Austrália	41	36	36	37	-12,2%	0,0%	2,8%
10	Vietnam	25	25	25	25	0,0%	0,0%	0,0%
11	Noruega	4	6	7	7	50,0%	16,7%	0,0%
12	Outros	38	69	31	26	81,6%	-55,1%	-16,1%
TOTAL		6.947	7.260	7.019	6.860	4,5%	-3,3%	-2,3%

Legenda: (*) Projeção USDA

Fonte: USDA, abr./2014

Nota: Elaborado pela Conab/Geole

3. Mercado nacional

3.1. Oferta e demanda

Os dados de abate bovino divulgados pelo IBGE relativos ao primeiro trimestre de 2014 apontam para este ano uma redução no volume de carne a ser produzida da ordem de 6%. Contudo, considerando que a demanda aumenta sazonalmente no segundo semestre do ano, estima-se que a produção deverá crescer em torno de 2%. O bom desempenho das exportações no primeiro semestre deste ano, com um acréscimo de aproximadamente 11% em relação ao mesmo período de 2013, poderá contribuir para o aumento da produção (Tabela 8).

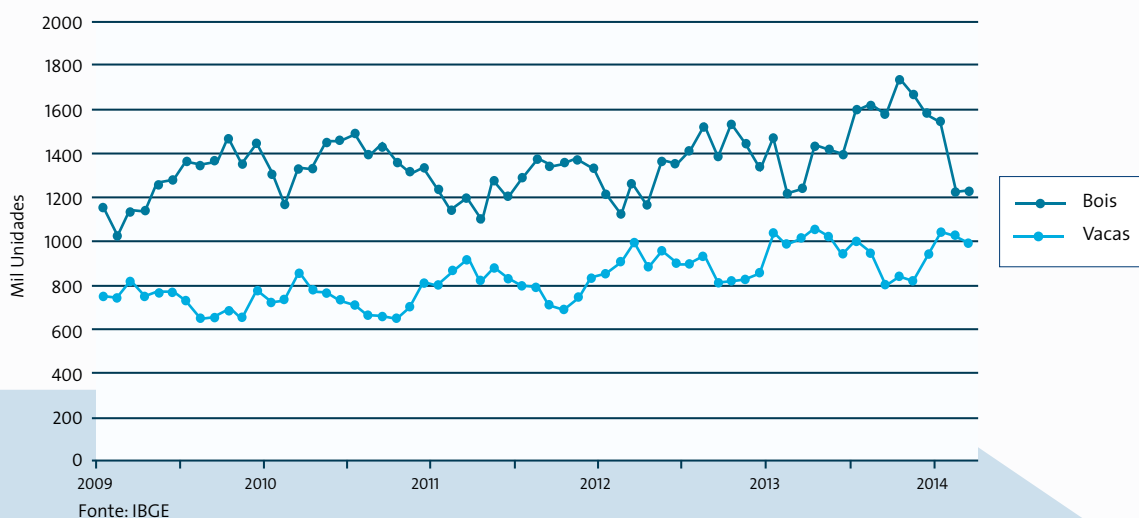
Tabela 8 – Carne bovina

	2010	2011	2012	2013*	2014*
Rebanho (1000 cabeças)	209.541,1	212.815,3	211.279,1	211.044,3	212.238,0
Produção de carne (1000 t equiv. carcaça)	8.782,5	8.448,4	8.751,7	9.601,9	9.793,9
Importação (1000 t equiv. carcaça)	40,8	44,8	60,1	57,1	63,1
Exportação (1000 t equiv. carcaça)	1.701,5	1.494,6	1.684,4	2.007,3	2.208,0
Disponibilidade interna (1000 t equiv. carcaça)	7.121,8	6.998,6	7.127,4	7.651,7	7.649,0
População (milhões de habitantes)	195,50	197,40	199,24	201,03	202,77
Disponibilidade <i>per capita</i> (kg/hab/ano)	36,4	35,5	35,8	38,1	37,7

Fontes: 1) Rebanho: IBGE e mercado;
2) Exportação e Importação: SECEX;
3) População: IBGE.

O abate de fêmeas, típico do primeiro trimestre do ano para aquelas não prenhas no período de estação de monta (outubro), tem aumentado ultimamente como se vê no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Brasil – Abates bovinos



A disponibilidade de carne bovina per capita em 2014 deverá se manter estável em relação a 2013, com aproximadamente 37,7kg/habitante/ano.

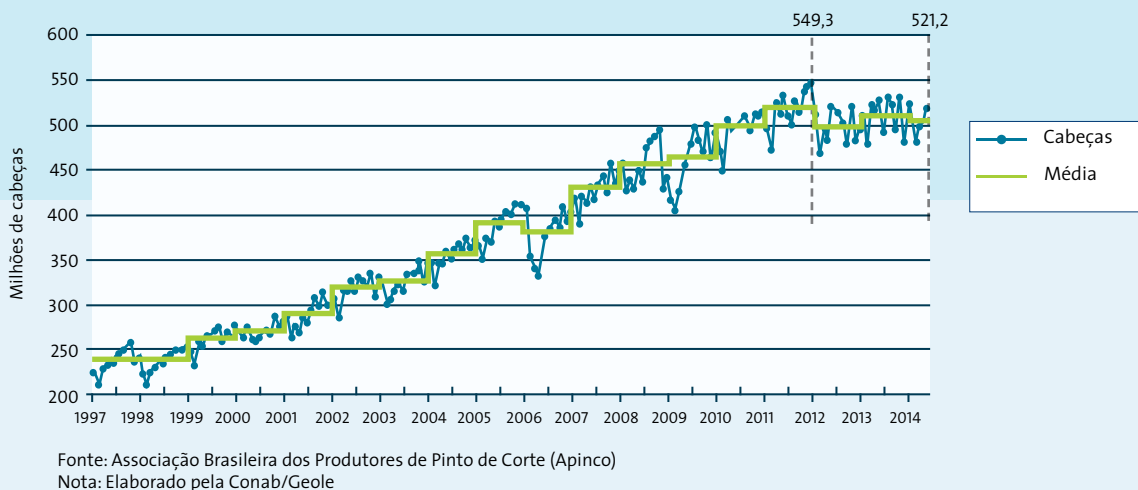
No tocante à carne de frango, verifica-se que após longo período de crescimento, o alojamento de pintainhas estabilizou-se na casa dos 500 milhões de cabeças/mês desde 2010, como pode ser observado no Gráfico 2.

Em 2011 atingiu-se o pico de produção de carne, gerando excesso de produto no mercado e deprimindo preços. Com a crise das matérias-primas e dificuldades de acesso a crédito em 2012, os produtores fizeram descartes de matrizes, tendo como consequência a redução dos volumes de produção de carne.

Atualmente, o setor produtivo trabalha com menores índices de produtividade em decorrência de deficiências na alimentação, agravadas ainda por fatores climáticos.

Por fim, os volumes disponibilizados ao mercado interno estão bem ajustados ao consumo, fator esse que limita a expansão da oferta eliminando os reflexos negativos nos preços.

Gráfico 2 – Brasil – Alojamento de pintos de corte



A avicultura de corte deverá fechar 2014 com incremento nos níveis de produção da ordem de 2,7% em relação a 2013 (Tabela 9). O consumo per capita deverá chegar a 42,7kg/habitante/ano, superior em cerca de 2,2% a 2013, onde o desempenho da avicultura foi o menor dos últimos anos.

Tabela 9 – Avicultura de corte

	2010	2011	2012	2013*	2014*
Alojamento de pintos de corte (milhões de cabeças)	5.986,7	6.232,6	5.998,7	6.138,9	6.181,1
Produção de carne de frango (1000 t)	12.312,3	12.863,2	12.645,1	12.281,1	12.614,6
Exportação (1000 t)	3.819,7	3.942,6	3.917,6	3.891,7	3.964,0
Disponibilidade interna (1000 t)	8.492,6	8.920,6	8.727,5	8.389,4	8.650,6
População (milhões de habitantes)	195,50	197,40	199,24	201,03	202,77
Disponibilidade <i>per capita</i> (kg/hab/ano)	43,4	45,2	43,8	41,7	42,7

Legenda: (*) Estimativa Conab;

Fonte:

1. Produção: Assoc. Brasileira de Produtores de Pintos de Corte - APINCO;

2. Exportações: MDIC/Secex;

3. População: IBGE.

Nota: O alojamento, e não a produção de pintos de corte, reflete o plantel que irá produzir carne

A carne suína poderá ter um incremento de produção de 1% em 2014 (Tabela 10). O volume de exportações no primeiro semestre de 2014 teve uma redução da ordem de 1,8%. O fraco desempenho das exportações neste ano, a concentração de mercados e a dificuldade de acesso a novos mercados afetam o crescimento dos níveis de produção. O ciclo produtivo, bem mais longo (cerca de 170 dias), dificulta o planejamento do volume de alojamento para ajuste da oferta à demanda, diante de um cenário futuro incerto.

O setor espera um crescimento nas exportações em 2014 da ordem de 1% em relação a 2013, e ao contrário do que ocorre em países da União Europeia e China, o consumo de carne suína no Brasil é muito baixo, isto é, em torno de 14,5kg/habitante/ano. Naqueles países, o consumo está pouco acima de 40kg/habitante/ano.

Tabela 10 – Carne suína

	2010	2011	2012	2013*	2014*
Rebanho (1000 cabeças)	38.956,8	39.307,3	38.795,9	38.906,0	39.115,1
Produção de carne (1000 t equiv. carcaça)	3.237,5	3.397,8	3.488,4	3.428,6	3.462,9
Importação (1000 t equiv. carcaça)	9,6	11,0	13,3	12,2	13,1
Exportação (1000 t equiv. carcaça)	557,1	534,6	590,4	528,3	533,6
Disponibilidade interna (1000 t equiv. carcaça)	2.690,0	2.874,2	2.911,2	2.912,5	2.942,4
População (milhões de habitantes)	195,50	197,40	199,24	201,03	202,77
Disponibilidade <i>per capita</i> (kg/hab/ano)	13,8	14,6	14,6	14,5	14,5

Legenda: (*) Estimativa Conab;

Fonte:

1. Rebanho: IBGE. Pesquisa da Pecuária Municipal

2. Exportação e Importações: MDIC/Secex;

3. População: IBGE;

4. Produção de carne: Assoc. Brasileira da Ind. Prod. e Exportadora de Carne Suína - ABIPECS

Nota: As exportações e as importações das carnes bovina e suína resultam dos dados da SECEX (em quilo líquido), convertidos para equivalente-carcaça.

O setor produtivo continua em seu esforço na difusão do aumento do consumo interno de carne suína, através do programa denominado Projeto Nacional de Desenvolvimento da Suinocultura (PNDS), cujos objetivos são: a modernização da comercialização da carne suína e a generalização de boas práticas de produção da granja à mesa, que contribuem para consolidá-la como um produto saudável e nutritivo, produzido de forma tecnicamente correta, socialmente justa e ambientalmente responsável. A comercialização em cortes embalados a

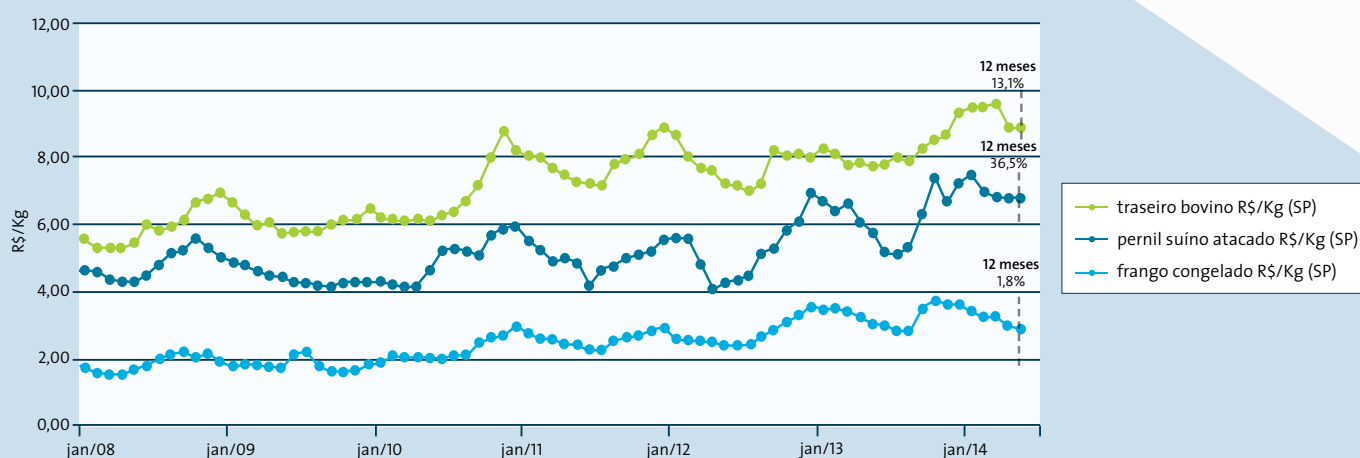
vácuo nas gôndolas dos supermercados, como ocorre com a carne de frango, contribui para o aumento desse consumo.

Isso tem resultado no aumento da produção e do consumo nos últimos anos, embora em níveis ainda modestos, como se observa na Tabela 10.

3.2. Preços

De um modo geral, as carnes apresentaram recuperação de preços nos últimos doze meses. O Gráfico 3 a seguir mostra o desempenho dos preços nominais das carnes no atacado, desde 2010. Como se observa, a carne bovina teve uma elevação de 13,1%, o pernil suíno de 36,5% e a carne de frango 1,8%, no período acumulado de agosto/2013 a julho/2014.

Gráfico 3 – Brasil – Evolução de preços nominais de carnes - atacado



Fonte: Conab/Geole

Releva ressaltar que o atual período (mês de julho) é historicamente de preços mais baixos, todavia com tendência de elevação, atingindo o pico no mês de dezembro.

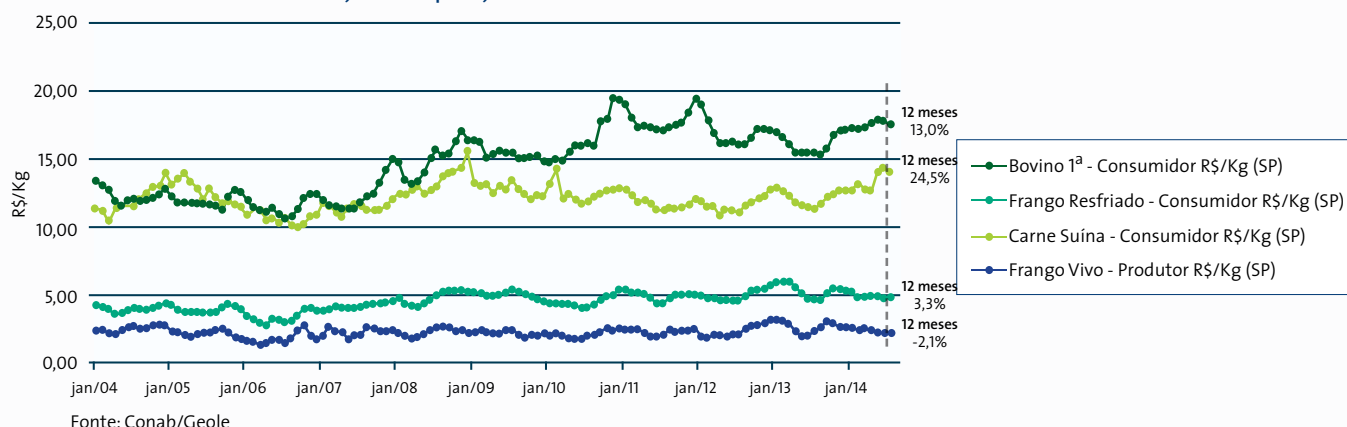
Já os preços reais, em nível de consumidor, deflacionados pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), demonstram um acréscimo para a carne bovina de 13% no período acumulado de agosto de 2013 a julho 2014, como se vê no Gráfico 4.

Os preços internos encontram-se em patamares elevados, sustentados por uma oferta ajustada, ou mesmo restrita em determinados momentos, uma vez que o pecuarista tem a opção de manter o boi no pasto por algum tempo como forma de pressionar preços, sem impactos significativos nos custos.

A carne suína aumentou 24,5% no mesmo período, recuperando os preços reais aos níveis praticados em 2009/2010 após um esforço do setor para o ajuste da oferta.

A carne de frango aumentou 3,3%, nesse mesmo período, resultado de um ano difícil para expansão de mercado, tanto no mercado interno quanto externo.

Gráfico 4 – Brasil – Evolução de preços reais de carnes - consumidor



3.3. Importação/Exportação

Considerando-se os dados estimados para 2014, as exportações de carne bovina representam, aproximadamente, 22% da produção nacional. Para a carne de frango, representam 31% e para a suína, 15%.

A receita com as exportações de carnes em 2013 atingiram a cifra de 15,98 bilhões de dólares. A carne bovina teve participação de 42% nessa receita, a carne de frango 50% e a carne suína, 8% (Tabela 11).

Para 2014, estima-se que a receita deverá crescer cerca de 3,6%, alcançando a cifra de aproximadamente 16,5 bilhões de dólares.

Já os volumes a ser exportados em 2014 deverão crescer em torno de 4%, chegando a 6,14 milhões de toneladas líquidas.

Tabela 11 – Brasil – Exportações anuais de carnes

Ano	Tipo	Receita US\$ FOB	Var	Volume t líquida	Var	US\$/t	Var
2010	Bovina	4.795.356.990	16,4%	1.230.570	-1,2%	3.896,86	17,8%
	Frango	6.807.836.332	17,1%	3.819.710	5,1%	1.782,29	11,4%
	Suína	1.339.622.156	9,3%	539.584	-11,0%	2.482,69	22,9%
	Total	12.942.815.478	16,0%	5.589.865	1,9%	2.315,41	13,8%
2011	Bovina	5.348.770.021	11,5%	1.095.669	-11,0%	4.881,74	25,3%
	Frango	8.252.985.776	21,2%	3.942.635	3,2%	2.093,27	17,4%
	Suína	1.433.043.048	7,0%	515.833	-4,4%	2.778,11	11,9%
	Total	15.034.798.845	16,2%	5.554.138	-0,6%	2.706,95	16,9%
2012	Bovina	5.744.134.848	7,4%	1.242.491	13,4%	4.623,08	-5,3%
	Frango	7.702.997.392	-6,7%	3.917.580	-0,6%	1.966,26	-6,1%
	Suína	1.488.446.476	3,9%	576.769	11,8%	2.580,66	-7,1%
	Total	14.935.578.716	-0,7%	5.736.841	3,3%	2.603,45	-3,8%
2013	Bovina	6.660.011.367	15,9%	1.504.316,9	21,1%	4.427,27	-4,2%
	Frango	7.966.531.588	3,4%	3.891.720,8	-0,7%	2.047,05	4,1%
	Suína	1.353.086.134	-9,1%	513.282,7	-11,0%	2.636,14	2,1%
	Total	15.979.629.089	7,0%	5.909.320,5	3,0%	2.704,14	3,9%
2014*	Bovina	7.460.939.710	12,0%	1.662.343,9	10,5%	4.488,20	1,4%
	Frango	7.634.386.227	-4,2%	3.964.046,1	1,9%	1.925,91	-5,9%
	Suína	1.459.894.165	7,9%	511.655,4	-0,3%	2.853,28	8,2%
	Total	16.555.220.102	3,6%	6.138.045,4	3,9%	2.697,15	-0,3%

* estimativa Conab
Fonte: MDIC/Secex
Nota: Elaborado pela Conab/Geole

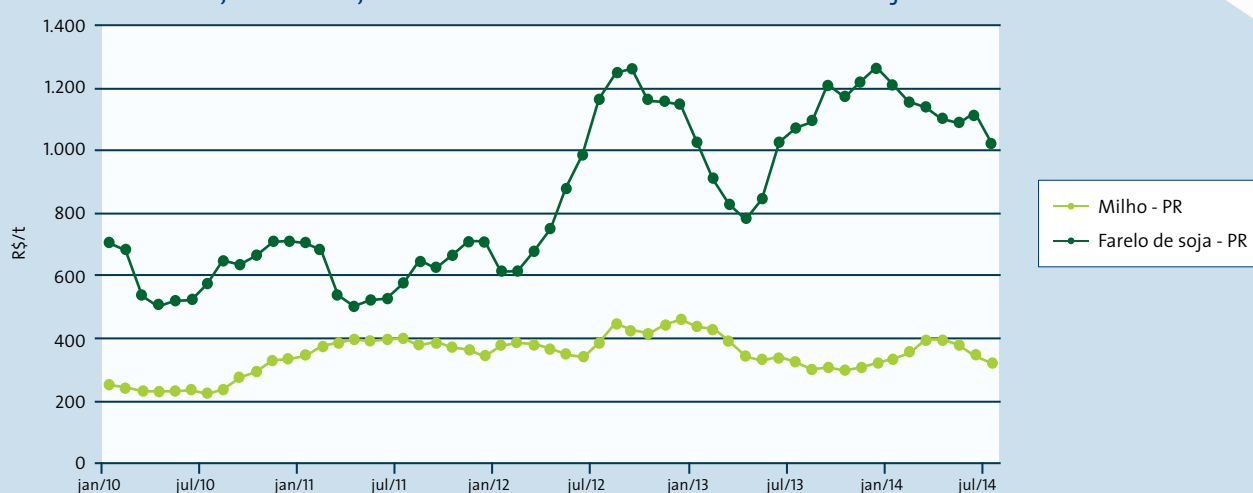
Os preços médios por tonelada líquida de carnes deverão fechar 2014 nos mesmos patamares de 2013, ou seja, 2,7 mil dólares/tonelada

4. Fatores Críticos

A preocupação do setor produtivo continua relacionada aos custos com ração. Milho e farelo de soja, os principais componentes da ração, têm apresentado preços em crescimento, desde 2011. Porém, esses preços já apresentam quedas e com a boa safra norte-americana em 2014, espera-se que as oscilações de preços se situem em torno de R\$ 1.000,00/t para o farelo de soja e de cerca de R\$ 300,00/t para o milho (Gráfico 5).

Como a alimentação tem uma participação no custo de produção da ordem de 78%, com o milho representando cerca de 70% da composição da ração, este insumo exige monitoramento constante por parte dos produtores, a fim de gerenciar seus custos e tomar decisões sobre volumes a produzir.

Gráfico 5 – Evolução de Preços Nominiais do Milho e do Farelo de Soja - Paraná



Fonte: Conab

Exigências do mercado internacional relacionadas à sanidade e rastreabilidade ainda interferem negativamente na expansão de mercados externos. O Brasil tem plenas condições de expandir sua produção de carnes e atender uma demanda maior por esse produto. Contudo, barreiras não tarifárias continuam como principal entrave para o acesso a novos mercados. A União Europeia é o mercado que mais impõe barreiras à carne brasileira, sobretudo, bovina e suína.

5. Perspectivas

5.1. Carne Bovina

Segundo o USDA, a oferta mundial de carne bovina deverá permanecer inalterada em torno de 58,8 milhões de toneladas, ou mesmo com pequena queda em 2015 em função da redução do rebanho em condições de abate devido, principalmente, a adversidades climáticas verificadas nos EUA e Oceania. A recomposição dos rebanhos é demorada. Assim, esse espaço de mercado pode ser ocupado pelo Brasil e Índia que deverão expandir sua produção.

Com a redução da oferta de carne bovina, as exportações brasileiras tendem a ocupar a demanda não suprida, indicando um bom desempenho nos volumes de exportação da carne brasileira, acima de 10% do ano anterior.

Espera-se um crescimento das importações pela China estimulada pelo aumento de renda e de refeições fora de casa.

Este cenário de oferta mundial limitada deverá sustentar os preços da carne bovina em patamares elevados.

5.2 – Carne de Frango

O crescimento estimado para a oferta mundial de carne de frango é da ordem de 1,4%, algo em torno de 85,3 milhões de toneladas.

Os preços médios para exportação deverão situar-se em torno de US\$ 2 mil/tonelada, enquanto os preços internos deverão se manter nos patamares atuais, com tendência de alta, alavancados pela carne bovina.

A ocorrência de gripe aviária na China compromete o suprimento interno daquele país, fato este que poderá abrir espaço para as exportações brasileiras que, contudo, terá os EUA e Tailândia como principais concorrentes.

Mesmo sendo o maior exportador mundial, o Brasil já exporta carne de frango para cerca de 150 países, tornando-se cada vez mais difícil o acesso a novos mercados.

Países como Tailândia, Turquia, Ucrânia e Bielorrússia têm se destacado ultimamente como fortes concorrentes, com crescimento significativo nas exportações de carne de frango. Suas localizações favorecem a logística de distribuição do produto aos países importadores.

5.3 – Carne Suína

A oferta mundial de carne suína deverá ter um crescimento modesto, da ordem de 1% ou seja, 110,7 milhões de toneladas.

A disseminação da epidemia de diarreia suína (PED) nos EUA, com alto índice de mortalidade de leitões, deverá reduzir a produção norte-americana. O risco de a PED chegar ao território brasileiro é real, uma vez que já foram constatados casos em alguns países da América do Sul.

A produção da União Europeia também tem dificuldades de crescimento devido às limitações impostas pela observância de normas de proteção relacionadas à habitação de matrizes reprodutoras. A ocorrência de Peste Suína Africana na Lituânia e Polônia resultou na proibição de importações pela Rússia.

Já a Rússia implementou políticas governamentais favorecendo produtores de grande

escala visando expandir a produção. O mesmo ocorreu na Ucrânia. Assim, o principal mercado importador da carne brasileira deverá reduzir a demanda, com impactos bastante negativos para os produtores brasileiros.

Quanto aos preços, a tendência é de estabilização dos mesmos nos níveis atualmente observados, visto o bom desempenho de recuperação verificado ultimamente.

5.4. Conclusões

Muito embora o Governo Federal não opere diretamente com carnes, as políticas governamentais voltadas à produção de grãos beneficiam os produtores deste setor, principalmente aquelas relacionadas ao milho e à soja, principais componentes da ração. Cumpre lembrar que, aproximadamente 70% do milho produzido destinam-se ao consumo animal.

Instrumentos governamentais de apoio à comercialização de grãos como o Prêmio para o Escoamento de Produto (PEP), a Aquisição do Governo Federal (AGF) e o Prêmio Equalizador Pago ao Produtor (Pepro) refletem positivamente na manutenção e regulação do abastecimento de soja e milho para a fabricação de ração animal.

Linhas especiais de crédito destinadas ao setor, com taxas favorecidas, também visam fomentar a produção.

O cenário mundial para 2014/15 é de oferta de carnes ajustada e produção/consumo globais relativamente estabilizados, em razão da redução da produção de carne bovina e suína nos EUA e de frango na China e manutenção dos níveis de produção da União Europeia.

Os EUA seguem como fortes concorrentes na exportação de carnes, porém o Brasil deverá manter a liderança mundial no fornecimento de carne bovina e de frango no mercado internacional.

As barreiras sanitárias impostas pelos maiores consumidores mundiais continuam como principais entraves ao aumento das exportações. A forte concorrência da Índia dificulta o acesso aos mercados mais sensíveis a preços.

Um cenário de crescimento econômico no Brasil muito modesto em 2014/15, como tem sido previsto pelos analistas econômicos, traz preocupações ao setor quanto ao consumo interno.

A busca de novos mercados na África e no continente asiático tem sido o foco dos produtores e da indústria de carnes brasileira. A China deverá continuar a buscar no mercado externo o suprimento de suas necessidades de alimentos em decorrência de fatores relacionados à migração dos campos para as cidades e aos limites para o aumento da sua produção.

Finalmente, espera-se que o abastecimento mundial de soja e milho tenha bons resultados em 2014/15, proporcionando relativa tranquilidade aos produtores de carnes no que se refere ao suprimento de ração animal.



1. Panorama internacional

1.1. Produção mundial

A cultura do feijão é praticada em aproximadamente 100 países, com elevado número de espécies e variedades, o que dificulta uma análise comparativa no tocante à qualidade e aos índices de produtividade.

A pouca importância comercial do produto em âmbito mundial, aliada à falta de real conhecimento do seu mercado e ao pequeno consumo entre os países do primeiro mundo, limita a expansão do comércio internacional, tornando-o de pouca expressão, uma vez que quase todos os países produtores são também grandes consumidores. Desta feita, torna-se pequeno o excedente exportável, fato que gera um comércio internacional bastante restrito.

Os hábitos alimentares são bastante diversificados entre os países, e mesmo entre regiões de um mesmo país no que se refere à preferência por tipos, variedades e classes. No Brasil, o consumo do feijão comum preto se concentra nos estados do Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, sendo que para este último se destina a maior parte das importações da Argentina, Bolívia e China. Em menor escala, o consumo também abrange os estados do Paraná, Santa Catarina e Espírito Santo. O feijão comum cores, por sua vez, tem o consumo concentrado nos estados centrais, e em parte do Paraná e de Santa Catarina, enquanto o feijão caupi é de consumo típico da Região Nordeste.

Cerca de 3/4 da produção mundial originam-se de apenas sete países. Até 2009 o Brasil foi o maior produtor, mas a partir daí perdeu o posto para a Índia e Myanmar. Entre os maiores produtores surgem China, EUA e o México.

Tabela 1 – Feijão – Produção mundial – 2009 a 2013

Países	2009	2010	2011	2012	2013
Brasil	3.502.700	3.322.500	3.732.800	2.918.400	2.806.300
Índia	2.430.000	4.890.000	4.330.000	3.710.000	3.630.000
Myanmar	3.375.000	3.530.000	3.750.000	3.900.000	3.800.000
China	1.480.000	1.330.000	1.572.000	1.550.000	1.400.000
EUA	1.150.310	1.442.470	902.196	1.448.095	1.110.668
México	1.041.350	1.156.251	567.779	1.080.857	1.294.634
Outros	8.233.017	8.144.903	8.356.243	9.310.151	9.097.402
Total	21.212.377	23.816.124	23.211.018	23.917.503	23.139.004

Fonte: FAO/Conab

1.2. Produção no Mercosul

Nos últimos quatro anos a produção média de feijão em países que compõem o Mercosul ficou em 3,6 milhões de toneladas, sendo o Brasil o principal produtor, com cerca de 3,2 milhões de toneladas anuais, seguido da Argentina, com 350,0 mil toneladas, Paraguai, com 56,0 mil toneladas e Uruguai com 3,5 mil toneladas.

O Brasil se destaca como o maior produtor e consumidor, com participação superior a 90% na produção e no consumo.

A Argentina, segundo maior produtor, registra consumo *per capita* em torno de 470 g/ano, com saldo exportável médio de 180,0 mil toneladas anuais. O feijão é produzido, principalmente, na região noroeste do país, nas províncias de Salta, Santiago del Estero, Jujuy e Tucumã.

As principais classes produzidas na Argentina são o comum preto e o comum branco comercializadas em mercados distintos. Cerca de 90% do feijão branco são destinados à exportação. A União Europeia é a principal importadora dessa classe, e a Espanha a sua principal consumidora, seguida de Portugal, Itália e França.

O feijão comum preto é exportado em sua totalidade, já que não existe consumo na Argentina para essa cultivar. O Brasil se destaca como principal importador dessa variedade. Outro importante comprador é a Venezuela.

2. Panorama nacional

O consumo do feijão comum preto se concentra nos estados do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, sendo destinada ao Rio de Janeiro, a maior parte das importações da Argentina. Em menor escala o consumo também abrange os estados do Paraná, Santa Catarina e Espírito Santo. O feijão comum cores, por sua vez, tem o consumo concentrado nos estados centrais e em parte do Paraná e de Santa Catarina, enquanto o feijão caupi, mais conhecido como feijão de corda, é de consumo típico da Região Nordeste.

Na safra em curso 2013/2014, cujos dados são mostrados na Tabela 2, a produção de feijão comum cores representou 66,9% do volume produzido, a de feijão preto, 16,1%, e a de macaçar, 17,0%. O feijão comum cores está distribuído de forma uniforme nas três safras anuais. O feijão comum preto concentra-se no sul do país e cerca de 63,45% de sua produção é

oriunda da 1ª safra. A variedade caupi, cultivada nas Regiões Norte/Nordeste e no Mato Grosso, concentra-se na 2ª safra, à exceção da produção do estado da Bahia.

Tabela 2 – Estimativa da produção por tipo 2013/14 (em mil t)

Classe	1ª Safra	2ª Safra	3ª Safra	Total
C. Cores	794,7	733	770,8	2.298,50
C. Preto	373,6	156,8	25,4	555,8
Caupi	87,5	425,6	70	583,1
Total	1.255,80	1.315,40	866,2	3.437,40

Fonte: Conab

Notas: 1ª Safra: colheita de Nov. a Mar. - concentração Região Sul, MG, SP, GO, PI e BA.
2ª Safra: colheita de Abr. a Jun. - concentração na Região NE, PR, MT, RO, PA e GO.
3ª Safra: colheita de jul. a out. - concentração nos estados de MG, SP, GO, BA, PE e AL.

2.1. Comportamento da temporada - 2012/13

1ª Safra ou Safra das Águas: colheita de novembro a abril – concentração nas Regiões Sul e Sudeste, Goiás, Piauí e Bahia.

A área está estimada em 1,17 milhão de ha, o que representa um aumento de 3,6% em relação à safra anterior. Todos os principais estados produtores indicaram plantios de áreas maiores que as cultivadas anteriormente, com exceção de Minas Gerais e São Paulo. Os atrativos valores praticados no mercado e o expressivo incentivo do Governo Federal, elevando os preços mínimos do feijão comum cores e preto em, respectivamente, 28,1% (R\$ 95,00/sc) e 41,6% (R\$ 105,00/sc), foram os principais responsáveis para tal comportamento. A produção, por sua vez, em decorrência de um quadro climático bem mais favorável, apresenta um incremento de 30,2%, ou seja, 291,2 mil toneladas a mais que a registrada em 2012/2013.

Nessa 1ª safra, concentra-se o plantio da cultivar comum preto, variedade que vem sendo bastante prejudicada pela elevada importação do produto proveniente da Argentina, China e Bolívia, além da forte competitividade com a soja e o milho.

O aumento de 291,2 mil toneladas na produção, em relação à safra anterior, manteve o mercado muito ofertado e com preços desestimulantes, situando-se abaixo do mínimo oficial em várias localidades do país.

2ª Safra ou Safra da Seca: colheita de abril a julho – concentração nas Regiões Nordeste, Sul, Sudeste e Mato Grosso, Rondônia e Goiás.

A área plantada ficou 3,6% acima da cultivada na safra anterior. Este aumento foi ocasionado pela recuperação do plantio no Nordeste do Brasil, vez que em 2013 uma severa seca impossibilitou a semeadura e até mesmo o replantio da cultura em várias localidades daquela região. No Centro-Sul do país, notadamente em Goiás, Minas Gerais e São Paulo, verifica-se uma expressiva retração no cultivo, provocada pela forte incidência da mosca branca. Em contrapartida, o pequeno acréscimo verificado no Paraná (30,1 mil ha) e a forte expansão no Mato Grosso (72,2 mil ha), contribuem para um ligeiro aumento na superfície cultivada no Centro-Sul do país.

O clima bem mais favorável, com destaque para a Região Nordeste, aliado ao expressivo aumento na área cultivada resultou em uma produção de 1.315,4 mil toneladas, ou seja, 209,2 mil toneladas acima da safra anterior. Tal incremento, no entanto, influiu negativamente nos preços que continuaram abaixo do mínimo oficial.

3ª Safra ou Safra de Inverno: Colheita de julho a outubro – concentração em Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Bahia, Pará, Pernambuco e Alagoas.

Essa safra começou a ser cultivada no final de abril, com a colheita prevista para os meses de A área está estimada em 674,5 mil ha, 3,7% maior que a cultivada na safra anterior. O expressivo aumento verificado no Mato Grosso compensa e com sobras as reduções registradas nos demais estados. Em função da expansão da área e do significativo ganho de produtividade, saindo de 1.131 kg/ha para 1.291 kg/ha (14,2%), a previsão é de uma produção de 871,0 mil toneladas, significando, assim, 18,5% acima da anterior.

Essa safra começou a ser cultivada no final de abril, com a colheita prevista para os meses de julho a outubro. No Distrito Federal, Goiás e Noroeste de Minas Gerais, a cultura é conduzida sob irrigação e, nessas localidades, devido ao risco, o custo elevado e muitas vezes ineficiente para o controle da mosca branca ensejou à adoção da implantação do vazio sanitário. Este procedimento visa o manejo da praga e, conseqüentemente, do vírus mosaico dourado, para que a incidência da virose seja reduzida a níveis satisfatórios e os prejuízos minimizados.

Conforme publicado no Diário Oficial da União de 17 de junho/14, o vazio sanitário estabelecido pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento prevê de 20 a 45 dias para a cultura do feijão comum, sendo que: em Goiás, os municípios que devem aderir à norma entre o dia 20 de setembro e 20 de outubro fazem parte das regiões Norte, Nordeste, Estrada de Ferro, Entorno do Distrito Federal e Vale do Araguaia. Os produtores do Sudoeste, Sul e Sudeste do estado estão proibidos de cultivar o feijão entre 05 de setembro e 05 de outubro. No caso de Minas Gerais, o período do vazio sanitário será do dia 15 de setembro até o dia 25 de outubro. No Distrito Federal, acontece do dia 01 até o dia 20 de outubro.

Cabe esclarecer que, com a implantação do vazio sanitário, o período para a semeadura nas localidades acima mencionadas ficou limitado, reduzindo significativamente o calendário técnico recomendável ao plantio que iria até final de julho. Desta forma, e ainda com o índice de ocupação de áreas de pivôs com milho, semente e, em menor proporção, o algodão, cuja colheita avança o período ora recomendado, algumas áreas ficaram impossibilitadas de plantio.

O início da colheita na região Nordeste, a partir de meados de julho, e a continuidade das áreas irrigadas que devem prosseguir até outubro, refletiram numa menor pressão na demanda, e os preços continuaram abaixo do mínimo oficial. Em Minas Gerais e Goiás, muitos produtores passaram a negociar a menor quantidade possível para liquidar as despesas mais urgentes, aguardando o suporte do governo na comercialização que, por meio da Conab, está atuando nas compras e retirando do mercado parte do excedente da produção.

Nesta temporada 2013/14, o mercado esteve bastante ofertado, com os preços bastante deprimidos, chegando, em alguns casos, a serem comercializados por R\$ 45,00/sc, ao produtor. Essa realidade por um lado poderá desestimular o plantio da 1ª safra da próxima temporada 2014/2015, que começa a ser semeada a partir do mês de agosto, redundando em valores mais em conta no varejo, conforme indica a tabela 4.

Cabe mencionar que, somente a partir do mês de novembro é que o país contará, ainda de forma incipiente, com a produção da próxima safra (temporada 2014/15). No citado período normalmente ocorre uma queda da demanda em função das festividades de fim de ano e fé-

rias escolares, período em que o varejo dá preferência às vendas dos produtos de época. Assim, se não ocorrer transtornos, a tendência é que os preços continuem baixos.

Gráfico 1 – Preços recebidos pelos produtores no Paraná - nov/2013 a ago/2014 (R\$/60 kg)

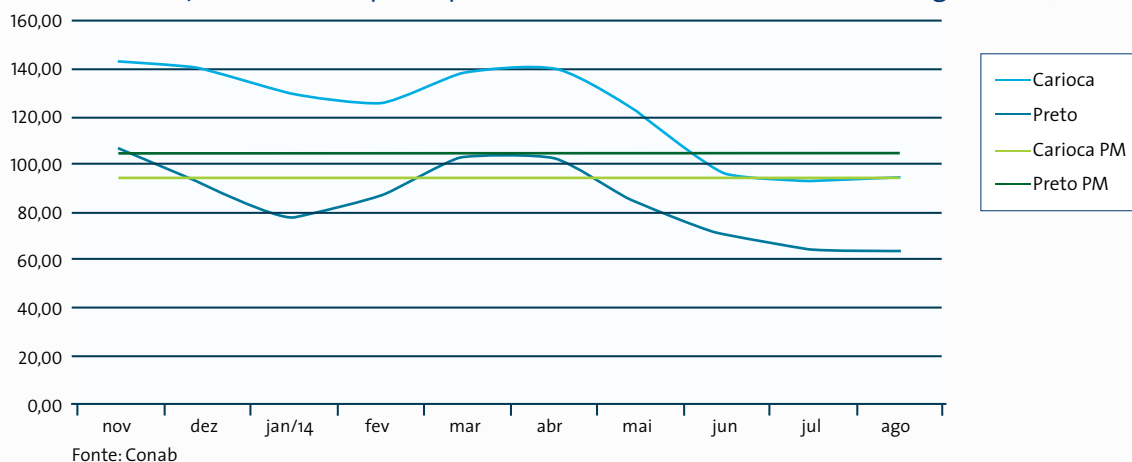
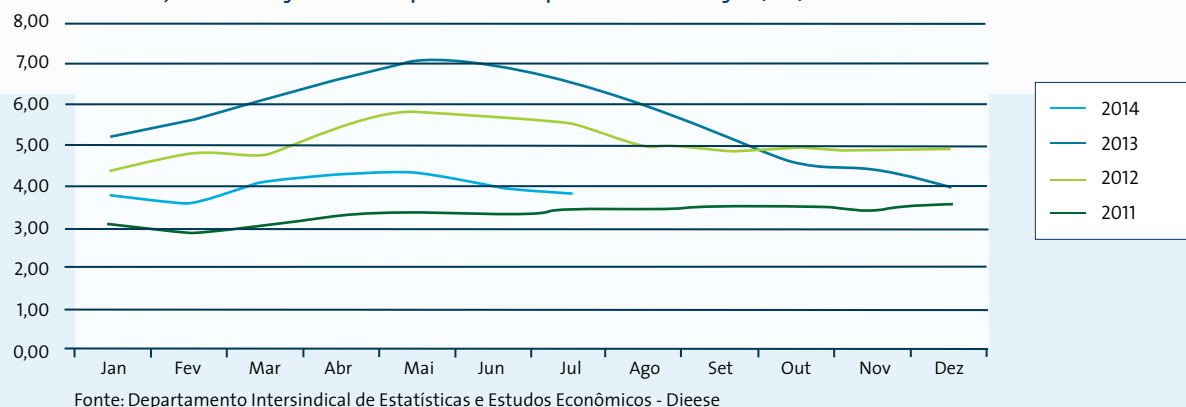


Gráfico 2 – Preços do feijão carioquinha – tipo 1 – no varejo (SP)



2.3. Suprimento

Tabela 3 – Quadro de suprimento Brasil – comum cores, preto e caupi (em mil t)

Ano - Safra	Estoque inicial	Produção Nacional	Importação	Suprimento	Consumo aparente	Exportação	Estoque de passagem
2007/08	81,4	3.520,9	209,7	3.812,0	3.580,0	2,0	230,0
2008/09	230,0	3.520,7	110,0	3.842,7	3.500,0	25,0	317,7
2009/10	317,7	3.322,5	181,2	3.821,4	3.450,0	4,5	366,9
2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
2012/13 (*)	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
2013/14 (*)	129,2	3.530,4	100,0	3.759,6	3.450,0	45,0	264,6

Legenda: (*) Dados estimados

Fonte: Conab/Secex

Nota: Posição de agosto/14

A safra atual é uma das maiores da história, semelhante à cultivada em 2008/2009, superior as duas últimas e abaixo, apenas, da 2010/2011, quando foi colhida no país uma safra recorde. Com isso, o balanço de oferta e demanda indica um ano de relativa tranquilidade. O consumo médio, no período 2009/10 a 2013/14, está em torno de 3,5 milhões de toneladas, e as importações na ordem de 260,1 mil toneladas anuais, com a maior parte de feijão comum

preto de origem Argentina e Chinesa. Esse último país teve sua safra comprometida por adversidades climáticas e o pouco colhido, além de ser da safra passada, está com os preços elevados, inviabilizando a sua importação. Contudo, a Argentina, maior fornecedor do Brasil, está colhendo uma boa safra estimada em 150.000 toneladas, e a mercadoria está chegando na fronteira ainda em pequenas quantidades, cotada em torno de US\$ 900,00/t.

O mercado está sendo abastecido com a produção oriunda da 2ª e 3ª safras, e uma pequena parcela de produto importado. A colheita da 3ª safra começou em julho, e o volume a ser produzido complementar o abastecimento interno até o mês de outubro, quando, a partir daí terá início a colheita da 1ª safra – 2014/15, em São Paulo e no Sul do país.

O feijão continua sendo base da alimentação da maioria da população que possui deficiência alimentar devido à baixa renda per capita. Na composição da cesta básica, o produto se destaca por suas qualidades nutricionais.

Urge incentivar o consumo do grão no país, que vem diminuindo desde a década de 1980, acrescentando ainda que a cultura perdeu nos últimos anos cerca de 2,8 milhões de hectares para outras culturas com melhores condições de comercialização, com destaque para a soja e o milho. Mesmo anos com boas cotações de mercado, como 2012 e 2013, não foram suficientes para recuperar parte da área perdida pela leguminosa.

Observa-se nitidamente redução de área nas regiões tradicionais de plantio, especialmente no Sul do país e parte da região Sudeste. Os avanços tecnológicos têm compensado, de alguma forma, essas perdas graças às pesquisas com descoberta de variedades mais produtivas e resistentes a pragas e doenças e, ainda, à profissionalização do produtor.

O mercado mundial movimenta anualmente, cerca de 23,0 milhões de toneladas do grão, com o Brasil sendo o terceiro maior produtor. Um dos principais entraves à exportação está no fato do maior volume da produção nacional, cerca de 40%, ser do grupo carioca, de alta deterioração, que apesar de contar com a preferência nacional, tem aceitação limitada em outros países.

Portanto, quando ocorre quebra de safra e o produto fica escasso no mercado, não existe alternativa de substituição e, ao contrário, quando ocorre excesso de oferta, não há como desová-lo. A mercadoria fica escurecendo nos armazéns, perdendo qualidade, onerando os custos de carregamento e sofrendo forte deságio na venda.

Um ponto positivo que se destaca é que variedades como o feijão comum preto, vermelho e outras, não têm maiores problemas para serem estocadas, pois, desde que bem acondicionadas, não perdem a qualidade.

Tabela 4 – Preços mínimos – Safra 2013/14

Variedade	Regiões e Estados amparados	Tipo	Unidade (kg)	2013/13	2013/14	%	Período de vigência
C. Cores	S, SE, C-O e BA-Sul	1	60	74,16	95,00	28,1	Nov/13 a Out/14
	N e NE (exceto BA-Sul)						Jan a Dez/14
C. Preto	S, SE, C-O e BA-Sul	1	60	74,16	105,00	41,6	Nov/13 a Out/14
	N e NE (exceto BA-Sul)						Jan a Dez/14
Caupi	Norte e Nordeste	1	60	54,59	60,00	9,9	Jan a Dez/14

Fonte: Conab

3. Intervenção governamental

Preocupado com esta situação, o governo passou a intervir no mercado por meio dos seus instrumentos de comercialização. A partir do mês de maio até o presente momento adquiriu cerca de 21,26 mil t do produto dos pequenos produtores rurais, sendo 21,4 mil t via AGF e 22,0 toneladas por meio do PAA. As maiores demandas foram dos estados do Sul, sendo: Paraná com 7,0 mil toneladas, Santa Catarina com 4,8 mil toneladas, Goiás com 4,0 mil toneladas e Distrito Federal com 2,8 mil toneladas. O estoque governamental tem por objetivo principal garantir o preço mínimo e sustentar a renda do agricultor. Este produto, em parte, será utilizado como doação para atender países em situação de insegurança alimentar.

4. Perspectiva para a temporada 2013/14

A Secretaria de Agricultura do Estado do Paraná estimou, em sua primeira intenção de plantio, uma redução de 15% no cultivo.

Diante do atual quadro de difícil comercialização por parte dos produtores, a perspectiva para o plantio da Safra das Águas é de redução na área a ser cultivada.

Como exercício, trabalhou-se com um declínio de 7,2%, levando em consideração:

- Regiões Norte e Nordeste - manutenção da área, com exceção da Bahia, que acena para um declínio de 2,4%;
- Região Sul – redução de 13,0% em função dos baixos preços recebidos pelos produtores, principalmente para o feijão comum carioca;
- Reduções nos estados de Goiás (5,0%), São Paulo (6,6%) e Minas Gerais (10,5%).

2ª safra - incremento de 2%, sendo:

- Regiões Norte e Nordeste - manutenção da área, vez que referidas regiões normalmente cultivam a área histórica, não se prendendo muito ao comportamento do mercado;
- Centro-Oeste e Sudeste – manutenção da área, essas regiões não sinalizam para alterações significativas no plantio;
- Região Sul - Acréscimo de 8,5%, uma vez que muitos produtores, notadamente os do Paraná, estão deixando de plantar o feijão na safra das águas, em detrimento à soja, e expandindo o cultivo na 2ª safra já que a qualidade do produto é melhor e o custo de produção menor.

Desta forma, e até mesmo em uma situação de mercado bem ofertado, implicando em queda dos preços, provavelmente não venha a ser alterada a intenção dos produtores em investir nas lavouras, bem como em ampliar suas áreas de cultivo. A principal cultura concorrente com essa leguminosa é o milho, e essa gramínea não atravessa um bom momento devido ao elevado estoque, tanto em nível nacional como mundial e preços em baixa.

Quanto à 3ª e última safra, cultivada a partir de maio, torna-se prematuro qualquer prognóstico, sendo mais aconselhável manutenção da superfície cultivada nesta temporada.

Neste cenário, para a elaboração do presente trabalho, levou-se em consideração informações de mercado e de colaboradores tradicionais, tais como: secretarias de agricultura, federações, cooperativas, corretoras, cerealistas, empresas de assistência técnica, dentre outros agentes de mercado. Com relação às produtividades, optou-se pela média das últimas safras, eliminando, portanto, as atípicas.

A nível nacional, a expectativa para a temporada 2014/15 é de uma produção de 3.368,1 mil toneladas, em uma área de 3.281,7 mil ha, contra, respectivamente, 3.442,2 mil t e 3.334,5 mil ha em 2013/14.

Cabe esclarecer que, tal situação está condicionada às condições extremamente favoráveis, o que dificilmente ocorre numa temporada de feijão por ser uma cultura considerada de alto risco.

Tabela 5 – Comparativo de área, produtividade e produção

Safras	Área (em mil ha)			Produtividade (kg/ha)			Produção (em mil t)		
	2013/14 (a)	2014/15 (*) (b)	% (b/a)	2013/14 (c)	2014/15 (*) (d)	% (d/c)	2013/14 (e)	2014/15 (f)	% (f/e)
1ª	1.165,7	1.082,3	-7,2	1.077	959	-11,0	1.255,8	1.038,0	-17,3
N/NE	505,9	493,8	-2,4	326	277	-15,0	165,1	136,9	-17,1
C/S	659,8	588,5	-10,8	1.652	1.530	-7,4	1.090,7	901,0	-17,4
2ª	1.494,3	1.524,9	2,0	880	887	0,8	1.315,4	1.353,2	2,9
N/NE	767,2	767,2	0,0	367	407	10,9	281,7	312,0	10,8
C/S	727,1	757,7	4,2	1.422	1374	-3,4	1.033,7	1.041,1	0,7
3ª	674,5	674,5	0,0	1.291	1.291	0,0	871,0	871,0	0,0
N/NE	450,6	450,6	0,0	659	659	0,0	296,8	296,8	0,0
C/S	223,9	223,9	0,0	2.565	2.565	0,0	574,2	574,2	0,0
Total	3.334,5	3.281,7	-1,6	1.032	994	-3,7	3.442,2	3.261,8	-5,2
N/NE	1.723,7	1.711,6	-0,7	431	436	1,2	743,6	745,7	0,3
C/S	1.610,8	1.570,1	-2,5	1.675	1.602	-4,4	2.698,6	2.516,1	-6,8

Fonte: Conab

5. Preços e tendências

Nas últimas semanas de agosto de 2014, mesmo com os preços caindo para valores bem abaixo dos custos de produção, a demanda apresentada foi irrisória, deixando o mercado praticamente parado, com enorme prejuízo, principalmente para os produtores que conduzem as lavouras sob irrigação, onde os custos são bem mais elevados.

Em função da adoção do vazio sanitário para combater a mosca branca, em vigor nos Estados de Minas Gerais, Goiás e Distrito Federal muitos agricultores anteciparam o plantio para meados de junho, o que deverá provocar uma concentração de ofertas para os meses de agosto e setembro. No Paraná, principal estado produtor, faltam ser comercializadas 27% da produção da 2ª safra, cerca de 109,0 mil toneladas.

Com o mercado bastante ofertado e aliado à fraca demanda, os preços praticados nas zonas de produção devem seguir nos patamares atuais. Entretanto, a partir de outubro, a oferta tende a recuar, abrindo espaço para uma melhor remuneração do produto.

Todavia, como de hábito, entre os meses de dezembro e fevereiro, observa-se uma expressiva queda no consumo, ocasionada pelas festividades de final de ano e férias escolares.

Enfim, o mercado ficará focado no comportamento da área a ser plantada na 1ª safra, que começa a partir do mês de agosto, bem como no seu desenvolvimento e, consequentemente, na demanda varejista.

Caso se confirme o cenário acima, o mercado passará a operar com uma menor oferta do produto, e com tendência de uma recuperação nos preços ao produtor, superando o mínimo oficial que é R\$ 95,00 a saca de 60 kg.



A seguir são apresentados alguns aspectos do setor lácteo, no mercado mundial e no país, sobre produção, consumo, comércio e preços, com o objetivo de apresentar informações que auxiliem o setor a vislumbrar a situação de mercado para 2014/15 e na próxima década.

1. Mercado internacional

1.1. Produção de leite

Conforme as informações do *United States Department of Agriculture / Foreign Agricultural Service (USDA/FAS), Dairy: World Markets and Trade*, de julho/2014, a produção de leite de vaca de países selecionados, evoluiu a uma taxa de 1,9% aa entre 2009 e 2013, sendo estimada em mais 2,8% em 2014, quando deverá alcançar 481,1 milhões de t e em mais 2,1% em 2015, alcançando 491,4 milhões de t (Tabela 1).

Tabela 1 – Leite: produção mundial 2009-2015¹ em 1.000 toneladas

País/Bloco	2009	2010	2011	2012	2013 (e)	2014 (p)	2015 (p) ²	Prod. méd. no período	Part. méd. na prod. (%)	Taxa de crescimento (%)				
								2009-13	2015/ 2014 %	2014/ 2013 %	2013/ 2012%	2009- 2013% aa	Média 2011 a 2013% aa ¹	
UE (28)	133.700	135.472	138.220	139.000	140.100	144.000	145.872	137.298	30,4%	1,3%	2,8%	0,8%	1,2%	0,6%
EUA	85.880	87.474	88.978	90.962	91.271	93.375	95.616	88.913	19,7%	2,4%	2,3%	0,3%	1,5%	1,5%
Índia	48.160	50.300	53.500	55.500	57.500	60.125	62.410	52.992	11,7%	3,8%	4,6%	3,6%	4,5%	4,7%
China	28.445	29.300	30.700	32.600	34.300	36.000	37.548	31.069	6,9%	4,3%	5,0%	5,2%	4,8%	2,9%
Brasil	30.016	31.698	33.123	33.338	34.005	35.025	36.146	32.436	7,2%	3,2%	3,0%	2,0%	3,2%	1,5%
Rússia	32.600	31.847	31.646	31.831	30.661	30.500	30.775	31.717	7,0%	0,9%	-0,5%	-3,7%	-1,5%	0,6%
N. Zelândia	16.983	17.173	18.965	20.567	20.200	21.450	21.793	18.778	4,2%	1,6%	6,2%	-1,8%	4,4%	2,9%
Argentina	10.350	10.600	11.470	11.679	11.933	12.112	12.391	11.206	2,5%	2,3%	1,5%	2,2%	3,6%	3,5%
México	10.866	11.033	11.046	11.274	11.255	11.442	11.511	11.095	2,5%	0,6%	1,7%	-0,2%	0,9%	0,7%
Ucrânia	11.370	10.977	10.804	11.080	11.160	11.220	11.254	11.078	2,5%	0,3%	0,5%	0,7%	-0,5%	0,6%
Austrália	9.326	9.327	9.568	9.811	9.400	9.900	10.058	9.486	2,1%	1,6%	5,3%	-4,2%	0,2%	2,3%
Canadá	8.280	8.350	8.400	8.614	8.535	8.450	8.442	8.436	1,9%	-0,1%	-1,0%	-0,9%	0,8%	0,8%
Japão	7.910	7.721	7.474	7.631	7.560	7.580	7.588	7.659	1,7%	0,1%	0,3%	-0,9%	-1,1%	-0,1%
Total	433.886	441.272	453.894	463.887	467.880	481.179	491.402	452.164	100,0%	2,1%	2,8%	0,9%	1,9%	

Legenda:

1. Para o período até 2008 considera-se o ano/safra encerrando em 30/junho;

2. Projeções da OCDE/FAO Agricultural Outlook 2013 - 2022 para a produção de leite entre 2010 - 12 e 2022;

3. As projeções da OCDE/FAO até 2023 consideram a produção de leite de: bovinos, búfalos, cabras, ovelhas e camelos.

Fonte: IBGE; USDA

Nota: 2013 (e - estimativa), 2014 (p - previsão). Para o Brasil considerou-se 1 litro = 1,032 kg

De acordo com as informações da edição de 2012 do *Agricultural Outlook 2012 - 2021*, da *OECD/FAO (Organization for Economic Cooperation and Development / Food and Agriculture Organization)*, a produção mundial de leite naquele ano advinha de 626 milhões de animais, sendo 83% vacas; 13% búfalos, 2% cabras, 1% ovelhas e 1% camelos. Nos países desenvolvidos a produção tem origem, em sua maioria, de vacas leiteiras (nos Estados Unidos é de 100% e na União Européia 28 de 97%), enquanto nos países em desenvolvimento esses percentuais são menores: Etiópia (82%), Argélia (78%) e Índia (40%).

De acordo com a publicação da FAO *Milk and Dairy Products in Human Nutrition*, de 2013, as proporções, no Brasil, são: 99,5% da produção é de leite de vaca e 0,5% de leite de cabra, considerando a média do período 2006-09.

A UE-28 deverá aumentar a sua produção em 2,8% em 2014, superior aos 0,8% do ano anterior, alcançando 144,0 milhões de toneladas. De acordo com dados da FAO (*Food Outlook*, de maio/2014), essa região exporta 10,2% de sua produção. Para 2015, estima-se um aumento de 1,3%. A UE-28 experimentou boas margens na produção primária, resultado de altos preços ao produtor e redução dos custos, estimulando o aumento da produção. No segundo semestre espera-se um menor aumento da produção devido ao recuo dos preços internacionais. De acordo com dados divulgados pela *Organization for Economic Cooperation and Development e Food and Agriculture Organization (OECD/FAO)*, *Agricultural Outlook 2014 -2023*, de 2014, estima-se que a UE-28 deverá aumentar a sua produção de leite a uma taxa média de 0,6% aa até 2023, considerando-se como base a média de produção do período entre 2011 e 2013, enfrentando custos de produção ainda altos e baixo crescimento da demanda interna. O fim do sistema de cotas está previsto para abril/2015, com estimativa de impacto mínimo na produção, com concentração em algumas regiões.

Nos Estados Unidos, a produção aumentou 0,3% em 2013 e deve aumentar 2,3% em 2014, alcançando 93,3 milhões de toneladas e 2,4% em 2015, alcançando 95,6 milhões de toneladas. A partir do segundo semestre de 2013 houve um aumento dos preços pagos ao produtor. Esses valores somente recuaram em maio deste ano, o que impulsionou o aumento da produção devido ao bom retorno da atividade. Conforme as projeções da OECD/FAO, o aumento da produção nos próximos dez anos, considerando a média entre 2011-13 e 2023, deverá ser de +1,5% aa. Estima-se que as exportações de derivados lácteos devam alcançar US\$ 6,8 bilhões no ano fiscal de 2014, com a China passando a ser o seu segundo maior mercado, após o México. De acordo com dados da FAO (no *Food Outlook*, de maio/2014) sua participação nas exportações mundiais de lácteos está estimada em 15,5% em 2014.

A nova *Farm Bill (Agriculture Act of 2014)* aprovou o seguro de margens da atividade leiteira (*Margin Protection Program*), com previsões de valores mínimos entre o preço do leite e o das rações. Também foi aprovado o Programa de Distribuição de Produtos Lácteos (*Dairy Product Donation Program – DPDP*) que autoriza o USDA a comprar produtos lácteos para distribuição à população de baixa renda.

A produção na China continuará em expansão em 2014 (+5,0%) e 2015 (+4,3%) podendo alcançar 37,5 milhões de toneladas nesse último ano. De acordo com as projeções da OECD/FAO, a produção chinesa de leite deverá aumentar a uma taxa média de 2,9% aa até 2023, assumindo como base a média de produção no período 2011-13. Em 2014 o país deverá importar 1,33 milhão de toneladas de leite em pó, sendo 1,0 milhão de toneladas de leite em pó integral, devido ao aumento da demanda interna, oferta interna limitada e estritas regulamentações.

O maior fornecedor de leite em pó integral para a China é a Nova Zelândia, devido às baixas tarifas e facilidade de troca direta do dólar da Nova Zelândia pelo renminbi chinês, derivadas do acordo de livre comércio entre os dois países.

O Brasil aumentou a sua produção de leite de vaca a um ritmo de 3,2% aa no período 2009-2013, devendo crescer 3,0% em 2014 (35,0 milhões de toneladas) e 3,2% em 2015 (36,1 milhões de toneladas). Para os próximos dez anos (média entre 2011-13 e 2023), a taxa média anual estimada de aumento da produção é de 1,5% aa.

A produção na Nova Zelândia deve aumentar em 6,2% em 2014 (21,4 milhões de toneladas) e em 1,6% em 2015 (21,7 milhões de toneladas), após a redução da produção em -1,8% em 2013. As boas margens ao produtor, que permitiram compensar o mau estado das pastagens devido à seca em algumas regiões no início do ano por rações, e o aumento do rebanho impulsionaram a recuperação da produção. No segundo semestre, o aumento da produção deverá ser menor, mesmo com os ainda relativamente elevados preços internacionais. A previsão de aumento médio da produção para o período 2011-13 a 2023 está estimada em 2,9% aa.

Conforme dados da FAO, as exportações neozelandesas devem representar 26,6% do total das exportações mundiais em equivalente leite em 2014, tendo sido de 25,8% no período 2010-12, sendo o país o maior exportador mundial. Em 2014 as exportações devem absorver 89,4% de sua produção.

A produção na Argentina deverá aumentar 1,5% em 2014 (12,1 milhões de toneladas), sendo afetada pelo clima adverso e impulsionada pelos bons preços ao produtor. Em 2015, o aumento estimado da produção é de 2,3% (12,3 milhões de toneladas). A desvalorização do peso argentino e a crescente inflação afetam negativamente a atividade. O aumento da produção está sendo direcionado para a produção de leite em pó integral e queijo. Para os próximos dez anos (base no período 2011-13), a OECD/FAO estima que a sua produção deverá aumentar a uma taxa média de 3,5 % aa. De acordo com a FAO, sua participação, em equivalente leite, no mercado mundial deverá diminuir levemente de 3,8% no período 2010-12 para uma estimativa de 3,7% em 2014.

Após um período de pouco aumento da produção entre 2009 e 2013 (0,2% aa), a produção de leite na Austrália deverá aumentar 5,3% em 2014 e 1,6% em 2015. O clima favorável, reduzindo os custos com irrigação e melhorando o estado das pastagens, e os bons preços ao produtor incentivam a atividade. O rebanho deverá se expandir em 3,0% no corrente ano. A perspectiva de ocorrência do fenômeno climático *El Niño* introduz incertezas na produção do segundo semestre. Suas exportações, em equivalente leite, diminuíram de 6,0% do total das exportações mundiais no período 2010 - 12 para uma estimativa de 4,7% em 2014, sendo o quarto maior exportador.

A produção dos cinco principais exportadores (Nova Zelândia, UE-28, Estados Unidos, Austrália e Argentina) que deverá ser de 2,9% em 2014, deverá recuar para 1,7% em 2015, prevendo-se a sustentação dos preços internacionais devido à firme demanda dos importadores.

As projeções da OECD/FAO para o crescimento da produção mundial de leite de vaca e outros animais na próxima década indicam um aumento de 24,0% entre a média do período 2011-13 a 2023, a uma taxa média anual de 2,4% aa, um acréscimo de 179,5 milhões de tone-

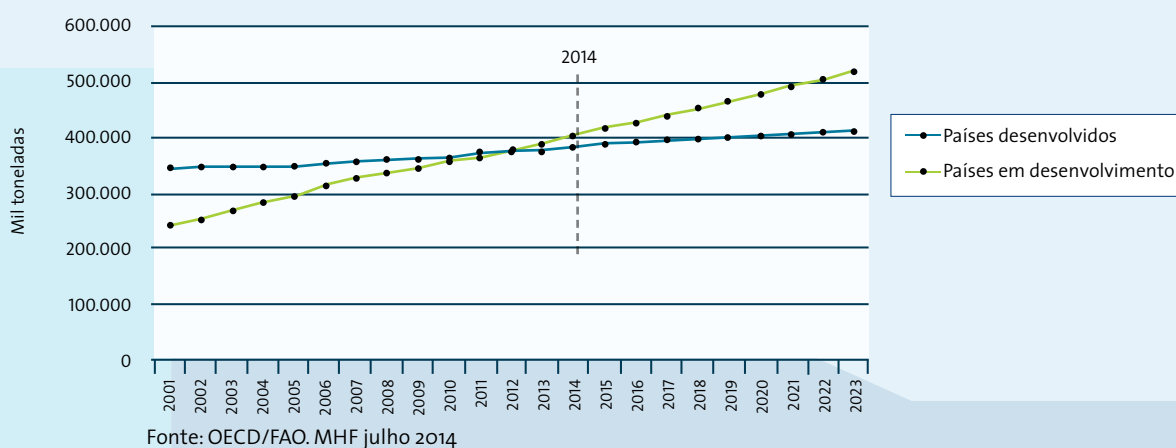
ladas, evoluindo de 748,6 milhões para 928,1 milhões de toneladas. Na década anterior (entre 2004 e 2013), o aumento da produção mundial ocorreu a uma taxa de 2,2% aa.

Os países desenvolvidos devem aumentar a sua produção em 10,7%, entre a média 2011-13 e 2023, um acréscimo de 39,7 milhões de toneladas, ou 22,1% do acréscimo da produção mundial, a uma taxa de 1,1 % aa, alcançando 411,6 milhões de toneladas no final do período (Gráfico 1). No mesmo período, os países em desenvolvimento terão um aumento de sua produção de 37,1%, ou 139,7 milhões de toneladas, a uma taxa de 3,6% aa, alcançando 516,5 milhões de toneladas em 2023 e participando com 77,9% do acréscimo da produção mundial nos próximos dez anos.

A Ásia será responsável por 75,7% do acréscimo da produção sendo que a Índia, que inclui leite de búfalos, participará com 38,1% do acréscimo e a China participará com 6,5% do aumento previsto da produção. Será seguida pela América Latina que participará com 9,8% do acréscimo, sendo o Brasil responsável por 2,3% e a Argentina por 2,4% do aumento. A África participará com 9,1% do aumento; sendo seguida pela Europa (6,3% do aumento), sendo 4,6% do acréscimo devido à UE-28. Os Estados Unidos participará com 7,1%; e a Nova Zelândia com 3,1% da produção adicional entre 2011-13 e 2023.

As variáveis macroeconômicas, como o crescimento econômico, inflação, taxa de câmbio e preço do petróleo, são as incertezas que mais afetam a produção, consumo e comércio de leite. Seguem-se as variáveis que influenciam a produtividade, como terras, água, regulamentações, inclusive sobre bem-estar dos animais e meio-ambiente, custos de produção, adicionando-se a crescente importância das abruptas mudanças climáticas, com impactos nos preços dos grãos forrageiros e na manutenção de pastagens.

Gráfico 1 – Leite: Produção nos países desenvolvidos e em desenvolvimento, histórica e estimada 2001-2023 em mil t



1.2. Produção de derivados lácteos

A produção dos principais derivados lácteos está dividida, na média do período 2011-13, proporcionalmente entre países desenvolvidos e em desenvolvimento da seguinte forma: manteiga (45,3% nos países desenvolvidos e 54,7% nos países em desenvolvimento); queijo (80,3% nos países desenvolvidos e 19,7% nos países em desenvolvimento); leite em pó desnatado (87,2% nos países desenvolvidos e 12,8% nos países em desenvolvimento); e leite em pó integral (45,3% nos países desenvolvidos e 54,7% nos países em desenvolvimento).

Nos próximos dez anos, entre 2011-13 e 2023, o aumento da produção mundial dos principais derivados lácteos, nos países desenvolvidos e em desenvolvimento, será a seguinte: a produção de manteiga aumentará 9,7% nos países desenvolvidos (de 4,4 milhões para 4,9 milhões de toneladas) e 42,5% nos países em desenvolvimento (de 5,4 milhões para 7,7 milhões de toneladas); a produção de queijo aumentará 17,6% nos países desenvolvidos (de 17,0 milhões para 20,0 milhões de toneladas) e 25,0% nos países em desenvolvimento (de 4,1 milhões para 5,2 milhões de toneladas); a produção de leite em pó desnatado aumentará 24,8% nos países desenvolvidos (de 3,2 milhões para 4,0 milhões de toneladas) e 12,5% nos países em desenvolvimento (de 480,3 mil para 540,1 mil toneladas); e a produção de leite em pó integral aumentará 21,1% nos países desenvolvidos (de 2,1 milhões para 2,5 milhões de toneladas) e 33,7% nos países em desenvolvimento (de 2,5 milhões para 3,4 milhões de toneladas) (Gráficos 2 a 5).

Gráfico 2 – Manteiga: Produção nos países desenvolvidos e em desenvolvimento, histórica e estimada, 2001 a 2023 - Em mil toneladas

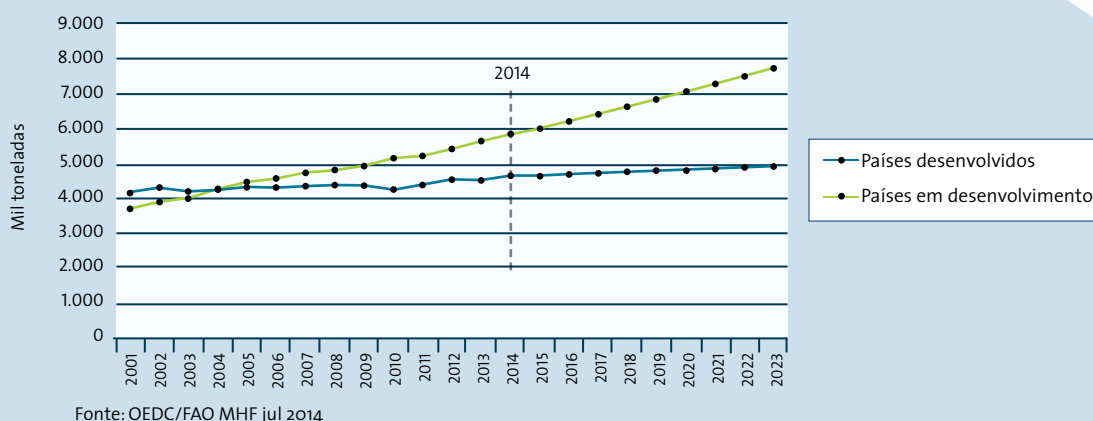


Gráfico 3 – Queijo: Produção nos países desenvolvidos e em desenvolvimento, histórica e estimada, 2001 a 2023 - Em mil toneladas

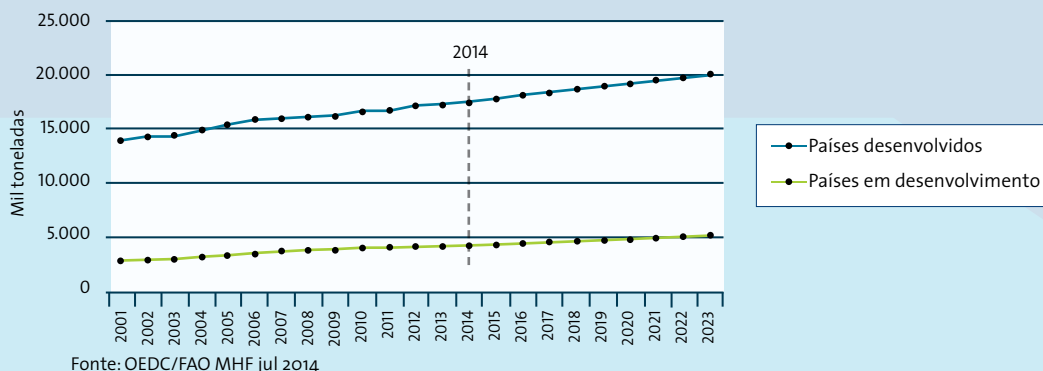


Gráfico 4 – Leite em pó desnatado: Produção nos países desenvolvidos e em desenvolvimento, histórica e estimada, 2001 a 2023 - Em mil toneladas

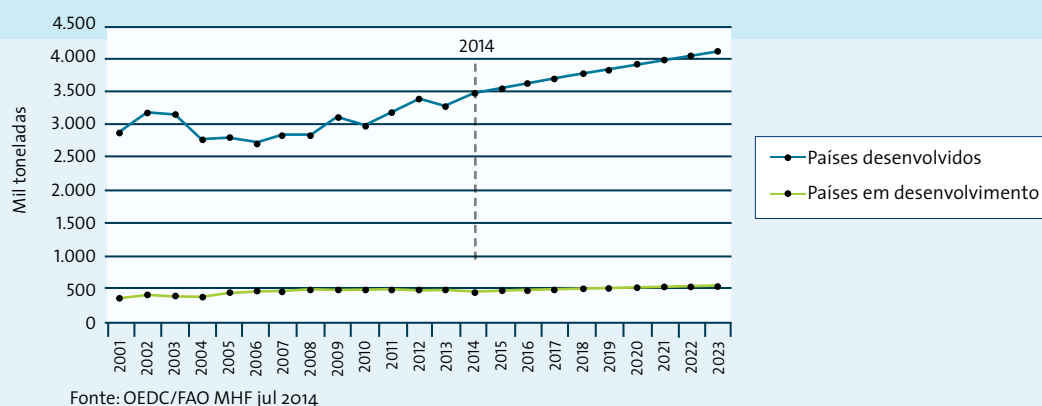
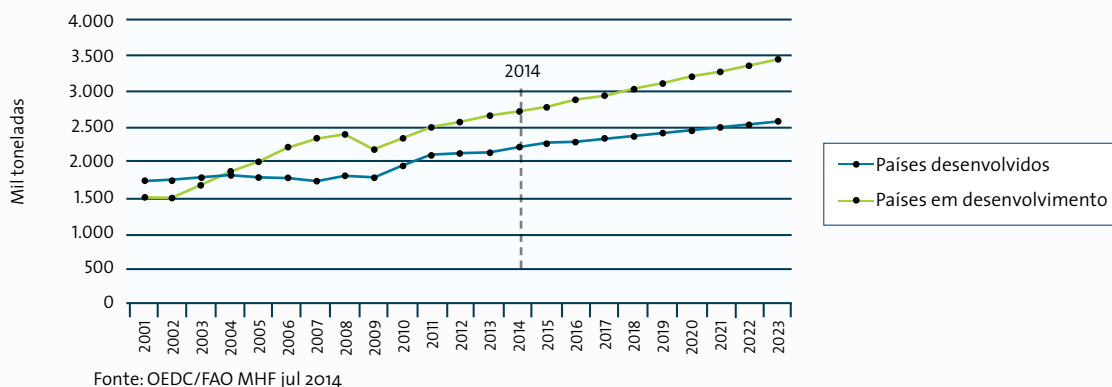


Gráfico 5 – Leite em pó integral: Produção nos países desenvolvidos e em desenvolvimento, histórica e estimada, 2001 a 2023 - Em mil toneladas



1.3. Mercado Consumidor

Conforme o relatório da OEDC/FAO, o consumo *per capita*/ano dos principais derivados lácteos, entre a média do período 2011-13 e 2023, deve evoluir da seguinte forma: o consumo de manteiga nos países desenvolvidos deve aumentar 3,5%, de 2,88 kg/*per capita* para 2,98 kg/*per capita* e nos países em desenvolvimento em 23,5%, de 1,04 kg/*per capita* para 1,28 kg/*per capita* no final do período; o consumo de queijo deve aumentar nos países desenvolvidos de 11,81 kg/*per capita* para 12,99 kg/*per capita*, ou 10,0%, e nos países em desenvolvimento deve aumentar de 0,81 kg/*per capita* para 0,98 kg/*per capita*; o consumo de leite em pó desnatado deve aumentar de 1,19 kg/*per capita* nos países desenvolvidos para 1,32 kg/*per capita*, ou 11,2% e deve aumentar de 0,33 kg/*per capita* para 0,38 kg/*per capita* nos países em desenvolvimento, ou 15,2%; o consumo de leite em pó integral nos países desenvolvidos deve aumentar levemente de 0,38 kg/*per capita* para 0,39 kg/*per capita*, ou 3,5%, e nos países em desenvolvimento deve aumentar de 0,74 kg/*per capita* para 0,84 kg/*per capita*, ou 14,0% (Gráficos 6 a 9).

O crescimento da renda, da população, da urbanização, acesso à refrigeração e ocidentalização das dietas impulsionam o consumo dos países em desenvolvimento.

Gráfico 6 – Manteiga: Consumo *per capita* nos países desenvolvidos e em desenvolvimento, histórico e estimado, 2001 a 2023 - Em kg/*per capita*/ano

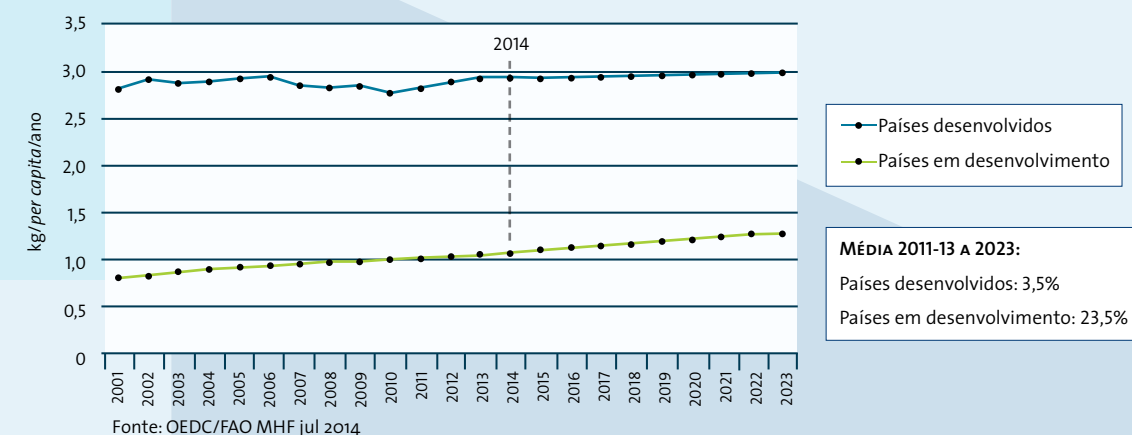
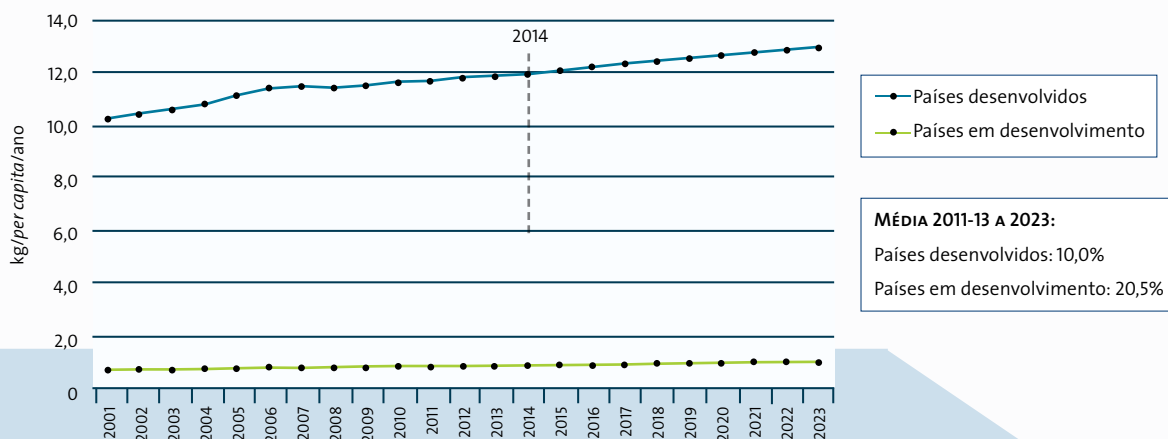


Gráfico 7 – Queijo: Consumo *per capita* nos países desenvolvidos e em desenvolvimento, histórico e estimado, 2001 a 2023 - Em kg/*per capita*/ano



Fonte: OEDC/FAO MHF jul 2014

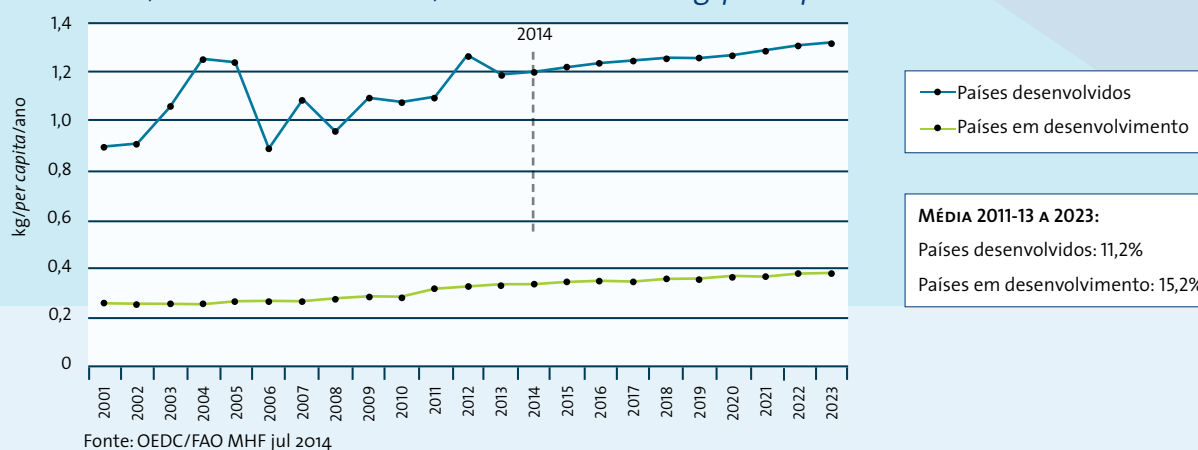
1.4. Comércio Internacional

De acordo com o *International Monetary Fund*, na publicação *World Economic Outlook*, de abril/2014, o comércio global de alimentos, medido em dólares norte-americanos, que deve diminuir -5,3% em 2014 deve diminuir adicionais -5,9% em 2015 e o de matérias primas agrícolas, que deve aumentar 0,5% em 2014 deve recuar -0,3% em 2015.

O Japão, maior importador líquido mundial de alimentos, reduzirá o seu crescimento de 1,4% em 2014 para 1,0% em 2015. A China, grande importador de lácteos, permanece reduzindo as suas taxas de crescimento econômico de 7,5% em 2014, para 7,3% em 2015, alcançando 6,5% em 2019.

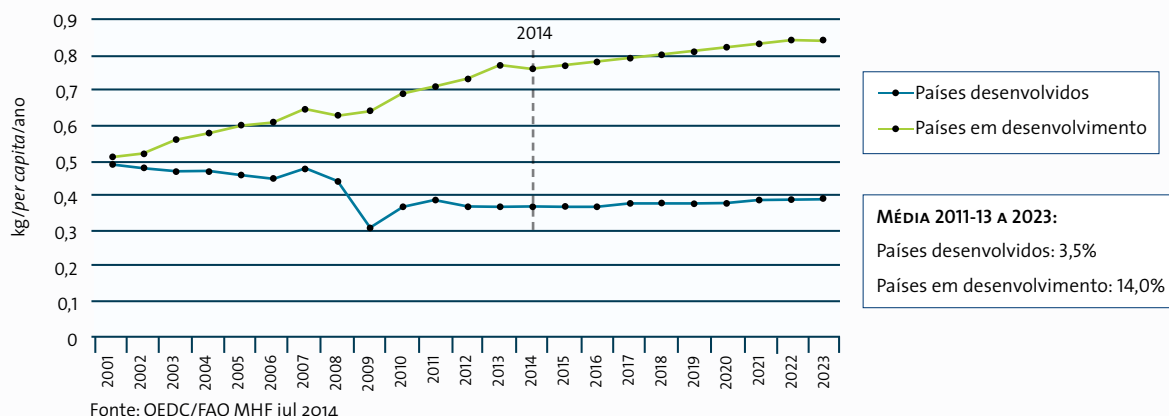
A Índia deve crescer 5,4% em 2014 (6,4% em 2015); a Rússia deve crescer 1,3% em 2014 (2,3% em 2015); e o Brasil em 1,8% em 2014 (2,7% em 2015).

Gráfico 8 – Leite em pó desnatado: Consumo *per capita* nos países desenvolvidos e em desenvolvimento, histórico e estimado, 2001 a 2023 - em kg/*per capita*/ano



Fonte: OEDC/FAO MHF jul 2014

Gráfico 9 – Leite em pó integral: Consumo *per capita* nos países desenvolvidos e em desenvolvimento, histórico e estimado, 2001 a 2023 - em kg/*per capita*/ano



Os vinte e nove países que compõem o grupo de países emergentes e em desenvolvimento da Ásia (incluindo China, Índia e nações do Sudeste Asiático) devem apresentar crescimento econômico de 6,7% em 2014, 6,8% em 2015, alcançando 5,4% em 2019.

A Argélia, grande importador de leite em pó, reduzirá sua taxa de crescimento de 4,3% em 2014 para 4,1% em 2015, alcançando 4,3% em 2019. O México, grande importador de leite em pó desnatado, crescerá 3,0% em 2014, 3,5% em 2015 e 3,8% em 2019.

O crescimento dos países emergentes e em desenvolvimento em 2014 deverá ser de 4,9%, de 5,3% em 2015 e de 5,3% em 2019, o que mantém a demanda firme por produtos lácteos.

De acordo com o relatório da OECD/FAO, os principais exportadores líquidos (exportações menos importações) estimados de manteiga, no período 2011-13, são: Nova Zelândia (421,8 mil t); UE-28 (95,2 mil t); Estados Unidos (46,6 mil t); Austrália (30,3 mil t); e Argentina (22,4 mil t), com uma participação de 73,0% do total as exportações dessa *commodity*, percentual que deve aumentar para 77,2% em 2023 (Tabela 2).

Os principais exportadores líquidos de queijo, no mesmo período, foram: UE-28 (667,1 mil t); Nova Zelândia (263,0 mil t); Estados Unidos (123,3 mil t); Austrália (91,8 mil t); e Argentina (51,0 mil t), representando 50,7% do total exportado no período, percentual que aumenta para 67,3% no final do período.

Os principais exportadores líquidos de leite em pó desnatado, na média do período 2011-13, foram: UE-28 (478,6 mil t); Estados Unidos (465,4 mil t); Nova Zelândia (390,0 mil t); e Austrália (143,6 mil t), representando 81,9% das exportações no período, aumentando a sua participação para 86,1% em 2023.

Os principais exportadores líquidos de leite em pó integral, entre 2011-13, foram: Nova Zelândia (1.119,0 milhão de t); UE-28 (378,2 mil t); Argentina (204,7 mil t); e Austrália (89,3 mil t), representando 81,3% das exportações mundiais, sendo que esse grupo de países aumenta a sua participação para 83,6% em 2023.

O leite em pó desnatado será a *commodity* que mais ampliará as suas exportações, au-

mentando 34,0% entre a média do período 2011-13 e 2023, evoluindo de 1,8 milhão de t para 2,4 milhões de t no final do período. Será seguido pelo queijo, que aumentará as suas exportações em 24,9%, de 2,3 milhões de t para 2,9 milhões de t em 2023; pelo leite em pó integral, cujas exportações aumentarão de 2,2 milhões de t em média no período 2011-13 para 2,7 milhões de t em 2023, ou 24,5%; e pela manteiga, cujas exportações devem evoluir 9,4%, de 844,4 mil t para 923,6 mil t no fim do período.

Os maiores importadores líquidos de manteiga, entre 2011-13, foram: Rússia (155,9 mil t), Norte da África (105,2 mil t), Arábia Saudita (53,9 mil t), Irã (45,2 mil t), China (43,6 mil t) e México (20,6 mil t).

Os maiores importadores líquidos de manteiga, descontadas eventuais exportações, na média do período 2011-13, foram: Rússia (155,9 mil t), Norte da África (105,2 mil t), Arábia Saudita (53,9 mil t), Irã (45,2 mil t), China (43,6 mil t) e México (20,6 mil t). Os maiores importadores líquidos de queijo, entre 2011-13, foram: Rússia (397,4 mil t), Japão (227,0 mil t), México (90,7 mil t), Coreia do Sul (79,9 mil t), China (39,1 mil t), Brasil (29,0 mil t) e Indonésia (19,7 mil t). Os maiores importadores líquidos de leite em pó desnatado, na média entre 2011 e 2013, foram: México (226,1 mil t), Norte da África (203,4 mil t), China (168,6 mil t), Indonésia (136,8 mil t), Filipinas (106,9 mil t); Malásia (85,2 mil t), Vietnã (74,6 mil t) e Rússia (41,9 mil t). Os maiores importadores líquidos de leite em pó integral, no mesmo período, foram: China (421,0 mil t), Norte da África (238,0 mil t), Arábia Saudita (89,4 mil t), Brasil (66,5 mil t), Nigéria (60,6 mil t) e Indonésia (50,9 mil t).

Entre os maiores exportadores, o estudo da OECD/FAO estima, na comparação entre 2011-13 e 2023, que a Nova Zelândia deve reduzir a sua participação no mercado mundial de manteiga (-6,3%) e de leite em pó desnatado (-10,3%), ganhando participação em queijo (14,1%) e leite em pó integral (12,0%). A Austrália deverá perder participação, na comparação dos dois períodos, em leite em pó desnatado (-10,3%) e leite em pó integral (-14,1%), ganhando participação em manteiga (30,0%) e queijo (24,9%). A UE-28 deverá reduzir sua participação no mercado mundial de leite em pó integral (-26,7%) e desnatado (-3,3%) e aumentar a sua participação em manteiga (10,4%) e queijo (29,3%). Os Estados Unidos ganham participação no mercado internacional de manteiga (102,1%), queijo (114,5%) e leite em pó desnatado (31,6%). A Argentina deve reduzir a sua participação no mercado mundial de manteiga (-20,0%) e queijo (-8,8%), mas aumentará a sua participação no comércio mundial de leite em pó integral (14,9%).

Tabela 2 – Lácteos: Principais exportadores líquidos, históricos e estimados, 2011-13 e 2023 - em mil t e %

Derivado	2011-13	Part. %	2023	Part. %	Var. Part. %
Manteiga					
Nova Zelândia	421,8	50,0%	432,4	46,8%	-6,3%
UE - 28	95,2	11,3%	115	12,5%	10,4%
Estados Unidos	46,6	5,5%	103	11,2%	102,1%
Austrália	30,3	3,6%	43,1	4,7%	30,0%
Argentina	22,4	2,7%	19,6	2,1%	-20,0%
Países acima	616,3	73,0%	713,1	77,2%	5,8%
MUNDO	844,4	100,0%	923,6	100,0%	0,0%

Cont.

Derivado	2010-12	Part. %	2022	Part. %	Var. Part. %
Queijo					
UE - 28	667,1	28,3%	1.076,9	36,6%	29,3%
Nova Zelândia	263,0	11,1%	374,7	12,7%	14,1%
Estados Unidos	123,3	5,2%	330,3	11,2%	114,5%
Austrália	91,8	3,9%	143,2	4,9%	24,9%
Argentina	51,0	2,2%	58,1	2,0%	-8,8%
Países acima	1.196,2	50,7%	1.983,2	67,3%	32,8%
MUNDO	2.359,4	100,0%	2.946,3	100,0%	0,0%
Leite em pó desnatado					
UE - 28	478,6	26,5%	620,5	25,7%	-3,3%
Estados Unidos	465,4	25,8%	820,5	33,9%	31,6%
Nova Zelândia	390,0	21,6%	468,8	19,4%	-10,3%
Austrália	143,6	8,0%	172,7	7,1%	-10,3%
Países acima	1.477,6	81,9%	2.082,5	86,1%	5,2%
MUNDO	1.804,1	100,0%	2.417,8	100,0%	0,0%
Leite em pó integral					
Nova Zelândia	1.119,0	50,8%	1.560,1	56,9%	12,0%
UE - 28	378,2	17,2%	345,1	12,6%	-26,7%
Argentina	204,7	9,3%	292,6	10,7%	14,9%
Austrália	89,3	4,1%	95,5	3,5%	-14,1%
Países acima	1.758,1	81,3%	2.293,3	83,6%	2,9%
MUNDO	2.204,0	100,0%	2.743,0	100,0%	0,0%

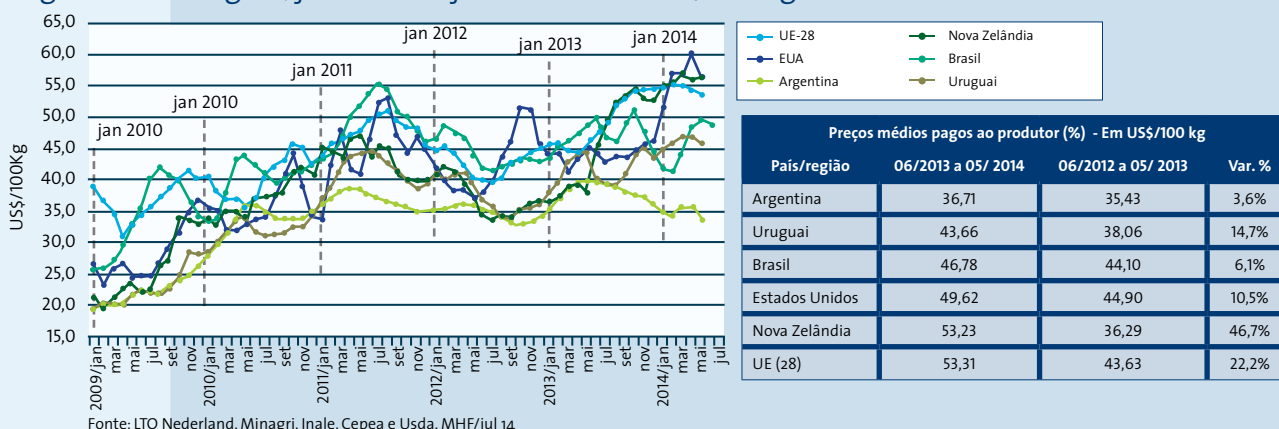
Fonte: OCDE/FAO

O comércio internacional de lácteos passa por influência crescente do grande número de acordos de livre comércio e acordos regionais de comércio que estão sendo negociados, ampliando a demanda, melhorando as condições de acesso e viabilizando acordos de sanidade.

1.5. Preços internacionais: ao produtor e de commodities lácteas

Os preços médios pagos ao produtor nos principais países produtores, na comparação da média entre junho/2012 a maio/2013 e junho/2013 a maio/2014, evoluíram da seguinte forma: Argentina em 3,6%, de (US\$ 35,43/100kg para US\$ 36,71/100kg); Uruguai em 14,7% (US\$ 38,06/100kg para US\$ 43,66/100kg); Brasil em 6,1% (de US\$ 44,10/100kg para US\$ 46,78/100kg); Estados Unidos em 10,5% (de US\$ 44,90/100kg para US\$ 49,62/100kg); Nova Zelândia em 46,7% (de US\$ 36,29/100kg para US\$ 53,23/100 kg); e UE-28 (US\$ 43,63/100kg para US\$ 53,31/100kg) (Gráfico 10).

Gráfico 10 – Preços pagos ao produtor na UE-28, Nova Zelândia, Estados Unidos, Brasil (até jun), Argentina e Uruguai, jan/2009 a jun/2014 - Em US\$/100kg



Fonte: LTO Nederland, Minagri, Inale, Cepea e Usda. MHF/jul 14

No que se refere às principais *commodities* lácteas, seus preços internacionais nominais apresentaram expressivo recuo a partir de janeiro/2014 devido à recuperação da produção na Oceania, à redução dos preços das rações e ao relativo desaquecimento da demanda chinesa.

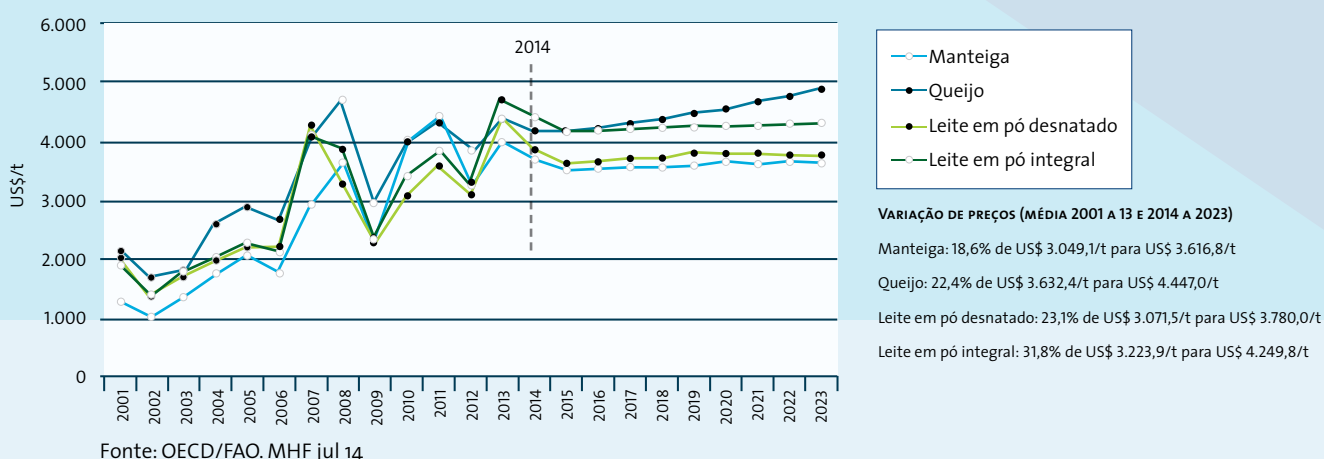
Na comparação da média de preços nominais dos últimos dez anos (2004 a 2013) com os preços nominais dos próximos dez anos (2014 a 2023), encontram-se os seguintes resultados: manteiga, preço médio evoluindo de US\$ 3.049,1/t para US\$ 3.616,8/t, ou +18,6%; queijo com preço médio evoluindo de US\$ 3.632,4/t para US\$ 4.447,0/t, ou +22,4%; leite em pó desnatado, preço médio evoluindo de US\$ 3.071,5/t para US\$ 3.780,0/t, ou +23,1%; e leite em pó integral, com preço médio evoluindo de US\$ 3.223,9/t para US\$ 4.249,8/t, ou +31,8% (Gráfico 11).

Os preços devem permanecer em níveis altos e voláteis, mesmo após a correção que se verifica nesse ano, e estimada também para ocorrer em 2015, devido ao pouco aumento da produção nos principais exportadores (2,9% em 2014 e 1,7% em 2015) mesmo com custos de produção menores; ao reduzido número de exportadores; à pequena proporção da produção que é comercializada no mercado mundial (estimativa de 8,8% em 2014); aos baixos estoques públicos na UE-28 e Estados Unidos e praticamente inexistentes nos demais países; e às frequentes e imprevistas adversidades climáticas.

Os preços pagos ao produtor nos principais países produtores devem se reduzir nos próximos meses acompanhando o recuo dos preços internacionais das *commodities* lácteas.

A crescente auto-suficiência da China em produtos lácteos poderá reduzir a taxa de aumento de preços estimados. Por outro lado, o crescimento econômico, ainda em taxas elevadas, dos demais países da Ásia, com demanda crescente por lácteos e demais proteínas animais devido ao aumento da população, da renda, urbanização e ocidentalização das dietas, dão suporte aos preços.

Gráfico 11 – Preços internacionais nominais, históricos e estimados, da manteiga, queijo, leite em pó desnatado e integral, 2001 a 2023 - Em US\$/t



Para 2014, as projeções da OECD/FAO estimam uma média anual de US\$ 3.686,1/t para o preço da manteiga (-8,2% na comparação com o ano anterior); de US\$ 4.151,6/t para o queijo (ou -5,2% na comparação com 2013); de US\$ 3.864,5/t para o leite em pó desnatado (-12,1% na comparação com o ano anterior); e de US\$ 4.389,9/t para o leite em pó integral (ou -6,6% na comparação com 2013).

2. Mercado nacional

2.1. Produção, consumo e comércio de leite e derivados

A Tabela 3 apresenta o quadro de oferta e demanda em equivalente leite no país entre 2009 e 2015, sendo estimativas as informações para os dois últimos anos.

A produção nacional de leite aumentou a uma taxa média anual de 3,2% aa entre 2009 e 2013, evoluindo de 29,0 bilhões de litros para 32,9 bilhões de litros (estimativa para o último ano). Para 2014, estima-se um crescimento da produção de 3,0%, podendo alcançar 33,9 bilhões de litros e, para 2015, de 3,2% devendo alcançar 35,0 bilhões de litros.

No mesmo período, a produção sob inspeção aumentou a uma taxa média anual de 4,7% aa, devendo alcançar 23,5 bilhões de litros em 2013, ou 68,4% da produção total. Espera-se um aumento de 3,0% em 2014 e de 3,2% em 2015, ou seja, uma produção sob inspeção federal, estadual ou municipal para o próximo ano de 25,0 bilhões de litros.

O aumento da produção interna irá depender da evolução dos custos de produção (principalmente dos preços dos grãos forrageiros, da mão-de-obra e energia e da manutenção de pastagens), da disponibilidade de terras apropriadas para pastagens e água, e da ocorrência de condições climáticas apropriadas, fatores aliados à continuidade do crescimento econômico e expansão do mercado consumidor interno e externo.

Tabela 3 – Brasil: quadro de oferta e demanda de leite (equivalente)*** - 2009 a 2015 (estimativa) - em milhões de litros

Ano	Produção total		Produção sob inspeção			Exportações			Importações			Consumo interno total aparente	Consumo per capita**	
	Total	Var. (%)	Total	Var. (%)	Sob. insp./ total (%)	Total	Var. (%)	Xs/prod. insp. (%)	Total	Var. (%)	Ms/prod. insp. (%)		Litros/hab.	Var. (%)
2009	29.085	5,4%	19.597	1,6%	67,4%	343,0	-68,5%	1,8%	792,0	67,1%	4,0%	29.534	152,6	8,4%
2010	30.715	5,6%	20.976	7,0%	68,3%	428,0	24,8%	2,0%	789,0	-0,4%	3,8%	31.076	159,0	4,2%
2011	32.096	4,5%	21.795	3,9%	67,9%	300,0	-29,9%	1,4%	1.165,4	47,7%	5,3%	32.962	167,0	5,0%
2012	32.304	0,6%	22.338	2,5%	67,9%	306,6	2,2%	1,4%	1.264,4	8,5%	5,7%	33.262	166,9	0,0%
2013 *	32.951	2,0%	23.545	5,4%	68,4%	306,6	0,0%	1,3%	1.138,0	-10,0%	4,8%	33.782	168,0	0,7%
2014 *	33.939	3,0%	24.252	3,0%	68,3%	502,0	63,7%	2,1%	590,0	-48,2%	2,4%	34.027	168,2	0,1%
2015 *	35.025	3,2%	25.028	3,2%	68,0%	552,2	10,0%	2,2%	531,0	-10,0%	2,1%	35.004	171,3	1,9%

Legenda:

* Estimativas para a produção total em 2011, 2012 e 2013, para a produção sob inspeção, exportação e importações em 2012 e 2013;

** População estimada residente em 1º de julho (Fonte: IBGE);

*** Leite de vaca.

Fonte: IBGE; MDIC/Alice; MAPA/AGE; OCB/CBCL; CNA; Leite Brasil; Embrapa Gado de Leite

Nota: A partir de 2007, os dados de comércio exterior incluem leite modificado, doce de leite e coalho em seus concentrados

Em 2014, as exportações devem aumentar 63,7%, alcançando 502,0 milhões de litros e para as importações estima-se uma redução de -48,2%, devendo situar-se em 590,0 milhões de litros, resultando em uma balança comercial de lácteos levemente deficitária. Para 2015 prevê-se uma continuidade do crescimento das exportações (10,%) e redução das importações (-10,0%).

Estima-se que o consumo *per capita* nacional de equivalente leite aumentou 10,1% entre 2009 e 2013, a uma taxa média anual de 2,4% aa, evoluindo de 152,6 litros/*per capita*/

ano para 168,0 litros/*per capita*/ano, ainda bastante inferior ao consumo aparente em 2012 na Argentina, de 214,4 litros/*per capita*/ano e no Uruguai, de 246,0 litros/*per capita*/ano.

O consumo interno previsto para 2014 é de 168,2 litros/*per capita*/ano e para 2015 de 171,3 litros/*per capita*/ano. A média para os países desenvolvidos, em 2014, está estimada em 223,1 kg/*per capita*/ano e a dos países em desenvolvimento em 76,3 kg/*per capita*/ano.

A Tabela 4 mostra a evolução da produção sob inspeção no país, regiões e estados, entre 2009 e 2013. No primeiro trimestre de 2014, a produção aumentou 8,9% relativamente ao mesmo trimestre do ano anterior, alcançando um total de 6,1 bilhões de litros.

Todas as regiões apresentaram aumento de produção nesse primeiro trimestre: região Norte 1,4%; região Nordeste 17,8%, região Sudeste 13,6%, região Sul 1,8%; e região Centro-Oeste 14,0%. Apenas quatro estados da região Norte apresentaram redução na produção no primeiro trimestre na comparação com o mesmo período do ano anterior: Rondônia (-1,5%); Acre (-14,1%); Amazonas (-5,8%); e Roraima (-15,5%); e um estado da região Nordeste, Rio Grande do Norte (-3,3%), apresentaram redução na produção no primeiro trimestre na comparação com o mesmo período do ano anterior.

Minas Gerais, principal estado produtor em 2013, aumentou a sua produção no primeiro trimestre de 1,4 para 1,7 bilhão de litros, ou 17,1%.

O Rio Grande do Sul, segundo maior estado produtor, alcançou uma produção de 849,8 milhões de litros, um aumento de 2,5% na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior.

O Paraná, terceiro maior produtor, aumentou a sua produção para 722,1 milhões de litros no primeiro trimestre, ou 1,5%. São Paulo, quarto maior estado produtor em 2013, aumentou a sua produção em 5,3%, de 602,8 milhões de litros para 634,8 milhões de litros. Santa Catarina, quinto estado maior produtor em 2013, aumentou a sua produção no primeiro trimestre em 1,1%, de 512,8 milhões de litros para 518,5 milhões de litros.

Tabela 4 – Produção de leite sob inspeção (federal, estadual e municipal), 2009 a 2014 (até março), por estados, regiões e total Brasil - Em mil litros

Brasil/ Regiões/ Estados	2009	2010	2011	2012	2013	Janeiro a março			Partic. Prod. 2013 %	Variação		
						2013	2014	Var. %		2013/2012%	2012/2011 %	2009 a 2012 %aa
Brasil	19.601.655	20.975.503	21.795.000	22.338.333	23.552.287	5.680.437	6.186.250	8,9%	100,0%	5,4%	2,5%	4,5%
RO	878.446	792.870	782.958	768.650	782.427	195.430	192.492	-1,5%	3,3%	1,8%	-1,8%	-4,4%
AC	11.149	10.126	11.177	14.347	12.516	3.091	2.656	-14,1%	0,1%	-12,8%	28,4%	8,8%
AM	x	x	3.972	5.073	5.499	1.302	1.227	-5,8%	0,0%	8,4%	27,7%	-
RR	x	x	317	1.059	1.613	386	326	-15,5%	0,0%	52,3%	234,1%	-
PA	337.876	309.529	308.379	297.471	320.436	74.565	79.085	6,1%	1,4%	7,7%	-3,5%	-4,2%
TO	124.297	126.503	118.718	116.748	135.958	32.486	35.645	9,7%	0,6%	16,5%	-1,7%	-2,1%
Norte	1.352.912	1.243.625	1.225.520	1.203.348	1.258.449	307.260	311.431	1,4%	5,3%	4,6%	-1,8%	-3,8%
MA	50.922	62.992	62.916	69.824	77.960	17.843	20.562	15,2%	0,3%	11,7%	11,0%	11,1%
PI	12.769	11.573	9.663	13.214	15.820	3.771	4.303	14,1%	0,1%	19,7%	36,7%	1,1%
CE	197.890	215.945	252.461	226.754	222.450	44.229	61.089	38,1%	0,9%	-1,9%	-10,2%	4,6%
RN	75.524	75.443	69.041	58.777	47.398	11.370	10.998	-3,3%	0,2%	-19,4%	-14,9%	-8,0%
PB	45.791	48.251	51.199	48.039	41.303	8.742	11.825	35,3%	0,2%	-14,0%	-6,2%	1,6%

Cont.

Brasil/ Regiões/ Estados	2009	2010	2011	2012	2013	Janeiro a março			Partic. Prod. 2013 %	Variação		
						2013	2014	Var. %		2013/2012%	2012/2011 %	2009 a 2012 %aa
PE	162.380	245.100	273.350	271.938	211.661	52.181	52.516	0,6%	0,9%	-22,2%	-0,5%	18,8%
AL	101.663	101.529	100.809	79.971	74.524	17.059	18.167	6,5%	0,3%	-6,8%	-20,7%	-7,7%
SE	68.339	85.501	125.169	116.737	127.844	27.069	36.140	33,5%	0,5%	9,5%	-6,7%	19,5%
BA	342.198	381.059	408.583	331.489	326.532	80.454	93.965	16,8%	1,4%	-1,5%	-18,9%	-1,1%
Nordeste	1.058.976	1.225.423	1.353.191	1.216.743	1.145.492	262.718	309.565	17,8%	4,9%	-5,9%	-10,1%	4,7%
MG	5.244.538	5.597.929	5.648.763	5.546.817	6.171.001	1.457.525	1.707.193	17,1%	26,2%	11,3%	-1,8%	1,9%
ES	275.677	309.018	295.642	302.209	302.844	75.103	87.551	16,6%	1,3%	0,2%	2,2%	3,1%
RJ	267.536	314.900	326.886	387.195	496.077	121.658	133.852	10,0%	2,1%	28,1%	18,4%	13,1%
SP	2.113.896	2.316.078	2.515.106	2.332.034	2.531.510	602.811	634.825	5,3%	10,7%	8,6%	-7,3%	3,3%
Sudeste	7.899.992	8.545.841	8.786.396	8.568.255	9.501.432	2.257.097	2.563.421	13,6%	40,3%	10,9%	-2,5%	2,7%
PR	1.966.364	2.350.265	2.429.652	2.589.353	2.818.337	711.636	722.167	1,5%	12,0%	8,8%	6,6%	9,6%
SC	1.386.357	1.580.195	1.795.887	2.103.820	2.117.665	512.816	518.527	1,1%	9,0%	0,7%	17,1%	14,9%
RS	2.762.436	2.977.976	3.196.155	3.551.609	3.459.966	829.480	849.841	2,5%	14,7%	-2,6%	11,1%	8,7%
Sul	6.118.546	6.908.504	7.421.693	8.244.782	8.395.968	2.053.932	2.090.535	1,8%	35,6%	1,8%	11,1%	10,5%
MS	217.056	210.881	200.699	209.940	197.812	54.632	55.464	1,5%	0,8%	-5,8%	4,6%	-1,1%
MT	515.587	510.953	542.511	584.374	595.004	151.625	163.337	7,7%	2,5%	1,8%	7,7%	4,3%
GO	2.415.025	2.303.954	2.237.105	2.290.603	2.445.863	590.063	689.265	16,8%	10,4%	6,8%	2,4%	-1,7%
DF	23.558	26.322	27.887	20.292	12.270	3.110	3.231	3,9%	0,1%	-39,5%	-27,2%	-4,9%
C. Oeste	3.171.228	3.052.112	3.008.199	3.105.209	3.250.949	799.430	911.297	14,0%	13,8%	4,7%	3,2%	-0,7%

Fonte: IBGE / Pesquisa Trimestral do Leite..

Notas:

- 1) Os dados referentes ao ano de 2013 são resultados preliminares.
- 2) A partir do 1º trimestre de 2006 os dados das Unidades da Federação com menos de 3 (três) informantes estão desidentificados com o caracter X.

Relativamente aos principais derivados lácteos, as projeções da OECD/FAO estimam um crescimento da produção brasileira, entre o período 2011-13 e 2023, de 11,6% para a manteiga, evoluindo de 81,0 mil t para 90,4 mil t ; de 22,8% para o queijo, cuja produção deve aumentar de 700,3 mil t para 859,7 mil t em 2023; de 24,6% para o leite em pó desnatado, de 139,7 mil t no período 2011-13 para 174,1 mil t no final do período; e de 22,4% para o leite em pó integral, que deve evoluir de 531,7 mil t para 650,9 mil t em 2023 (Gráficos 12 a 15). De acordo com as informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o rebanho brasileiro de vacas ordenhadas foi de 23,2 milhões de cabeças em 2011, um aumento de + 1,3% sobre o ano anterior.

Tabela 5 – Brasil: produção de derivados - perspectivas para 2023 (base: média 2011 - 13)

Derivado	2011 - 13	2023	Var. %
Manteiga	81,0	90,4	11,6%
Queijo	700,3	859,7	22,8%
Leite em pó desnatado	139,7	174,1	24,6%
Leite em pó integral	531,7	650,9	22,4%

Fonte: Conab

Para os quatro derivados lácteos mais importantes, o país permanecerá, nos próximos dez anos, um importador líquido, complementando o abastecimento interno, mas em menor escala do que na média do período 2011-13. Na comparação do período 2011-13 e 2023, o país diminuirá suas exportações líquidas de manteiga de 2,1 mil t para 1,92 mil t (ou -10,0%); deve diminuir as suas exportações líquidas de queijo de 29,0 mil t para 9,46 mil t (ou -67,5%); as exportações líquidas de leite em pó desnatado se reduzirão levemente de 24,0 mil t para 23,81 mil t (ou -0,8%); e as exportações líquidas de leite em pó integral devem eduzir de 66,5 mil t para 54,28 mil t (ou -18,4%).

Gráfico 12 – Brasil - Manteiga: Produção, consumo e exportações líquidas, históricas e estimadas, 2001 a 2023 - Em mil t

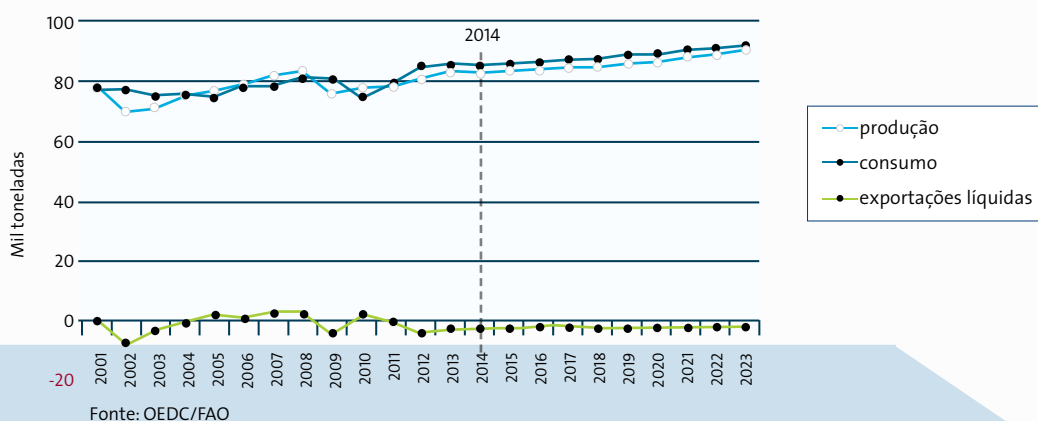


Gráfico 13 – Brasil - Queijo: Produção, consumo e exportações líquidas, históricas e estimadas, 2001 a 2023 - Em mil t

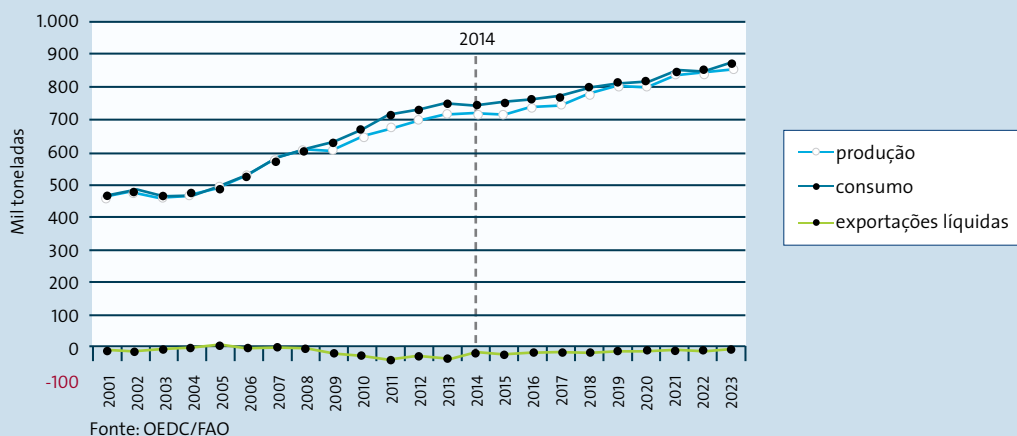


Gráfico 14 – Brasil - Leite em pó desnatado: Produção, consumo e exportações líquidas, históricas e estimadas, 2001 a 2023 - Em mil t

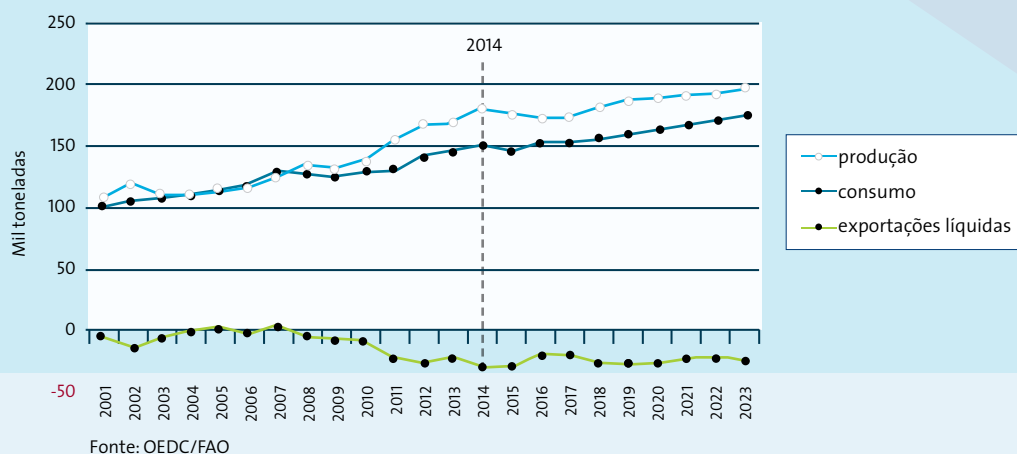
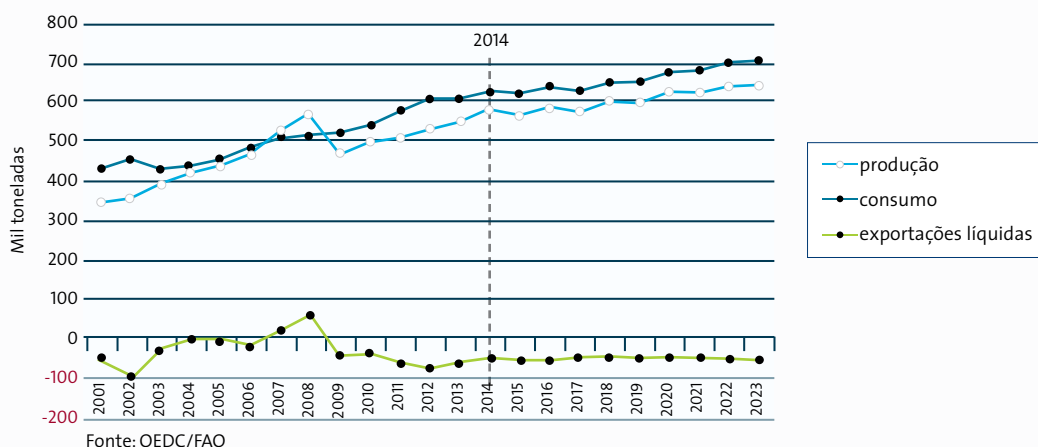


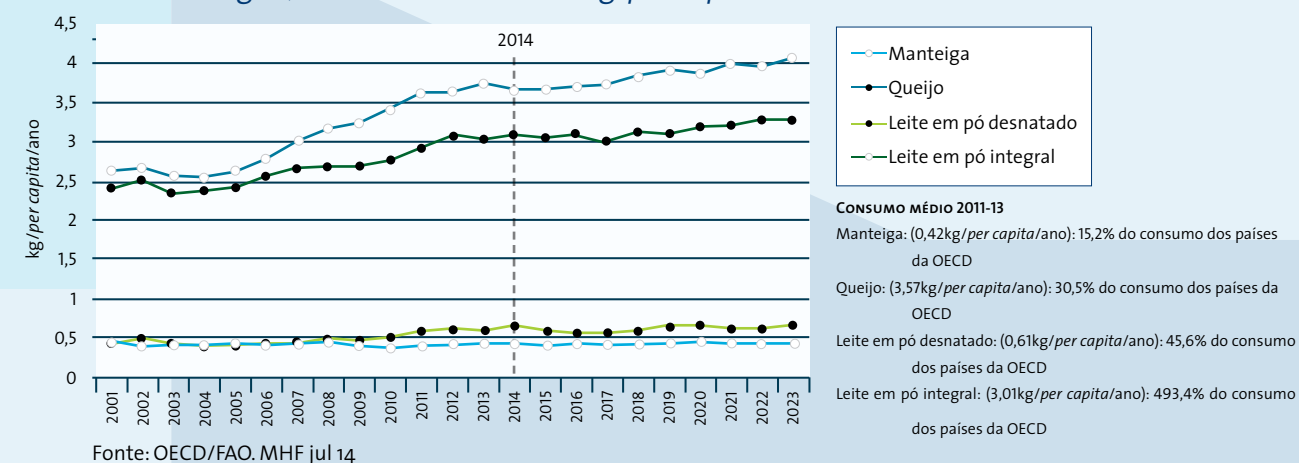
Gráfico 15 – Brasil - Leite em pó integral: Produção, consumo e exportações líquidas, históricas e estimadas, 2001 a 2023 - Em mil t



Ainda conforme o relatório da OEDC/FAO, *Agricultural Outlook 2014-2023*, o consumo nacional por habitante de manteiga deverá permanecer constante, entre a média do período 2011-13 e 2023, em torno de 0,42 kg/*per capita*/ano; o de queijo deverá aumentar 10,0%, de 3,67 kg/*per capita*/ano para 4,04 kg/*per capita*/ano; o de leite em pó desnatado, deverá aumentar 7,1%, de 0,61 kg/*per capita*/ano para 0,65 kg/*per capita*/ano em 2023; e o de leite em pó integral deverá evoluir de 3,01 kg/*per capita*/ano na média do período 2011-13 para 3,28 kg/*per capita*/ano em 2023, ou 9,0% (Gráfico 16).

A comparação do consumo *per capita* anual dos quatro principais derivados lácteos no Brasil e nos países da OEDC mostra os seguintes quantitativos, para a média do período 2011-13, respectivamente: manteiga (0,42 kg/*per capita* e 2,76 kg/*per capita*, ou 15,2% do consumo dos países da OEDC); queijo (3,67 kg/*per capita* e 12,06 kg/*per capita*, ou 30,5 % do consumo dos países da OEDC); leite em pó desnatado (0,61 kg/*per capita* e 1,33 kg/*per capita*, ou 45,6% do consumo dos países da OEDC); e leite em pó integral (3,01 kg/*per capita* e 0,61 kg/*per capita*, ou 493,4% do consumo dos países da OEDC).

Gráfico 16 – Brasil: Consumo *per capita*, histórico e estimado, de manteiga, queijo, leite em pó desnatado e integral, 2001 A 2023 - Em mil kg/*per capita*/ano



De acordo com as informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o rebanho brasileiro de vacas ordenhadas foi de 22,8 milhões de cabeças em 2012, uma redução de -1,8% na comparação com o ano anterior.

A Confederação de Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA Brasil) estima que o valor bru-

to da produção primária de leite em 2014 deverá alcançar R\$ 38,5 bilhões, um aumento de 6,5% na comparação com o ano anterior, sendo que o valor bruto total da produção agrícola e pecuária deverá evoluir 8,3%, de R\$ 430,1 bilhões em 2013 para R\$ 465,5 bilhões em 2014.

2.2. Preços pagos ao produtor e preços dos derivados

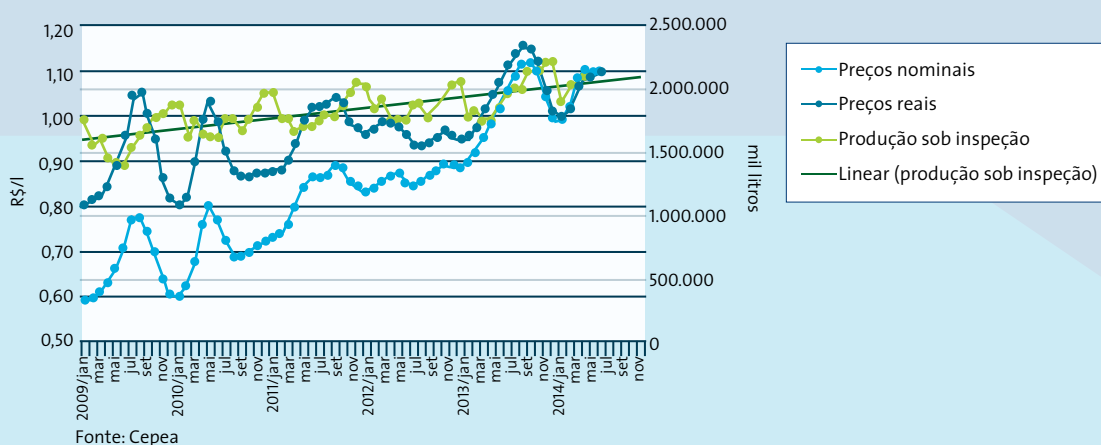
O Gráfico 17 apresenta os preços nominais e reais (corrigidos pelo IGP-M, base junho/2014), entre janeiro/2009 e junho/2014, e as quantidades produzidas de leite sob inspeção no Brasil, entre janeiro/2009 e março/2014.

O período julho/2013 a junho/2014 comparado com o período julho/2012 a junho/2013 mostra que houve um aumento de 17,6% nos preços nominais médios pagos ao produtor (de R\$ 0,9075/l para R\$ 1,0676/l) e de 11,2 % nos preços reais (de R\$ 0,9815/l para R\$ 1,0915/l).

Entre abril/2013 e março/2014 a produção sob inspeção aumentou 8,1% na comparação com o período abril/2012 e março/2013, evoluindo de uma média mensal de 1,854 bilhão de litros para 2,405 bilhões de litros.

O início da alta estação produtiva no segundo semestre poderá significar preços firmes devido ao expressivo aumento das exportações, principalmente de leite em pó integral e leite condensado, e à continuidade do aumento da demanda interna, dos preços internacionais ainda em patamares remuneradores e à previsão de uma oferta menor dos principais exportadores em 2015.

Gráfico 17 – Brasil: Preços nominais e reais (IGP-M base jun 14) pagos ao produtor (até jun. 2014) e quantidades adquiridas pelos laticínios (até mar/2014), jan/2009 a jul/2014 – Em R\$/l e mil litros



Estima-se que o aumento do consumo interno e das exportações irá sustentar os preços pagos ao produtor, em torno de US\$ 0,45/litro a US\$ 0,50/litro, nos próximos meses.

No que se refere aos derivados lácteos, em São Paulo, seus preços internos no atacado apresentaram grande correlação com o movimento dos preços pagos ao produtor da matéria-prima (Gráfico 18). No varejo, os preços dos derivados dependem da evolução dos preços no atacado e do comportamento da demanda interna, apresentando poucas oscilações abruptas. Verifica-se nos últimos doze meses uma maior correlação entre os movimentos de preços no atacado e no varejo (Gráfico 19).

Na cidade de São Paulo, na média do período julho/2013 a junho/2014, comparativamente ao mesmo intervalo de doze meses anteriores, os preços no atacado dos derivados lácteos aqui apresentados mostraram os seguintes aumentos: manteiga 6,1%; queijo tipo prato 17,5%; queijo mussarela 12,5%; leite longa vida 12,6%; leite tipo C 9,9%; e leite em pó integral 9,9%. No varejo, os preços também apresentaram alta na comparação da média dos dois períodos: leite em pó integral 20,4%; manteiga 3,9%; leite condensado 10,4%; leite tipo C 19,8%; queijo tipo prato 13,9%; queijo mussarela 12,7%; e longa vida 15,1%. Entre julho/2012 e junho/2014, o IGP-M apresentou variação de +11,4%.

Gráfico 18 – São Paulo (cidade): Preços no atacado do leite em pó integral, leite longa vida, leite tipo C, queijo tipo prato, queijo mussarela e manteiga, jan/2010 a jul/2014 - Em R\$/kg e R\$/l

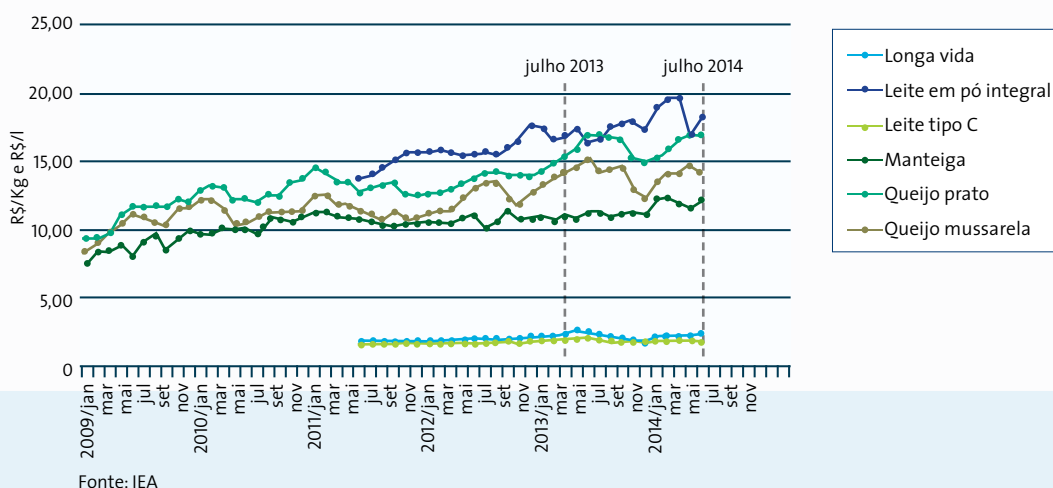
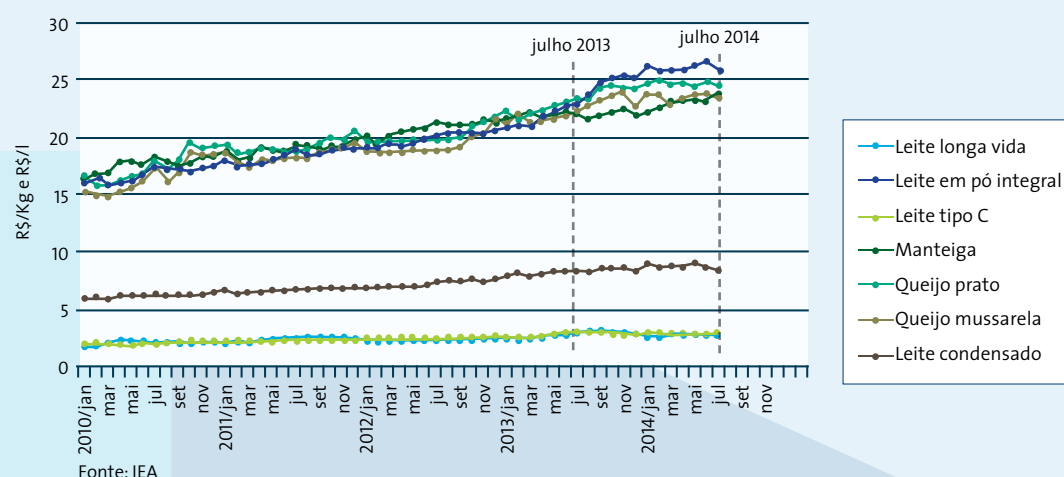


Gráfico 19 – São Paulo (cidade): Preços no varejo do leite em pó integral, leite longa vida, leite tipo C, leite condensado, queijo tipo prato, queijo mussarela e manteiga, jan/2010 a jul/2014 - Em R\$/kg e R\$/l



2.3. Balança comercial de lácteos

Entre janeiro e junho de 2014, a balança comercial de lácteos (NCMs 0401 0000 a 0406 9999) apresentou déficit de US\$ 41,0 milhões, com exportações de US\$ 161,1 milhões e importações de US\$ 202,2 milhões, sendo que no mesmo período do ano anterior o déficit foi de US\$ 189,9 milhões (Gráfico 20).

As exportações no período apresentaram aumento de 234,8%, e as importações se reduziram em -15,1%, ambas em valor, na comparação com o mesmo período do ano anterior.

Nesses seis primeiros meses, foram importadas 12,2 mil t de leite em pó integral - NCM 0402 2110 - (US\$ 59,8 milhões e US\$ 4.866,5/t), representando 29,6% do valor total importado, enquanto no ano anterior foram importadas 23,4 mil t (US\$ 86,8 milhões e US\$ 3.708,3/t), representando 36,5% do valor total importado, uma redução de -47,5% em quantidade e de -31,1% em valor.

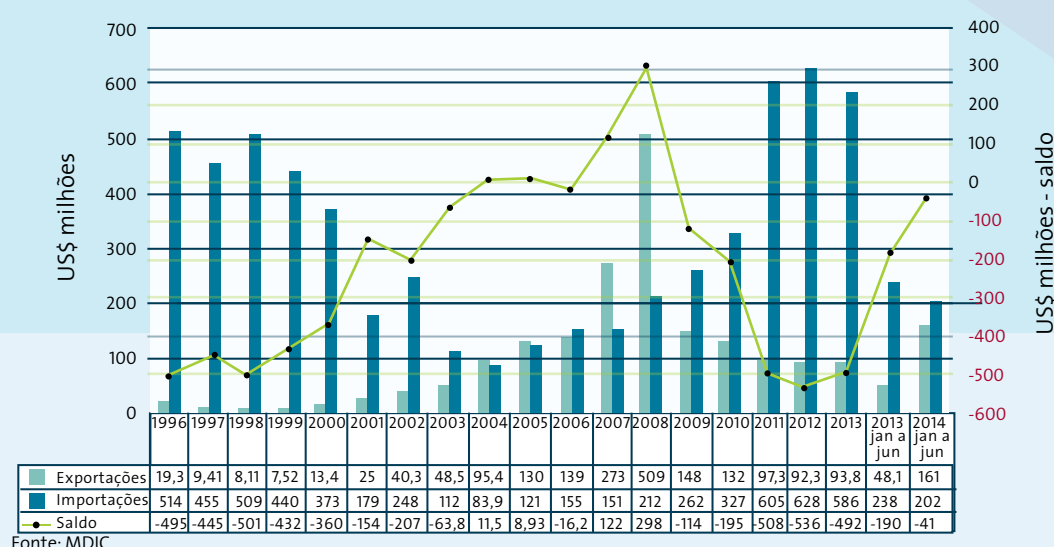
As origens das importações de leite em pó integral, nesse primeiro semestre, foram: Argentina (61,4% do valor total, a um preço médio de US\$ 4.904,1/t); Uruguai (24,9% do valor total importado, a um preço médio de US\$ 4.904,3/t); e Chile (13,8% do valor total importado, a um preço médio de US\$ 4.642,9/t).

O segundo produto mais importado entre janeiro e junho foi o leite em pó desnatado (NCM 0402 1010), representando 16,7% do valor total importado ou US\$ 33,8 milhões e 6,9 mil t; seguido pelo soro de leite (NCM 0404 1000) representando 10,7% do valor total importado no período ou US\$ 21,7 milhões e 11,9 mil t. Seguem-se outros dezenove derivados lácteos complementando o valor total importado.

No que se refere às exportações, no primeiro semestre foram exportadas 19,9 mil t de leite em pó integral (NCM 0402 2110), em um valor total de US\$ 101,5 milhões (US\$ 5.086,0/t), representando 63,0% do valor total exportado, enquanto no mesmo período do ano anterior foram exportadas apenas 71,0t, representando 1,0% do valor total exportado.

O segundo produto mais exportado entre janeiro e junho foi o leite condensado (NCM 0402 9900), representando 20,0% do valor total exportado ou US\$ 32,2 milhões e 14,1 mil t (US\$ 2.280,5/t); seguido por outros cremes de leite (NCM 0401 5029), representando 6,1% do valor total exportado, ou US\$ 9,7 milhões e 3,6 mil t. Seguem-se outros vinte e quatro derivados lácteos complementando o valor total exportado no período.

Gráfico 20 – Lácteos: Balança comercial (NCMs 0401 0000 a 0406 9999), 1996 a 2014 (jun) - Em US\$ milhões



Nesses primeiros seis meses, as exportações brasileiras totais de lácteos foram destinadas a um total de quarenta e oito países, sendo os principais, em valor: Venezuela (42,7% do valor total exportado); Argélia (23,8% do total); Cuba (6,1% do total); responsáveis pelo destino

de 72,5% das exportações, e demais países 27,5% do valor total exportado.

No mesmo período, as importações, em valor, tiveram origem em um total de quinze países: Argentina (46,4% do total importado); Uruguai (31,0% do total); e Chile (4,13% do total); e demais países 18,5%.

Como visto acima, as projeções da OECD/FAO para as exportações líquidas do país indicam que o déficit do comércio exterior de lácteos mostrará tendência de redução nos próximos dez anos, representando pequena parcela da produção nacional.

Relativamente à defesa comercial, por intermédio da Resolução CAMEX nº 2, de 5/2/2013, DOU de 6/2/2013, permanece em vigência até 5/2/2018 o direito *antidumping* definitivo aplicado às importações brasileiras de leite em pó, integral ou desnatado, não fracionadas, originárias da Nova Zelândia e União Européia, comumente classificadas nos itens 0402 1010, 0402 1090, 0402 2110, 0402 2120, 0402 2910, 0402 2920 da Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM), a ser recolhido sob a forma das alíquotas *ad valorem* de 3,9% para as importações originárias da Nova Zelândia e de 14,8% para as importações originárias da União Européia.

3. Considerações finais

As boas margens ao produtor aliadas ao aumento da demanda interna e externa incentivam o aumento da produção. Esses fatores devem sustentar os preços pagos ao produtor em torno de US\$ 0,45/litro a US\$ 0,50/litro nos próximos meses.

O setor deve finalizar 2014 próximo ao equilíbrio da balança comercial, com exportações de 502,0 milhões de litros e importações de 590,0 milhões de litros. O leite em pó integral substituiu o leite condensado como principal produto exportado em valor, representando, nos últimos seis meses, 63,0% do valor total exportado e o leite condensado 20,0%.

Para os próximos dez anos, as projeções da OECD/FAO estimam uma diminuição da taxa média de aumento da produção nacional para 1,5% aa entre 2011-13 e 2023.

As importações continuarão a ser importantes para complementar o abastecimento do mercado interno, mesmo que em menor proporção do que nos últimos anos.

O consumo interno aparente de 168,2 litros/*per capita*/ano, em equivalente leite, previsto para o país em 2014, ainda está aquém do verificado em países vizinhos como Argentina e Uruguai, o que representa um espaço importante para o crescimento da produção nacional.

Além da influência de variáveis macroeconômicas, como o crescimento do Produto Interno Bruto, taxa de câmbio, população, preço do petróleo e inflação, o aumento da produção deverá encontrar obstáculos em variáveis que influenciam a produtividade, tais como, a concorrência pelo uso da terra, água e mão-de-obra, preços dos grãos forrageiros e da manutenção de pastagens, e estará crescentemente sujeito a eventuais condições climáticas adversas.

Estando os produtos lácteos entre os produtos agropecuários que mais recebem sub-

1. Não se trata de quantidade em equivalente leite. É o peso líquido do produto exportado/importado.

sídios nos países desenvolvidos, as medidas de defesa comercial são vitais para o setor, como é o caso das medidas *anti-dumping* em vigência, que impedem a concorrência de produtos com subsídios na origem ou internalizados a preços inferiores aos verificados no mercado internacional.

No cenário internacional, os treze principais países produtores devem aumentar a sua produção em 2,8% em 2014 e em 2,1% em 2015, tendo sido de 1,9% aa no período 2009 a 2013.

A produção dos cinco principais exportadores (Nova Zelândia, UE-28, Estados Unidos, Austrália e Argentina) deve apresentar aumento de 2,9% em 2014, recuando para 1,7% em 2015.

A produção mundial de leite em geral deverá crescer a uma taxa de 2,4% aa nos próximos dez anos, entre a média de 2011-13 e 2023, aumentando de 748,6 milhões de t para 928,1 milhões de t, um acréscimo de 179,5 milhões de litros.

A maior parte desse acréscimo da produção, ou 77,9% do total, deverá originar-se nos países em desenvolvimento, principalmente da Ásia, responsável por 75,7% do acréscimo, sendo a Índia, que inclui leite de búfalos, responsável por 38,1% do acréscimo.

Entre os quatro principais derivados lácteos, somente o consumo per capita de leite em pó integral é superior nos países em desenvolvimento comparativamente ao dos países desenvolvidos, sendo o consumo *per capita* dos demais derivados substancialmente inferior.

O leite em pó desnatado será a *commodity* que mais aumentará as suas exportações globais entre a média do período 2011-13 e 2023, no percentual de 34,0%; seguida pelo queijo, em 24,9%; pelo leite em pó integral, em 24,5%; e pela manteiga em 9,4%.

Na comparação da média de preços internacionais nominais dos últimos dez anos (2004 a 2013) com os preços nominais projetados para os próximos dez anos (2014 a 2023), encontram-se os seguintes resultados: manteiga, preço médio evoluindo de US\$ 3.049,1/t para US\$ 3.616,8/t, ou 18,6%; queijo, preço médio evoluindo de US\$ 3.632,4/t para US\$ 4.447,0/t, ou 22,4%; leite em pó desnatado, preço médio evoluindo de US\$ 3.071,5/t para US\$ 3.780,0/t, ou 23,1%; e leite em pó integral, com preço médio evoluindo de US\$ 3.223,9/t para US\$ 4.249,8/t, ou 31,8%.

Os preços devem permanecer em níveis ainda altos e voláteis, mesmo após a redução que se verificou nesse primeiro semestre, principalmente na Oceania, e que deve continuar em 2015, situando-se, no médio prazo, consideravelmente acima dos preços reais verificados no período pré-2007.

Essa expectativa deve-se ao pouco aumento da produção nos principais exportadores, mesmo com custos de produção menores aos verificados nos últimos dois anos; ao reduzido número de exportadores; à pequena proporção da produção que é comercializada no mercado mundial; aos baixos estoques públicos na UE-28 e Estados Unidos, e praticamente inexistentes nos demais países; e às freqüentes e imprevistas adversidades climáticas, como a possível ocorrência do El Niño prevista para este segundo semestre.

Caso se concretize a tendência de maior autossuficiência da China em produtos lácteos, os preços poderão sofrer pressão de baixa. Por outro lado, o crescimento econômico, ainda em taxas elevadas dos demais países importadores da Ásia, África e América Latina, com demanda crescente por lácteos e proteínas animais, consequência do aumento da população e da renda, urbanização e ocidentalização das dietas, são elementos de sustentação dos preços internacionais.



1. Introdução

De grande versatilidade, a cultura é totalmente aproveitada, não só a parte aérea (folhas e hastes) como também a raiz. As folhas têm seu aproveitamento na alimentação humana (suplemento) e animal (triturada). As hastes, na alimentação animal, sob a forma de silagens e fenos e ainda *in natura*. A raiz, na alimentação humana, animal e ainda pelas indústrias (principalmente de farinha, de féculas e de energia).

Quadro 1 – Usos e utilidades da raiz de mandioca

Mandioca	Parte aérea	Folhas	Alimentação animal (triturada) e humana (suplemento)		
		Hastes	Alimentação animal (silagens, fenos e <i>in natura</i>)		
	Raiz	Alimentação humana	Cozidas, fritas, bolos, biscoitos, pães, tortas, rosas, cremes, pudins, etc		
		Alimentação animal	Cruas, cozidas, desidratadas (farinhas, raspas e pellets)		
		Amido (fécula)	Uso alimentício (amido nativo e amido modificado)	Glucose, maltose, gelatinas, féculas	
			Amido Industrial (nativo e modificado)	Adesivos, têxtil, papel e celulose, farmacêutica, explosivos, calçados, tintas, embutidos, etc)	
		Amido fermentado	Uso humano/ alimentício	Confeitarias, padarias, indústria de biscoitos, pães	
		Farinhas	Consumo humano	Farinhas de mesa	
				Farinha panificada	
			Consumo animal	Rações balanceadas	
		Raspas	Farinhas de raspas	Alimentação animal	
				Alimentação humana	
		Álcool	Consumo animal	Rações balanceadas	
				Combustíveis Desinfetante Bebidas Perfumarias/Farmacêutica	

Fonte: Embrapa, Conab/Dipai/Gerab

Nota: Ourém/PA - sabão produzido a partir do tucupi.

Apesar de pobre em proteínas e alguns nutrientes, a raiz de mandioca reveste-se de enorme importância no processo alimentar, uma vez que detém quantidade significativa de cálcio (50 mg/100g), fósforo (40 mg/100 g) e vitamina C (25 mg/100g).

As folhas da mandioca são boa fonte de proteínas e ricas no aminoácido lisina. A cultura também se destaca no campo da energia renovável, vez que figura como fonte de produção de etanol, de plásticos biodegradáveis, além de usos no setor têxtil, cosmético e alimentício (humano e animal).

2. Cenário

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2013 o Brasil ficou em quarto lugar como maior produtor mundial de raiz de mandioca. Ainda, de acordo com os dados liberados por aquela instituição, a raiz foi a quarta cultura mais produzida no país, com 21,2 milhões de toneladas, atrás, apenas, da cana-de-açúcar, soja e milho (1ª e 2ª safras).

A produção da matéria-prima em 2014, quando comparada à safra de 2013 vem obtendo recuperação, visto que em 2012 uma grande seca atingiu a região Nordeste, concorrendo para que a produção nacional reduzisse a oferta da raiz, principalmente na Bahia e Maranhão.

Durante o mês de junho deste ano, observaram-se grandes precipitações de chuvas acima da média histórica, em sua maioria na Região Sul do Brasil. Os maiores volumes de chuvas foram constatados entre o centro-norte do Rio Grande do Sul, centro-oeste de Santa Catarina, centro-sul e oeste do Paraná.

Para o segundo semestre, prevê-se cenário com pouca disponibilidade de raiz, estimando-se uma ligeira elevação nos preços. Destaca-se que historicamente o período é de aquecimento na demanda.

Agentes de mercado projetam para 2015 um discreto aumento na área a ser plantada, redução na produtividade e cotações em níveis acima dos preços mínimos, inclusive ao longo do restante de 2014.

3. Mercados Internacional

3.1. Oferta

No último monitoramento realizado em novembro de 2013 pela Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) projetou-se para aquele ano, quando comparada a 2012, aumento da produção mundial de raiz de mandioca na ordem de 1,40%. Observa-se, na Tabela 1, que no período de 2010 a 2013 a produção esteve crescente, associada a ganho em produtividade e expansão da área plantada.

A Tailândia, possuidora de grande parque industrial para a produção de fécula, vem recuperando sua produção. A Indonésia, que vem ganhando destaque com a modernização tecnológica para a fabricação de produtos como amidos modificados, glucose e maltose, agre-

gando valor ao produto final, alcança na projeção sua maior produção.

Em 2013 foi divulgado que a Nigéria pretende substituir trigo importado para diminuir a dependência alimentar, adicionando 40% de amido na panificação. Almeja, ainda, exportar 900.000t de mandioca *chips* e 182.000t de alta frutose, que é utilizada na substituição do açúcar contido em refrigerantes e ainda transformar 11 milhões de t de mandioca em etanol, o que resultaria em aproximadamente 1,2 bilhão de litros do biocombustível.

Em Moçambique, em meados de 2012, foi inaugurada uma destilaria com capacidade de produção de 2 milhões de litros de etanol de mandioca, com máxima de 30 mil litros por semana. O escoamento será uma vez por semana pelo porto em Maputo.

Tabela 1 – Produção mundial de mandioca – principais produtores - mil toneladas

País/Ano	2010	2011	2012*	2013**
Mundo	227.542	246.710	252.125	255.675
África	118.810	131.454	135.667	137.458
Nigéria	42.533	52.403	54.000	55.000
República do Congo	15.014	15.024	15.000	14.985
Gana	13.504	14.241	14.547	15.141
Angola	1.072	1.053	1.063	1.044
Moçambique	9.738	10.094	10.051	10.680
Tanzânia	4.548	4.647	5.462	5.000
Uganda	5.282	4.758	4.925	4.714
Outros Africanos	27.119	29.234	30.619	30.894
América Latina	33.600	33.621	31.980	32.541
Brasil	24.354	25.329	23.414	21.199
Paraguai	2.624	2.454	2.560	2.482
Colômbia	2.250	2.082	2.165	2.080
Outros Sul Americanos	4.372	3.756	3.841	6.780
Ásia	74.933	80.460	84.295	85.485
Tailândia	22.006	21.912	26.601	28.276
Indonésia	23.918	24.010	23.922	24.600
Vietnam	8.596	9.898	9.746	7.796
Índia	8.060	8.076	8.092	8.208
China continental	4.565	4.514	4.575	4.578
Camboja	4.247	8.030	6.860	6.992
Filipinas	2.101	2.210	2.223	2.306
Outros Asiáticos	1.440	1.811	2.276	2.729
Oceania	199	176	183	191

Legenda: (*) com base nos dados apurados pela FAO, sendo 2012 uma estimativa.

(**) com base nos dados apurados pela FAO, sendo 2013 uma projeção.

Fonte: FAO/IBGE

3.2. Preços

O comércio de fécula é responsável, aproximadamente, por 85% do total das exportações mundiais de derivados de mandioca.

A Ásia, grande cultivadora da matéria-prima para produção de amido, *chips* e *pellets* (para alimentação animal), encontra na Tailândia a maior responsável pela exportação de fé-

cula. Em 2009 tal exportação foi de aproximadamente 1,8o milhão de t; em 2010 de 1,74 milhão de t; em 2011 de 1,89 milhão de t; em 2012 de 2,23 milhões de t; em 2013 de 2,45 milhões de t; e até maio de 2014, 1,13 milhão de t, conforme registros disponibilizados pela *Thai Tapioca Starch Association (TTSA)*. Verifica-se ao longo de 2009 uma média de US\$ 291,75/t; em 2010, US\$ 512,13/t; em 2011, US\$ 509,06/t; em 2012, US\$ 440,67/t; em 2013, US\$ 472,08/t; e em 2014 (até maio), US\$ 433,75/t.

Ainda, de acordo com o órgão anteriormente citado, a produção na Tailândia está assim distribuída: *chip/pellet*: 8% para uso doméstico e 32% para exportação; fécula: 19% domésticos e 36% exportações; e etanol: 5%.

4. Mercado nacional

4.1. Oferta

Tabela 2 – IBGE – mês: junho 2014

Brasil, região e UF	Variável x Ano da safra							
	Área plantada (ha)		Área colhida (ha)		Produção (t)		Rendimento (kg/ha)	
	Safra 2013	Safra 2014	Safra 2013	Safra 2014	Safra 2013	Safra 2014	Safra 2013	Safra 2014
Brasil	2.086.266	2.312.378	1.525.441	1.588.253	21.225.782	23.246.352	13.915	14.636
Norte	825.691	917.265	482.655	520.396	7.379.189	7.835.666	15.289	15.057
Rondônia	29.798	29.696	28.088	26.631	446.094	563.278	15.882	21.151
Acre	44.698	47.066	44.257	46.259	891.489	1.020.572	20.143	22.062
Amazonas	92.574	96.838	82.621	82.594	964.970	964.970	11.679	11.683
Roraima	6.800	6.210	5.800	5.800	77.190	77.192	13.309	13.309
Pará	621.821	700.472	298.190	331.483	4.681.102	4.780.082	15.698	14.420
Amapá	12.150	14.500	11.850	14.500	134.720	180.200	11.369	12.428
Tocantins	17.850	22.483	11.849	13.129	183.624	249.372	15.497	18.994
Nordeste	745.646	863.613	575.055	580.009	4.798.282	6.012.040	8.344	10.365
Maranhão	189.693	188.080	189.693	188.080	1.325.328	1.631.860	6.987	8.676
Piauí	65.535	67.856	37.602	28.837	156.256	238.829	4.156	8.282
Ceará	121.593	132.136	65.519	61.533	300.348	591.985	4.584	9.621
Rio Grande do Norte	18.337	42.496	8.025	28.989	80.685	371.352	10.054	12.810
Paraíba	18.464	18.169	14.796	15.175	135.052	149.338	9.128	9.841
Pernambuco	55.822	57.916	35.245	33.670	292.406	322.425	8.269	9.576
Alagoas	36.962	36.787	17.471	18.403	222.960	217.071	12.762	11.795
Sergipe	55.872	54.183	28.738	27.554	433.723	401.657	15.092	14.577
Bahia	183.368	265.990	177.966	177.768	1.851.524	2.087.523	10.404	11.743
Sudeste	164.524	165.390	138.922	141.075	2.223.289	2.268.200	16.004	16.078
Minas Gerais	81.108	80.809	58.681	59.996	816.443	858.388	13.913	14.307
Espírito Santo	11.309	10.909	9.285	9.657	157.603	164.694	16.974	17.054
Rio de Janeiro	13.362	14.927	12.956	13.422	195.343	191.218	15.077	14.247
São Paulo	58.745	58.745	58.000	58.000	1.053.900	1.053.900	18.171	18.171
Sul	277.863	289.653	261.151	273.358	5.579.869	5.778.381	21.366	21.139
Paraná	161.543	177.121	161.543	177.121	3.865.600	4.075.605	23.929	23.010
Santa Catarina	42.284	40.765	28.404	26.764	548.303	512.253	19.304	19.140
Rio Grande do Sul	74.036	71.767	71.204	69.473	1.165.966	1.190.523	16.375	17.136
Centro-Oeste	72.542	76.457	67.658	73.415	1.245.153	1.352.065	18.404	18.417
Mato Grosso do Sul	33.068	40.000	33.058	40.000	721.870	840.000	21.836	21.000
Mato Grosso	23.390	23.187	23.236	22.837	335.736	340.784	14.449	14.922
Goiás	14.775	11.948	10.055	9.256	167.358	151.428	16.644	16.360
Distrito Federal	1.309	1.322	1.309	1.322	20.189	19.853	15.423	15.017

Fonte: IBGE

Visualiza-se na Tabela 2 acima, a maior oferta da matéria-prima em 2014, quando comparada com a de 2013, conforme Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) realizado pelo IBGE em junho deste ano, disponibilizado e divulgado em julho.

Observa-se, contudo, que ainda houve necessidade de importação de raiz e farinha de estados produtores e do Paraguai, visando o abastecimento de alguns estados, principalmente Bahia e Ceará.

Tradicionalmente, a época de plantio em nível nacional vai de abril a outubro, dependendo da variedade, ciclo e ainda das condições climáticas e preço no mercado. A colheita ocorre ao longo do ano, com maior incidência no intervalo de maio a agosto. Após, ocorre o preparo do solo e o início do plantio. A melhor rotação da cultura se faz com adubos verdes, milho, algodão e soja.

Em condições normais, a época do ano em que o preço de mercado obtém as melhores cotações compreende o período de outubro a fevereiro, por ter a maior incidência de chuvas, o que dificulta o arranquio e, conseqüentemente, acarreta na menor disponibilidade da raiz.

Destaca-se, porém, que o contraste climático, ou seja, a seca, também influencia diretamente no preço de mercado. Esse fator tem sido apontando como o maior incentivador da alta de preços, pois diminui a área a ser plantada e reduz a área a ser colhida e, conseqüentemente, a oferta da raiz.

Por outro lado, regiões produtoras, principalmente Paraná, São Paulo e Mato Grosso do Sul, anteciparam, novamente, a colheita do 2º semestre, aproveitando os bons preços de mercado, comercializando a raiz *in natura*, como também a farinha de mandioca, tanto para a região Nordeste como para a região Norte.

A previsão de produção elaborada pelo IBGE em julho/14 é de 23,2 milhões de toneladas, o que corresponde a um aumento próximo a 9,5% em relação à safra colhida em 2013, que foi de 21,2 milhões de toneladas.

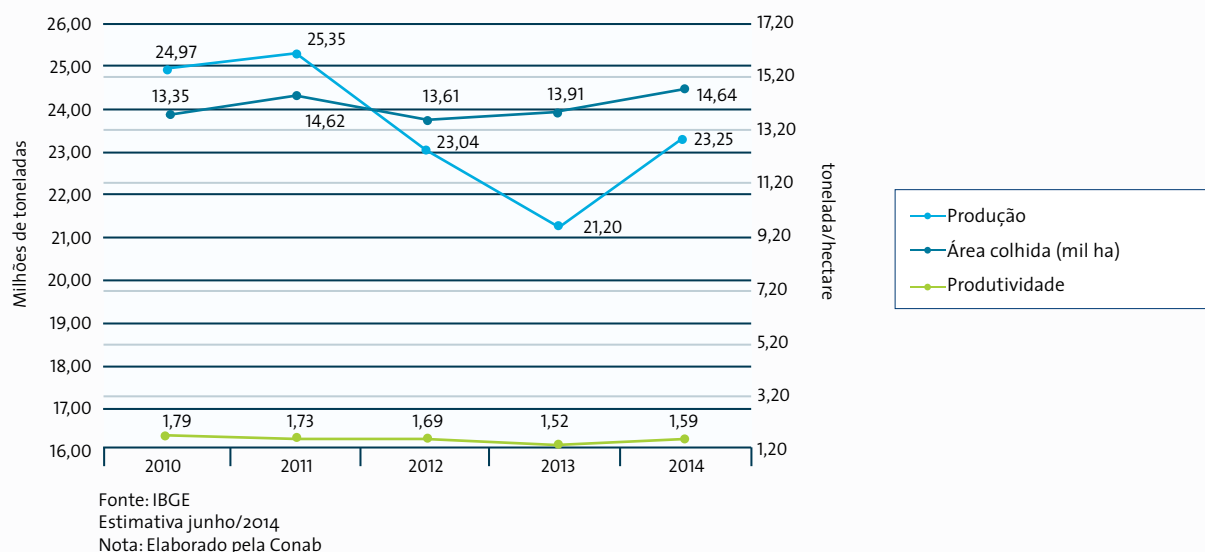
Nesse contexto, apura-se que a produtividade média nacional tem melhorado, passando de 13,9 t/ha para 14,6 t/ha, ou seja, uma elevação de 5,2%. Registra-se, ainda, acréscimo na área colhida, de 1.525.441 hectares em 2013 para 1.588.253 hectares em 2014, significando aumento de 4,1%. Assim, o aumento na quantidade ofertada no primeiro semestre desaqueceu os preços no mercado, tanto da matéria-prima *in natura*, quanto de seus principais derivados, ou seja, farinha e fécula.

O Pará continua sendo o maior produtor, responsável por 4,7 milhões de toneladas de raiz, ou seja, 20,5% da produção nacional. Na sequência vem o Paraná com produção estimada de 4,0 milhões de t, equivalente a 17,5% da produção brasileira seguido da Bahia, com 2,0 milhões de t, o equivalente a quase 9% do total nacional e do Maranhão com 1,6 milhão de t, representando 7%.

No Gráfico 1, registra-se histórico da produção de raiz de mandioca no período de 2010 a 2014, evidenciando a queda na produção a partir de 2012, em função, principalmente, da se-

vera seca na região Nordeste, que se estendeu até 2013. Já em 2014, observa-se recuperação de área colhida, produtividade e produção.

Gráfico 1 – Histórico da produção de mandioca x área colhida no Brasil



A farinha de mandioca, por ter produção caseira ou industrial, é de difícil mapeamento. Utiliza-se dessa maneira, como referência para fins de elaboração de políticas públicas, o comportamento do mercado e os índices técnicos relativos ao consumo, que são apresentados abaixo e elaborados pelo IBGE, com base na Tabela 3.

Tabela 3 – Aquisição alimentar domiciliar *per capita* anual (quilogramas)

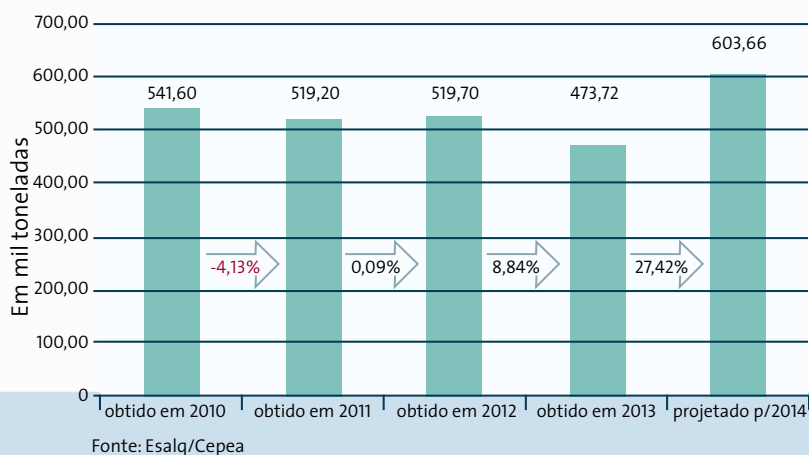
Ano 2008			
Brasil e Região	Mandioca	Mandioca Farinha	Fécula
Brasil	1,766	5,33	0,774
Norte	2,784	23,537	1,564
Nordeste	1,352	9,674	1,442
Sudeste	0,989	1,173	0,358
Sul	4,12	0,812	0,299
Centro-Oeste	2,031	1,286	0,654

Fonte: IBGE. Pesquisa de orçamentos familiares

O Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/Esalq-SP), em parceria com a Associação Brasileira dos Produtores de Amido de Mandioca (Abam) divulgou trabalho em abril deste ano, relativo à produção de fécula. Observou-se que, praticamente, a fabricação permaneceu estável em 2011 e 2012. Em 2013 registrou decréscimo e projetou-se para 2014 um aumento na ordem de 27,4% (ver Gráfico 2), factível de revisão, caso os preços praticados no mercado continuem compensadores.

Ainda no estudo recém-divulgado, constatou-se que o Estado do Paraná manteve o desempenho de anos anteriores, concentrando a produção de fécula em 2013, processando 333,3 mil t, o que representa 70% da produção total brasileira. Em seguida vem o Mato Grosso do Sul, com 94,7 mil t (20%) e, logo após, São Paulo, com 40,5 mil t (9%).

Gráfico 2 – Projeção de fabricação de fécula para 2014



4.2. Preços

4.2.1. Raiz

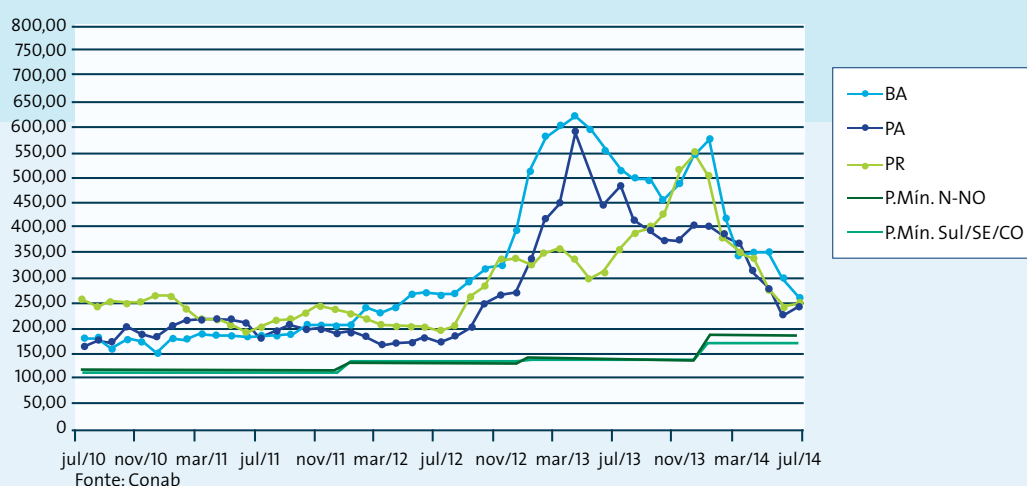
No Estado do Pará, os preços elevados em 2013 e 2014, de uma maneira geral, foram motivados pela menor oferta do produto, em boa parte devido ao excesso de chuvas.

No Estado do Paraná, a acirrada disputa pela matéria-prima entre as indústrias de farinha e de fécula, e ainda entre elas próprias, impulsionaram os preços médios em 2013 e 2014. Alerta-se para as ofertas de matéria-prima no segundo semestre deste ano, que tendem a ser insuficientes para suprir toda a demanda. Isto se deve ao arranquio antecipado, realizado para aproveitar os bons preços no mercado, atendendo dessa forma as indústrias locais e as demandas de outras regiões, principalmente as do Nordeste. Além disso, e diante das disputas entre fecularias e farinheiras, prevê-se a manutenção de preços em alta.

Na Bahia, os preços médios relativos aos dois últimos anos estão associados ao clima seco e, portanto, à menor oferta da raiz.

O Gráfico 3 apresenta o comportamento dos preços da raiz de mandioca nos principais estados produtores (Pará, Bahia e Paraná), ora avaliado no período de julho de 2010 a julho de 2014.

Gráfico 3 – Raiz – preços nominais recebidos pelo produtor R\$/t



4.2.2. Farinha

Quanto ao mercado de farinha, observou-se que no estado do Paraná o comportamento de preços em 2013 foi motivado pela maior demanda de outros estados, que sofreram com as sequelas decorrentes da seca e, conseqüentemente, pouca oferta da matéria-prima.

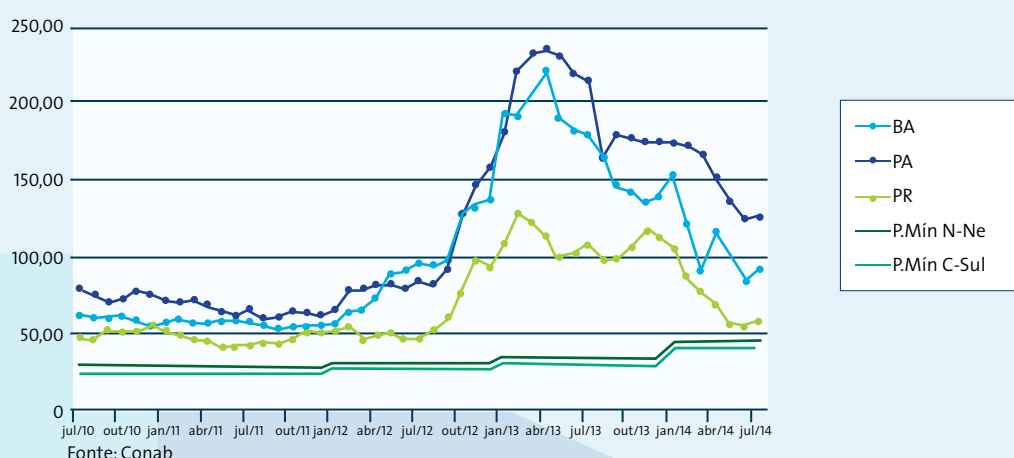
No estado da Bahia, os preços médios em 2013 e 2014 estão vinculados ao clima adverso (seco) que reduziu a oferta de matéria-prima e, com isso, a necessidade de abastecimento da farinha na região Sul, principalmente, Paraná e São Paulo, no Sudeste.

Observa-se no estado do Pará que as variações nos preços médios foram decorrentes da maior precipitação de chuva, principalmente em 2013, aproximando-se de uma possível estabilidade em 2014.

No Gráfico 4, observa-se o comportamento dos preços nominais da farinha de mandioca (recebidos pelo produtor) nos estados da Bahia, Pará e Paraná, no período de julho de 2010 a julho de 2014.

No Gráfico 4 observa-se o comportamento dos preços da farinha de mandioca (recebidos pelo produtor) nos Estados da Bahia, Pará, Paraná e Maranhão, no período de janeiro de 2010 a junho de 2013.

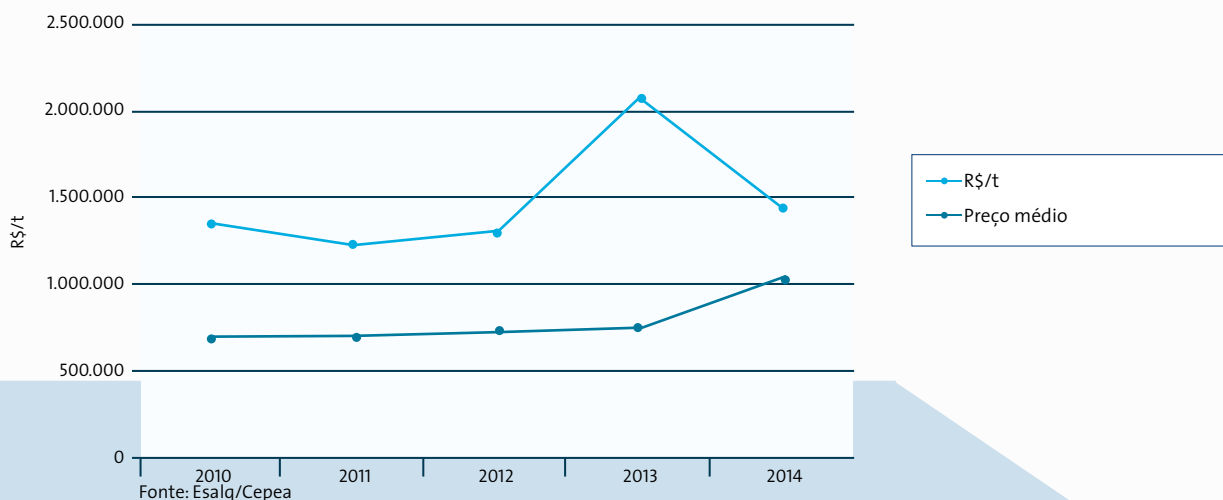
Gráfico 4 – Farinha de Mandioca – preços recebidos pelo produtor R\$/saca 50kg



4.2.3. Fécula

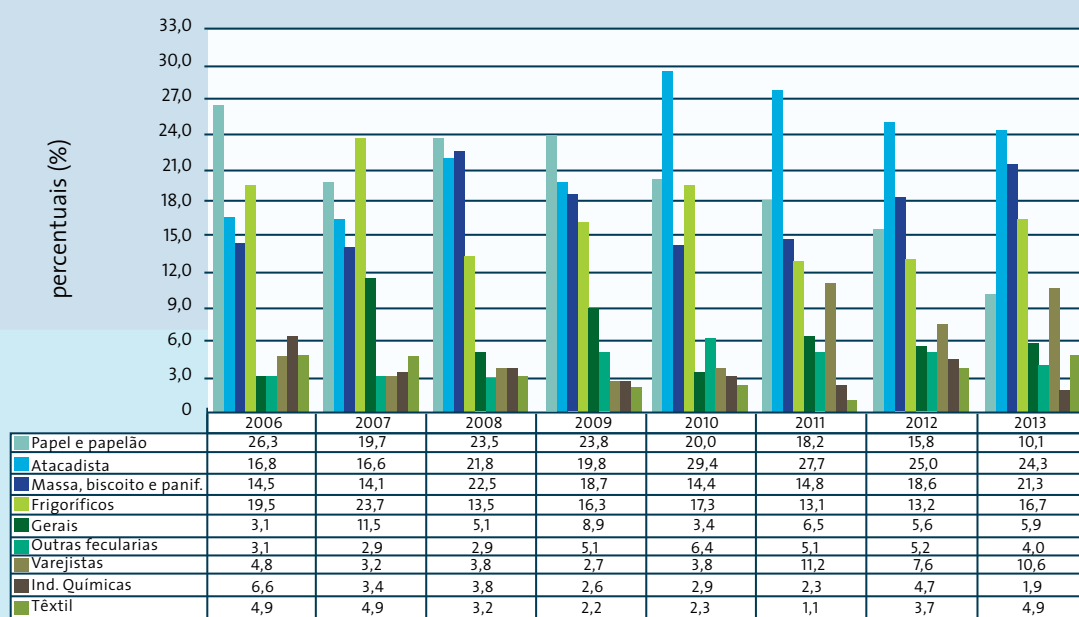
O Gráfico 5 demonstra que em 2011 a maior oferta da matéria-prima no Paraná causou impacto na cotação média de mercado (R\$ 1.248,67/t), registrando-se declínio. Em 2012 e principalmente em 2013, as médias de preços apontaram para crescimento, em função da maior disputa pela matéria-prima, não só entre as indústrias farinhas como também entre as fecularias, e ainda entre farinhas e fecularias. Em 2014, a entrada de fécula importada e a estabilidade na oferta de raiz pressionaram os preços médios para baixo no 1.º semestre do ano.

Gráfico 5 – Fécula - Preços médios anuais - R\$/t no Centro-Sul



No Gráfico 6, visualizam-se os principais mercados consumidores de fécula, elaborados com base nas informações coletadas pelo Cepea/Esalq e divulgadas em abril deste exercício, observando-se que o setor de massa, biscoito e panificação, frigoríficos e panificação foram mais atuantes. Na contrapartida, o de papel e papelão e indústrias químicas registraram menor poder de absorção do produto.

Gráfico 6 – Venda por setor – percentual



Fonte: Esalq/Cepea

Nota: Elaborado pela Conab

4.3. Importação/exportação

Quanto à evolução nacional de exportações de fécula de mandioca, a base de dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex/Mdic) registra que em 2007 o Brasil exportou 12,8 mil t; em 2008, 9,3 mil toneladas de fécula, em 2009, 9,3 mil t; em 2010, 5,9 mil t; em 2011, 6,76 mil t; em 2012, 7,2 mil t; em 2013 6,2 mil t; e em 2014, até junho, 2,9 mil t. A retração baseia-se, essencialmente nos preços menos competitivos no mercado externo, principalmente quando comparados às exportações efetuadas pela Tailândia.

Em 2009 a média de preços da fécula de mandioca exportada pelo Brasil foi de US\$ 596,24/tonelada, em 2010 US\$ 902,74/t; em 2011, US\$ 823,87/t; em 2012, US\$ 868,77/t; em 2013, US\$ 959,69/t; e em 2014, até junho, US\$ 1.028,95/t.

A Tailândia, no período de janeiro a julho/14, registra a média de US\$ 420,00/tonelada (FOB Bangkok), o que a torna extremamente competitiva dentre os demais países exportadores.

O Paraguai, em igual período de 2014, registra média de US\$ 702,50, por tonelada de fécula exportada.

Quanto às importações ora tratadas, o Brasil internalizou em 2008, 9,9 mil t; em 2009, 2,0 mil t; em 2010, 14,8 mil t; em 2011, 19,0 mil t; em 2012, 12,2 mil t; em 2013 15,7 mil t; e em 2014, até junho, 23,4 mil t. As quantidades mencionadas nos últimos três anos estão associadas aos picos positivos nos preços da raiz de mandioca e da própria fécula no mercado interno, inviabilizando, em alguns momentos, o uso do derivado nacional por parte dos segmentos.

4.4. Atuação governamental

No decorrer do ano de 2013, conforme demonstrado na Tabela 4, foram gastos R\$ 9.488.977,62 na aquisição de produtos associados à raiz, farinha (mandioca e tapioca), fécula, tapioca, massa, maniva, torta de aipim e raspa de mandioca, no total de 9.870.745 kg, por meio do PAA.

Tabela 4 – Aquisição de Mandioca e derivados pelo PAA nos Anos de 2009 a 2013

Produto	2009		2010		2011		2012		2013		Total	
	R\$	kg	R\$	kg	R\$	kg	R\$	kg	R\$	kg	R\$	kg
Farinha de mandioca	20.031.117,65	22.854.178	9.779.481,51	9.906.999	6.730.729,93	4.621.636	5.575.237,55	3.161.951	844.691,79	316.748	42.961.258,43	40.861.512
Farinha de tapioca	15.455,00	5.125	94.562,00	32.866	94.136,20	34.571	235.207,10	83.974	53.640,90	17.590	493.001,20	174.126
Fécula de mandioca	56.640,00	38.320	83.962,10	55.513	44.327,14	23.992	55.432,40	28.099	59.385,82	23.926	299.747,46	169.850
Maniva de mandioca			18.000,30	31.035	1.499,30	1.034					19.499,60	32.069
Massa de mandioca	32.700,00	23.500	150.456,29	83.216	262.016,08	141.925	83.880,81	38.999	38.590,90	18.363	567.644,08	306.003
Polvilho	1.636.543,96	651.337	693.500,88	276.132	317.004,10	117.822	871.225,08	276.702	204.160,02	52.254	3.722.434,04	1.374.247
Raiz de mandioca	5.329.208,55	8.780.530	9.934.158,90	15.384.662	16.786.408,13	23.742.334	15.285.456,22	20.463.010	8.191.369,69	9.409.436	55.526.601,49	77.779.972
Raspa de mandioca			85.650,22	49.082	25.218,20	12.200	19.809,40	8.527	34.750,00	13.500	165.427,82	83.309
Tapioca	726.366,50	319.769	974.610,60	325.302	739.599,52	233.521	622.987,40	195.981	62.388,50	18.928	3.125.952,52	1.093.501
Torta de aipim	15.000,00	2.500	700,00	200			4.800,00	960			20.500,00	3.660
Total	27.843.031,66	32.675.259	21.815.082,80	26.145.007	25.000.938,60	28.929.035	22.754.035,96	24.258.203	9.488.977,62	9.870.745	106.902.066,64	121.878.250

Fonte: Conab/Dipai/Supaf/Gecaf

Ainda no campo das políticas públicas, destaca-se a manutenção dos preços mínimos para a raiz de mandioca e derivados (farinha e fécula) para a safra 2014/15 e 2015.

5. Fatores positivos e críticos

A prosperar a escassez de matéria-prima e bons preços no segundo semestre, espera-se para 2015 o aumento nas áreas a serem plantadas e colhidas, principalmente em São Paulo, Maranhão e Bahia, tendo como alicerce os preços praticados no mercado e a garantia governa-

mental, com os Programas de Garantia de Preços Mínimos e Aquisição de Alimentos.

Cita-se, assim, como fatores críticos os reflexos ocasionados pela grande seca ocorrida na região Nordeste no ano de 2012 e sua difícil recuperação, além da geada e chuvas na região Sul, que comprometem a produtividade e o abastecimento, caso prevaleça o fenômeno “*El Niño*”.

6. Perspectivas para a safra 2013/14

Para formulação da presente análise, considerou-se como base de referência o histórico de produção, o acompanhamento do mercado já mencionado nas páginas anteriores, a manutenção dos atuais preços mínimos para o próximo período e a tendências climáticas.

Segundo o Inmet/Mapa, as temperaturas das águas da superfície do mar continuam com tendência de mudança, apresentando valores levemente acima do normal, no Oceano Pacífico Equatorial, passando de condições de “neutralidade” para um novo “*El Nino*”, nos próximos meses. Os modelos de previsão climática continuam indicando o estabelecimento do fenômeno climático “*El Nino*”, a partir do segundo semestre deste ano.

Assim, o “*El Nino*” deve influenciar o clima durante o segundo semestre de 2014. Para os próximos meses espera-se que as precipitações continuem com volumes acima da média, no sul do Brasil e estiagem no norte do país.

É previsto, para o período mencionado, que as temperaturas continuem com variações bruscas, ou seja, períodos um pouco mais quentes com quedas acentuadas de temperaturas no Centro-Sul do Brasil, consequência direta da entrada de massas de ar frio mais intenso que favorecem a formação de geadas significativas nas áreas mais altas do sul do Brasil.

Desse modo, estima-se, com base nos parâmetros mencionados no início deste item:

- a manutenção das áreas e respectivas produtividades nos estados do Pará e Amazonas, nos mesmos patamares registrados em 2014;
- a gradativa recuperação de área plantada e melhora na produtividade das áreas na Bahia e Maranhão.
- a manutenção de área e produtividade em Mato Grosso do Sul;
- a redução de área, algo próximo a 3%, a depender da cotação média da raiz no momento do plantio. Há expectativa quanto a um aumento médio da produtividade próximo a 24 t, no Paraná.

É de se registrar, todavia, que as elevações nos custos de produção, principalmente as realizadas com mão-de-obra e arrendamento da terra, podem desestimular o produtor na hora do plantio, gerando impacto na área a ser plantada e, conseqüentemente, no quantitativo a ser colhido.

Considerando o já exposto no presente trabalho, e que o ciclo da cultura varia de 12 a 18

meses, e tendo ainda como premissa de que haverá redução de área a ser plantada no Paraná e a melhora em sua produtividade, projeta-se para a safra 2014/15 um decréscimo de 0,4% de área a ser colhida, ou seja, de 1.588,2 mil hectares (previsão do IBGE) para 1.581,8 mil hectares. Ao estimar melhora de 2% sobre a atual produtividade, que é de 14,6 t, prevê-se o equivalente a 14,9 t, dessa forma, possivelmente, se obterá uma oferta próxima a 23,6 milhões de toneladas de raiz na safra 2014/15.

Diante disso e levando-se em conta que ainda permanecerá a necessidade de abastecimento da matéria-prima pelo Centro-Sul à região Nordeste, como também às indústrias de farinha e de fécula, o entendimento é de sinalização a que os preços permaneçam próximos ou superiores aos atuais.



1. Introdução

A cultura do milho, apesar de sua grande importância na cadeia produtiva de vários setores do cenário agropecuário, seja na alimentação animal e humana, seja na produção de biocombustíveis, é uma *commodity* que possui uma alta volatilidade e alto risco de preço.

Uma das razões para esta característica é o fato deste cereal ser o grão mais produzido no mundo e também o mais consumido. Cerca de 66,5% desta produção se concentra em 03 países: Estados Unidos, China e Brasil.

Portanto, qualquer fato que afeta a oferta e demanda de milho, afeta também, diretamente os preços nas Bolsas de Mercadoria e, conseqüentemente, os preços internos dos países produtores.

O objetivo deste trabalho é traçar uma análise prospectiva da produção e preços de milho para a safra 2014/15, observando fatores como suprimento e consumo no mundo e no Brasil, no sentido de subsidiar o setor agrícola nacional na tomada de decisão, justamente em momento de programação de produção para a próxima safra.

2. Panorama internacional

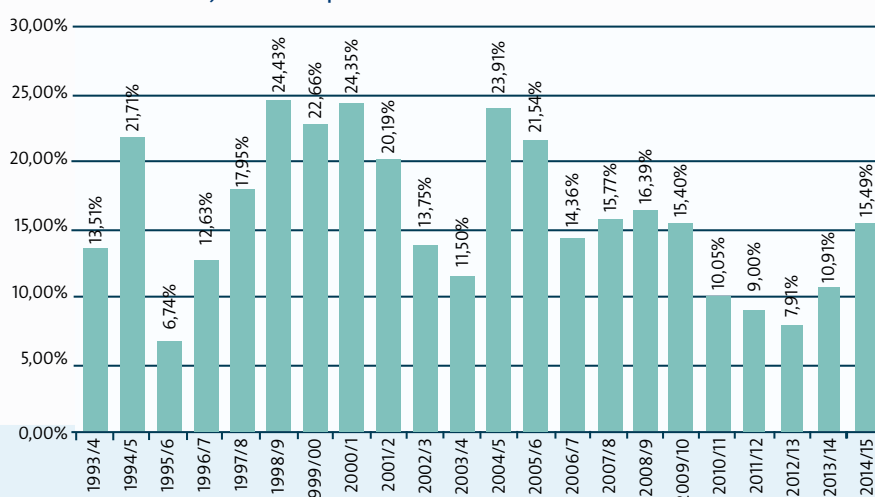
2.1. Oferta e demanda

Diferentemente do que aconteceu na safra 2012/13, a safra de milho seguinte foi marcada por uma produção recorde nos Estados Unidos (o principal produtor mundial do grão) de

353,72 milhões de toneladas, gerando uma situação mais confortável em relação ao abastecimento interno deste país e aumentando os estoques de passagem norte-americanos, fazendo com que a relação estoque/consumo tenha saído de 7,9 para 10,7%.

Para a safra 2014/15, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) estima um volume de estoque final, tal que a relação estoque/consumo para este país é de 15,48%, ou seja, um cenário bem mais confortável para o atendimento da crescente demanda interna, sobretudo para o setor de alimentação animal.

Gráfico 1 – Relação estoque/consumo de milho nos EUA



Fonte: USDA

Tal fato se deve, principalmente, pela expectativa de uma produção na ordem de 352,1 milhões de toneladas, já que, apesar de uma leve redução na área plantada de milho no Meio Oeste estadunidense, a situação climática, com um bom regime de chuvas, tem favorecido o desenvolvimento das lavouras, gerando um cenário positivo: alguns analistas acreditam que a produtividade média deverá passar de 10.000 kg/ha.

Tabela 1 – Milho - oferta e demanda mundial e EUA - jul/2014

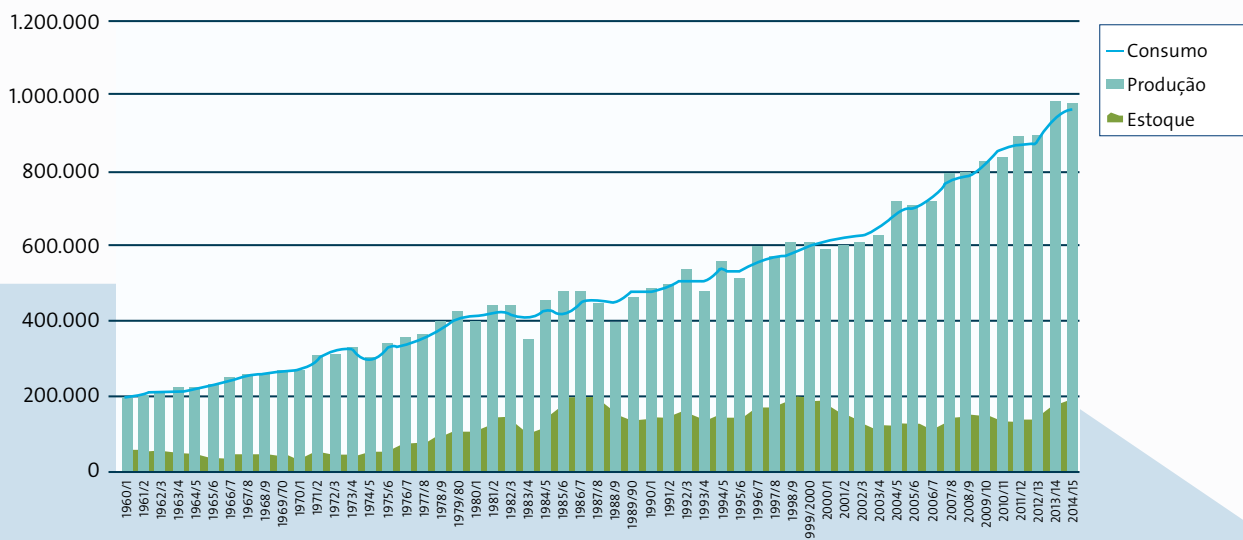
Safra	Estoque inicial	Produção	Importação	Consumo		Exportação	Estoque final	Estoque consumo
				Ração	Total			
Mundo								
2010/2011	146.626	835.919	92.311	503.474	853.500	91.259	130.097	15,2%
2011/2012	130.097	889.327	99.900	503.388	867.736	116.980	134.608	15,5%
2012/2013	134.608	868.807	99.480	518.793	869.511	95.188	138.196	15,9%
2013/2014	138.196	984.448	117.394	573.486	941.654	124.967	173.417	18,4%
2014/2015	173.417	980.963	114.872	593.846	965.978	115.222	188.052	19,5%
Estados Unidos								
2010/2011	43.380	316.165	703	121.908	285.123	46.481	28.644	10,0%
2011/2012	28.644	313.949	746	115.744	279.035	39.182	25.122	9,0%
2012/2013	25.122	273.832	4.125	109.951	263.641	18.579	20.859	7,9%
2013/2014	20.859	353.715	889	131.451	295.543	48.262	31.658	10,7%
2014/2015	31.658	352.060	762	132.086	295.542	43.182	45.756	15,5%

Fonte: USDA

Apesar de uma pequena redução na produção mundial em 2014/15 em relação à safra anterior, esta permanece acima do consumo mundial, onde mesmo com um significativo aumento quando comparado as duas safras anteriores, (aumentando em quase 100,00 milhões

de toneladas), permitiu um incremento no estoque final mundial de 173,42 para 188,05 milhões de toneladas, aumentando a oferta do milho no mercado.

Gráfico 2 – Evolução da produção, consumo e estoque mundial de milho em mil toneladas



Fonte: USDA

Observa-se, no entanto, que as exportações mundiais de milho previstas são menores que as atuais em 9,75 milhões de toneladas. Isso acontece provavelmente em função do aumento do consumo interno de alguns países produtores atrelado ao incremento na produção do cereal, principalmente quando analisada a produção e o consumo da China.

Para este país, a expectativa sempre é de que venha a se tornar um grande comprador no mercado externo, o que poderia mexer nas cotações do grão no cenário internacional, já que a área disponível para novos plantios na China é bastante reduzida e a produção animal tem aumentado ano a ano. Entretanto, o estoque chinês ainda é bastante elevado, correspondendo a 36,20% do consumo. Já o USDA estima uma produção recorde, em torno de 222,00 milhões de toneladas, diminuindo, assim, a necessidade de importação.

Tabela 2 – Milho - oferta e demanda mundial (Argentina, Ucrânia, China, UE) - jul/2014

Safra	Estoque inicial	Produção	Importação	Consumo		Exportação	Estoque final	Estoque consumo
				Ração	Total			
Argentina								
2010/2011	2.484	25.200	6	5.300	7.300	16.349	4.041	55,4%
2011/2012	4.041	21.000	7	4.800	7.000	17.149	899	12,8%
2012/2013	899	27.000	3	5.300	7.900	18.687	1.315	16,6%
2013/2014	1.315	24.000	10	5.500	8.300	13.500	3.525	42,5%
2014/2015	3.525	26.000	10	6.000	9.000	16.000	4.535	50,4%
Ucrânia								
2010/2011	672	11.919	38	5.400	6.500	5.008	1.121	17,2%
2011/2012	1.121	22.838	49	6.500	7.800	15.157	1.051	13,5%
2012/2013	1.051	20.922	44	6.800	8.100	12.726	1.191	14,7%
2013/2014	1.191	30.900	50	8.500	9.900	20.000	2.241	22,6%
2014/2015	2.241	27.000	50	9.500	10.900	16.000	2.391	21,9%

Continua

Safr	Estoqe inicial	Produção	Importação	Consumo		Exporta- ção	Estoque final	Estoque consumo
				Ração	Total			
China								
2010/2011	51.302	177.245	979	128.000	180.000	111	49.415	27,5%
2011/2012	49.415	192.780	5.231	131.000	188.000	91	59.335	31,6%
2012/2013	59.335	205.614	2.702	144.000	200.000	81	67.570	33,8%
2013/2014	67.570	218.490	3.500	154.000	212.000	100	77.460	36,5%
2014/2015	77.460	222.000	3.000	162.000	222.000	100	80.360	36,2%
União Européia								
2010/2011	5.568	58.265	7.385	49.900	64.900	1.096	5.222	8,0%
2011/2012	5.222	68.118	6.113	54.000	69.500	3.287	6.666	9,6%
2012/2013	6.666	58.866	11.351	53.000	69.600	2.193	5.090	7,3%
2013/2014	5.090	64.573	14.500	57.500	76.000	2.200	5.963	7,8%
2014/2015	5.963	65.642	13.000	57.500	76.500	2.000	6.105	8,0%

Fonte: USDA

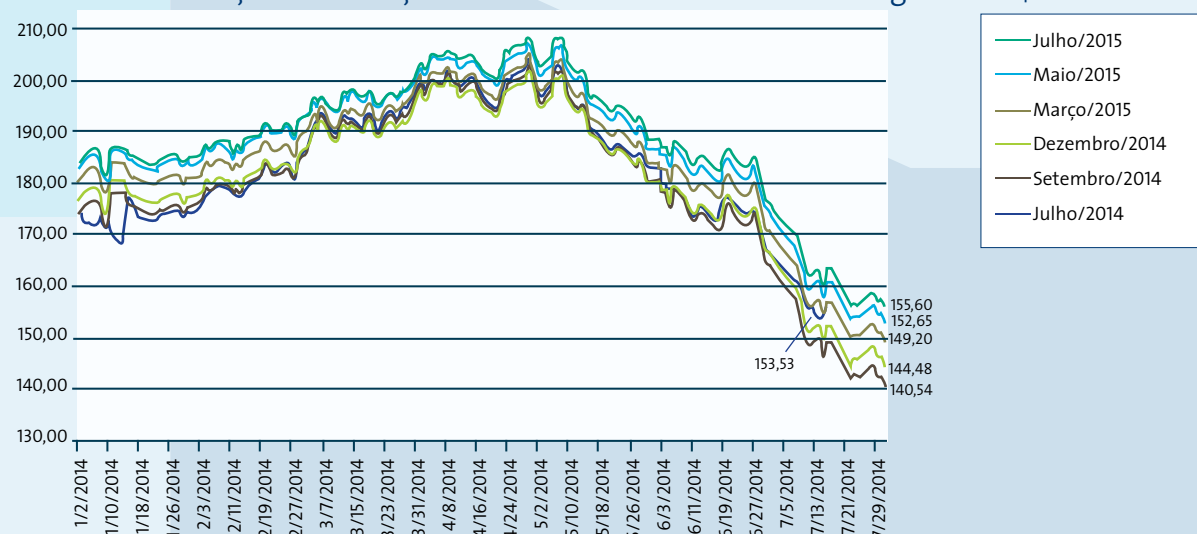
Portanto, segundo ainda o referido Departamento, a China não deve importar mais que 3,00 milhões de toneladas para a safra 2014/15, frustrando a expectativa de países como o Brasil de começarem a vender grandes volumes do grão para aquele mercado.

Desta maneira, diante de uma conjuntura de oferta maior que a demanda, as cotações internacionais se encontram, evidentemente, em momento de baixa (situação que tende a se manter ao longo de 2014 e início de 2015), quando haverá a divulgação da intenção de plantio da safra 2015/16 nos Estados Unidos, mais precisamente em março de 2015. Ressalta-se que este cenário baixista poderá influenciar a tomada de decisão do produtor norte-americano.

2.2. Preços internacionais

Diante deste panorama, os preços internacionais do milho seguem em um movimento de forte queda. As cotações de Chicago mais próximas têm apresentado os menores índices desde 2010 e com possibilidades de novas quedas. Contudo, os contratos mais longos variam entre US\$ 10 a 15,00/ton acima dos contratos de julho/14, levando a crer que o mercado espera dos Estados Unidos uma redução de área plantada para a safra 2015/16 não muito significativa.

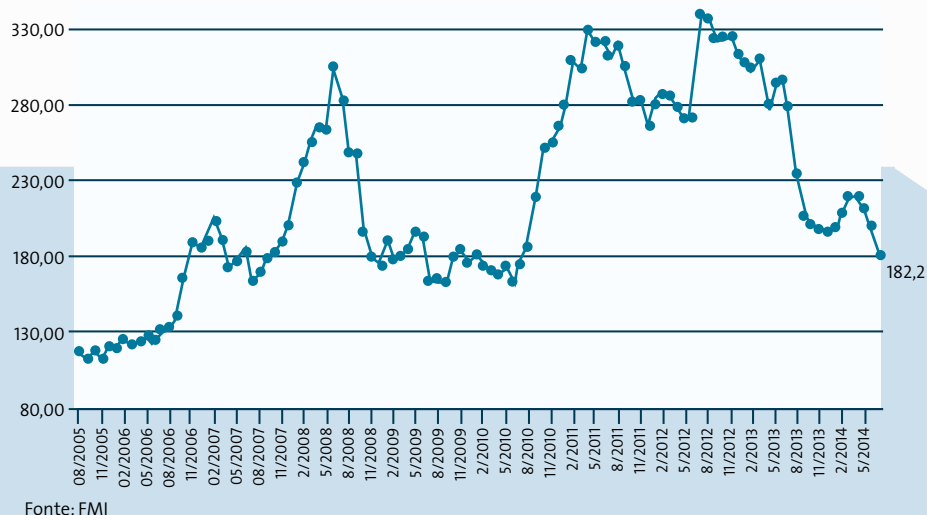
Gráfico 3 – Evolução das cotações dos contratos na Bolsa de Chicago em US\$/ton



Fonte: CMEGroup

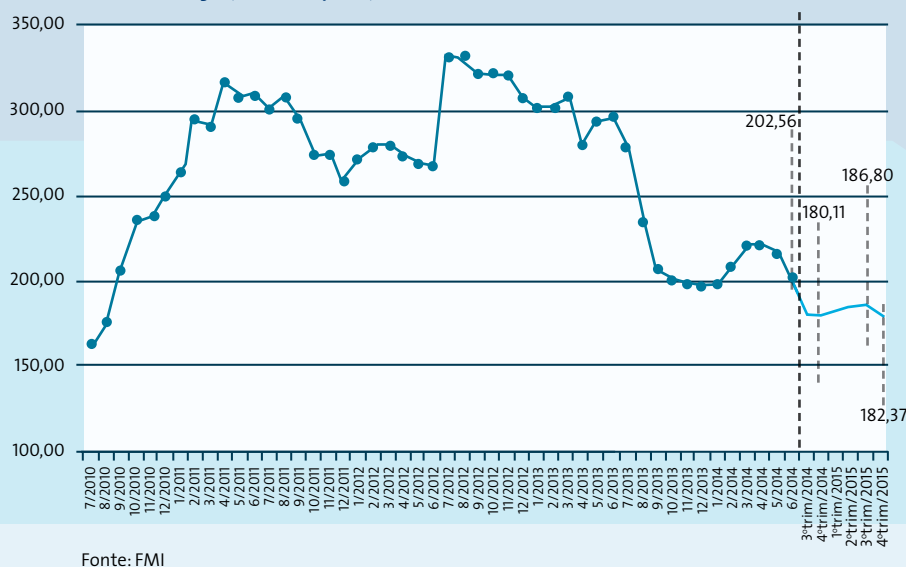
As cotações do grão FOB Golfo estão próximas dos níveis de 2009/10, porém, ainda não se aproximaram dos preços de 2005/06. Isto leva a crer que, mesmo com os valores do cereal extremamente baixos, os prêmios dos portos têm evidenciado uma demanda aquecida, diante do forte interesse dos importadores.

Gráfico 4 – Evolução dos preços reais mensais de milho em Chicago (FOB Golfo) US\$/ton em 10 anos



Porém, de acordo com as previsões do FMI, até o final de 2015 os preços FOB Golfo deverão ter pouca variação e não devem retomar os patamares dos últimos anos, a não ser que ocorra algum fator climático para os principais *players* do mercado que afete consideravelmente a oferta e a demanda mundial.

Gráfico 5 – Projeção de preços de milho FOB Golfo em US\$/ton



3. Panorama nacional

3.1. Preços internacionais

O 11º Levantamento da safra de grãos da Conab apresentou um decréscimo de 3,6% na produção total de milho, ainda assim esta é a segunda maior safra de milho já registrada.

Tabela 3 – Balanço de oferta e demanda (fev-jan) - em 1.000 toneladas

Produto	Safra	Estoque inicial	Produção	Importação	Suprimentos	Consumo	Exportação	Estoque final
Milho	2008/09	7.675,5	51.003,8	1.181,6	59.860,9	45.414,1	7.333,9	7.112,8
	2009/10	7.112,8	56.018,1	391,9	63.522,8	46.967,6	10.966,1	5.589,1
	2010/11	5.589,1	57.406,9	764,4	63.760,4	48.485,5	9.311,9	5.963,0
	2011/12	5.963,0	72.979,5	774,0	79.716,5	51.888,6	22.313,7	5.514,2
	2012/13	5.514,2	81.505,7	911,4	87.931,3	53.159,5	26.174,1	8.597,8
	2013/14	8.597,8	78.554,0	500,0	87.651,8	53.817,9	21.000,0	12.833,9

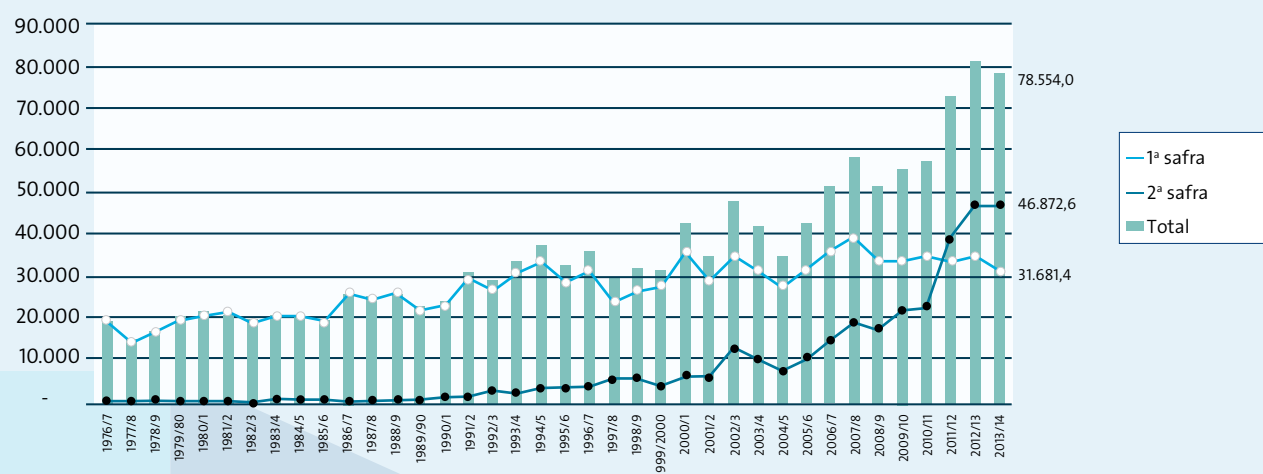
Fonte: Conab

Apesar da redução de área na maioria das regiões produtoras do país, condições climáticas favoreceram estados importantes como Mato Grosso, Goiás, Mato Grosso do Sul e Paraná.

Vale citar que, mais uma vez, a produção do milho 2ª safra superou a da 1ª safra, consolidando, assim, uma nova dinâmica na distribuição espacial do grão no Brasil.

Um dos fatores que tem influenciado essa alteração na produção do grão é a opção do produtor em plantar a soja ao invés do milho, visto que a primeira tem garantido maior rentabilidade que o segundo.

Gráfico 6 – Evolução da Produção Brasileira de Milho



Fonte: Conab

Outro fator é, obviamente, o ganho de produtividade do milho 2ª safra, vez que a tecnologia aplicada à lavoura tem melhorado ano a ano.

Com essa produção e um estoque inicial na ordem de 8,6 milhões de toneladas, há um suprimento total de 87,7 milhões de toneladas de milho, considerando uma importação de 500,0 mil toneladas oriundas de regiões fronteiriças como o Paraguai, onde existem muitos produtores brasileiros que normalmente vendem sua produção para os produtores de aves e suínos da Região Sul.

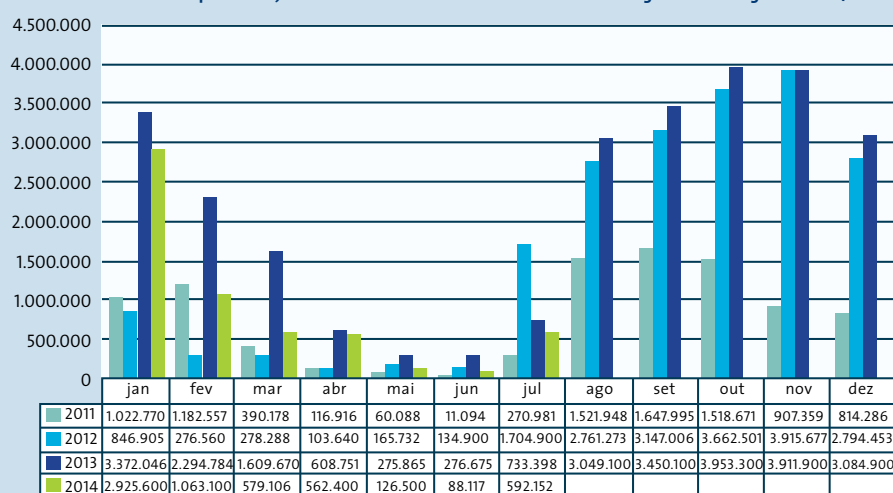
Como o consumo estimado para 2013/14 é de 53,8 milhões de toneladas e as exportações estão previstas em 21,0 milhões, o estoque final estimado é de 12,8 milhões de toneladas do cereal, o que é um forte fundamento de pressão baixista de preços.

O consumo de milho, caso sofra alguma alteração, não deverá ser significativa uma vez

que o principal direcionamento da demanda é para o setor de alimentação animal e, mesmo que ocorra um ajuste positivo na produção de carnes, este dependerá de maior participação de mercado não só doméstico, como também o mercado internacional, altamente disputado por países como Estados Unidos (no caso de aves), União Europeia, Estados Unidos e Canadá (em relação aos suínos).

O principal fator que pode alterar a relação de oferta e demanda de milho para a safra atual está relacionado à exportação de milho pelo Brasil. A estimativa é de que o país exporte 21,0 milhões de toneladas, tendo em vista o grande aumento da demanda externa por milho 2ª safra, devido à maior disponibilidade, uma vez que a colheita ocorre na entressafra dos Estados Unidos e Ucrânia, e pela qualidade do grão.

Gráfico 7 – Exportações brasileiras de milho de jan/11 a jul/14 (toneladas)



Fonte: Secex

De fevereiro a julho foram exportadas 3,0 milhões de toneladas de milho, considerando uma exportação de 2,0 milhões de toneladas em janeiro de 2015. É perfeitamente possível que o Brasil consiga exportar uma média de 3,2 milhões/mês de agosto a outubro, mesmo porque países como Japão, Coreia e Egito, tradicionais importadores do grão, já são clientes do Brasil e vêm buscando aumentar gradativamente sua importação do milho nacional.

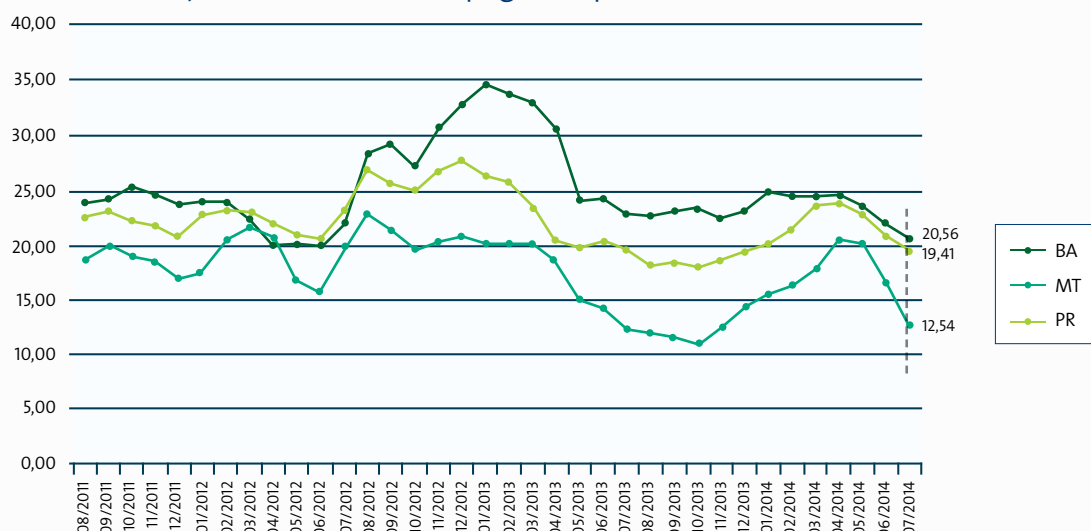
Vale lembrar que, os prêmios dos portos brasileiros vêm trabalhando desde o ano passado positivamente e que, atualmente, encontram-se acima de US\$ 100,00/bu (US\$ 39,37/ton), maiores valores de prêmio já registrados, evidenciando o interesse do comprador.

3.2. Preços nacionais

Com este cenário, os preços domésticos vêm sofrendo forte pressão baixista e, de acordo com o apresentado para o cenário internacional, a tendência de uma redução é ainda maior, uma vez que o preço nacional é balizado pelas cotações em Chicago.

Cabe salientar que os preços descritos no gráfico 8 referem-se, no caso do Paraná e Mato Grosso (os dois maiores estados produtores de milho) aos preços médios estaduais. Nota-se que as cotações já estão próximas das baixas registradas no ano passado. No caso da Bahia, é praticamente igual ao menor valor dos últimos 03 anos.

Gráfico 8 – Preços médios de milho pagos ao produtor no PR, MT e BA* em R\$/60 Kg



Fonte: Conab

*preço da Bahia, praça de Barreiras

Para uma ideia da formação dos preços internos, pode-se observar o cálculo de paridade de exportação, tomando por base um dólar de R\$ 2,40 e as cotações e prêmios de portos para setembro/14.

Desta feita, os preços de paridade de exportação em Londrina-PR e Lucas do Rio Verde-MT ficam R\$ 19,89 e 10,94/60Kg, respectivamente.

Tabela 4 – Milho - Paridade de Exportação -Chicago (Paranaguá e Santos)

Discriminação	(US\$/t)	(R\$/t) Paranaguá	(US\$/t)	(R\$/t) Santos
Chicago ou Rosário	140,58		140,58	
Prêmio FOB Pguá	39,37			
Prêmio FOB Santos			43,30	
Frete				
I - Preço FOB - Paranagua	179,95	431,88		
I - Preço FOB - Santos			183,88	441,31
II - Despesas no Porto	9,55	22,91	9,57	22,97
1 - Despesas Portuárias	8,00	19,20	8,00	19,20
2 - ISS (5% s/ item II. 1)	0,40	0,96	0,40	0,96
3 - Quebra (0,25% s/l)	0,45	1,08	0,46	1,10
4 - Despachante (0,2% s/l)	0,36	0,86	0,37	0,88
5 - Corretagem Câmbio (0,1875% s/l)	0,34	0,81	0,34	0,83
6 - Carta de Credito (1% s/l)		0,00		0,00
III - Custo Desestivado s/ Rodas (I-II)	170,40	408,97	174,31	418,34
IV - Custo Desestivado s/ Rodas (60kg)	10,22	24,54	10,46	25,10
Decomposição à Zona de Produção	São Paulo	Paranaguá		
Preço origem	25,10	24,54		
ICMS (7%)				
Sub-total	25,10	24,54		
INSS (2,3%)	0,67	0,65		
Pis/Confins (3,65%)	0,00	0,00		
Frete Londrina 487 km		4,00		
Frete Lucas do Rio Verde 1943 km	13,50			
Composição Final	10,94	19,89		

Fonte: Conab

Obviamente que considerando um dólar com valor mais baixo e um preço na Bolsa de Chicago ainda mais baixo, os preços domésticos tendem a seguir o mesmo movimento de baixa, uma vez que são correlacionados.

4. Análise prospectiva para a safra nacional 2014/2015

4.1. Análise de rentabilidade

Um dos fatores que auxiliam o produtor na tomada de decisão do plantio é o custo de produção de cada cultura de interesse. Neste sentido, um estudo de rentabilidade pode ser de grande auxílio. Por essa razão, a título de exemplificar, foi feita uma análise dos custos de milho e soja da safra de verão do Paraná, especificamente a praça de Campo Mourão, tomando por base os preços médios de julho de 2014 e a última atualização dos custos de produção da Conab (maio de 2014).

Salienta-se que, para ambos os custos, optou-se pelo sistema de plantio direto e com plantas geneticamente modificadas, padrão tecnológico mais aplicado nas lavouras.

Nota-se que a soja possui uma rentabilidade bem acima do milho, apesar de ambos garantirem lucro ao produtor nos preços atuais. Porém, uma redução nos preços de ambas *commodities* pode ser mais prejudicial ao produtor de milho que ao de soja, pois a margem bruta, descontando o custo variável para a soja, é quase 7,0 vezes maior que a de milho.

Tabela 5 – Comparação da rentabilidade de soja e milho no PR*

Itens	Soja	Milho
Produtividade média (kg/ha)	3.500	8.500
Preços em R\$/kg	0,95	0,30
Análise Financeira (R\$/ha)		
A - Receita bruta	3.325	2.550
B - Despesas:		
B1 - Despesas de Custeio (DC)	1.097,92	1.802,35
B2 - Custos Variáveis (CV)	1.369,23	2.266,97
B3 - Custo Operacional (CO)	1.673,07	2.491,31
A) - Margem Bruta s/DC = (A-B1)	2.227	748
B) - Margem Bruta s/CV = (A-B2)	1.956	283
C) - Margem Líquida s/CO = (A-B3)	1.652	59
Análise Quantitativa em kg/ha		
Ponto de equilíbrio s/ DC	1.156	6.008
Ponto de equilíbrio s/ CV	1.441	7.557
Ponto de equilíbrio s/ CO	1.761	8.304
Indicadores		
Receita/Custeio = (A/B1)	3,03	1,41
Receita/CV = (A/B2)	2,43	1,12
Receita/CO = (A/B3)	1,99	1,02
Preços de Equilíbrio - R\$/kg		
Cobertura do Custeio	0,31	0,21
Cobertura do Custo Variável	0,39	0,27
Cobertura do Custo Operacional	0,48	0,29

Fonte: Conab

Nota: * Custo de produção de maio para Campo Mourão

Além disso, o risco para o milho verão é maior, tendo em vista que dentro deste pacote tecnológico, para se pagar o custo variável do milho é necessário que se produza cerca de 7,6 t/ha, ou seja, muito próximo da produtividade média da região (estabelecida no referido custo de produção) que é de 8,5 t/ha. Portanto, caso haja alguma situação climática desfavorável como estiagem ou excesso de chuvas, a perda de produtividade pode ser mais preocupante para o milho que para a soja.

Por essa razão, muitos produtores têm optado pela soja ao invés do milho na 1ª safra, deixando o plantio do milho na 2ª safra já que existe uma necessidade agrônômica de rotação de culturas.

No cenário conjuntural atual esta preferência do produtor deverá ser mais evidente, com uma grande possibilidade de nova diminuição da área de milho 1ª safra.

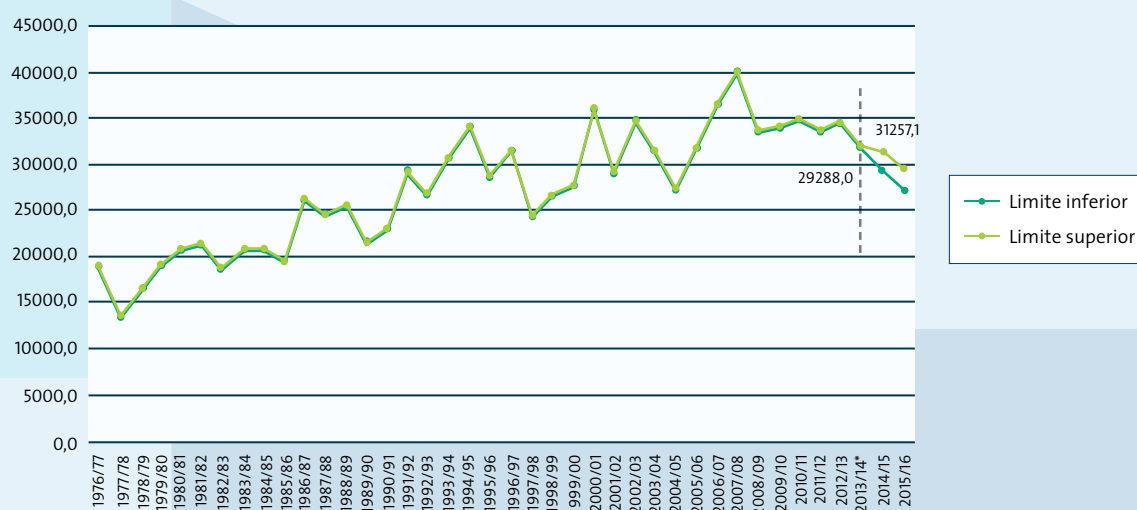
Como os preços seguem baixos e tendem a continuar neste movimento baixista, é possível que a área de milho 2ª safra também sofra redução, já que a produtividade média na 2ª safra é menor, bem como sua rentabilidade.

4.2. Produção 2013/2014

Diante do que foi apresentado até o momento, e utilizando modelos econométricos para previsão da produção de milho, foi projetada uma redução da produção do milho 1ª safra, baseando-se na projeção de área plantada, onde percebe-se que sofrerá decréscimo, multiplicado pela média de produtividade das últimas 03 safras.

Portanto, em um cenário nacional, estima-se uma redução da produção da 1ª safra entre 1,33 a 7,55%, ou seja, a produção poderá ficar em um limite inferior de 29,3 milhões de toneladas e em um limite superior de 31,3 milhões.

Gráfico 9 – Perspectiva de produção de milho 1ª safra para 2014/15 (mil ton)

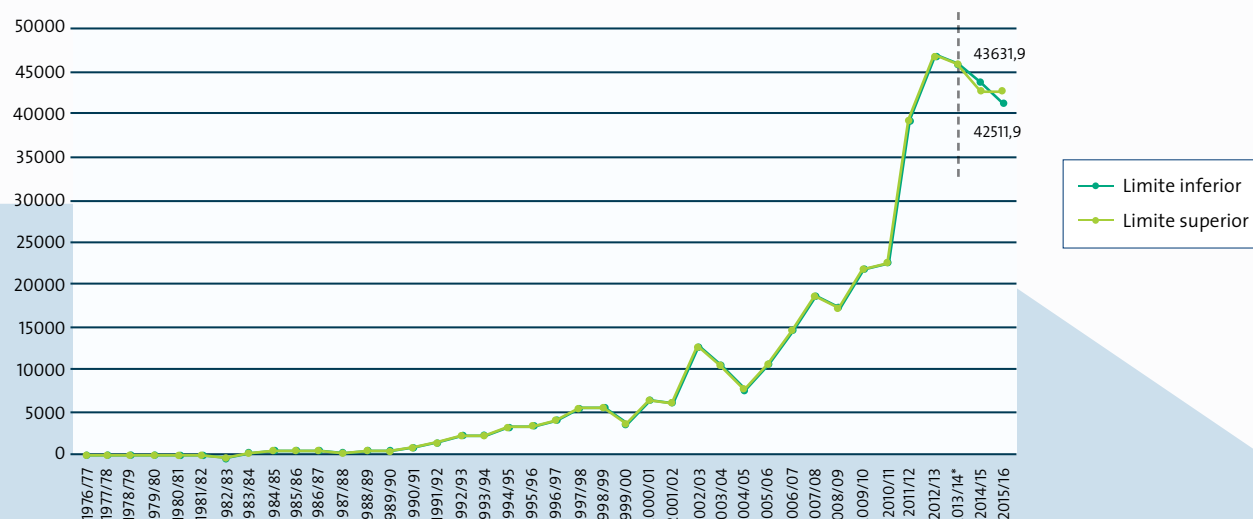


Fonte: Conab

Já para o milho 2ª safra, é estimada também uma redução na produção final, tendo em vista uma possível diminuição da área plantada, já que os preços internos estão baixos e o mercado externo não sinaliza grandes melhoras nas cotações quando se observam os con-

tratos futuros de Chicago, bem como uma expectativa de um alto volume de estoque de passagem acima de 12,0 milhões de toneladas, o que deve manter os preços pressionados. Assim sendo, a produção do milho 2ª safra deve ficar entre 6,91 e 9,30%, ou seja, um limite inferior de 42,5 milhões de toneladas e superior de 43,6 milhões.

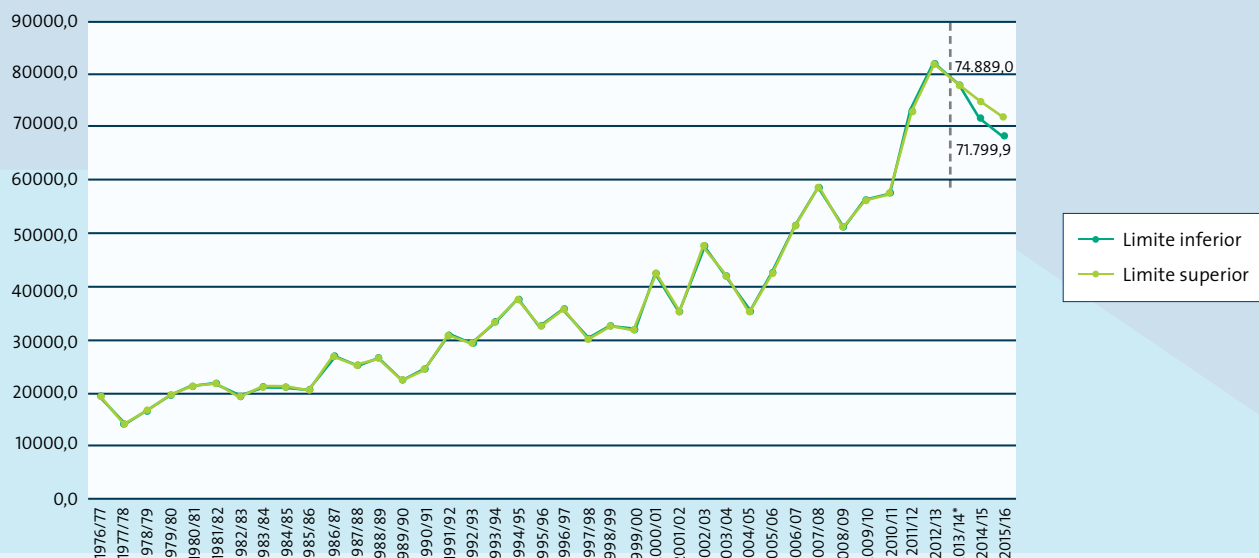
Gráfico 10 – Perspectiva de produção de milho 2ª safra para 2014/15 (em mil ton)



Fonte: Conab

Portanto ao somar os limites das duas projeções, a área total de milho no Brasil, para a safra 2014/15, está estimada entre 71,8 e 74,9 milhões de toneladas, significando uma redução variando entre 4,66 a 8,59%.

Gráfico 11 – Perspectiva de produção de milho total para 2014/15(em mil ton)



Fonte: Conab

4.3. Preços

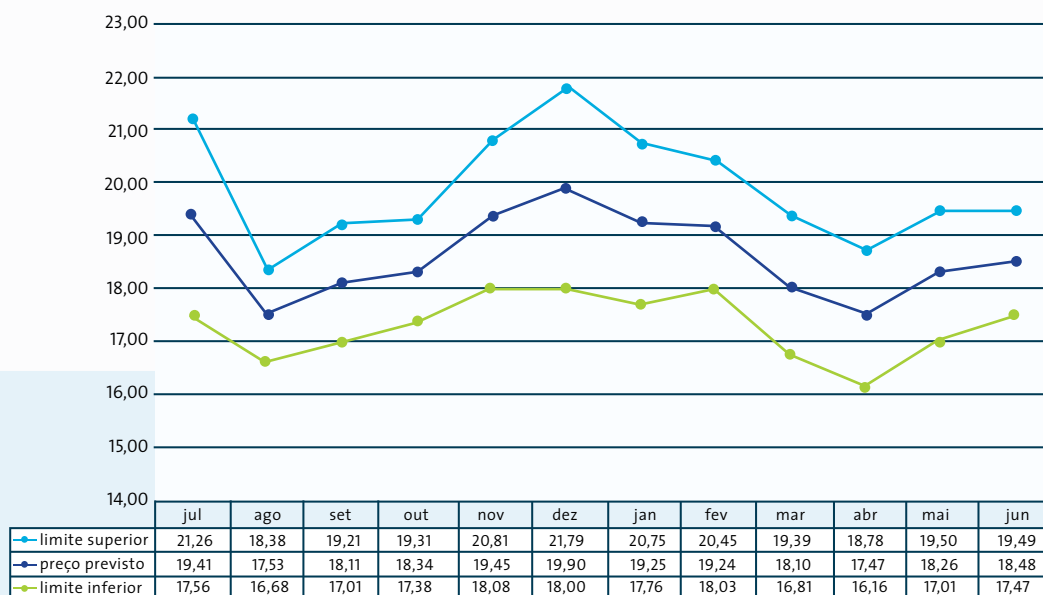
Dentro das perspectivas de preços futuros na Bolsa de Chicago, bem como da alta oferta do milho no mercado interno, é muito provável que os preços domésticos permaneçam, para a safra 2014/15, em níveis mais baixos.

Portanto, a fim de corroborar com as expectativas do mercado, foram feitas projeções de preços de agosto de 2014 a julho de 2015 para os principais estados produtores, no intuito

de fornecer ao setor produtivo uma expectativa de rentabilidade da cultura do milho para a próxima safra. Tais projeções foram baseadas em análises econométricas, dentro de um parâmetro de sazonalidade de preços para cada estado analisado.

Para o Estado do Paraná, os preços do milho deverão, ao longo da safra 2014/15, variar entre o limite inferior e a linha média, com valores de 16,00 a 19,90/60 Kg, podendo, entre outubro e janeiro, ter valores mais próximos dos R\$ 18,00 e 19,00/60Kg, em virtude de ser uma entressafra norte americana e o movimento exportador de milho do Brasil mais intenso neste período.

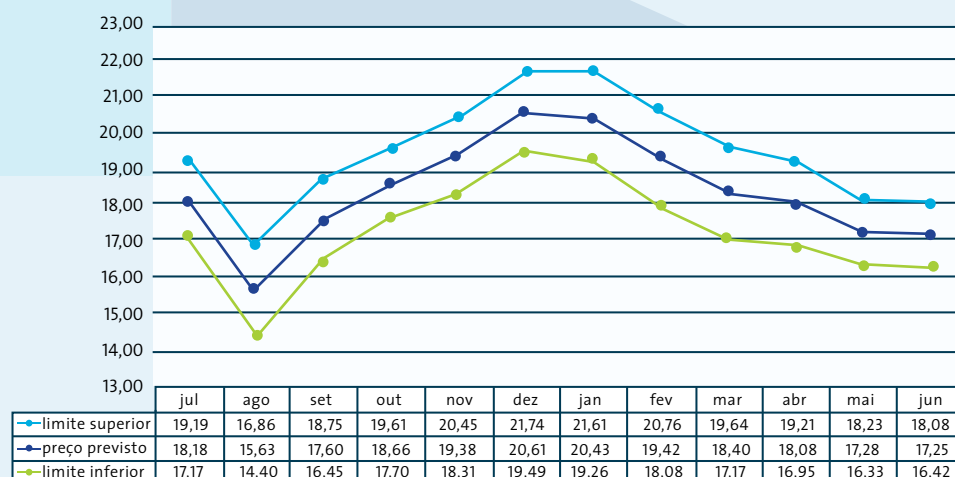
Gráfico 12 – Projeção de preços ao produtor para safra 2014/15 no estado do Paraná (em R\$/60 Kg)



Fonte: Conab

Para o estado de Goiás, a expectativa é de que os preços internos cheguem possivelmente abaixo de R\$ 15,00/ 60Kg, se for levado em consideração o aumento da disponibilidade interna do milho pressionando as cotações internas nos meses de agosto a setembro. Para os meses seguintes, assim como no Paraná, devido ao movimento exportador, é possível que os preços tenham uma elevação, podendo ceder, dependendo de como será a intenção de plantio dos Estados Unidos para 2015/16.

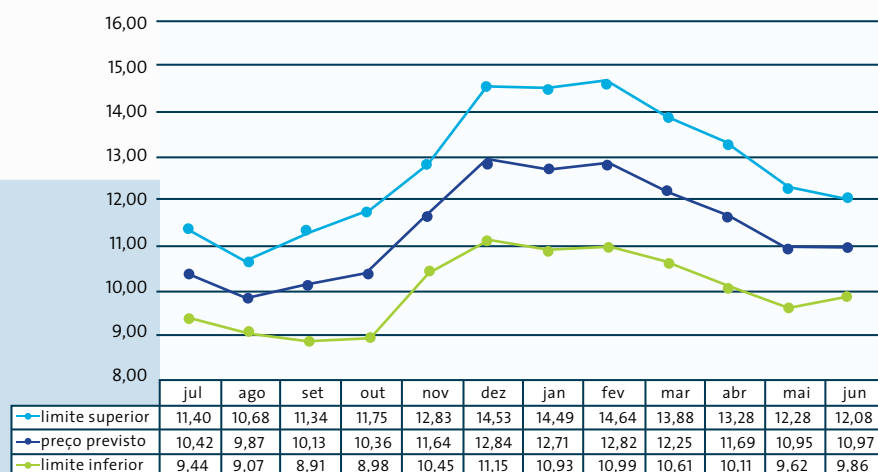
Gráfico 13 – Projeção de preços ao produtor para safra 2014/15 no estado do Goiás (em R\$/60Kg)



Fonte: Conab

É provável que no Mato Grosso, devido ao seu alto custo logístico, os preços médios do estado trabalhem de agosto a julho entre o limite médio e inferior, e sendo abaixo do preço mínimo mais para a região médio-norte do estado onde, tomando como exemplo o município de Sorriso, as cotações podem variar entre R\$ 8,90 a 12,80/60Kg, dependendo do período do ano.

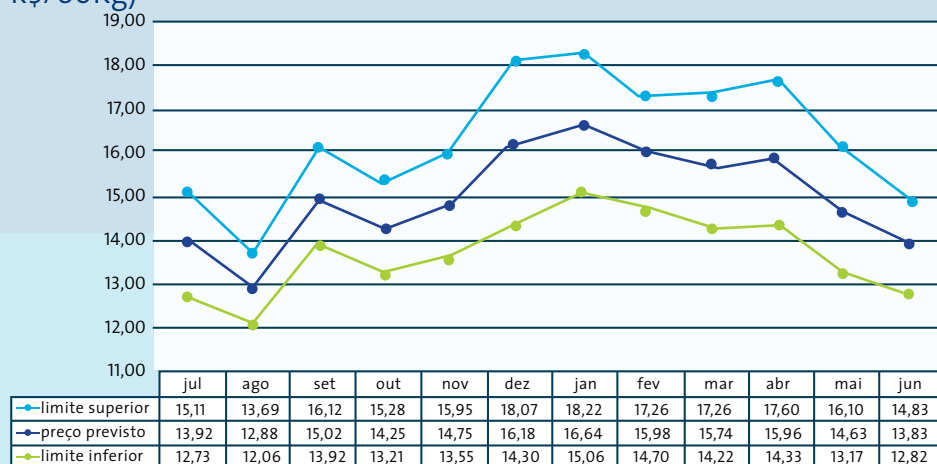
Gráfico 14 – Projeção de preços ao produtor para a safra 2014/15 em Sorriso - MT(em R\$/60Kg)



Fonte: Conab

Para a região mais ao sul do estado, a exemplo de Rondonópolis, estima-se que os preços ultrapassem R\$ 15,00/60Kg no período de maior demanda para exportação do grão.

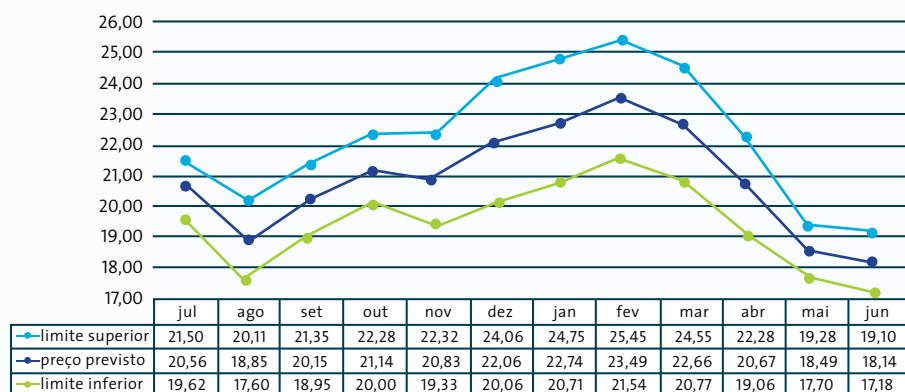
Gráfico 15 – Projeção de preços de milho ao produtor para 2014/15 em Rondonópolis - MT (em R\$/60Kg)



Fonte: Conab

Outra região importante para análise é o Matopiba, tendo como principal exemplo Barreiras, pertencente ao oeste baiano. Neste caso, é provável que os preços do milho trabalhem entre o limite médio e inferior, acompanhando a curva apresentada no gráfico abaixo.

Gráfico 16 – Projeção de preços ao produtor para safra 2014/15 em Barreiras - BA (em R\$/60Kg)



Fonte: Conab

5. Conclusão

Diante do que foi exposto neste trabalho, a tomada de decisão do produtor brasileiro deverá ser tomada dentro de algumas possibilidades e oportunidades oferecidas ao longo da safra 2014/15.

Com os preços mais baixos a partir do 2º semestre de 2014, além de um alto volume de em estoque de passagem, o milho provavelmente perderá área para soja, fazendo com que o direcionamento do maior volume da produção de milho fique, novamente, na 2ª safra.

Contudo, tendo em vista a baixa rentabilidade do grão e pouca possibilidade de recuperação dos preços domésticos, um novo incremento em área na 2ª safra de milho pode não ser uma situação recomendável, inclusive por ainda se tratar de uma safra de maior risco climático e com localização do maior volume de produção em regiões de difícil escoamento.



1. Mercado internacional de soja

O mercado internacional de soja é composto por quatro principais players, três produtores (Estados Unidos, Brasil e Argentina) e um comprador (importador), a China.

Segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), na safra 2013/2014, os EUA, Brasil e Argentina foram responsáveis por 81,40% de toda a produção mundial de soja em grão, e a China, por 64,26% de todas as importações mundiais.

1.1. Produção mundial de soja

Para a safra 2014/2015, o USDA estima que o mundo produzirá uma safra recorde de 304,79 milhões de toneladas de soja em grãos, significando um aumento de 7,39% em relação à safra passada.

Os Estados Unidos é o principal responsável por tal aumento e após quatro anos consecutivos de problemas climáticos e consequentes quebras de produção, pela primeira vez, após 2009, poderá produzir uma safra acima de 91 milhões de toneladas. Já o Brasil deverá elevar sua safra de 87,50 para 91,0 milhões de toneladas e a Argentina deverá permanecer com a safra em 54 milhões de toneladas. Juntos, estes três países deverão produzir, na safra 2014/2015, aproximadamente 81,50% de toda a produção mundial.

A China provavelmente terá um pequeno decréscimo na sua produção, passando de 12,20 milhões de toneladas na safra 2013/2014 para 12 milhões de toneladas na safra 2014/2015, ou seja, uma diminuição de apenas 1,63% de uma safra para outra.

Tabela 1 - Oferta e demanda mundial – Produção soja mundo - milhões de toneladas

País/Safra	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/2014	2014/2015
Brasil	69,00	75,30	66,50	82,00	87,50	91,00
Estados Unidos	91,42	90,61	84,19	82,56	89,51	103,42
Argentina	54,50	49,00	40,10	49,30	54,00	54,00
China	14,98	15,08	14,49	13,05	12,20	12,00
Índia	9,70	9,80	11,00	11,50	11,00	11,60
Paraguai	6,46	7,13	4,04	8,30	8,10	8,20
Canadá	3,58	4,45	4,30	5,09	5,20	6,12
Outros	10,96	12,79	14,91	16,06	16,28	18,45
Total	260,60	264,15	239,53	267,85	283,79	304,79

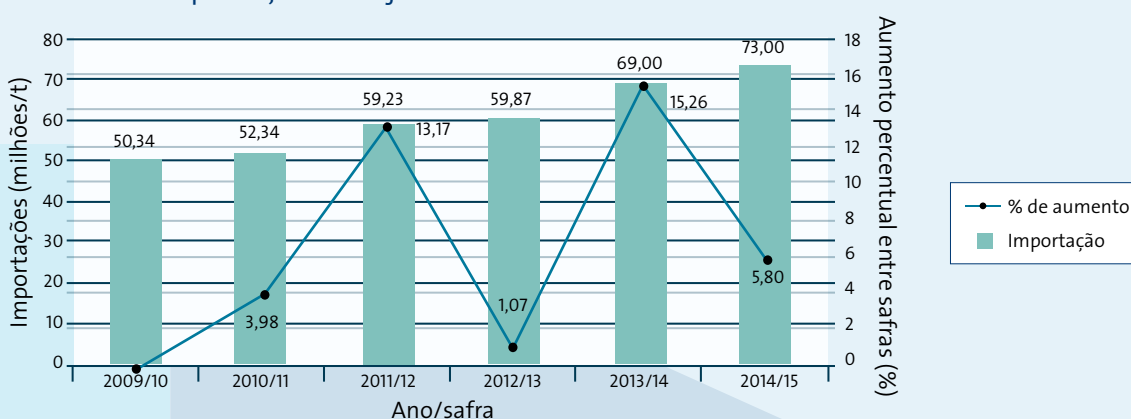
Fonte: USDA - julho 2014

1.2. Importação mundial de soja

Ainda na análise do USDA, a estimativa é de que as importações mundiais para a safra 2014/2015 sejam de 109,87 milhões de toneladas, com um aumento de apenas 2,49 milhões de toneladas em relação à safra passada, que foi de 107,38 milhões de toneladas.

A China continua sendo o maior importador de soja mundial, representando 66,44% de todas as importações do mundo, com aumento previsto de 5,80% em relação à safra passada. Desse modo, amplia de 69 milhões de toneladas na safra 2013/2014 para 73 milhões na safra 2014/2015, sendo portanto a grande responsável pelo aumento das importações mundiais na safra citada, tendo em vista que as somas das importações dos outros países diminuíram em 38,38 milhões toneladas na safra 2013/2014, para a estimativa de 36,87 milhões de toneladas safra 2014/2015.

Gráfico 1 – Importação de soja China



Fonte: Secex

Tabela 2 - Oferta e demanda mundial – importação soja mundo - milhões de toneladas

País	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/2014	2014/2015
China	50,34	52,34	59,23	59,87	69,00	73,00
Europa	12,68	12,47	12,07	12,51	12,45	12,50
México	3,52	3,50	3,61	3,41	3,65	3,74
Japão	3,40	2,92	2,76	2,83	2,80	2,80
Taiwan	2,47	2,45	2,29	2,29	2,20	2,30
Tailândia	1,66	2,14	1,91	1,87	1,93	2,10
Indonésia	1,62	1,90	1,92	1,80	1,90	1,98
Egito	1,64	1,64	1,66	1,66	1,60	1,87

Continua

País	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/2014	2014/2015
Vietinã	231,00	0,93	1,29	1,26	1,35	1,45
Turquia	1,65	1,35	1,06	1,25	1,16	1,20
outros	7,63	7,12	5,67	6,84	9,34	6,94
Total	86,84	88,76	93,46	95,56	107,38	109,87

Fonte: USDA - julho 2014

1.3. Esmagamento de soja no mundo

Ainda segundo o USDA, os esmagamentos mundiais devem passar de 239,09 milhões de toneladas na safra 2013/2014 para 250,91 milhões de toneladas na safra 2014/2015, ou seja, 82,32% da safra de soja em grãos que é produzida no mundo, o segundo menor dos últimos 6 anos.

O país com maior esmagamento de grãos no mundo é a China com uma estimativa de 73,50 milhões de toneladas na safra 2014/2015, equivalendo a 29,29% de todo o esmagamento mundial.

Em segundo lugar, vem os Estados Unidos com 47,76 milhões de toneladas, com uma relação entre produção e consumo de 46,18%.

Em terceiro lugar, vem a Argentina com 39,80 milhões de toneladas, com uma relação entre produção e consumo de 73,70%.

O Brasil fica em quarto lugar com 37,10 milhões de toneladas, com uma relação entre produção e consumo de 40,77%, considerada a menor dos últimos 6 anos.

Juntos, China, EUA, Argentina e Brasil representam, aproximadamente, 78,97% de todos os esmagamentos mundiais.

Tabela 3 - Relação produção e consumo mundial - milhões de toneladas

País	2009/10			2010/11			2011/12		
	Esmagamento	Produção	(%)	Esmagamento	Produção	(%)	Esmagamento	Produção	(%)
China	48,83	14,98	325,97	55,00	15,08	364,72	60,97	14,49	420,92
EUA	47,67	91,42	52,15	44,85	90,61	49,50	46,35	84,19	55,05
Argentina	34,13	54,50	62,62	37,61	49,00	76,76	35,89	40,10	89,49
Brasil	33,70	69,00	48,84	36,33	75,30	48,25	38,08	66,50	57,27
Mundo	209,19	260,60	80,27	221,39	264,15	83,81	228,11	239,53	95,24

País	2012/13			2013/2014			2014/2015		
	Esmagamento	Produção	(%)	Esmagamento	Produção	(%)	Esmagamento	Produção	(%)
China	64,95	13,05	497,70	68,35	12,20	560,25	73,50	12,00	612,50
EUA	45,97	82,56	55,68	46,27	89,51	51,69	47,76	103,42	46,18
Argentina	33,61	49,30	68,18	37,30	54,00	69,07	39,80	54,00	73,70
Brasil	35,24	82,00	42,97	37,00	87,50	42,29	37,10	91,00	40,77
Mundo	229,26	267,85	85,59	239,09	283,79	84,25	250,91	304,79	82,32

Fonte: USDA - julho 2014

1.4. Exportação mundial de soja

Na safra 2014/2015 as exportações mundiais estimadas pelo Usda são de 113,29 milhões de toneladas, sendo 2,07% a mais que na safra 2013/2014, que foi de 110,99 milhões de toneladas.

Segundo o relatório divulgado na safra 2014/2015, o Brasil, com 45,00 milhões de toneladas de grãos, e os Estados Unidos, com 45,59 milhões de toneladas em exportações, serão os maiores exportadores de soja do mundo e juntos, também serão responsáveis por aproximadamente 80% das exportações mundiais na próxima safra.

Com este número, o USDA estima que os Estados Unidos passem o Brasil no número de exportações mundiais na safra 2014/2015.

Tabela 4 - Oferta e demanda mundial - exportação soja mundo - milhões de toneladas

País	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/2014	2014/2015
Brasil	28,58	29,95	36,26	41,90	45,50	45,00
Estados Unidos	40,80	40,96	37,15	35,91	43,55	45,59
Argentina	13,09	9,21	7,37	7,74	8,50	8,50
Paraguai	4,07	5,23	3,57	5,52	4,30	4,32
Canada	2,25	2,94	2,93	3,48	3,40	3,70
outros	2,66	3,42	4,87	6,09	5,75	6,18
Total	91,44	91,70	92,15	100,65	110,99	113,29

Fonte: USDA - julho 2014

1.5. Estoques finais no mundo.

Para a safra 2014/2015, os estoques finais mundiais foram estimados em 85,31 milhões de toneladas, valor 26,87% maior que o da safra 2013/2014 e o maior estoque final historicamente.

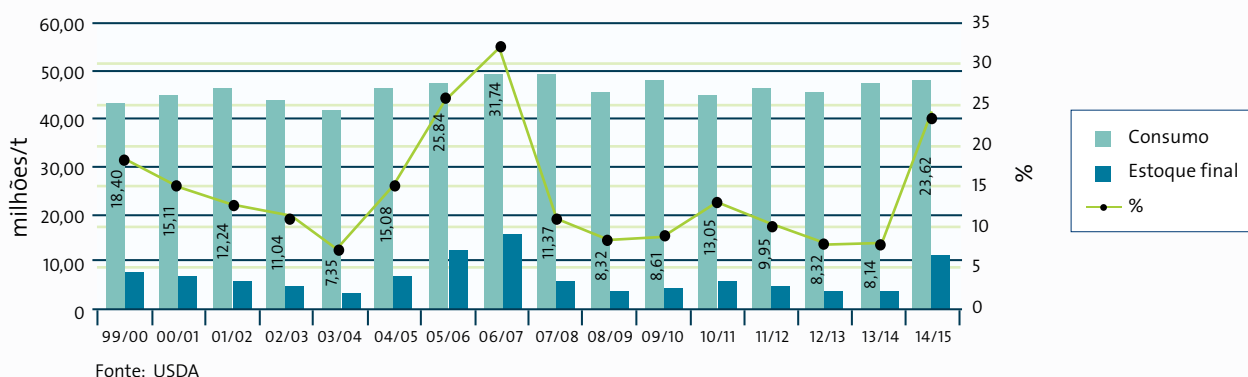
Tabela 4 - Oferta e demanda mundial - estoque final soja mundo - milhões de toneladas

País	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/2014	2014/2015
Argentina	21,40	16,39	22,40	28,55	32,16	45,00
Brasil	23,64	13,02	15,33	17,66	24,06	45,59
China	14,54	15,91	12,38	13,29	13,09	8,50
Estados Unidos	5,85	4,61	3,83	3,82	11,28	4,32
União Europeia	0,54	0,54	0,25	0,64	0,88	3,70
outros	4,34	3,07	2,66	3,28	3,84	6,18
Total	70,30	53,54	56,84	67,24	85,31	113,29

Fonte: USDA - julho 2014

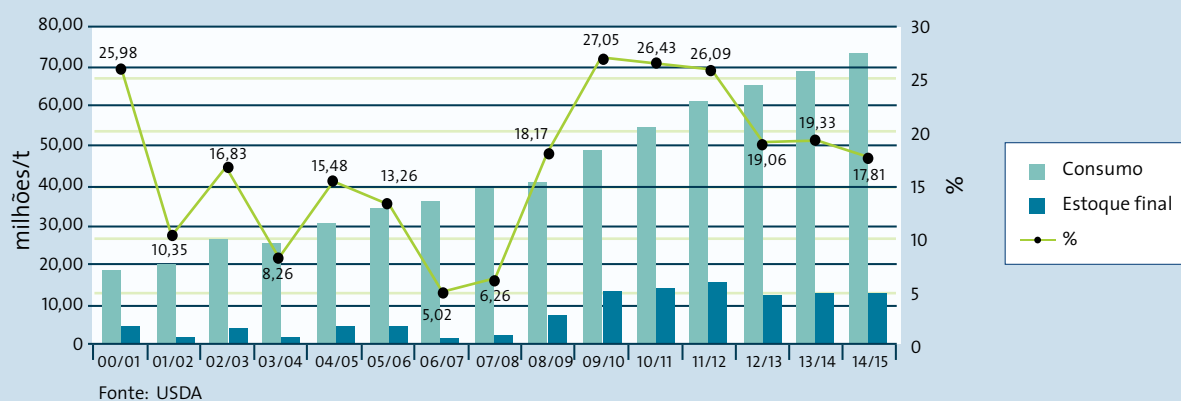
Nos Estados Unidos, devido à grande produção estimada para a safra 2014/2015, os estoques de passagem foram estimados em 11,28 milhões de toneladas, fazendo com que a relação estoque/consumo, que na safra 2013/2014 era de 8,14%, passasse a ser de 23,62%, ou seja, a terceira maior relação estoque/consumo americana de todas as safras.

Gráfico 2 – Relação estoque x consumo - grãos - EUA (%)



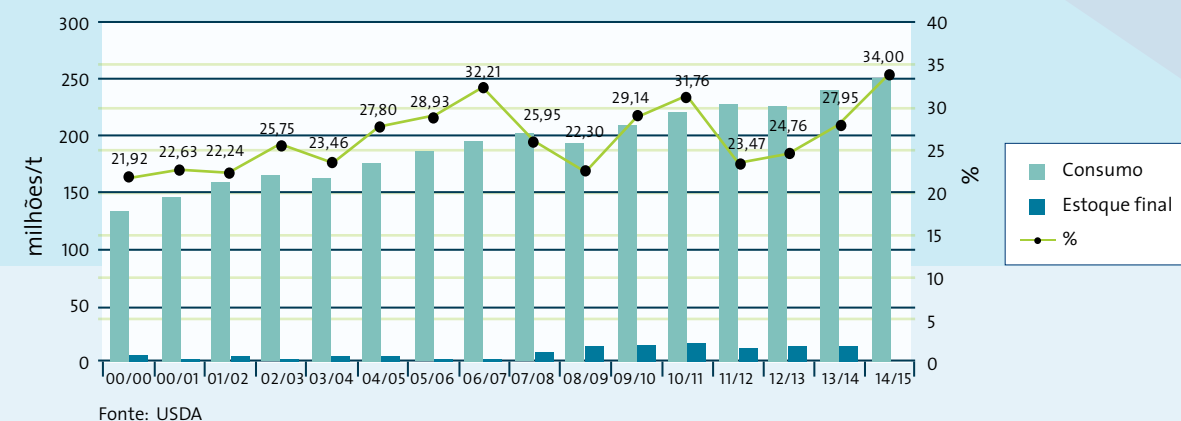
A relação estoque consumo da China é a mais baixa nos últimos sete anos, estimada em apenas 17,81%. Este país aumentou o seu consumo para 73,50 milhões de toneladas, mas manteve os estoque de passagem em 13,09 milhões de toneladas, praticamente o mesmo da safra anterior.

Gráfico 3 – Relação estoque x consumo - grãos -- China (%)



Com o aumento da safra americana e sul-americana, a relação estoque/consumo no mundo, após a divulgação de intenção de safra 2014/2015, ficou estimada em 34%, sendo o maior valor praticado historicamente.

Gráfico 4 – Relação estoque x consumo - grãos - Mundo (%)



2. Preços praticados no mercado nacional (CBOT)

No relatório do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) divulgado em julho de 2014, foi estimada uma produção mundial na safra 2014/2015 de 304,79 milhões de toneladas. No entanto, e em que pese o aumento do consumo mundial, a estimativa é de apenas 250,91 milhões de toneladas, gerando um estoque de passagem altíssimo de 85,31 milhões de toneladas, o maior dos últimos 10 anos, e 26,87% maior que o da safra 2013/2014.

Já os Estados Unidos, após quatro anos seguidos de quebra de produção, deverá produzir aproximadamente 103,42 milhões de toneladas de soja em grão, ou seja, também o maior estoque dos últimos 10 anos. Os estoques de passagem, que na safra 2013/2014 foram de apenas 3,82 milhões de toneladas, voltam a ter estimativa de alta em torno de 11,28 milhões de toneladas na safra 2014/2015, quase quatro vezes maior que os estoques de passagem da safra anterior, gerando uma relação estoque/consumo de 23,62%, a segunda maior historicamente.

Se não houver nenhum problema climático, a USDA estima que o Brasil e a Argentina, juntos, produzam 145 milhões de toneladas na safra 2014/2015, ou seja, 3,5 milhões de toneladas a mais que na safra passada.

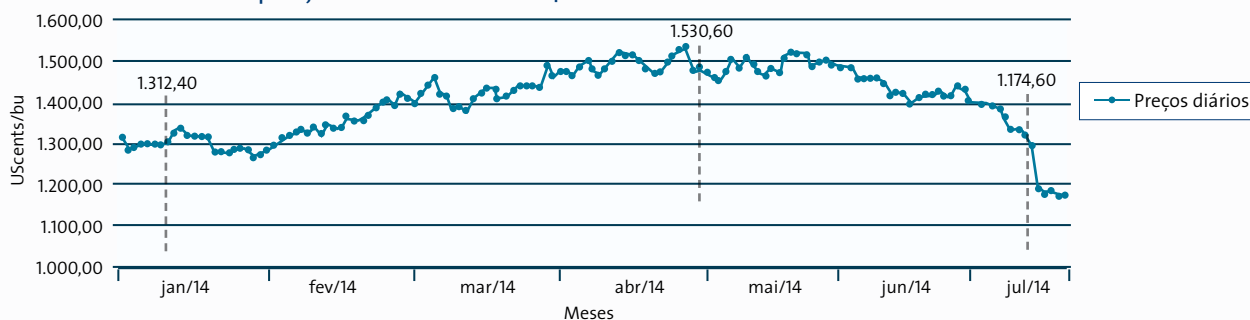
Em se tratando da demanda, a China, maior importador e esmagador de soja no mundo, importará em torno de 73 milhões de toneladas na safra 2014/2015, com aumento de apenas 5,80% em relação às importações da safra anterior. Já a sua produção deverá ser menor que 12 milhões de toneladas e seus estoques, ficarão em torno de 13,09 milhões de toneladas. Com isto, em 2015, apesar dos problemas de financiamento para as indústrias em 2014, este país deverá continuar com as fortes importações.

2.1. Histórico de preço internacional

No primeiro dia útil de 2014, o preço primeira entrega (SPOT), praticado na Bolsa de Mercadorias de Chicago (CBOT) foi de UScents 1.312,40/bu. Apesar de uma safra (2013/2014) recorde nos Estados Unidos e sul-americana, os preços CBOT chegaram a UScents 1530,60/bu, devido aos baixos estoques de passagem americanos estimados pelo USDA em apenas 3,82 milhões de toneladas.

Após a divulgação de que a safra americana de 2014/2015 seria de 103,42 milhões de toneladas, recompondo os estoques de passagem dos Estados Unidos na próxima safra, e que os estoques de passagem mundiais seriam de 85,31 milhões de toneladas, gerando uma relação de estoque e consumo de 34%, o maior historicamente, os preços no mercado internacional começaram a baixar vertiginosamente, passando do valor de UScents 1.400,00/bu para UScents 1.174,60/bu, ou seja, uma baixa de 225,40 pontos, em pouco mais de duas semanas.

Gráfico 5 – CBOT - preços diários em 2014



2.2. Perspectiva de preços futuros para 2015

Desde janeiro de 2012 o preço de suporte no mercado internacional (CBOT) está em UScents 1.200/bu. Após a divulgação de safra recorde de 103,42 milhões de toneladas nos Estados Unidos os preços semanais passaram a um patamar muito baixo, rompendo a linha de suporte e voltando ao patamar de UScents 1.200/bu logo em seguida.

Analisando a conjuntura atual, e caso não ocorra nenhuma mudança nos patamares de oferta e demanda mundial (principalmente climática), a produção mundial de soja em grãos deverá ser de 304,79 milhões de toneladas, o esmagamento de 250,91 milhões de toneladas e os estoque finais, os mais altos praticados nos últimos 10 anos. Assim sendo, a previsão de preços para 2015 é de baixa.

A média dos preços futuros praticados na Bolsa de Mercadoria de Chicago (CBOT), entre os dias 17 e 23 de julho de 2014 é cotada para janeiro/15 a UScents 1.083,60/bu, refletindo uma forte tendência de baixa no início do exercício citado.

Tabela 6 – Cotação preços futuros (CBOT) - UScents/bu

	Dias					Mediana
	17/07/2014	18/07/2014	21/07/2014	22/07/2014	23/07/2014	
ago/14	1.174,60	1.176,60	1.175,60	1.184,00	1.201,00	1.176,60
set/14	1.110,40	1.104,20	1.091,40	1.085,00	1.101,60	1.101,60
nov/14	1.094,00	1.085,20	1.071,40	1.057,60	1.076,40	1.076,40
jan/15	1.101,60	1.093,40	1.079,60	1.065,60	1.083,60	1.083,60
mar/15	1.109,40	1.101,40	1.087,40	1.073,60	1.090,60	1.090,60
mai/15	1.117,00	1.109,20	1.095,20	1.081,60	1.097,00	1.097,00
jul/15	1.124,40	1.116,40	1.102,20	1.088,60	1.103,00	1.103,00

Fonte: CME Group

Usando uma análise econométrica e estatística e, levando em conta os preços praticados no último quinquênio, o valor estimado para janeiro de 2015 ficou em UScents 1.200,00/bu (US\$ 440,92/t.).

Caso se proceda a uma análise do comportamento dos preços primeira entrega (spot) na Bolsa de Valores de Chicago, no ano de 2014, vê-se que é muito parecido com o comportamento dos preços praticados em 2011 (apesar dos momentos conjunturais diferentes). Por isso há pouca possibilidade de que os preços fiquem abaixo de UScents 1.100/bu (US\$ 404,18/t.), em janeiro 2015.

Gráfico 6 – Projeção de preços soja 2014/2015

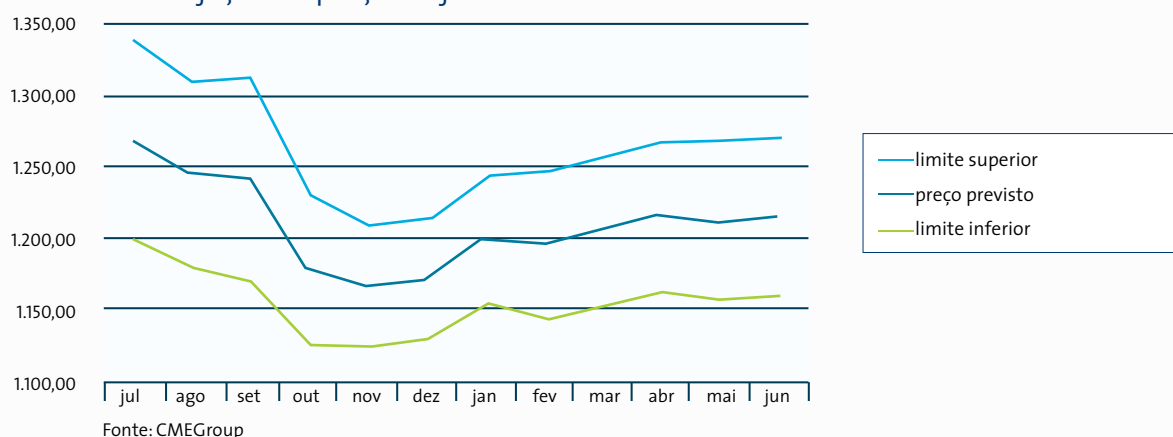
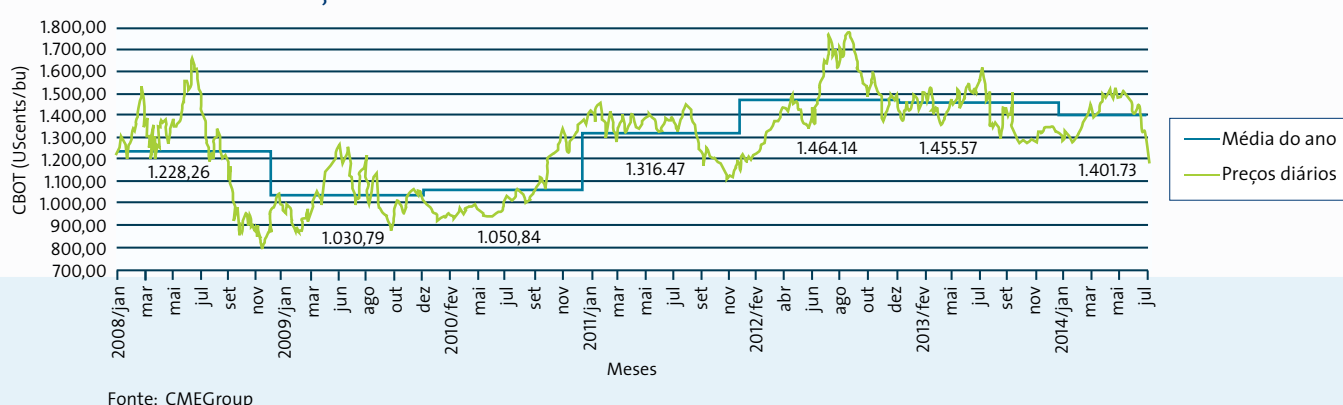


Gráfico 7 – CBOT - Preços diários 2008-2014



3. Mercado nacional

Segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), safra 2013/2014, em seu décimo levantamento de safra do mês de julho, o Brasil deve produzir 193,87 milhões de toneladas de grãos. Destes, 86,27 milhões de toneladas são de soja em grãos, ou seja, 44,50% de toda a produção brasileira de grãos.

A produtividade média brasileira de soja em grãos era estimada inicialmente em 3.000 kg/ha para a safra 2013/2014. No entanto, após as intempéries climáticas ocorridas nos principais estados produtores, a produtividade média baixou para 2.865 kg/ha, ou seja, 2,5% menor que a da safra anterior (2012/2013). Desta forma, a produção que inicialmente era estimada em 87 milhões de toneladas para a safra 2013/2014, foi estimada em julho de 2014 em apenas 86,27 milhões de toneladas.

Os esmagamentos de soja em grãos para produção de farelo e óleo de soja em 2014 foram estimados em 36,50 milhões de toneladas, praticamente o mesmo valor de esmagamento de 2013. Já as exportações, estimadas em 45,29 milhões de toneladas de soja, caracterizaram um aumento de 5,85% em relação à safra passada.

Tabela 7 – Oferta e demanda Brasil - em 1000 toneladas - soja em grãos

Descrição/Safra	2011/12	2012/13 (*)	2013/14 (*)
Descrição/Safra	2011/12	2012/13 (*)	2013/14 (*)
Estoque Inicial	3.016,5	344,0	810,3
Produção	66.383,0	81.499,4	86.273,2
Importação	166,5	282,8	300,0
Suprimento	69.566,0	82.126,2	87.383,5
Esmagamento	33.800,0	35.400,0	36.500,0
Semente e outros	2.954,0	3.124,0	3.580,0
Consumo total	36.754,0	38.524,0	40.080,0
Exportação	32.468,0	42.791,9	45.296,6
Estoque Final	344,0	810,3	2.006,9

(*) estimativa

Fontes: Conab, Secex, Sindicatos e Abiove

Nota: (1) refere-se ao ano civil janeiro a dezembro

(2) Elaborado pela Conab

3.1. Preços nacionais

Com os preços internacionais em alta no ano de 2014, os preços médios pagos ao agricultor, até a 29ª semana de 2014, foram 18,52% maiores que os preços do mesmo período do ano de 2013, em Sorriso - MT e 17,60% maiores que em Cascavel - PR, no mesmo período, com um valor médio semanal chegando a R\$ 60,80/60kg em Sorriso - MT e R\$ 67,90/60kg Cascavel - PR.

Após a divulgação da safra 2014/2015 dos Estados Unidos, por volta da 24ª semana de 2014, os preços internos, acompanhando os preços internacionais, começaram a baixar e passaram a ser cotados a R\$ 53,14 e R\$ 60,57/60kg, em Sorriso-MT e Cascavel-PR, respectivamente.

Tabela 8 – Média de preços pagos ao agricultor - R\$/60kg

	2013	2014	%	2013	2014	%
	SORRISO-MT	SORRISO-MT		CASCADEL-PR	CASCADEL-PR	
1ª semana	47,00	60,80	29,36	60,57	65,20	7,64
2ª semana	47,00	55,26	17,57	60,57	62,80	3,68
3ª semana	48,90	56,59	15,73	59,17	65,40	10,53
4ª semana	48,60	56,12	15,47	58,47	62,90	7,58
5ª semana	48,20	54,60	13,28	58,45	60,50	3,51
6ª semana	47,40	54,17	14,29	57,50	59,96	4,28
7ª semana	45,68	51,95	13,72	57,50	64,70	12,52
8ª semana	43,74	52,65	20,37	55,12	65,80	19,37
9ª semana	45,65	53,25	16,65	56,00	64,20	14,64
10ª semana	44,26	54,07	22,16	55,70	67,00	20,29
11ª semana	44,48	53,28	19,78	55,00	67,90	23,45
12ª semana	41,20	53,45	29,73	53,00	66,70	25,85
13ª semana	42,24	52,48	24,24	51,70	65,56	26,81
14ª semana	40,84	53,41	30,77	53,00	66,70	25,85
15ª semana	40,87	52,70	28,95	49,90	65,60	31,46
16ª semana	42,80	54,52	27,37	50,00	65,00	30,00
17ª semana	42,68	53,90	26,29	50,50	65,30	29,31
18ª semana	44,26	55,75	25,96	50,90	67,80	33,20
19ª semana	45,06	54,02	19,88	52,00	66,10	27,12

Continua

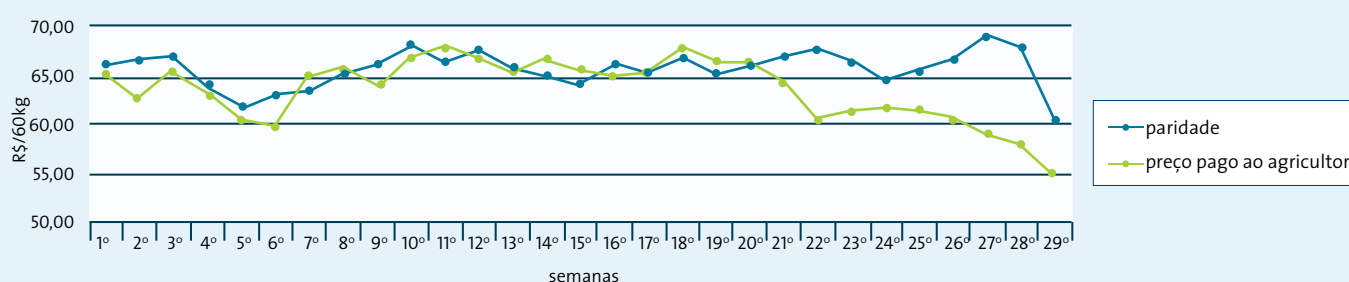
	2013	2014	%	2013	2014	%
	SORRISO-MT	SORRISO-MT		CASCADEL-PR	CASCADEL-PR	
20ª semana	47,10	54,70	16,14	51,00	66,80	30,98
21ª semana	49,52	57,05	15,21	50,60	64,18	26,85
22ª semana	49,88	57,55	15,38	51,80	60,57	16,93
23ª semana	52,65	57,90	9,97	54,25	61,35	13,10
24ª semana	52,10	56,07	7,62	56,82	61,55	8,32
25ª semana	52,85	54,20	2,55	58,67	61,51	4,84
26ª semana	52,70	54,32	3,07	59,75	60,40	1,09
27ª semana	52,27	54,32	3,93	58,77	58,68	-0,15
28ª semana	52,85	54,00	2,18	59,32	57,85	-2,48
29ª semana	52,69	53,15	0,87	58,68	55,20	-5,93
Média	46,45	54,80	18,52	54,92	64,29	17,66

Fonte: Instituto Mato Grossense de Economia Agropecuária – IMEA, Conab

3.2. Paridade de Exportação 2013

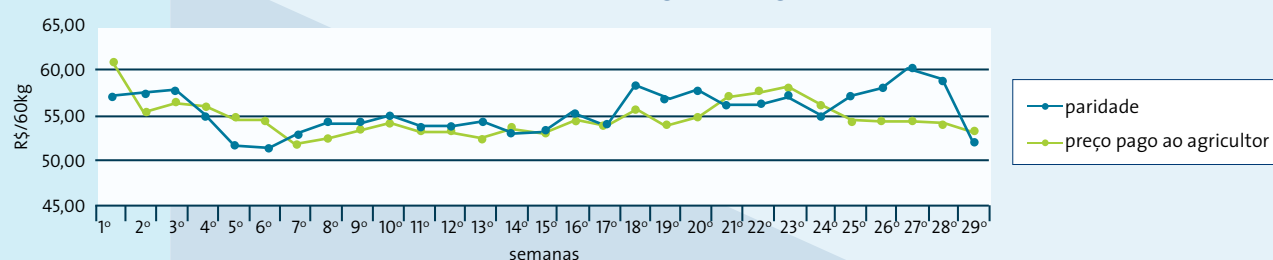
No ano de 2014, os preços internos ficaram, na maior parte do tempo, no mesmo patamar que os preços de paridade, só havendo uma diferença a partir da 21ª semana, quando os preços de paridade ficaram num patamar superior aos pagos ao agricultor.

Gráfico 8 – Paridade de exportação x preços pagos ao agricultor - semanas 2014 (Cascavel-PR)



Fonte: Conab

Gráfico 9 – Paridade de exportação x preços pagos ao agricultor - semanas 2014 (Sorriso-MT)



Fonte: Conab

Os preços de paridade foram inferiores aos praticados internamente devido aos altos preços de logística (transporte) que chegaram a ser cotados à R\$ 300,00/t em Sorriso – MT no ano de 2014.

Mesmo com uma grande quantidade de grãos exportadas até julho de 2014, os preços médios de paridade no ano de 2014 em Passo Fundo – RS ficaram apenas 4,28% superiores aos pagos ao agricultor no Rio Verde – GO (3,51%), em Cascavel - PR (0,05%) e em Dourados – MS (-0,056%), Rondonópolis – MT (-1,29%) e Sorriso -MT (-1,44%). Assim, as exportações de 2014 de soja são estimadas em 45,29 milhões de toneladas (estimativa feita em julho/2014).

Tabela 9 – Paridade do grão estimada para 2014 – principais praças

Itens de Cálculo	Grão
1 - Cotação CBOT - UScents/bu (*)	1.398,39
2 - Prêmio - Paranaguá ou Santos (**)	6,74
3 - Preço F.O.B	1.405,13
3.1 - FOB - Equivalente em US\$/t	516,30
3.2 - FOB - Equivalente em R\$/t	1.182,63
3.3 - FOB - Equivalente R\$/60 kg	70,96
4 - Despesas Porto em R\$/t	22,91
5 - Taxas-Comissões	2,75
6 - Corretagem Câmbio (0,1875% s/3.2)	2,22
7 - Preço - Porto s/rodas em R\$/t	1.154,76
7.1 - Equivalente R\$/60 kg - Porto	69,29
7.2 - Equivalente US\$/60 kg - Porto	35,43
Câmbio(***):	2,2906

Praça/Produção	Passo Fundo RS	Cascavel PR	Dourados MS	Rio Verde GO	Rondonópolis MT	Sorriso MT
8 - Preço - Porto s/rodas em R\$/t	1.154,76	1.154,76	1.154,76	1.154,76	1.154,76	1.154,76
9 - Frete: Porto - Produção (R\$/t) (***)	70,86	71,72	130,07	126,76	181,62	244,31
10 - Quebra técnica	0,18	0,18	0,18	0,18	0,18	1,18
11 - Sub-total	1.083,72	1.082,86	1.024,51	1.027,82	972,96	909,27
12 - Despesas Administrativas (1%)	10,84	10,83	10,25	10,28	9,73	9,09
13 - Paridade em R\$/t	1.072,88	1.072,03	1.014,26	1.017,54	963,23	900,18
14 - Equivalente em R\$/60 kg	64,37	64,32	60,86	61,05	57,79	54,01
15 - Equivalente US\$/60 kg - praça	28,10	28,08	26,57	26,65	25,23	23,58
16 - Preços médio para o Estado em 2013 (R\$/60kg)	61,73	64,29	60,89	58,98	58,55	54,80

Legenda:

*Valor médio CBOT em 2014 (janeiro/julho 2014)

**Valor médio dos prêmios em 2014 (janeiro/julho 2014)

***Valor médio de câmbio em 2014 (janeiro/julho 2014)

****Valor médio dos fretes em 2014 (janeiro/julho 2014)

Fonte: Conab

3.3. Custo de produção

A Conab estimou em julho de 2014 que a safra total de grãos de 2013/14 será de 193,87 milhões de toneladas, destas, 86,27 milhões de toneladas são de soja e 78,18 milhões de toneladas de milho, ou seja, 88,63% da produção brasileira de grãos são destes produtos.

O milho primeira safra é o principal concorrente em área de soja, já que é plantado na mesma época e nos mesmos estados, tendo hoje uma produção estimada em 32 milhões de toneladas.

Neste panorama, fazendo uma análise de rentabilidade dos principais estados produtores de milho e de soja no Brasil constata-se que as margens brutas do custo variável para soja em grão em 2013 têm a rentabilidade de R\$ 16,55/60kg no Mato Grosso, R\$ 34,44/60kg no Paraná, R\$ 31,58/60kg em Goiás e R\$ 35,23/60kg no Rio Grande do Sul.

Para o milho, a margem bruta do custo variável é estimada em R\$ 2,00/60kg no Paraná, valor muito menor que as margens dos custos variáveis de soja.

Tabela 10 – Custo de produção

Custo de produção soja				
Produtividade Média (kg/ha)	Mato Grosso 3.180		Goiás 3.300	
	R\$/ha	R\$/60kg	R\$/ha	R\$/60kg
A - Receita Bruta (1)	2.884,79	54,43	3.230,86	58,74
B - Despesas (2)				
B1 - Despesas de Custeio (DC)	1.647,30	31,08	1.159,86	21,09
B2 - Custos Variáveis (CV)	2.007,77	37,88	1.493,79	27,16
B3 - Custo Operacional (CO)	2.179,87	41,13	1.626,89	29,58
a) Margem Bruta - DC (A-B1)	1.237,49	23,35	2.071,00	37,65
b) Margem Bruta - CV (A-B2)	877,02	16,55	1.737,07	31,58
a) Margem Líquida - CO (A-B3)	704,92	13,30	1.603,97	29,16

Produtividade Média (kg/ha)	Paraná 3.550		Rio Grande do Sul 2.700	
	R\$/ha	R\$/60kg	R\$/ha	R\$/60kg
A - Receita Bruta (1)	3.706,62	62,65	2.774,25	61,65
B - Despesas (2)				
B1 - Despesas de Custeio (DC)	1.376,10	23,26	1.132,36	25,16
B2 - Custos Variáveis (CV)	1.668,88	28,21	1.400,31	26,42
B3 - Custo Operacional (CO)	2.009,46	33,96	1.619,36	30,55
a) Margem Bruta - DC (A-B1)	2.330,52	39,39	1.641,89	36,49
b) Margem Bruta - CV (A-B2)	2.037,74	34,44	1.373,94	35,23
a) Margem Líquida - CO (A-B3)	1.697,16	28,68	1.154,89	31,10

Custo de produção milho		
Produtividade Média (kg/ha)	Paraná 8.500	
	R\$/ha	R\$/60kg
A - Receita Bruta (1)	2.550,00	18,00
B - Despesas (2)		
B1 - Despesas de Custeio (DC)	1.802,35	12,72
B2 - Custos Variáveis (CV)	2.266,97	16,00
B3 - Custo Operacional (CO)	2.491,31	17,59
a) Margem Bruta - DC (A-B1)	747,65	5,28
b) Margem Bruta - CV (A-B2)	283,03	2,00
a) Margem Líquida - CO (A-B3)	58,69	0,41

Legenda:

- (1) Estimativa de preços médio no mês de julho/2014
(2) Custo de produção realizado em maio/2014

Fonte: Conab

Nota:

Custo de produção dos Estados:

Soja: Primavera do Leste e Sorriso (MT), Cruz Alta (RS), Londrina e Campo Mourão (PR) e Rio Verde (GO)

Milho: Campo Morrao e Londrina-PR

4. Perspectiva nacional para soja em grão 2015

4.1. Expectativa de preço pago ao agricultor

Após divulgação do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), os Estados Unidos irão produzir aproximadamente 103,43 milhões de toneladas de soja em grãos que, somados às produções do Brasil e Argentina geram um total de 248,42 milhões de toneladas,

com uma produção mundial estimada em 304,79 milhões de toneladas para a safra 2014/2015, além de estimar que os estoques de passagem mundial se estabeleçam como os maiores dos últimos 10 anos. Os preços internacionais CBOT baixaram, chegando a ser cotado a UScents 1.174,60/bu (US\$ 431,59/t) em 17 de julho de 2014. Assim, o preço na Bolsa de Valores de Chicago em janeiro de 2015 foi estimado em aproximadamente UScents 1.200,00/bu (US\$ 440,92/t) levando em consideração fatores como preços futuros, probabilidade estatística e econométrica, análise de mercado e linha de suporte.

Historicamente os preços no mercado interno acompanham as variações dos preços no mercado internacional, fato já comprovado através de várias teses. Desta forma, usando a média das estimativas, as expectativas de preços no mercado internacional, probabilidade estatística e econométrica e análise de mercado, estima-se que os preços médios para 2015 sejam de R\$ 52,93/60kg em Goiás, R\$ 48,88/60kg no Mato Grosso, R\$ 56,53/60kg no Paraná, R\$ 56,18/60kg no Rio Grande do Sul e R\$ 53,86/60kg no Mato Grosso do Sul.

Estes valores são inferiores aos praticados nos últimos 3 anos, mas ainda superiores à média dos últimos 6 anos.

Tabela 11 – Média de preços pagos ao agricultor - R\$/60kg - ano

Ano	GO	MS	MT	PR	RS	Média Brasil
2008	40,12	41,07	38,65	43,01	42,59	41,09
2009	40,73	42,98	38,70	44,28	43,16	41,97
2010	34,02	35,16	33,31	36,88	36,20	35,12
2011	41,33	41,33	39,21	43,19	41,60	41,33
2012	56,68	61,21	57,17	60,67	57,03	58,55
2013	55,04	57,92	53,23	60,51	59,11	57,16
2014	56,95	58,66	53,46	60,70	59,80	57,91
2015	52,93	53,86	48,88	56,53	56,18	53,68
Média dos 6 anos	47,46	49,54	45,85	51,04	49,48	48,67

Fonte: Conab

4.2. Expectativa de paridade de exportação

Com os preços internacionais em baixa e com o valor dos preços de frete muito alto, os preços de paridade para março de 2015 deverão estar no mesmo patamar ou inferior aos preços pagos ao agricultor.

A expectativa dos preços de paridade para 2015 é de que estes valores sejam, em média, 13,21% menores que os praticados em 2014, principalmente pela possibilidade de preços baixos no mercado internacional.

4. Perspectiva nacional para soja em grão 2015

As exportações continuarão fortes em 2015, pois, a China continuará a importar grãos; segundo o USDA, 73 milhões de toneladas. Com este aumento, as exportações para o ano letivo de 2015 devem ser de 49,64 milhões de toneladas.

Já os esmagamentos nacionais, que em 2014 foram calculados em 36,5 milhões de to-

Tabela 12 – Paridade do grão estimada para 2015 – principais praças

Itens de Cálculo	Grão
1 - Cotação CBOT - UScents/bu (*)	1.206,02
2 - Prêmio - Paranaguá ou Santos (**)	(11,14)
3 - Preço F.O.B	1.194,88
3.1 - FOB - Equivalente em US\$/t	439,04
3.2 - FOB - Equivalente em R\$/t	1.053,70
3.3 - FOB - Equivalente R\$/60 kg	63,22
4 - Despesas Porto em R\$/t	24,00
5 - Taxas-Comissões	2,88
6 - Corretagem Câmbio (0,1875% s/3.2)	1,98
7 - Preço - Porto s/rodas em R\$/t	1.024,85
7.1 - Equivalente R\$/60 kg - Porto	61,49
7.2 - Equivalente US\$/60 kg - Porto	35,43
Câmbio(***):	2,4000

Praça/Produção	Passo Fundo RS	Cascavel PR	Dourados MS	Rio Verde GO	Rondonópolis MT	Sorriso MT
8 - Preço - Porto s/rodas em R\$/t	1.024,85	1.024,85	1.024,85	1.024,85	1.024,85	1.024,85
9 - Frete: Porto - Produção (R\$/t) (***)	93,86	74,52	156,90	133,81	202,00	190,71
10 - Quebra técnica	0,18	0,18	0,18	0,18	0,18	1,18
11 - Sub-total	930,81	950,15	867,77	890,86	822,67	832,96
12 - Despesas Administrativas (1%)	9,31	9,50	8,68	8,91	8,23	8,33
13 - Paridade em R\$/t	921,50	940,65	859,09	881,95	814,44	824,63
14 - Equivalente em R\$/60 kg	55,29	56,44	51,55	52,92	48,87	49,48
15 - Equivalente US\$/60 kg - praça	23,04	23,52	21,48	22,05	20,36	20,62
16- Preços médio para o Estado em 2013 (R\$/60kg)	56,18	56,53	53,86	52,93	48,88	48,88

Legenda:

*Valor médio CBOT em 2014 (janeiro/julho 2014)

**Valor médio dos prêmios em 2014 (janeiro/julho 2014)

***Valor médio de câmbio em 2014 (janeiro/julho 2014)

****Valor médio dos fretes em 2014 (janeiro/julho 2014)

Fonte: Conab

neladas, devem aumentar 12% em 2015 devido aos baixos preços nacionais estimados e ao aumento dos percentuais de biodiesel, de 5% para 6% em julho e 7% em setembro de 2014. Assim, para 2015, o esmagamento interno deve ser de 41 milhões de toneladas.

A maioria dos agricultores já comprou os insumos para o plantio da safra 2014/2015, entre março e junho, quando os preços internos e externos estavam altos e com isto a tomada de decisão já havia sido definida antes da queda dos preços internacionais.

Mesmo com os preços internacionais e nacionais de soja em grãos com perspectivas de baixa para o ano de 2015, a rentabilidade média da soja no Brasil, em maio de 2014, ainda é maior que a rentabilidade de milho no mesmo período.

Devido a estes fatores citados, ao forte consumo interno e também à previsão de altas exportações em 2015, a área nacional deve aumentar em aproximadamente 5% na safra 2014/2015, passando de 30,11 milhões de hectares para 31,62 milhões de hectares.

Com uma produtividade média estimada de 3.000 kg/ha se terá uma produção nacional em torno de 94,86 milhões de toneladas para 2015.

Tabela 13 -Oferta e demanda Brasil - estimativa jul/2014

Brasil	2013/2014 *	-3%	2014/15	3%
Área Plantada (ha)	30,11	30,67	31,62	32,56
Produtividade (kg/ha)	2.939	2.910	3.000	3.090
Produção (milhões/ton.)	86,27	89,25	94,86	100,61
Consumo total (milhões/ton.)	40,08	42,81	44,13	45,46
Exportações (milhões/ton.)	45,29	47,76	49,24	50,72

Fonte: Conab



1. Introdução

A origem exata do sorgo é desconhecida, o que se sabe é que sua origem remonta ao continente africano ou asiático. Embora seja uma cultura antiga, somente a partir do século XIX foi expandida para outras regiões. Nos países em desenvolvimento, o sorgo, principalmente o granífero, destina-se à alimentação humana de mais de 500 milhões de pessoas, enquanto nos demais países a cultura é utilizada essencialmente como alimento animal.

É uma cultura importante, sendo o quinto cereal mais produzido no mundo, atrás, apenas, de arroz, trigo, milho e cevada. Sua maior área produzida localiza-se na África, enquanto a maior produção está na América do Norte, México e EUA. É também uma cultura que apresenta bastante versatilidade, podendo ser utilizada na alimentação humana e animal, servindo de matéria-prima para a produção de álcool anidro, bebidas alcoólicas, colas, tintas, vassouras, na extração de açúcar, produção de amido e óleo comestível.

Para utilização específica na agropecuária, o sorgo é destinado à ração animal, silagem e pastejo. Com o uso de variedades híbridas de elevadas qualidades e produtividades, vem se transformando numa cultura de grande expressão para a produção animal (ração), devido a um conjunto de fatores como: seu alto potencial de produção; a boa adequação à mecanização, a reconhecida qualificação como fonte de energia para arraçãoamento animal, a sua grande versatilidade (feno, silagem e pastejo direto) e facilidades de adaptação às regiões mais secas, tornando-se assim, uma cultura mais segura que a do milho, porém, com preços também menos convidativos.

No Brasil são cultivados quatro tipos de sorgo:

- Granífero: sorgo de porte baixo, com grande produção de grãos e adaptado à colheita mecanizada;
- Forrageiro: sorgo de alta estatura, com grande produção de matéria verde, sendo utilizado principalmente para pastejo, corte verde, fenação e cobertura morta;
- Sacarino: sorgo de alta estatura, com colmos doces e produção mínima de grãos. Mais voltado para a produção de etanol e açúcares;
- Vassoura: sorgo de elevada estatura podendo atingir 3 metros, cuja panícula é utilizada para a confecção de vassouras, através da palha.

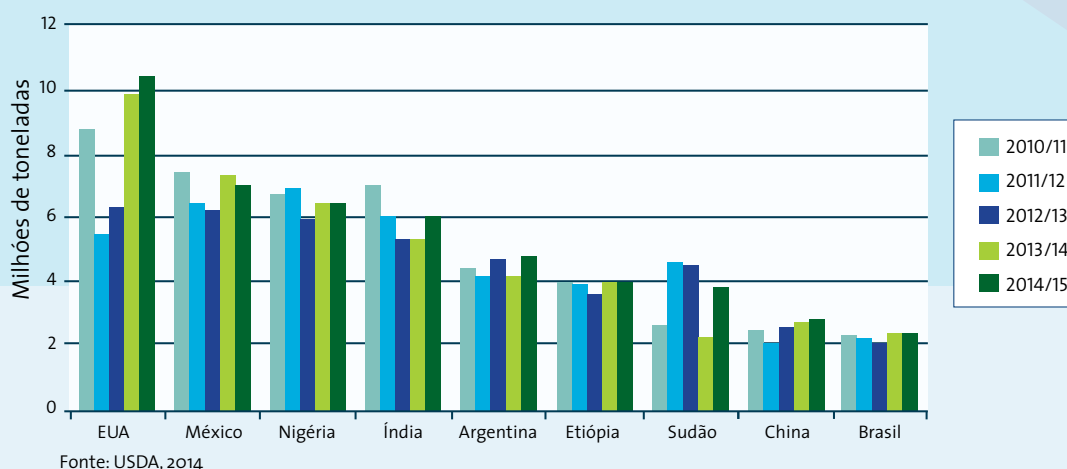
Neste artigo serão apresentadas análises dos mercados nacional e internacional de sorgo, com uma breve revisão do histórico recente do produto, objetivando, com base neste cenário, projetar a safra 2014/15, bem como sinalizar para a cadeia produtiva do produto, em especial os agricultores, as perspectivas e a viabilidade para a próxima safra.

2. Panorama internacional

Como citado anteriormente, os maiores produtores de sorgo estão localizados principalmente na América do Norte, sendo os Estados Unidos e o México os países de maior produção. Nos dados estimados pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), os EUA devem aumentar a produção, enquanto a mexicana deve cair um pouco, o que mantém os norte-americanos com a liderança da produção, que nos últimos anos só foi perdida na safra 2011/12 (Gráfico 1). Tal ocorrência deveu-se à questão climática desfavorável, que afetou bastante a produção americana naquele ano. Os demais produtores apresentados estão em ordem decrescente, de acordo com a produção estimada na safra 2014/15.

A queda no México vem de encontro a um problema de competitividade, que pode fazer com o país vire grande importador de sorgo norte-americano em detrimento ao sorgo interno.

Gráfico 1 – Produção mundial de sorgo, em países selecionados



A produção mundial de sorgo, para a safra 2014/15, está estimada, de acordo com o último relatório de Oferta e Demanda do USDA, em 64,1 milhões de toneladas, representando um aumento de cerca de 7,2% (4,29 milhões de toneladas) em relação aos 59,8 milhões de toneladas produzidas na safra 2013/14. Já o consumo mundial, estimado em 62,79 milhões de toneladas, mostra um aumento de 7,72% (4,5 milhões de toneladas) em relação às 58,29 mi-

lhões de toneladas da safra anterior. Com esse crescimento, o estoque final do produto deve aumentar em quase 300 mil toneladas, representando aumento de pouco mais de 13%, como apresentado na tabela 1:

Tabela 1 - Quadro de oferta e demanda mundial de sorgo entre 2010 e 2015*

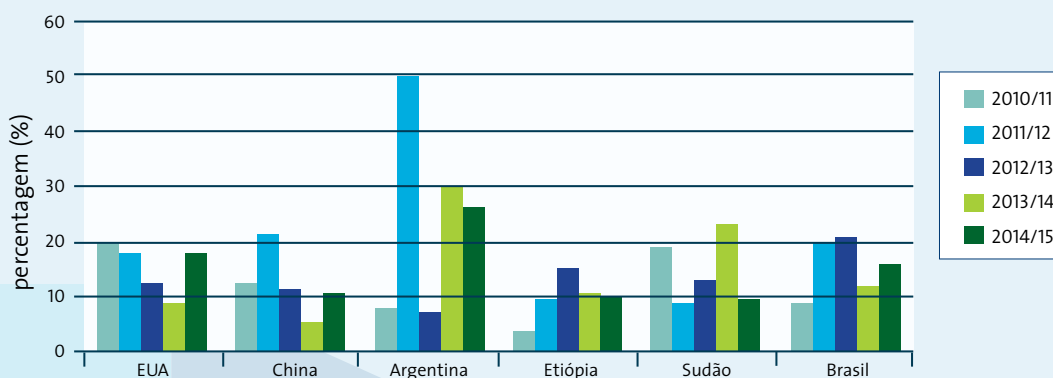
Safra	Estoque inicial	Produção	Importações	Oferta total	Consumo		Total	Exportação	Estoque Final
					Alimentação	Ração			
Mundo									
2010/2011	4.672	61.167	6.734	72.573	26.736	33.206	59.942	6.752	5.879
2011/2012	5.879	57.245	5.021	68.145	23.088	33.896	56.984	6.530	4.636
2012/2013	4.636	57.933	6.754	69.323	24.741	34.270	59.011	6.525	4.775
2013/2014	4.775	59.789	6.652	71.216	25.691	32.600	58.291	8.240	5.524
2014/2015*	5.524	64.084	7.115	76.723	27.125	35.669	62.794	8.240	6.267

Fonte: USDA

Nota: (*) Estimativa, 2014

Com esse crescimento na produção e apesar do aumento na demanda, que pode ser verificado na Tabela 1 e que veio, principalmente, da parcela de consumo para ração, com um avanço um pouco menor para a utilização no consumo para alimentação, a relação estoque/consumo aumenta no mundo, podendo ser observado que essa é uma tendência que acontece com os dois maiores produtores de sorgo do mundo, além do Brasil, como apresentado no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Relação estoque/consumo, em países selecionados



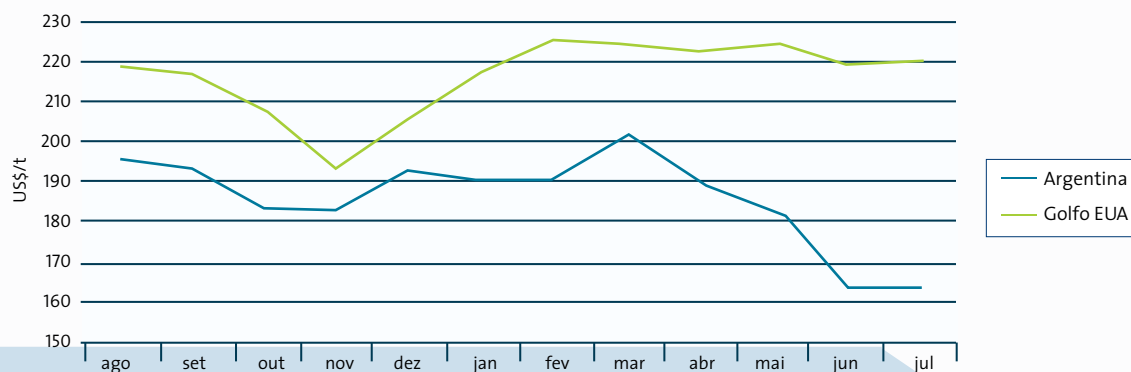
Fonte: USDA, 2014

Com os estoques e produção em alta, há uma tendência de baixa, somada às notícias de condições melhores que o esperado nas lavouras de milho norte-americanas, que devem fazer com que a produção do grão não caia tanto quanto era esperado após a grande produção do ano passado.

2.1. Preços internacionais

Com a aproximação do período de colheita no México e nos EUA, os preços de sorgo estão mais baixos, seguindo a sazonalidade normal do produto, que normalmente se encontra em patamares baixos no meio do ano, com recuperação após o mês de agosto. Com os preços do milho em baixa e nenhum sinal de que haja problema de produção em algum importante país produtor, essa retomada deve ser bem inferior à vista em anos anteriores, não diferindo muito da observada no ano passado. Assim, até o momento, a média anual dos preços de 2014 está 10,24% inferior à média de 2013 na Argentina, e 8,87% abaixo da média dos preços de 2013 no Golfo do México.

Gráfico 3 – Preços nominais de sorgo na Argentina e no Golfo do México, entre jul/2013 e jun/2014



Fonte: La Secretaría de Agricultura, Ganadería, Pesca y Alimentos de la Nación – SAGPyA, 2014; Food and Agriculture Organization of the United Nations – FAO, 2014

Diante deste panorama, o que se espera são preços mais altos no segundo semestre, pois a oferta do produto vai diminuindo e a demanda se mantém, somado ao fato de que os preços já estão em patamares bem baixos, principalmente na Argentina. Mesmo com uma produção quase 10% superior devido às boas condições no Texas (EUA) e em Tamaulipas (México), há de se notar que ela ainda é pequena em relação ao milho, que segundo dados do *United States Department of Agriculture* (USDA), deve apresentar uma pequena retração.

Se os preços se mantiveram altos no Golfo do México por problemas na produção mexicana, para a próxima safra isso não deve se repetir. Porém, o problema reside novamente nos baixos preços do milho, que estão bem próximos aos preços de sorgo e, com a produção de sorgo aumentando, a relação entre um preço e outro deve voltar a patamares historicamente mais esperados, na faixa de 20% de diferença de preço entre os dois produtos. Como será visto mais adiante, o preço do milho e do sorgo são bem correlacionados entre si, justamente por se tratarem de bens substitutos.

3. Panorama nacional

3.1. Oferta e demanda

Novamente, a safra de sorgo sofreu diminuição de área plantada em relação à safra passada, redução causada principalmente no Centro-Oeste, principal centro produtor desse grão, que não confirmou em uma queda ainda maior, devido à recuperação de área no Nordeste, que vinha de dois anos de pesadas secas. Se essa condição climática desfavorável já havia prejudicado a produção nordestina anteriormente, esse ano houve uma considerável recuperação no total produzido, com grande aumento de produtividade. Em Goiás, maior produtor, a redução da área se deu sob condições favoráveis para o milho na época de decisão de plantio, com preços remuneradores para o produtor.

Segundo dados do “10º Levantamento de Avaliação da Safra de Grãos”, da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) o estado de Goiás lidera a produção nacional com 922,5 mil toneladas, queda de quase 9% em relação à safra anterior, seguido por Minas Gerais (507,4 mil toneladas) e por Mato Grosso (347,3 mil toneladas), revelando grande queda na produção mato-grossense do grão.

Tabela 2 – Área plantada, produtividade e produção total de sorgo, entre 2011 e 2014

Região/UF	Sorgo - Brasil								
	Área plantada em mil hectares			Produtividade em kg/ha			Produção em mil toneladas		
	2011/12	2012/13	2013/14	2011/12	2012/13	2013/14	2011/12	2012/13	2013/14
Norte	21,5	19,1	20,4	1.736	1.923	1.923	37,3	36,7	39,2
TO	21,5	19,1	20,4	1.736	1.923	1.923	37,3	36,7	39,2
Nordeste	101,9	92,5	145,5	758	396	1.149	77,2	36,7	167,2
MA	0	0	0		0	0	0	0	0
PI	7,7	1,4	7,7	2.130	1.058	1.819	16,4	1,5	14
CE	0,3	0,6	1,3	236	480	1.198	0,1	0,3	1,6
RN	1,1	2,2	1,7	930	872	690	1	1,9	1,2
PB	0,2	0,2	0,2	1.500	800	1.500	0,3	0,2	0,3
PE	0,6	1	1,8	582	467	560	0,3	0,5	1
BA	92	87,1	132,8	642	371	1.123	59,1	32,3	149,1
Centro-Oeste	483	478,4	433,4	3.160	2.965	3.069	1.526,20	1.418,50	1.329,90
MT	151,4	163,2	143,5	2.780	2.727	2.420	420,9	445	347,3
MS	29	15	8,6	2.700	2.647	2.800	78,3	39,7	24,1
GO	296,5	291,8	273,1	3.369	3.085	3.378	998,9	900,2	922,5
DF	6,1	8,4	8,2	4.600	4.000	4.392	28,1	33,6	36
Sudeste	150,3	183,3	183	3.460	2.944	3.010	519,9	539,6	550,9
MG	126,1	163,7	170,2	3.519	2.883	2.981	443,7	472	507,4
SP	24,2	19,6	12,8	3.150	3.447	3.400	76,2	67,6	43,5
Sul	30,2	28,4	15,2	2.030	2.465	2.645	61,3	70	40,2
RS	28,4	28,4	15,2	1.924	2.465	2.645	54,6	70	40,2
Norte/Nordeste	123,4	111,6	165,9	928	657	1.244	114,5	73,4	206,4
Centro-Sul	663,5	690,1	631,6	3.176	2.939	3.041	2.107,40	2.028,10	1.921,00
Brasil	786,9	801,7	797,5	2.824	2.621	2.668	2.221,90	2.101,50	2.127,40

Fonte: Conab - jul/2014

Tabela 3 – Oferta e demanda de sorgo no Brasil

Ano Safra	Estoque Inicial	Produção	Importação	Consumo	Exportação	Estoque Final
2008/2009	177,7	1.934,90	8,2	1.840,00	5,1	275,7
2009/2010	275,7	1.624,20	3,2	1.860,00	0,6	42,5
2010/2011	42,5	2.314,00	0,2	1.910,00	0,4	362,5
2011/2012	362,5	2.221,90	0,3	1.960,00	0,1	624,6
2012/2013	624,6	2.101,50	0,4	2.091,00	5,3	630,2
2013/2014*	630,2	2.127,40	0,4	2.157,90	8,7	591,4

Fonte: Conab

Nota: (*) Previsão

3.2. Preços nacionais

Os preços recebidos pelos produtores estão em declínio em 2014. Anúncios de boa safra de milho no Brasil, boa produção nos EUA, entre outros são os motivos dessa queda, pois o sorgo apresenta uma produção em menor escala comparativamente às principais *commodities* agrícolas (milho e soja) e seu consumo atua de forma subsidiária ao milho na composição de ração animal, o que acaba refletindo no seu preço, que é muito relacionado ao do milho, normalmente ficando abaixo de 80% do preço deste.

Para exemplificar essa relação entre os preços foi utilizada uma correlação simples entre os preços nominais de sorgo e milho em Goiás, Mato Grosso e Minas Gerais, com resultados bem relevantes, ficando acima de 0,95 nesses estados. Quanto mais próximo de 1 esse valor, maior a relação entre o movimento de uma variável em relação à outra, mostrando que os preços de sorgo são bem sensíveis às variações no preço do milho.

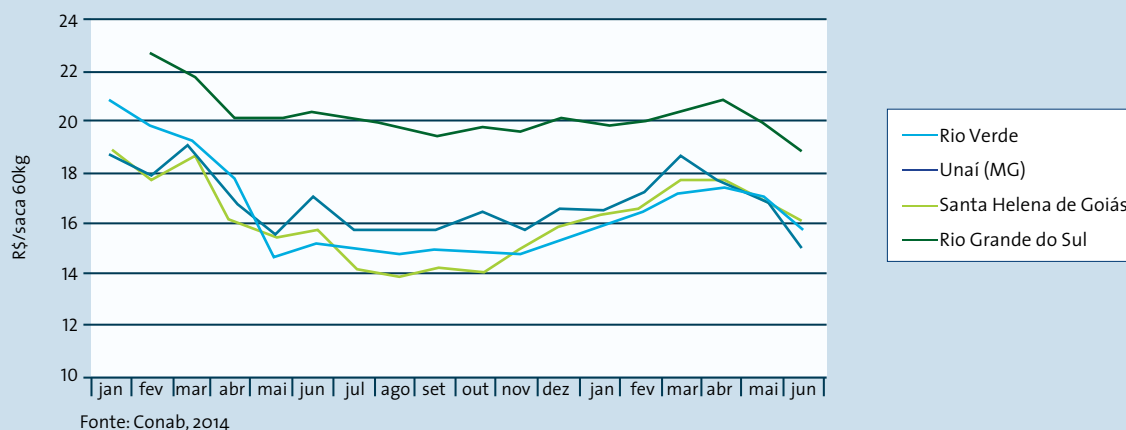
Tabela 3 – Correlação entre preços de sorgo e milho

BA	DF	GO	MG	MS	MT	PI	PR	RS	SP	TO
0,728509	0,970535	0,967034	0,961312	0,985776	0,991716	0,743942	0,68	0,936639	0,488576	0,88

Fonte: Conab, 2014

Dessa forma, pode-se observar que o sorgo vem sofrendo com a grande produção de milho tanto aqui quanto lá fora, já que este está forçando os preços para baixo e, como se verá a seguir, afetando a rentabilidade do produto e preocupando o produtor, que viu o preço praticado muito próximo ao preço mínimo estabelecido pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) em vários estados, e até abaixo desse patamar em algumas praças como Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Gráfico 4 – Preços nominais de sorgo em estados selecionados



3.3. Rentabilidade

Com base nos dados da Conab, comparando-se a rentabilidade da safra 2013/14 de sorgo e milho (safra das secas) na Praça de Rio Verde – Goiás e assumindo como base o mês de maio/14, tanto para os preços recebidos, quanto para o custo de produção, pode-se observar que ao contrário do que foi visto ano passado, os produtos mostram rentabilidades parelhas nessa localidade, com uma pequena vantagem do sorgo até o momento em que se considera o custo total, quando o milho é economicamente mais vantajoso.

A margem bruta sobre as despesas de custeio é de 22,35% para o milho e 36,85% para o sorgo. A margem bruta sobre o custo variável e líquida sobre o custo operacional para o milho atinge 1,16% e -6,81%, enquanto o sorgo apresenta valores de 11,52% e -0,27%. Estes resultados mostram que, na atual conjuntura, os produtores de sorgo de Rio Verde estão operando abaixo dos custos variáveis, ou seja, estão conseguindo pagar o que foi gasto no campo, mas as outras dívidas como seguros, juros, transporte (este o mais importante componente desse item, em valor) entre outros, acabam ficando acima da receita com o cultivo de sorgo. Os produtores de milho, ao contrário do que se viu em outros anos, passam pela mesma situação.

Tabela 5 – Comparativo de rentabilidade sorgo e milho, em Rio Verde-GO

Produtividade média sorgo: 3500 kg/ha

Produtividade média milho: 5100 kg/ha

Discriminação	Preços - sorgo				Preços - milho			
	Mínimo		Mercado		Mínimo		Mercado	
Análise financeira:	R\$/ha	R\$/60Kg	R\$/ha	R\$/60Kg	R\$/ha	R\$/60Kg	R\$/ha	R\$/60Kg
A - Receita bruta	894,25	15,33	991,67	17,00	1.501,95	17,67	1.912,50	22,50
B - Despesas:								
B1 - Despesas de custeio (DC)			724,24	12,49	724,24	724,24	12,49	11,15
B2 - Custos variáveis (CV)	626,27	10,73	626,27	10,73	1.484,99	17,48	1.484,99	17,48
B3 - Custo operacional (CO)	877,47	15,03	877,47	15,03	1.890,37	22,24	1.890,37	22,24
B4 - Custo total (CT)	994,34	17,03	994,34	17,03	2.042,76	24,03	2.042,76	24,03
a) Margem bruta s/ DC (A-B1)	1.241,19	21,26	1.241,19	21,26	2.309,01	27,16	2.309,01	27,16
b) Margem bruta s/ CV (A-B2)	267,98	4,59	365,40	6,26	16,96	0,20	427,51	5,03
c) Margem líquida s/ CO (A-B3)	16,78	0,29	114,20	1,96	-388,42	-4,57	22,13	0,26
d) Margem líquida s/ CT (A-B4)	-100,09	-1,72	-2,67	-0,05	-540,81	-6,36	-130,26	-1,53
Análise quantitativa:								
Ponto de equilíbrio s/ DC	2.451,15	40,85	2.210,36	36,84	5.042,41	84,04	3.959,97	66,00
Ponto de equilíbrio s/ CV	3.434,32	57,24	3.096,95	51,62	6.418,91	106,98	5.040,99	84,02
Ponto de equilíbrio s/ CO	3.891,74	64,86	3.509,44	58,49	6.936,37	115,61	5.447,36	90,79
Ponto de equilíbrio s/ CT	4.857,89	80,96	4.380,67	73,01	7.840,44	130,67	6.157,36	102,62
Indicadores								
Receita sobre o custeio	1,58				1,29			
Receita sobre o custo variável	1,13				1,01			
Receita sobre o custo operacional	1				0,94			
Receita sobre o custo total	0,8				0,83			
Margem bruta (DC) / Receita	36,85				22,35			
Margem bruta (CV) / Receita	11,52				1,16			
Margem líquida (CO) / Receita	-0,27				-6,81			
Margem líquida (CT) / Receita	-25,16				-20,73			

Fonte: Conab

4. Perspectivas para a safra 2014/2015

4.1. Produção

Considerando as estimativas para essa safra como corretas para o Brasil e bem plausíveis para os EUA, resta estimar a safra 2014/15 (o que não acontece com os preços, que serão vistos na próxima seção).

Começando pelos EUA, a colheita do produto que começa em setembro, deve ser mais de 7% maior que a da safra 2013/14, e novamente com um ganho de produtividade de 7,5%, em comparação com a última safra, que foi uma safra sem grandes problemas climáticos.

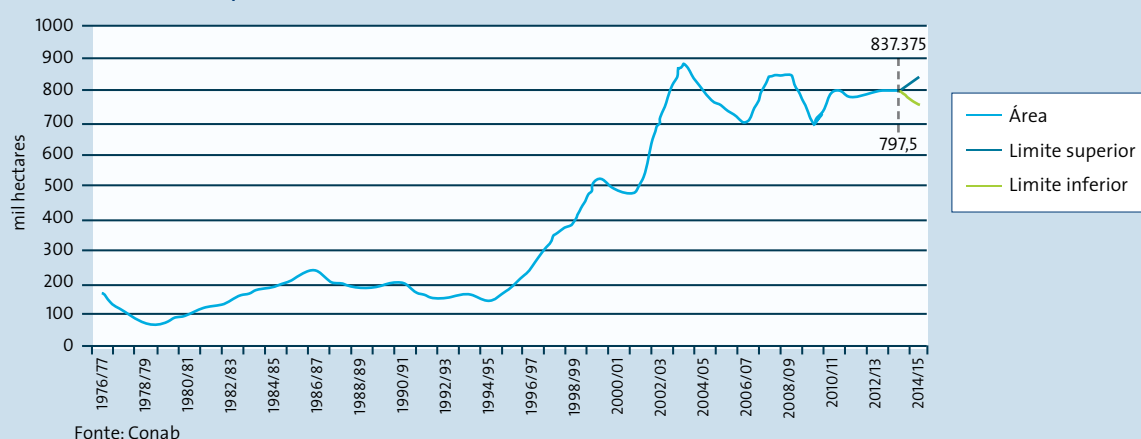
Com isso, estima-se que os estoques cresçam bastante ao final do período, pois mesmo

com a grande produção da safra passada, não houve a esperada recomposição de estoques pela maior demanda mexicana, causando, inclusive, a diminuição do estoque norte-americano. Isso está alinhado com a política de aumento de estoques para evitar falta de produto, como ocorrido na safra passada, causada pela seca.

Para os EUA, deve haver aumento na área plantada sobre a área de trigo, pois lá os preços de sorgo ainda estão muito bons, enquanto os do trigo não estão tão bons.

Para o Brasil, o cenário da atual safra é de área estável para a próxima safra, pois o produto deve continuar perdendo área no Mato Grosso, e produção estável com preços muito baixos devido à aderência dos preços de sorgo com os preços de milho, que ficaram abaixo do preço mínimo em alguns estados nos meses de junho e julho. Um fator que pode alterar esse cenário seria problemas climáticos, mas como não é possível prevê-los com tanta antecedência e exatidão, será usado um cenário normal do ponto de vista climático.

Gráfico 5 – Área plantada e estimativa entre 1976 e 2015



Como fator altista a ser destacado tem-se a maior produção agropecuária para o próximo ano, a recuperação da produção nordestina de sorgo, que já teve um movimento de alta bastante significativa esse ano, mas ainda há espaço para crescimento e o leve aumento no número de suínos, bovinos e aves.

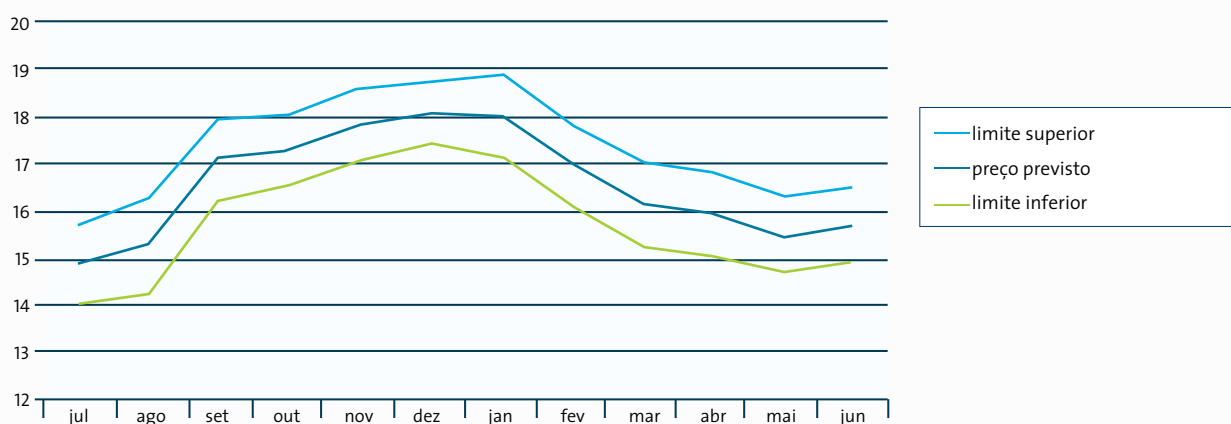
Assim, segundo essa modelagem, a área plantada deve ficar entre 774 mil hectares e 821 mil hectares.

4.2. Preços

Para cálculo da tendência de preços foi utilizado um modelo estatístico, levando em consideração a sazonalidade do produto durante vários quinquênios, buscando um modelo de previsão ajustado por esse componente temporal. A série temporal utilizada se inicia em 2004, sendo utilizados dados da produção em Rio Verde, Goiás.

Através desse modelo são previstos os preços, que com a utilização dos componentes sazonais, mostram uma tendência de alta a partir de agosto, como seria de se esperar em um ambiente estável.

Gráfico 6 – Previsão de preços de sorgo em Rio Verde, entre julho de 2014 e junho de 2015



Fonte: Conab/Dipai/Geole

Os preços devem descolar um pouco dessas projeções iniciais, pois não há sinais de que vão subir tanto tão rapidamente, devendo ficar mais próximos do limite inferior nesse nos próximos meses. Assim, esse aumento mostrado no gráfico 6 deve atrasar um pouco, continuando próximo ao mínimo em várias localidades, para subir mais fortemente no último trimestre do ano.

5. Conclusão

Com a boa safra de milho de 2013/2014 e os estoques devendo ficar nos níveis mais elevados dos últimos anos, se consubstancia uma situação de preços mais estáveis, pois no caso de produção abaixo do esperado, esses estoques podem ser utilizados para suprir a falta de oferta do produto. Serve como um colchão nesses casos não previstos, porém, segurando os preços mais baixos no caso de comercialização.

Nesse cenário, a produção nos EUA, maior produtor mundial do grão, deve aumentar na próxima safra, já que lá os preços estão bons; por outro lado, a relação estoque/consumo cresceu bastante e pode ser um impeditivo para que haja aumento considerável na área. Já no Brasil, a produção deve ficar estabilizada ou até mesmo recuar levemente nos principais estados, por ter se tornado uma cultura localizada muito próxima de produtores de ração e/ou grandes produções de animais para o abate.

Para minimizar o risco do produtor em trabalhar com prejuízo, deve haver investimentos em pesquisas de novas variedades e tecnologias, para que a produtividade por hectare compense os preços mais baixos e diminua o intervalo entre a rentabilidade do sorgo e do milho.

